Revista Lusitana

Museu Ethnologico do Dr. Leite de Vasconcellos, ...

VOLUME 10.º N.os 1 e 2 1907

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso de Bibliothecario-Archivista
Primeiro Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

SUMMARIO

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1907

Revista Lusitana

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

E COMPOSTA E IMPRESSA NA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. X   1907   N.os 1-2

CANÇÕES DO BERÇO

SEGUNDO A TRADIÇÃO POPULAR PORTUGUESA

Ao Dr. Antonio-José de Pinho Junior, em commemoração do nascimento de seu filho José (27 de Maio de 1906).

INTRODUCÇÃO

I

Fundamento physiologico das canções do berço. Intervenção da mythologia. O que as mães inventam.



E ninguem é desconhecida a acção soporizadora que exerce em nós, principalmente quando estamos em repouso, a repetição rhythmica de um e mesmo som.

Já os Gregos, que não houve cousa em que não pusessem algo de mythologia, imaginaram Hermes adormentando a Argo, o dos cem olhos [1], quer ao som da flauta:

.... iunctisque canendo
Vincere arundinibus servantia lumina tentat [2],

---

[1] Ovidio, *Metamorph.*, I, 625. Tambem chamado πανόπτης «que vê tudo».

[2] Ovidio, *Metamorph.*, I, 684-685. — Estes versos foram assim traduzidos por Almeno (Frei José do Coração de Jesus):

Cantando intenta ao som da agreste avena
Adormecer os desvelados olhos.

Vid. *Poesias de Almeno*, publicadas por Elpino Duriense, t. I (1805), p. 54.

quer contando-lhe um conto, como se costuma fazer muitas vezes ás crianças:

> Talia dicturus vidit Cyllenius [1] omnes
> Succubuisse oculos, adopertaque lumina somno [2].

As mães souberam sempre e em toda a parte, em todos os graus de civilização, — com a admiravel ternura que é segredo d'ellas e lhes está no íntimo do ser — aproveitar-se d'aquella circunstancia da nossa physiologia nervosa, para, quando embalam os filhos no berço ou os aninham no regaço, ao mesmo tempo que os cobrem de beijos, os acalmarem com a toada dulcissima de canções que os impeçam de chorar, os adormeçam, e depois os não deixem acordar sem que um sono reparador lhes fortaleça o delicado organismo.

II

Universalidade e continuidade historica d'estas canções: fóra da Europa e na Europa; na antiguidade, na idade-media e em tempos ulteriores, até hoje. Noticia especial a respeito de Portugal, do seculo XVI para cá.

Numerosas poesias d'esta especie chegaram pois desde tempos immemoriaes até hoje, transmittidas de geração em geração, umas vezes dentro de cada país, outras de terra para terra, e isto tanto em povos que estão no maior esplendor do progresso, como nos de mediana ou infima cultura social.

Fóra da Europa, encontramos canções do berço, por exemplo, nos Indios do Chiloé (provincia do Chili) [3], nos Dindjie de Alasca [4], nos Sioux (Iowa) [5], no Haiti [6], nos Indios do Bra-

---

[1] Epitheto de Mercurio, por ter nascido no monte Cyllene, na Arcadia.

[2] OVIDIO, *Metamorphoses*, I, 713-714. — Traducção portuguesa de Almeno:

> Indo a contallo, Cylenêo repara
> Que se vencem de sono os olhos todos.

Ob. cit., p. 57.

[3] G. RAGUSA-MOLETI, *Poesie dei popoli selvaggi o poco civili*, Torino-Palermo 1891, p. 1. — Sobre esta obra cfr. *Mélusine*, v, 311.

[4] RAGUSA-MOLETI, *ob. cit.*, pp. 1-3.

[5] DR. PLOSS, *Das Kind in Brauch und Sitte der Völker*, t. II, Leipzig 1884, p. 131.

[6] *Revue des Traditions Populaires*, I, 22. Vid. tambem RAGUSA-MOLETI, *ob. cit.*, pp. 3-5.

sil [1], nos Arabes e Berberes [2], nos Hottentotes [3], em varias ilhas da Oceania [4].

Na *Revue des Trad. Pop.* [5] e nos *Canti Popolari Siciliani* de Pitrè [6] achará o leitor a traducção francesa e italiana de canções de Lesbos e Chio. Na referida obra de Pitrè vem duas traducções italianas de poesias da ilha de Chypre [7].

Da Europa é que naturalmente é mais facil encontrar maior numero de noticias, porque os ethnographos accumulam ahi constantemente grande riqueza de materiaes. Póde mesmo ascender-se a tempos muito distantes.

O grego antigo possuia varios vocabulos correlacionados com o assunto, os quaes revelam a existencia de canções do berço: os verbos *βαυκαλάω* e *βαυκαλίζω*, bem como *καταβαυκαλίζω* e *καταβαυκαλάω* significam todos elles «adormecer ao som de cantigas»; os substantivos *βαυκάλημα* e *καταβαυκάλησις* significam respectivamente «canção do berço» e «acção de adormentar os meninos cantando-lhes». Theocrito (sec. IV–III a. C.), no Idyllio XXIV, intitulado *Heraclisco* ou «Héracles menino», põe na boca de Alcmena uma especie de canção do berço, quando ella afaga os filhos gemeos, Héracles e Iphicles:

εὕδετ', ἐμὰ βρέφεα, γλυκερὸν καὶ ἐγέρσιμον ὕπνον,
εὕδετ', ἐμὰ ψυχά, δύ' ἀδελφεώ, εὔσοα τέκνα·
ὄλβιοι εὐνάζοισθε καὶ ὄλβιοι ἀῶ ἵκοισθε [8].

Isto é: «dormi, meus meninos, um sono doce e brando; dormi, almas minhas, irmãos um do outro, filhos afortunados; repousae felizes, e felizes chegae até amanhã de manhã». Segundo diz Quin-

---

[1] SANTA-ANNA NERY, *Folk-lore Brésilien*, Paris 1889, pp. 26–27 (os versos aqui publicados não são propriamente uma canção do berço, mas uma parlenda infantil, de origem portuguesa; cantam-nos na Amazonia). Vid tambem RAGUSA-MOLETI, *ob. cit.*, p. 6.

[2] *Revue des Traditions Populaires*, XI, 26; XII, 86. Ha tambem algumas noticias no cit. livro do DR. PLOSS, *Das Kind*, II, 132, a respeito dos Arabes.

[3] DR. PLOSS, *ob. cit.*, II, 131.

[4] RAGUSA-MOLETI, *Poesie dei popoli selvagi*, já cit., p. 5 (o exemplo ahi publicado não é rigorosamente canção do berço, mas *canto per battesimo di un neonato*); DR. PLOSS, *Das Kind*, já cit., t. II, p. 131 (Australia e Nova Zelandia).

[5] Vol. VIII, p. 325.

[6] Vol. II, p. 1.

[7] Vol. I, pp. 5 e 6.

[8] Obras de THEOCRITO, ed. de C. F. Ameis, Paris (Didot) 1851, p. 48. Este trecho foi já citado em allemão pelo Dr. PLOSS, *Das Kind in Brauch und Sitte der Völker*, II, 130, mas sem indicação da poesia de Theocrito em que elle vem.

tiliano, o philosopho grego Chrysippo, que vivia no seculo III antes de Christo, e cujas obras já não existem, recommendava effectivamente que os afagos das amas para com as crianças fossem acompanhados de poesias [1].

Dos Romanos não nos restam, que eu saiba, canções do berço, mas os autores latinos deixaram-nos lembranças d'ellas. Persio, poeta do seculo I da era christã, na satira III, expondo um dialogo entre um aio e o seu pupillo, faz que o primeiro diga ao segundo em tom de ironia [2]: *porque é que, irado contra o seio que te nutre, não recusas ouvir cantar a ama?* Arnobio, que morreu em 327, refere-se a *lenes neniae* «doces cantigas» [3]. O poeta Ausonio, tambem do seculo IV (falleceu em 394), enviando a Sexto Petronio Probo, prefeito do pretorio, os *Apologos* de Ticiano, acompanha-os de uma epistola em verso, em que manifesta o desejo de que o filho de Probo, *a flor das florinhas de Romulo*, i. é, «o mais bello dos meninos de Roma», se habitue a deleitar-se e a instruir-se com a doutrina d'essas fabulas, ao mesmo tempo que ouça as historietas da ama e *os rhythmos do rô-rô que fazem dormir:*

.. Iste, qui natus tuus,
Flos flosculorum Romuli,
Nutricis inter lemmata
Lallique somniferos modos
Suescat peritis fabulis
Simul iocari et discere [4].

---

[1] *Institut. Orat.*, lib. I, cap. VIII: *et Chrysippus etiam nutricum, quae adhibentur infantibus, allectationi suum quoddam carmen assignat.*

[2] *At cur non .. || iratus mammae lallare recusas?* Vv. 16 e 18.

[3] *Adversus Gentes*, lib. VII, p. 201 (ed. de Roma, 1583).

[4] *Epistula* XVI, vv. 88–89. Ao latim *lallus* ou *lallum*, que traduzi pela expressão *rô-rô*, corresponde o verbo *lallare*, já a cima citado. Em *lallare* ha reduplicação do elemento onomatopaico *la-*, que se encontra não só em *latrare* e *lamentum*, mas noutras lingoas indo-europeias, gr. λάλος «charlador», allem. *lallen* «tartamudear», etc.: vid. A. Walde, *Lateinisches etymologisches Wb.*, Heidelberg 1906, s. v. «lallo» e «lamentum». Uma das accepções que o nosso grande humanista do sec. XVII, o P.e Bento Pereira, na *Prosodia* (a 1.a ed. é de 1634), dá a *lallare* é «cantar o lallá-lallá». A mesma syllaba onomatopaica apparece, segundo cuido, no gallego *a-lá-lá* «estribillo ó conclusión de las cántigas de los aldeanos» (Valladares Nuñez, *Dicc. gall.-castell.*, s. v.), e certamente em alguns estribilhos de canções nossas. Incidentemente notarei que o lat. *ululare* nada tem com isto (como já alguem pensou), pois vem de outra raiz: vid. A. Walde, *ob. cit.*, s. v. — O passo de Ausonio, que deu causa á presente nota, se contém uma referencia ás canções do berço, allude tambem, como vimos, aos contos populares romanos (*lemmata*).

Com relação á idade-media transcrevo para aqui uns versos de Dante (sec. XIII–XIV), já diversas vezes citados a este proposito por outros investigadores:

....
Prima fien triste che le guance impeli
Colui che mo si consola con nanna [1].

Isto é, «.. primeiro ellas se tornem tristes, do que tenha barba na cara aquelle que se consola agora com uma cantiga».

A melodiosa palavra *nanna* e a sua congenere *ninna*, conjuntas *ninna-nanna,* no plural *ninne-nanne,* «canções do berço», mostram por si mesmas de quanta poesia os Italianos revestem o cuidado da primeira infancia: «*far la ninna nanna* si dice dell' usare una cantilena propria per fare addormentare i bambini nel cullargli» [2]. Fallando dos cantos do berço na antiguidade, a proposito dos versos de Ausonio, copiados supra, onde figura o genetivo *lalli,* diz o philologo Scaligero (seculo XVI): «Quod et multis locis nutrices etiamnum hodie faciunt.. Dicunt et Italae et Aquitanae mammae seu nutrices: ..*ninna nanna*» [3].

Conheço muitas canções do berço italianas, ou *ninne-nanne.* Nos *Componimenti Minori della Letterat. Popol.*, Benevento 1877, dá F. Corazzini espécimes dialectaes, antigos e modernos, de differentes regiões da Italia (e cita em nota algumas canções estrangeiras) [4]. Um dos mais activos folkloristas italianos, o Dr. G. Pitrè, insere bastantes nos *Canti Popol. Siciliani,* onde cita concomitantemente parallelos da Córsega e de outras localidades de fóra da Sicilia [5]. No *Archivio per le Tradiz. Popolari,* dirigido pelo mesmo ethnographo e por Salomone-Marino, ha muitos estudos e indicações sobre o assunto, a respeito da Calabria [6], Sar-

---

[1] *Purgatorio,* XXIII, 110–111.

[2] *Vocabolario degli Academici della Crusca,* t. III, 1797, s. v. «ninna». — Vid. na mesma obra *ninnare* «acalentar», *ninarrella* (deminutivo) e *nanna* «voce usata dalle bálie, quando nel ninnare o cullare i bambini vogliono fargli addormentare dicendo *ninna nanna*».

[3] IOSEPHUS SCALIGER, *Ausoniae Lectiones,* s. l., Iacobus Soer editor, 1595, lib. II, cap. 11, pp. 118–119.

[4] Vid. pp. 17–50.

[5] Vol. II, 1871, p. 1 sgs.

[6] MANGO e outros: vol. I, pp. 234 e 289; vol. II, p. 61 sgs. — No vol. II, pp. 64–65, refere-se Mango a *ninne-nanne* antigas.

denha [1], etc. Ás canções da Sardenha, ou *ninnias,* consagrou tambem Max Leopold Wagner um valioso capitulo, com amostras poeticas, na memoria intitulada *Die sardische Wolksdichtung* [2]; vid., alem d'isso: G. Ferraro, *Canti Popol. Sardi,* p. 10 sgs., «Ninnios», em dialecto logudorês, com a traducção italiana ao lado [3]. Das canções de Roma insere várias F. Sabatini na *Rivista di Letterat. Popolare* [4]. Vid. tambem, a respeito de varias provincias italianas, a já varias vezes citada obra do Dr. Ploss, *Das Kind* [5]. Nem só em canticos profanos se expande a musa da Italia: nesse maravilhoso país, encruzilhada de todas as artes bellas, usam-se pelo Natal representações dramaticas em que se figura a Virgem Maria entoando canções ao Menino-Jesus: *ninnenanne del santo Natale* [6].

Vimos a cima uma allusão de Scaligero ás canções infantis da Aquitania, sua patria [7]. De canções do berço francesas, ou *berceuses*, ha hoje publicadas muitas: Provença [8], Alvernhe ou Alvernia [9],

---

1 Vol. VIII, p. 304.

2 Separata da *Festschrift zum 12. Deutschen Neuphilologentag 1906*: vid. p. 293 sgs.

3 Do que o A. diz a p. 8 infere-se que tambem tratou do assunto nos *Canti Popolari in dialetto logudorese,* impressos em 1891, dos quaes porém não tenho conhecimento directo.

4 Vol. I, p. 176.

5 Vol. II, pp. 133–134.

6 Vid. *Archivio per le Trad. Pop.*, I, 223; e *Rivista delle Trad. Pop. Ital.*, de A. DE GUBERNATIS, II, 38.

7 JOSEPHUS SCALIGER (como elle se assigna) era natural de Agen, na margem direita do Garona: 1540–1609.

8 Apud PITRÈ, *Canti Pop. Sic.*, II, 6, 10; e apud CORAZZINI, *I Componimenti minori,* p. 49.

9 *Annuaire des Traditions Populaires,* 1887, p. 33; SÉBILLOT, *Littérature Orale de l'Auvergne,* Paris 1898, pp. 241–243. — Escrevi no texto *Alvernhe ou Alvernia,* porque a legitima fórma provençal é *Alvernhe* (vid. por ex.: *Biographie des troubadours* na *Hist. Génér. du Languedoc,* x, 259–260), e em português tem-se usado *Alvernia* (vid.: *Dicc. Lusitan.-Lat.* de Pedro de Poyares, Lisboa 1667, p. 41); *Novo Dicc. das ling. port. e fr. com os termos lat.* por Fr. Joseph Marques, t. II, Lisboa 1764, p. 46; *Novo Atlas,* Lisboa 1782, p. 65). A origem está em *Arverni,* nome ethnico, adjectivamente **Arvernicum* (vid. *Romania,* XXXIV, 333), i. é, *pagus *Arvernicus.* Fallando do povo, disse Duarte Nunes do Lião *Arvernos* (em port.) na *Chronica de D. Denis,* Lisboa 1600, fls. 133–134. — A fórma *Alvernia* não tem pois raizes na tradição oral; foi criada modernamente pelos eruditos por mera latinização do nome provençal.

Alta- e Baixa-Bretanha [1], Alta-Saboia [2], Lorena [3], Poatú [4], etc. Em provençal moderno as expressões proprias são *bresarella* e *bresarello* [5]. Na Lorena as «berceuses» chamam-se *endormeuses* [6]. Com a lettra tem-se tambem publicado uma vez ou outra a respectiva notação musical.

Da Suiça conheço espécimes provenientes do cantão do Ticino, publicados por Vittorio Pellandini [7]; e outros da Suiça allemã, transcritos pelo Dr. Ploss [8].

A Allemanha, como nação em que a poesia popular tem grande importancia, quer na educação individual, quer na educação social, apresenta abundante peculio bibliographico. Basta porém aqui citar: Simrock, *Das deutsche Kinderbuch*, livro classico onde estão colligidas muitas canções [9]; E. Hugo Meyer, *Deutsche Volkskunde* [10]; Dr. Ploss, *Das Kind in Brauch und Sitte der Völker* [11]; e a *Zeitschrift des Vereins für Volkskunde* (varios artigos) [12]. As canções do berço chamam-se em allemão *Wiegenlieder* e *Schlummerlieder*.

Na citada *Zeitschrift* se encontram sobre o assunto artigos repeitantes a varios paises da Austria-Hungria: Tirol [13], Bukovina e Galicia [14]. Consulte-se igualmente o Dr. Ploss, *Das Kind* [15]. Num livro de A. John [16] lê-se uma referencia aos *Wiegenlieder*

---

1 *Rev. des Trad. Pop.*, II, 310, 357; VII, 226.

2 *Rev. des Trad. Pop.*, III, 452.

3 *Rev. des Trad. Pop.*, XII, 302, e *Revue des Deux Mondes*, 1877, Maio, p. 49.

4 TRÉBUCQ, *La Chanson Pop. en Vendée*, Paris 1896, pp. 91-92. (Devo esta indicação bibliographica ao Sr. Cardoso de Bethencourt).

5 Na *Rev. des Langues Romanes*, XXII, 257, dá CHASSARY amostra de uma *bressarella*.

6 *Rev. des Deux Mondes*, Maio de 1877, p. 49.

7 *Archives Suisses des Traditions Populaires* (*Schweizerisches Archiv für Volkskunde*), II, 297.

8 *Das Kind*, II, 137.

9 Tenho presente a 3.ª ed.: vid. pp. 58-77.

10 Estrasburgo 1898, p. 118.

11 Vol. II, pp. 134-141.

12 Vol. V, 214 (Silesia); VI, 313 (Gossen); VIII, 407 (Prussia); XVI, 87 (idem). Cfr. tambem VIII, 107 (critica bibliographica de um livro que trata de poesias infantis da Pomerania).

13 Vol. VII, p. 357.

14 Vol. VIII, p. 188.

15 Vol. II, p. 135 sgs.

16 *Sitte, Brauch und Volksglaube im deutschen Westböhmen*, Praga 1905 p. 110.

da Bohemia allemã. As palavras ***bölcsödal, uspawanka*** e ***ukolébavka,*** que em hungaro, croata e txeque ou bohemio significam «canção do berço», provam tambem a existencia d'esta especie de poesia nos respectivos paises.

Da Belgica publicaram-se algumas canções na revista ethnographica intitulada *Wallonia* [1]. Vid. tambem E. Monseur, *Le Folklore Wallon,* onde ha amostras de *berceuses,* com musicas [2]. — Da Hollanda só conheço quatro, que o meu amigo o Dr. A. Kluyver, de Leiden, philologo-germanista, teve a bondade de me enviar, e que tem sido publicadas varias vezes; mas ha, pelo menos, um livro sobre o assunto, intitulado *Nederlandsche Baker- en Kinderrijmen,* de J. van Vloten [3]. O nome hollandês das canções do berço é *wiegelied* e *wiegezang.*

Com relação á Inglaterra só estou no caso de mencionar uma canção (*lullaby*) transcrita por Corazzini [4], e um verso referido pelo Dr. Ploss [5]. A existencia porém de phrases como *to sing lullaby, song of lullaby* indica que a tradição inglesa não deve ser pobre neste genero [6].

A Hespanha está bem representada. Ha numerosas *nanas ó coplas de cuna* no vol. I dos *Cantos Pop. Españoles,* de Rodríguez Marín [7], que lhes junta notas comparativas e um appendice extrahido de um livro manuscrito de Rodrigo Caro (sec. XVI–XVII), onde este se occupa das vozes infantis *nina nina* e *lala la* [8]. No livro de F. Olmeda, *Folklore de Burgos* [9], Sevilha 1903, ha tambem alguns *cantos de cuna,* precedidos de observações geraes, e acompanhados de notação musical, o que lhes realça o valor [10]. — Da Galliza conheço duas poesias no *Cancioneiro Popular Gallego*

---

[1] Vol. III, 80 e 110 (Liége); vol. VIII, 18 (Huy).

[2] Bruxellas (1892), p. 96.

[3] Leiden 1874 (3.ª ed.). Apud Dr. Ploss, *Das Kind,* II, 132, nota 4.

[4] *I Componimenti minori,* p. 50.

[5] *Das Kind,* II, 132.

[6] O Dr. Ploss, ob. cit., II, 132, nota 4, diz que ha canções inglesas na obra de J. B. Ker, *An essay on the archeology of our popular phrases and nursery rhymes,* Londres 1835, e na de Halliwell, *Nursery rhymes and popular rhymes* (de que não indica a data nem o logar de impressão).

[7] Sevilha 1882, p. 1 sgs.

[8] A respeito d'esta obra de Rodríguez Marín vid. os meus *Ensaios Ethnographicos,* III, 53.

[9] O titulo completo é: *Folklore de Castilla ó Cancionero Popular de Burgos.* O titulo abreviado que adoptei é o da capa.

[10] Vid. p. 38 sgs.

de J. P. Ballesteros [1], e uma no *Diccionario Gallego-Castelhano,* de Valladarez Nuñez, s. v. «berce». — Na Catalunha dá-se ás canções do berço o nome de *cansons de bressól,* mas as que Cortils y Vieta inseriu na *Ethologia de Blánes* [2] não tem caracter especial: são quaesquer poesias adaptadas *ad hoc.*

Em grego moderno *νανάρισμα* tem a significação de «cantiga do berço», e *νανναρίζω* e *νaναρίζω* a de «embalar os meninos, cantando-lhes». Isto prova que na Héllada contemporanea deve haver canções do berço; mas não tenho noticia de nenhuma em especial.

Pelo que toca ás regiões da Europa Oriental, não possuo mais informações que as que se deduzem dos respectivos vocabulos significativos de «canção do berço»: *liulkova piesen* em búlgaro; *càntec de légăn* (*leágan*) em rumeno; *kolybélhnaia pieçnh* em russo; *piosnka dla dzieck w kolebce* em polaco. O Dr. Ploss cita um livro de Oppenheim, em que este diz que na Turquia, como é natural, tambem ha canções do berço.

Do Norte da Europa allega Ragusa-Moleti uma curta canção laponica [3], e o Dr. Ploss uma da Finlandia [4]; das outras regiões septentrionaes apenas posso dizer que «canção do berço» se denomina *vaggsång* e *vaggvisa* em sueco, *vuggevise* em dinamarquês: o que attesta *ipso facto* a existencia de taes poesias.

*

Fallarei agora de Portugal, para terminar esta resenha bibliographica, que eu poderia alongar mais se não quisesse contentar-me com os elementos que tinha á mão e com os que obtive de pronto; ella é porém sufficiente para o meu intuito, que principalmente consiste em mostrar a universalidade e continuidade historica do uso das canções do berço.

As mais antigas referencias litterarias ás nossas canções do berço datam, quanto eu sei, do primeiro quartel do seculo XVI. Anteriormente a esse seculo não descobri nenhumas, embora as canções devessem existir.

---

1 Vol. III, Madrid 1886, p. 93.

2 Barcelona 1886, p. 95.

3 *Poesie dei popoli selvaggi o poco civili* (já cit.), p. 5.

4 *Das Kind,* já cit., II, 132.

Nas *Saudades* (ou *Menina e Moça*) diz Bernardim Ribeiro, liv. I, cap. 25: «Nisto começou a chorar ha menina, & acordando ha ama se pos a embalá-la, cãtandolhe»[1].

Gil Vicente, que tão intimamente conhecia, e tanto ao vivo retratou, em versos de delicioso sabor popular, a sociedade portuguesa do seu tempo, introduz no *Auto da sibilla Cassandra*, representado no mosteiro de Enxobregas (Xabregas), numas matinas de Natal, quatro anjos a cantarem junto do presepio em que está o Menino Jesus:

Ro ro ro!
Nuestro Dios y Redentor,
No lloreis, que dais dolor,
Á la Virgen que os parió.

Ro ro ro!
Niño hijo de Dios Padre,
Padre de todalas cosas,
Cesen las lágrimas vuesas,
No llorará vuestra madre,
Pues sin dolor os parió.
Ro ro ro!
No le deis vos pena, no.

Ora, niño, ro ro ro!
Nuestro Dios e Redentor,
No lloreis, que dais dolor
A la Virgen que os parió
Ro ro ro![2]

Esta poesia, se não é propriamente popular, tem elementos populares: *ro ro ro,* pelo menos. O mesmo autor, na scena 2.ª da *Comedia de Rubena,* escrita em 1521, faz que a Feiticeira, em quanto os Espiritos mythologicos vão buscar um berço e uma ama, acalente a menina Cismeninha e diga:

Ru ru, menina, ru ru!
Móurão as velhas e fiques tu[3].

---

[1] Sirvo-me da ed. de 1557, parte 1.ª, cap. 25, fl. 79 *r* (por erro typographico 69).

[2] *Obras,* ed. de Hamburgo, vol. I, pp. 57-58.

[3] *Obras,* II, 26.—Ainda hoje na tradição popular de Baião se usam versos que fazem lembrar estes.

Depois que vem a ama, a Feiticeira pergunta-lhe que cantigas ella sabe: a ama ennumera várias, e começa a cantar uma para amostra. Nenhuma d'estas cantigas, porém, é especial do berço; ellas são adaptadas *ad hoc*, á semelhança das de Barcelona e da Amazonia, a que ha pouco me referi.

Antonio Prestes, autor tambem pertencente ao seculo XVI, estabelece no *Auto do Procurador* um diálogo entre os escudeiros Ambrosio Pegado e Tomás de Lemos, solteiro aquelle, casado este, e diz o segundo, elogiando a vida matrimonial:

Quero mais os meus filhinhos
Comigo conchegadinhos
Na cama com *nina nana*,
Que esta vida murciana [1]
Dos vossos passeoszinhos [2],

onde *nina nana* «dorme dorme» são as vozes rhythmicas de quem acalenta crianças.

No seculo XVII disse outro excellente conhecedor da vida social portuguesa, D. Francisco Manoel de Mello: «cantar a mulher a seu marido & filhos, se os tẽ, cousa parece licita» [3]. O mesmo autor transmittiu-nos uns versos de acalentar:

Ora nana, meu menino,
Que teu pae foi ao moinho [4].

De referencias litterarias do seculo XVIII mencionarei estas de D. Raphael Bluteau: «ACALENTAR UMA CRIANÇA — he impedir-lhe, que não chore, tomando-a no collo, fazendo-lhe afagos, cantan-

---

[1] O vocabulo *murciana* não o encontro nos diccionarios portugueses, mas deve relacionar-se com estes da germanía hespanhola: *murciar* e *murcio*, que significam «furtar» e «ladrão». Vid. a seu respeito: *Diccion. de la Acad. Hesp.*, s. v.; e Rafael Sallilas, *El Delincuente Español* («El lenguage»), Madrid 1896, pp. 297-298.

[2] Vid. *Primeira parte dos autos e comedias portuguesas feitas por Antonio Prestes e por Luis de Camões e por outros*, Lisboa 1587, fl. 28 *r* (ha um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa). Na edição que Tito de Noronha fez dos *Autos* de Prestes, no Porto, em 1871, corresponde este trecho á p. 112

[3] *Carta de guia de casados*, Londres 1830, p. 50.

[4] Dados por Th. Braga n-*O Povo Português*, II, 285, como extrahidos da *Feira de Anexins* [corrija-se: *dos Anexins*], p. 164; mas a citação bibliographica não está certa.

do-lhe & embalando-a até a fazer dormir»[1]; «FAZER NANA — abalar a ama o berço ou cantar e fazer meiguices á criança para a adormentar». Ha outras, tambem em diccionarios; mas nada adiantam ás de Bluteau.

Seculo XIX. A primeira lista de cantigas do berço data de 1872, de um livro de Neves de Mello[3]. O Dr. Rodrigues de Azevedo publicou em 1880 uma perlenga infantil intitulada «Acalentar meninos»[4]. Nas minhas *Tradições Populares de Portugal* (1882) inseri algumas poesias do berço[5], e formei um capitulo sobre «Medos das crianças», com versos populares; vid. tambem *Revista Lusitana*, I, 96 (critica bibliographica). Theophilo Braga, n-*O Povo Português* (1886), faz varias observações sobre o assunto, junta noticias litterarias e publica algumas cantigas[7]. Na *Rev. d'Ethnologia* (1881), p. 162, publica Adolfo Coelho uma cantiga do Papão. Num folheto intitulado *Os jogos e as rimas infantis de Portugal,* inclue o mesmo auctor um amphiguri e outras rimas que se cantam junto do berço, — o que lhe foi ministrado por A. Thomás Pires[8].

Já do seculo actual (1905) é uma serie de quadras intercaladas por este último investigador nos seus utilissimos *Cantos Populares Portugueses*[9].

Não me consta que tenha vindo á luz mais nada, digno de nota especial.

As nossas canções do berço foram aproveitadas algumas vezes para themas de composições musicaes: occorre-me citar *Vai-te embora Papão,* musica de fantasia (sem lettra), ed. de A. Engeström, de Vienna de Austria, com casa em Lisboa, e *Canção do berço*, de Rey Collaço, adaptação de uma poesia popular. — Se a musica artistica se apoderou da tradição oral, tambem os bilhetes postaes illustrados fizeram o mesmo: ha um em que se figura uma mulher com um menino sentado no ombro (desenho de A. Quaresma), lendo-se ao lado uma trova que termina assim: *Agora que sou casada,* | *Trago os meus filhos nos braços* |

---

1 *Vocabulario Português-Latino,* s. v. «acalentar».

2 *Vocabulario,* s. v. «nana».

3 *Musicas e Canções Populares,* p. 227 sgs.

4 *Romanceiro da Madeira,* pp. 479-480.

5 Pp. 207-208.

6 Pp. 296-298.

7 Vol. I, pp. 284-285. Vol. II, p. 401.

8 Separata do *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*, serie 43, n.º 12.

9 Vol. II, pp. 247-250. — Todavia o n.º 4033 não é popular. Os n.ºs 4031, 4036 e 4037 não tem cunho genuinamente popular.

(cfr. adiante, n.º 15); a trova porém não concorda por inteiro com o desenho, porque a mulher tem comsigo só um filho, e não o traz precisamente nos braços.

Por último, poderei alludir a um romance de caracter muito antigo, que anda na boca do povo com os nomes de *Conde Alarcos, Conde Iano, D. Silvana, D. Infanta,* e ainda outros, do qual estão publicadas muitas versões, desde Garrett [1]. Neste lindo romance, em que um rei manda um conde matar a mulher para poder depois casar com a princesa D. Silvana, a condessa, á hora da morte, dá o seio ao filhinho mais novo, e canta:

Mama, mama, meu menino!
Este leite é de pesar:
Amanhã por esta hora
Já m'estão a degollar.

Mama, mama, meu menino!
Este leite é de paixão:
Amanhã por esta hora
Já eu 'starei no caixão.

Mama, mama, meu menino!
Este leite é d'amargura:
Amanhã por esta hora
Já estarei na sepultura [2].

Taes versos, embora não constituam propriamente *nina-nana,* ou canção de acalentar, pertencem á classe. Segundo o que tenho observado, não é costume geral cantarem-se cantigas emquanto os meninos mamam; todavia transcrevo adiante uma canção mirandense, em que se diz ao menino: *Cala, cala! Quem te ha-de dar la mama?;* e ha outras allusões ao acto de mamar.

III

Ordem em que disponho as canções. O berço. Nomenclatura. Maneira de trazer as crianças. Especies de canções e seus themas. Observações sobre o assunto e a fórma poetica. Razão do titulo d'este trabalho. Proveniencia das canções e musicas que publíco. Maneira da publicação. Estado actual da tradição popular.

A ordem em que disponho as cantigas que adiante vou publicar é a seguinte.

Em primeiro logar algumas que servirão como que de preludio (1–13), onde a mãe exprime de modo geral os cuidados

[1] Cfr. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos na *Rev. Lusitana*, II, 234.

[2] Sirvo-me de uma versão inedita do concelho de Baião. Alem d'esta, conservo manuscritas mais doze. — Em algumas ha variantes no 2.º verso.

que lhe merece o filho, e diz qual é a origem e significação das poesias que lhe canta.

Depois vem as cantigas que se referem aos diversos momentos ou fases do sono, desde que a criança mostra desejos de dormir, até que de todo adormeceu.

Para a criança dormir, póde a mãe deitá-la no berço, ou tê-la nos braços, ao collo, ou no regaço.

O berço popular, em linguagem da Estremadura *brêço*, em gallego *berzo* e *berce* [1], é muito simples. Aqui descrevo o que se usa em Baião (vid. a fig. 1.ª): consta de *embaladeiras* ou táboas



Fig. 19.— Berço do Norte (de madeira)

lateraes; *cabeceiras* ou táboas abauladas, em cada extremo do berço, que permittem que este oscille em sentido longitudinal; *travéssas* ou táboas postas perpendicularmente ao eixo principal para formarem o fundo do berço; junto da borda de cada embaladeira ha uma abertura rectangular para se poder pegar no berço.

---

[1] Outras palavras romanicas aparentadas com estas são: hesp. ant. *brezo* e *brizo* (em hesp. mod. usa-se *cuna*, palavra deduzida do lat. c u n a e), fr. ant. *bierz* e *bers*, fr. mod. *berceau*, catal. *bres* e *bressól*, prov. mod. *brès*, *bresset*, *bressòu*, *bressoun*, vallão liegês *berçô*, vallão de Mons *berche* e *berce*. A sua etymologia ainda não foi satisfatoriamente explicada: Vid. Körting, *Lateinisch-Roman. Wb.*, 2.ª ed., n.os 1:535 e 10:098. Este autor propõe para o francês *berceau* o etymo **verticellus*, por v e r t i c i l l u s; de *berceau* deduzir-se-hia *bers*. Em verdade v e r t i c e- (de que *verticillus* é deminutivo) poderia talvez explicar o gallego *berce*, estando o gall. *berzo* e o port. *berço* para essa fórma na mesma relação em que, por exemplo, *adobo* está para *adobe*, por se julgar *-o* terminação typica do masculino; mas o hesp. *brizo*?

A fig. 2.ª representa um berço de madeira que se usa no Alemtejo (Alandroal), segundo um exemplar existente no Museu Ethno-

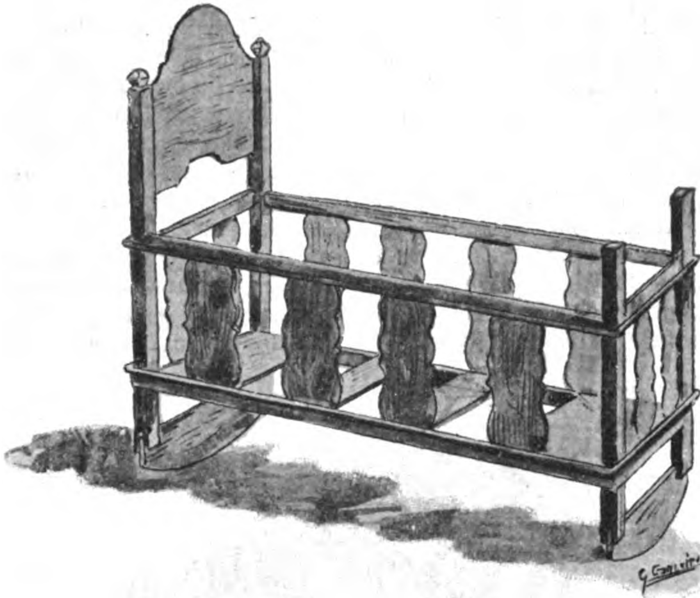


Fig. 2.ª — Berço do Alemtejo (de madeira)

logico: este typo de berço é imitado dos leitos; das partes que o constituem só tem nome especial as táboas curvas do fundo, chamadas *embaladeiras,* que fazem que o berço oscille transversal e

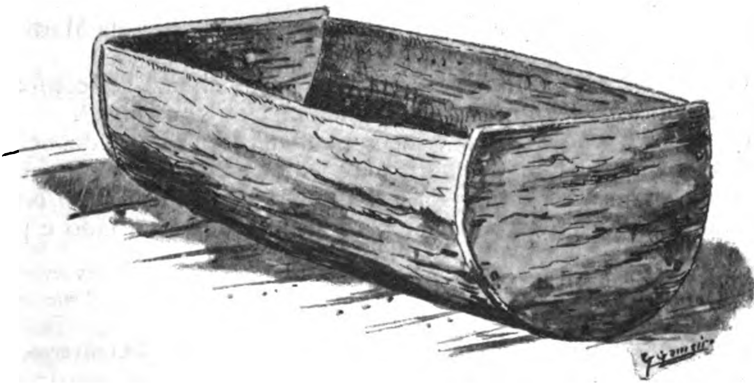


Fig. 3.ª — Berço do Alemtejo (de cortiça)

não longitudinalmente, como os do Norte (as outras partes tem nomes communs: balaustres, pés, cabeceiras, travessas). Na mesma provincia usam os pobres um berço muito curioso, e pri-

mitivo, feito de metade de um cortiço, com dois meios-tampos, tambem de cortiça, nas extremidades, tudo pregado com pregos de madeira ou *viros;* no Museu Ethnologico ha um exemplar que obtive com custo, e só por intermedio do meu prezado amigo José Velladas da Silveira Bello, do Alandroal, porque a mulher que o vendeu dizia que desejava conservá-lo por elle ser muito quente (vid. fig. 3.ª). Na Terra de Miranda, em vez de berço servem-se de uma *canastra* ou *canastro*, e não ha na lingoa de lá outra palavra designativa de «berço» senão esta. Em Oliveira de Azemeis deitam as crianças tambem em canastras, que servem para outros usos (para ir á herva, para levar roupa, etc.), e diz-se que o menino *dorme no cesto;* muitas vezes as mães levam os filhos nestas canastras á cabeça. Em Fozcoa ha canastras especiaes que servem de berço, e oscillam como elle (com movimento longitudinal); vendem-se nas feiras, e chamam-se *berços de verga*. Veja-se na figura 4.ª, extrahida de um antigo quadro português, um exemplo



Fig. 4.ª — Canastra com um menino

do uso da *canastra,* como berço. — Em Lisboa ha berços de ferro, imitação dos leitos, e berços de junco, vindos da ilha da Madeira; uns e outros oscillam transversalmente [1].

O acto de imprimir movimento ao berço chama-se, conforme as localidades, *embalar, embelar, embanar* (ou com *im-*) [2].

Quando o movimento é acompanhado de canto, diz-se em Castello Banco que se *está a arrolar*. Noutras terras, por exemplo em Moncorvo, *arrolar* e *rolar* tanto significam *imbanar o berço,* cantando, como agitar o menino nos braços para um lado e para

---

[1] Sobre as fórmas de berços usadas em diversos povos do universo, vid. *Das kleine Kind*, do Dr. Ploss, Berlim 1881, pp. 67-103 (com gravuras): e do mesmo A., *Das Kind in Brauch und Sitte der Völker*, Leipzig 1884, t. II, p. 88 sgs. (sem gravuras, mas com muitos desenvolvimentos).

[2] O verbo (*em*)*balar* está para (*a*)*balar*, como (*em*)*banar* para (*a*)*banar*, o que tudo exprime ideia de movimento. Acêrca dos etymos vid. Körting, *Lat.-Roman. Wb.*, 2.ª ed., n.ºs 1:184 e 1:218

o outro, dizendo *ó-ó dróme-te!* ou *rô-rô*, com melopeia ou com cantiga. Em Fozcoa usam *rolar*, e este verbo tem as duas significações acabadas de indicar; com o menino nos braços dizem *rôu.. rôu.* Já o *Dicc. Lat.-Lusit. et Lusit.-Lat.* de Jorge Cardoso, Coimbra 1570, traz *arrolar* no sentido do latim «sopire». Moraes, *Diccionario da Lingua Portuguesa,* 4.ª ed., traz esse mesmo verbo, e alem d'isso *arrular, rolar* e *arrulhar*. Em gallego: *arrolar* «mecer al niño en la cuna» [1]. Estas palavras são tiradas da lingoagem que se usa quando se fala dos pombos e das rolas, e dizem-se d'elles «quando o macho namora a femea, ou ao contrario, com huma especie de canto» [2].

A par de *arrolar* e seus congeneres temos *acalentar,* que em Castello-Branco se distingue bem de *arrolar*, pois significa aconchegar e aquècer as crianças ao collo, cantarolando *ó-ó ó-ó,* ou cantando cantigas para ellas não chorarem ou para dormirem. É tambem a significação que lhe dá o *Diccionario Contemporaneo;* mas Castilho, no seu romance *O Acalentar da Neta*, applica o verbo fallando do berço:

Dorme, dorme, minha neta.
Senão não sou tua amiga;
Dorme, que eu te embalo o berço
E te canto uma cantiga [3].

Fórma que concorre na lingoa antiga com *acalentar* é *acalantar* (ainda usada na Extremadura), de que se fez o substantivo verbal *acalanto* [4].— O etymo d'estas palavras não é o lat. *calere,* como diz inexactamente Adolfo Coelho no *Diccionario Manual,* seguido, como sempre, pelo Caturra, no *Novo Diccionario;* pois o -L- latino devia syncopar-se, como em *aquècer* = *aqueecer* < *acaecer* = *a-caecer* < c a l e s c e r e, ao passo que *acalentar* e *acalantar* tem *l.* O verbo *acalantar* vem de *calar;* o sentido é-nos dado pelo espanhol *acallar* «hacer callar (ordinariamente se dice de los niños)», e pelos textos reunidos nos nossos lexicos. Ha em português

---

1 Valladares Nuñez, *Dicc. Gall.-Cast.*, s. v.

2 *Dicc. da ling. port.* da Acad. das Sc., 1793, s. v. «arrulhar». O mesmo Dicc., a proposito de *arrulhar,* diz: «talvez ou pela semelhança do canto dos »pombos e rolas, com o qual as mãis e amas lhes provocam o somno, ou do »som *ro ro ro,* de que usam para o mesmo fim». Ao nosso *arrulhar* corresponde *arrullar* em hespanhol. A flexão de *rolar* em Fozcoa e em Valpaços é: *rólo, rólas, róla, rólão;* em Moncorvo *rôlo, rôlas,* etc. A flexão de *rular* na Beira-Alta é *rula.* O haver *o* ou *u* depende da etymologia modificada pela analogia: *rólo, rólas,* de *rolar,* como *pódo, pódas,* de *podar;* e *rulo, rulas,* como *furto, furtas,* de *furtar,* por isso que o *o* de *rolar,* nas flexões rhizo-átonas soa *u.* A flexão de *arrulhar* deve ser *arrulho, arrulhas,* etc., como o mostra o substantivo verbal *arrulho.*

3 *Excavações Poeticas,* Lisboa 1844, p. 264.

4 Vid. *Dicc.* da Academia, s. v.

muitos verbos factitivos do mesmo typo morphologico, com o suffixo -ant-ar, que alterna com -ent-ar, cujo primeiro elemento é proprio da formação do participio do presente: *adoentar, adormentar, aferventar, aviventar, aformosentar, apouquentar, amollentar,* relacionados respectivamente com *doente, dormente, fervente,* etc., que são participios na lingoa antiga e adjectivos na moderna. Por isso, tambem *acalantar = a-calant-ar.* A troca de suffixo que se nota entre *acalantar* e *acalentar* nota-se tambem entre o hesp. *amamantar* e o port. *amamentar.* Já F. Evaristo Leoni, no *Genio da Lingua Portuguesa,* liv. I, 1858, pp. 319–322, estudou este processo derivativo, e explicou bem o verbo *calentar* como derivado de *calar* [1]. Em hespanhol antigo ha tambem *callantar,* em varias accepções [2]. O impulso para estas formações romanicas foi dado por verbos latinos como *praesentare, frequentare.*

Ha regiões onde as palavras *acalentar* e *arrolar* ou *rolar* são desconhecidas do povo, por exemplo no concelho do Alandroal. Ahi *embanar* e *embalar* significam ao mesmo tempo dar movimento ao berço, e dá-lo ao menino, quando este está *ao collo* ou no regaço.

Não virá fóra de proposito referir aqui o costume que as mulheres na raia de Trás-os-Montes tem de accommodar as crianças, levando-as ás costas dentro de uma especie de saco formado pelo chaile; ao mesmo tempo que carregam com os filhos, podem fazer outros serviços, como guiar os bois no campo, ter um cantaro de agoa á cabeça, etc., por isso que ficam com

---

1 Não me admiro de que Adolfo Coelho não acolhesse no seu *Dicc. Manual* esta explicação de Leoni, porque diz d'elle o peor que se póde dizer nas *Questões da Ling. Portug.*, t. I, 1874, pp. 11-12, chamando-lhe ignorante mal acobertado com erudição de farrapos, ingenuo, etc.; mostra pois que o não leu com attenção, porque não ha duvida que, apesar de Leoni pertencer á escola antiga, colligiu na sua obra muitos factos aproveitaveis, como ponderei n-*A Philologia Portuguesa,* Lisboa 1888, p. 44. — Dos suffixos -antare e -entare em romanço trataram Diez, *Gram. des lang. rom.*, t. II, p. 373, e Meyer-Lübke, na obra do mesmo titulo, t. II, § 592. Cfr. tambem: Epiphanio Dias, *Gram. Portug.*, § 97-*d,* onde cita *aformosentar = a-formos-enta-r;* e A. Thomas, *Melanges d'étym. franç.*, p. 59. Meyer-Lübke, *loc. cit.*, menciona *acalentar*, mas é tão conciso, que não se sabe d'onde o deriva, se de calere, se de *calar;* como pouco antes menciona o hesp. *calentar* «aquècer», que vem realmente de calere, mas que nada tem com o nosso *acalentar,* parece que o etymo que Meyer-Lübke tinha em mente era calere, — pura distracção, pois elle não ignorava que o *l* de *acalentar* não podia corresponder ao de *calere.* — Á mesma classe pertence *amedrontar* e *amedrentar,* aquelle com *o,* por influencia do de *medroso.*

2 Vid.: *Poetas castellanos anteriores al siglo* XV, Madrid 1905, p. 559; e Lanchetas, *Gram. y vocab. de Gonzalo de Berceo,* Madrid, s. d., p. 196.

os braços livres [1].—A maneira mais corrente de trazer as crianças é *ao collo:* assentadas no braço esquerdo de quem as traz e encostadas ao peito,—como se vê nas imagens de S. José e Santo Antonio com o Menino-Jesus [2]. Frequentemente as mães entregam os filhinhos a outros mais crescidos (por exemplo, da idade de 7 annos): nestes casos, a criancinha póde ir escarranchada no pescoço, com as pernas pendentes para diante, ao que se chama *ir ás cavalleiras* em algumas terras, *ir ás cravinhozes* noutras (por ex. em Fozcoa), e *ir ás cabritas* em Lisboa; ou póde ir escarranchada em um dos quadris, com uma perna para trás e outra para diante, e amparada pelas costas com o respectivo braço de quem a leva, ao que se chama em Fozcoa *ir ao tiracol* (tiracollo).

Do que se disse a cima vê-se que ha duas especies de canções: de acalentar, e do berço propriamente ditas, ou de embalar. Esta distincção é porém mais theorica do que real, porque existem canções que tanto se cantam junto do berço, como com o menino nos braços.

As de acalentar (14–20) são pouco numerosas e simples. A mãe, ora exprime nellas grande satisfação por lhe estar nos braços a metade do seu ser, ora lança um olhar saudoso para o passado, para quando ainda não tinha encargos, e o seu unico cuidado consistia em toucar-se e procurar amores. Mas nisto o menino chora, e ella, sobresaltada, amima-o e afaga-o, fallando-lhe mesmo em lingoagem infantil para elle poder mais facilmente sossegar. Ás vezes, em logar da mãe, é a ama ou qualquer pessoa quem canta; e isto que digo d'esta classe de canções, póde dizer-se de outras.

As do berço propriamente ditas (21–30) são tambem em deminuto numero. Claro está que me refiro apenas àquellas em que ha allusões directas ao berço ou aos seus movimentos. A mãe, no seu amor incomparavel, imagina que o bercinho em que

---

[1] Vid. os meus *Ensaios Ethnographicos,* II, 190. Ahi citei costumes de Africa analogos a este. Vid. tambem: RATZEL, *Las Razas Humanas,* I, 108 (Hottentotes); DR. PLOSS, *Das kleine Kind,* Berlim 1881, p. 30 sgs. (differentes povos), o mesmo A., *Das Kind in Brauch und Sitte der Völker,* Leipzig 1884, t. II, p. 60 sgs. (onde trata o assunto com muito desenvolvimento); MATTOS E SILVA, *Região de Cabinda,* Lisboa 1904, p. 187, onde se lê: «A criança acompanha sempre a mãe: quando esta cava, anda, etc., não a abandona no chão, trá-la á cintura, escarranchada, e segura por uma dobra do vestuario, que, partindo da cintura, volta para cima, envolvendo o corpo infantil até ao pescoço e atando adiante sobre os seios; da criança só se vêem os pés, a cabeça e algumas vezes os membros superiores, quando mais crescidos».

[2] Santo Antonio tambem se figura com o menino sentado em um livro.

lhe dorme o filho estremecido é recamado de ouro, ou entretecido de plantas aromaticas, e que os *panaes* [1] em que elle está envolto são o que ha mais delicado. Em extase sublime, cheia de fé religiosa, e com a maior singeleza, invoca os Anjos do Ceu para que tragam roupa com que melhor se agasalhe o menino, que é anjo como elles, e para que imprimam ao berço oscillações rhythmicas. A que outras entidades maravilhosas poderia tão afoutamente recorrer, como ás que, segundo a mythologia christã, mais se assemelham, na idade e na pureza, ao pequenino ente em que ella põe toda a attenção e affecto? Em analoga ordem de ideias, invoca ás vezes a Virgem Maria e Christo.

Mais numerosas e mais complexas são as canções que servem indifferentemente para acalentar e para embalar (31–119). Algumas tem, como é natural, pontos de contacto, no sentido e na fórma, com as das classes precedentes; sou, comtudo, obrigado a separá-las d'ellas, e a agrupá-las á parte, para obedecer á divisão theorica que estabeleci ha pouco.

Á frente de todas colloco as que se cantam quando o menino começa a dormir. Formam quatro series. Na primeira (32–38), a mãe, ou continúa a dirigir-se aos Anjos, pedindo-lhes que desçam á terra em ajuda do menino, ou chama e personifica mythicamente o proprio sono, para o attrahir e conciliar. Na segunda (39–46 *a*) falla novamente nos Anjos ou lembra-se da Virgem, e projecta entregar-lhes o seu *menino d'oiro:* umas vezes, sem ter na mente plano bem determinado, e só influida pelas vagas ideias de mysticismo que a sonoridade d'essas palavras santas desperta nella; outras vezes, com vontade de que lh'o criem e depois lh'o restituam crescido, porque a mãe, quando é pobre, não póde applicar-se toda ao filho, e precisa de empregar tempo em ganhar o pão quotidiano. A terceira serie (47–77) é muito interessante, porque a mãe, já servindo-se da lingoagem usual, já recorrendo ao vocabulario infantil, assimila-se ahi ella mesma á Virgem Maria, que tambem teve um filho, assimila a criancinha a Jesus, que tambem foi menino, e encarrega o pacato chefe da sagrada familia, S. José, de embalar o berço: taes canções serviram na origem, provavelmente, para se cantarem nos presepios por occasião do Natal, pois que o povo achou semelhança entre a infancia do Me-

[1] O vocabulo *panaes* «roupas do berço» é da Beira-Baixa (Fozcoa) e de Trás-os-Montes (Bragança). Corresponde-lhe *panales* em hespanhol. Um e outro representam *p a n n a l e s, do lat. p a n n u s.

nino-Deus e a dos *filhos dos homens,* e adaptou àquella as canções que eram proprias d'esta; mas depois, com o andar do tempo, fez o inverso, e as poesias de caracter divino, correlacionadas com a mystica fonte de Belem, tornaram-se meramente profanas. Á terceira classe podem tambem aggregar-se as canções em que o menino é assimilado aos Anjos. Estas poesias mostram-nos a mãe completamente absorvida no que lhe é mais caro, sem ver outra cousa, e supponto que a Natureza, os entes sobrenaturaes, tudo, ha de acompanhá-la e prestar-lhe auxilio. Raras vezes sae do mundo da imaginação para o da realidade; então (quarta serie: 78–79), allude ás durezas e lutas da vida, ou convida o menino a que durma de pressa, para ella ir para o trabalho.

Seguidamente o menino adormeceu. Não conheço senão duas canções com este thema (80–81). Numa d'ellas parece haver qualquer allusão religiosa á Virgem, tida como madrinha do menino. Na outra, a mãe sente-se como que em paz, por ver o filho pegado no sono: não que estivesse oppressa ou aborrecida durante a vigilia, mas porque o corpo tambem precisa de descanso e de readquirir fôrças para ella depois se dedicar outra vez ao menino, quando este cessar de dormir.

Agora, que o anjinho repousa, ou conchegado ao seio materno ou *dentro dos cetins e das cambraias do berço de alecrim,* como um botão de rosa em seus envoltorios de musgo, — ninguem o desperte! ninguem ouse tocar-lhe! O Papão-Negro, que ronda sobre o telhado, fuja para longe, de maneira que o seu olhar execrando não incida onde o menino dorme! As aves que andam cantando na horta, parem de cantar, para que o menino não acorde! As proprias arvores não venham, balouçadas pelo vento, bater nos cunhaes da casa com suas ramagens sussurrantes e incómmodas! Tudo isto se diz nas cant. 82–117.

Em vez d'esta evolução natural do sono do menino, póde acontecer que elle não queira logo dormir e comece a chorar, ou que por desgraça cáia doentinho no berço. Para os dois casos (117–118) ha tambem canções, embora poucas; só colligi duas, posto que fosse natural que existissem muitas, por isso que, segundo a cima expliquei, o verbo *acalentar,* tão applicado na nossa litteratura, significa propriamente «fazer calar (a criança que chora)».

Aos quatro grupos analysados até aqui, — preludio, canções de acalentar e de embalar, e canções que servem indifferentemente para um e outro caso, — juntarei por fim mais um (120-180), de poesias várias: quadras acompanhadas de notação musical; trovas que se differençam das cantigas usuaes por particularidades mor-

phologicas, quer no metro (redondilha menor), quer na combinação dos versos (sextilhas); cantigas da Terra de Miranda, com expressões em mirandês; versos hespanhoes que se cantam em Bragança; proverbios e ditados; amostra de cantigas que, sem serem originariamente destinadas a adormecer crianças, se applicam para esse fim. Ha além d'isso um appendice com cantigas que colhi depois de já coordenado e composto na typographia o presente trabalho; não as pude distribuir pelas differentes secções, para não o alterar todo [1].

Como outras canções populares, as canções do berço são de curto folego, com ideias geraes, rapidamente expostas,— meros rhythmos para adormecer. Ao passo que, por exemplo, numa canção da Sardenha a mãe pretende que o filho seja bello de maneiras, vida e confôrto do pae, alegria de todos, esplendor e honra da familia, nascido para o bem e cheio de prudencia [2]; numa de Spinoso deseja que o menino possa ser feliz e subir tão alto como o sol e a lua [3]; numa da Calabria, que elle converta os Turcos em christãos [4]: as mães portuguesas ordinariamente limitam-se, de um lado, a lamentarem-se pelos cuidados que os filhos lhes dão, ou pela incerteza da futura sorte d'elles, e do outro, a desfazerem-se em amor e sentimentos religiosos, ou a pedirem ao Sono que venha, e ao Papão que se retire para longe. Mas esta simplicidade de conceitos apparece noutros paises; a philosophia das poesias de Italia é excepção.

As nossas canções, se são pouco variadas de assuntos, são-no tambem na fórma. Muitas consistem em apostrophes dirigidas ao menino ou ás entidades sobrenaturaes. Uma e mesma fórma serve não raro para exprimir diversos conceitos. Notam-se, por vezes, syn-

---

[1] Não é raro cantarem-se quadras que, com quanto tenham o berço por assunto, não são tradicionaes, mas feitas modernamente por pessoas mais ou menos lidas. Essas, como é natural, excluí-as da minha collecção, por exemplo (Algarve):

Neste berço onde descansa
Criança formosa e gentil...
Dorme, dorme, caro infante,
Bella flor do meu Abril.

Que me importa o rumor das vagas,
Se eu da barca não quero passar?
Tenho uma filha formosa,
Uma filha que pode chorar.

[2] Vivanet, apud Corazzini, *I Componimenti minori* (já cit.), p. 21.

[3] Corazzini, *Componimenti*, p. 40.

[4] Mango, in *Archivio* de Pitrè & Marino (já cit.), I, 392.

cretismos de canções, como mostrarei no commentario. O metro mais seguido é o de redondilha maior, e a estancia usualmente adoptada é a quadra em que o 3.° verso rima com o 4.° (fórmula: *a b c a*), o que tudo é caracteristico da nossa poesia lyrica popular; no entanto, tambem se usa a redondilha menor, e ha versos que, embora raramente, não estão dispostos em estancias regulares.

Além das canções do berço, a litteratura infantil portuguesa, isto é, a que tem por assunto a vida da criança, comprehende muitas outras especies de poesias: umas, que quem sustenta a criança sobre os joelhos recita, dando a estes movimento compassado; outras, que se applicam ao crescimento das differentes partes do corpo; outras, relacionadas com o bàtismo, com a tardança da falla, com a dentição, com os nomes; outras, emfim, que só servem para fazer rir. De tudo já dei espécimes nas *Tradições Populares de Portugal*, Porto 1882, e possuo ainda para publicar muito mais. No presente trabalho, todavia, cinjo-me só ás canções do berço.

Ainda que, segundo vimos, haja canções do berço propriamente ditas, e canções, por assim dizer, do regaço, do collo ou dos braços, dou á minha collecção o titulo geral de *Canções do berço,* porque, com faltar no nosso lexico termo proprio que, á maneira do francês *berceuse* (derivado do verbo *bercer*, que significa ao mesmo tempo balouçar o berço e balouçar a criança), designe os dois grupos de poesias, coincide o applicar-se commummente a expressão *do berço* ás ideias correlacionadas com a primeira infancia: póde, pois, essa expressão desempenhar, sem violencia nenhuma, a funcção que lhe attribuo aqui. Noutras lingoas observam-se factos analogos, por exemplo em allemão, onde o termo *Wiegenlied,* seja qual fôr dos dois grupos de canções aquelle a que se applique, significa litteralmente «canção do berço» [1].

Na minha collecção estão representadas todas as provincias de Portugal (continente [2]) e o archipelago da Madeira. As canções

---

[1] Poderia eu ter escolhido a expressão *canções de acalanto* ou *de arrolar,* em virtude do que disse a cima, quando fallei d'estes vocabulos; mas *acalanto* é archaico, e *arrolar,* alem de não ter em todo o país o sentido lato que tem em algumas regiões, não possue clareza sufficiente para titulo, pois que ha outros vocabulos homophonos.

[2] Aqui, como em todos os meus estudos, adopto a antiga divisão geographica e administrativa, que é a melhor: Entre-Douro-e-Minho, Trás-os-Montes, Beira (principado), Extremadura, Alemtejo e Algarve (reino).

não acompanhadas de indicação de terem sido publicadas, estão ineditas; pelo menos, não as transcrevi de livros, nem de periodicos, e foram colhidas directamente da boca do povo, umas por mim, outras por amigos meus. As musicas que junto a algumas canções representam tambem todas as provincias continentaes de Portugal, e são aqui publicadas a primeira vez.—Eis os nomes das pessoas que me auxiliaram: Albino Pereira Lopo [1], Antonio Thomás Pires [2], Padre Francisco Manoel Alves [3], Jaime Leite Pereira de Mello e Vasconcellos [4], Joaquim de Castro Lopo [5], Joaquim Correia Bàtista [6], José Joaquim Nunes [7], Padre Lino Dias Poças [8], Luis Cardoso Martins de Meneses (Margaride) [9], Manoel Joaquim de Campos [10] e Pedro A. de Azevedo [11]. A todos testemunho mais uma vez os meus sinceros agradecimentos.

Segundo o meu costume, publíco as canções geralmente sem alteração nenhuma; se fizer alguma rara alteração, di-lo-hei em nota. Para melhor se apreciar o processo adoptado pelo povo na transmissão do seu thesouro poetico, não evitei o dar ás vezes, seguidamente, differentes versões do mesmo thema, ainda quando ellas divirjam em pouco. Adiante de cada canção menciono, ou a fonte escrita [12], ou o local onde foi colhida [13].

---

1 Mandou-me as musicas de Bragança e Chaves, e algumas canções de Bragança.

2 Mandou-me a musica de Elvas.

3 Mandou-me outras canções do concelho de Bragança.

4 Mandou-me as canções de Obidos.

5 Mandou-me as canções de Valpaços.

6 Mandou-me as canções de Alcacer-do-Sal.

7 Mandou-me as canções e musicas do Algarve.—Algumas das canções e as musicas obteve-as do seu amigo o Rev. José Antonio Monteiro, prior de Búdens.

8 Mandou-me as canções da Terra de Miranda.

9 Mandou-me a musica do Minho.

10 Escreveu as musicas de Castello-Branco, Fozcoa, Coimbra, Trás-os-Montes (excepto Bragança e Chaves) e Extremadura, e alem d'isso reviu as provas d'estas e de todas as outras.

11 Deu-me algumas canções de Tondella, que uma mulher de lá lhe ditou.

12 Esta menção será succinta, porque já a cima dei de modo completo as necessarias indicações bibliographicas.

13 Muitas pessoas suppõem que quando nas minhas publicações ethnographicas ou glottologicas digo que tal facto é de tal terra, quero significar que esse facto é só de lá, e por isso me previnem de que tambem nas terras d'ellas conhecem factos iguaes ou analogos. Ora eu sei perfeitamente que os factos

Para terminar esta introducção, devo accrescentar que nem todas as canções tem já sentido para o povo. Muitas estão evidentemente estropiadas, e o povo serve-se d'ellas apenas como de letra para encher o ouvido. Isto acontece tambem com outros ramos da litteratura tradicional, e tem várias causas.

---

ethnographicos e glottologicos são communs a varias localidades, mas entendo que é util, a diversos respeitos, citar sempre o local onde foram colhidos, embora lhe não sejam especiaes. Os botanicos fazem o mesmo com relação ás plantas que descrevem.



Observação. — *A lettra floreada do comêço encerra o retrato do menino cuja natividade se commemora e festeja neste trabalho; foi desenhada pelo Sr. Guilherme Gameiro, desenhador do Museu Ethnologico Português, o qual fez tambem os desenhos que serviram para todas as outras gravuras.*

COLLECÇÃO DE CANTIGAS

I

PRELÚDIO

1

Lindo cantar é o dos Anjos,
Quem cantára como elles?
Quem estivera cantando,
Cantando no meio d'elles? [1]

2

Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões;
Quem tem amores tem filhos,
Quem tem filhos tem pensões [2].

3

Quem tem meninos pequenos,
Por fôrça lhe ha-de cantar:
Quantas vezes as mães cantam
Com vontade de chorar! [3]

4

Quem tem meninos pequenos,
Por fôrça lhe ha-de cantar:
Quantas vezes lhe as mães cantam
Com vontade de chorar! [4]

5

Quem tem meninos no berço,
Por fôrça lhe ha-de cantar:
Quantas vezes uma mãe canta
Com vontade de chorar! [5]

6

Quem tem crianças pequenas,
Por força lhe ha-de cantar:
Quantas vezes canta a mãe
Com vontade de chorar! [6]

7

Quem tem meninos pequenos,
O remédio é cantar:
Quantas vezes a mãe canta
Com vontade de chorar! [7]

8

Quem tem meninos pequenos,
Num se l'inora o cantar:
Q'antas vezes se le canta
Cum bontade de chorar! [8]

---

1 Obidos.

2 Alemtejo. Pires, *Cant. Pop.*, t. III, n.º 4:038.

3 Neves e Mello, *Musicas e Canções*, p. 229. — Uma de Moncorvo differe d'esta apenas em dizer no verso 2: *Por fôrça que ha-de cantar*.

4 Alvações do Corgo.

5 Alcacer do Sal.

6 Obidos.

7 Mondim da Beira.

8 Minho. *Trad. Pop. de Portugal*, p. 207. *Num se l'inora* «não se lhe estranha» (cfr. cant. 10 e 11); tambem em gallego: *inorar* «extrañar» (Valladares, *Dicc. Gall.-Cast.*, s. v.). — Em vez de *bontade* leia-se *buntade*.

9

Quem tem meninos pequenos,
Num se lhe ingnora [1] o cantar:
Quantas vezes a mãe canta
Com vontade de chorar! [2]

10

Quem tem meninos pequenos,
Não se lhe estranha o cantar:
Quantas vezes a mãe canta
Com vontade de chorar! [3]

11

Mulher que tem meninos,
Não lh'é stranhado o cantar:
Quantas vezes ella canta
Com vontade de chorar! [4]

12

A cantiga do ró ró
Minha mãe m'a ensinou;
Quando eu estava no berço,
Logo m'a ella cantou [5].

13

Cantiguinhas do rô rô
Minha avó m'as ensinou;
Quando eu estava no berço,
Foi que m'as ella cantou [6].

II

CANTIGAS DE ACALENTAR

(com o menino nos braços, no collo ou no regaço)

14

Quem tem meninos pequenos
Alivia a criação:
De dia tem-no nos braços,
Á noite no coração [7].

15

Quando eu era solteirinha [8]
Usava fitas e laços:
Agora, que sou casada,
Trago o meu filho nos braços [9].

---

1 Tambem se diz *ignora*.
2 Moncorvo.
3 *Trad. Pop. de Portugal*, p. 208, nota.
4 Bragança.
5 Moncorvo.
6 Neves e Mello, *Musicas e Canções*, p. 228.
7 Minho. *Trad. Pop. de Portugal*, p. 208.
8 Outra versão menos perfeita diz *solteira*.
9 Alvações do Corgo.

16

Quando eu era solteirinha,
Usava fitas de laços [1]:
Agora já sou casada,
Trago o meu filho nos braços [2].

17

Cala-te, meu amor,
Cala-te, meu filhinho:
Eu te vou pôr no berço
Para dormir um soninho [3].

18

Adormece, meu filhinho,
Aqui no meu collo:
Eu te vou pôr no berço
Embrulhado num lençol [4].

19

Faz [5] ó-ó, ó meu menino,
Que te quero ir a deitar,
Numa caminha bem fofa
Teu corpinho consolar [6].

20

Se o menino tem sono,
Vá para o seu bercinho:
Eu vou chamar a mamã
Para lhe dar um beijinho [7].

III

CANTIGAS DE EMBALAR

(ou «do berço» propriamente ditas)

21

O menino está no berço
Coberto co'o cobertor;
Os Anjos lhe estão cantando:
—Bendito seja o Senhor! [8]

22

Dorme, dorme, meu menino,
Nesse bercinho dourado;
Vae dormir com Jesus Christo
Um soninho descansado [9].

---

[1] *Fitas de laços* foi como ouvi em Moncorvo. E assim tenho ouvido noutras terras.
[2] Moncorvo.
[3] Obidos.
[4] Obidos.
[5] Isto é: *faz' = faze*.
[6] Alemtejo. PIRES, *Cant. Pop.*, t. II, n.° 4:028.
[7] Obidos.
[8] Baião.
[9] Tondella.

23

Rola, rola, meu filhinho,
No teu berço de alecrim...
Lençóes de cambraia fina
Cobertores de cetim [1].

24

O meu menino tem sono,
Tem sono e quer dormir:
Venham os Anjos do Ceu
Com roupa para o cobrir [2].

25

O meu menino tem sono,
[Tem sono] e não quer dormir [3]:
Venham-nos Anjos do Ceu
Ajudá-lo a cobrir [4].

26

O meu menino tem sono...
Se tem sono, vae dormir,
Virgem Nossa Senhora
O ha-de vir cobrir [5].

27

Este menino tem sono,
Tem sono e quer dormir:
Vem os Anjinhos do Ceu
Ajudá-lo a cobrir [6].

28

Meu menino tem sono,
Tem sono, quer velar;
Venham os Anjos do Ceu
Ajudá-lo a embalar [7].

29

Embala, José, embala,
Que a Senhora logo vem:
Foi lavá'los cueirinhos
Á fontinha de Belem [8].

29 *a*

Ó José, embala, o menino
Co'a mão, nanja co'o pé,
Qu'esse menino qu' embalas
É Jesus de Nazaré [9].

29 *b*

Ó José, embala o menino,
Qu'a mãezinha logo vem:
Foi lavá'los cueirinhos
Á fontinha de Belem [10].

29 *c*

Embála, berço, embála,
Com pausinho de oliveira:
Embala-me esta menina,
Que a quero metter freira [11].

30

Uma mãe que um filho embala
Todo o seu fim é chorar,
Só por não saber a sorte
Que Deus tem para lhe dar! [12]

---

[1] Valpaços.
[2] Moncorvo.
[3] Falta evidentemente no principio o que ponho entre colchetes. A omissão foi devida a terminar do mesmo modo o verso anterior.
[4] Obidos.
[5] Tondella.
[6] Obidos.
[7] Obidos.
[8] Moncorvo (Lousa).
[9] Fornos de Algodres.
[10] Fornos de Algodres.
[11] Minho. *Trad. Pop. de Portugal,* p. 208.
[12] Alemtejo. PIRES, *Cant. Pop.*, t. II, n.º 4:035.

IV

CANTIGAS DO REGAÇO E DO BERÇO

(que servem indifferentemente para acalentar o menino e para o embalar)

a) *Quando o menino começa a dormir :*

31
O meu menino quer dormir,
E o seu sono não quer vir:
Tem um olho cerrado
E o outro não n'o póde abrir [1].

32
O meu menino tem sono,
O sono não lhe quer vir:
Venham os Anjos do Ceu
Ajudá-lo a dormir [2].

33
O meu menino tem sono,
E o sono não lhe quer vir:
Venham nos Anjos do Ceu
Ajudá-lo a dormir [3].

34
O meu menino tem sono,
Tem sono e quer dormir.
Venham os Anjos do Ceu
Ajudá-lo a dormir [4].

35
Ró, ró, ró!
E o seu sono não quer vir:
Os Anjinhos do Ceu venham
Ajudá-lo a dormir [5].

36
Meu menino, dorme, dorme,
O sono não te quer vir:
Venham os Anjos do Ceu
Ajudá-lo a dormir [6].

37
O menino quer dormir,
O sono num le quer dar:
Anda, sono, anda tu,
Para o menino nanar [7].

38
O menino quer dormir,
O sono num le quer vir:
Anda, sono, anda tu,
Para o menino dormir [8].

---

1 Bragança.
2 Alemtejo.
3 Moncorvo. Quem me recitou esta quadra, juntava no começo do 2.º verso *tem sono,* que supprimi, por ser evidente repetição das últimas palavras do antecedente.
4 Alemtejo. Pires, *Cant. Pop.*, t. II, n.º 4:029.
5 Bragança. Esta cantiga canta-se, como creio, em seguimento de outra.
6 Alemtejo. Pires, *Cant. Pop.*, t. II, n.º 4:030.
7 Minho. Vid. *Trad. Pop. de Port.*, p. 207.
8 Minho. Vid. *Trad. Pop. de Port.*, p. 207.

39

O meu menino é d'oiro,
D'oiro é o meu menino:
Hei de entregá-lo aos Anjos
Emquanto é pequenino [1].

40

O meu menino é d'oiro,
D'oiro é o meu menino:
Vou entregá-lo aos Anjos
Emquanto é pequenino [2].

41

Ai! o meu menino é de ouro,
Ai! é de ouro o meu menino:
Eu hei de entregá-lo aos Anjos
Emquanto for pequenino [3].

42

O meu menino é de ouro,
De ouro é o meu menino:
Hei-de levá-lo aos Anjos
Emquanto é pequenino [4].

43

Meu menino é de ouro,
É de ouro o meu menino:
Hei-de levá-lo aos Anjos
Emquanto é pequenino [5].

44

O meu menino é de oiro,
É de oiro mui fininho:
Hei-de mandá-lo p'r'ós Anjos
Emquanto for pequenino [6].

45

O meu menino é d'ouro
D'ouro é o meu menino:
Hê-de mandálo p'r'ós Anjos,
Emquanto é pequenino [7].

45 *a*

O meu menino é d'ouro,
D'ouro é o meu menino:
Hei-de entregá-lo aos Anjos,
Que cresça, que é pequenino [8].

46

O meu menino é d'ouro,
D'ouro é o meu menino:
Eu hei-de dá-lo á Virgem
Emquanto for pequenino [9].

46 *a*

O meu menino é d'ouro,
D'ouro é o meu menino:
Hei-de entregá-lo á Virgem
Em quanto é pequenino [10].

---

1 NEVES E MELLO, *Musicas e Canções*, p. 228. — Ouvi outra exactamente igual em Alvações do Corgo.

2 Santa Martha de Penaguião.

3 Valpaços.

4 Tondella.

5 Obidos.

6 Alemtejo. PIRES, *Cant. Pop.*, t. II, n.º 4:032.

7 Fozcoa. Cfr. *Trad. Pop. de Portugal*, p. 208, onde os dois ultimos versos sairam com estes erros: *arranjar* em vez de «aos anjos», *emquanto que* em vez de «em quanto».

8 Moncorvo (Lousa).

9 Alemtejo.

10 Moncorvo (Lousa).

47

Nana, nana, mou menino,
Qu'a tua mãe logo vem:
Foi lavá'los teus paninhos
Á fontinha de Belem [1].

48

Nana, nana, mou menino,
Qu'a mãezinha logo vem:
Foi lavá'los cueirinhos
Á fontinha de Belem [2].

49

Nana, nana, mou menino,
Qu'a mãezinha logo vem:
Foi lavá'los os teus paninhos
Ao reguinho de Belem [3].

50

Nana, nana, mou menino,
Qu'a mãezinha logo vem:
Foi lavá'los cueirinhos
Ao reguinho de Belem [4].

51

Nana, nana, meu menino,
Que a mãezinha logo vem:
Foi lavar os teus paninhos
Á pocinha de Belem [5].

52

Rôla, rôla, meu menino,
Qu'a Senhora logo vem:
Foi lavá'los cueirinhos
Á fontinha de Belem [6].

53

Rula, rula, meu menino,
Qu'a mãezinha logo vem:
Foi lavá'los cueirinhos
A fontinha de Belem [7].

54

Rola, rola, meu menino,
Ca mãezinha logo vem:
Foi lavar os cueirinhos
Á fontinha de Belem [8].

55

Ròla, ròla, meu menino,
Quem te ha-de dar a mama?
O teu pae foi p'r'ó moinho,
Tua mãe caiu na cama [9].

56

Cala, cala, meu menino,
Que tua mãe já ahi vem:
Foi lavar os cueirinhos
Á fontinha de Belem [10].

---

[1] Baião.
[2] Baião.
[3] Baião.
[4] Baião.
[5] Minho. Vid. *Trad. Pop. de Port.*, p. 207.
[6] Moncorvo.
[7] Mondim da Beira.
[8] Fozcoa.
[9] Th. Braga, *O Povo Português*, I, 285.
[10] Neves e Mello, *Musicas e Canções*, p. 297.

57
Cala, cala, meu menino,
Que a mãezinha logo vem:
Foi lavar os cueirinhos
Á fontinha de Belem [1].

58
Cala, cala, meu menino
Q'a mãezinha logo vem:
Foi lavar os panaizinhos
Á fontinha de Belem [2].

59
Dorme, dorme, meu menino,
Que a mãezinha já vem:
Vae lavar os cueirinhos
Á fonte de Belem [3].

60
Dorme, dorme, meu menino,
Que a mãezinha logo vem:
Foi lavar os cueirinhos
Á fontinha de Belem [4].

61
Dorme, dorme, meu menino,
Que a mamã logo vem:
Foi fazer uma visita
Á Senhora de Belem [5].

62
Ó meu menino Jesus,
Quem vos ha-de acalentar?
É a mamãzinha
Que lh'ha-de dar de mamar [6].

63
Ó meu menino Jesus,
Da ribeira de Belem,
Dizei-me: o seu casaquinho
Quantas perolas tem [7].

64
Ó meu menino Jesus,
Comvosco é que eu estou bem:
Nada d'este mundo quero,
Nada me parece bem [8].

65
Ó meu menino Jesus,
Ó meu lindo amor-perfeito:
O que eu queria era trazer-vos
Sempre junto ao meu peito [9].

66
A Senhora do Soccorro
Já lá vem de S. Romão,
Com o seu menino *ó* collo
E S. José pela mão [10].

---

[1] Valpaços.
[2] Bragança.
[3] Obidos.
[4] Creio que me veio de Obidos.
[5] Algarve.
[6] Tondella.
[7] Obidos.
[8-9] Perdi a indicação da proveniencia.
[10] Obidos. — Esta cantiga podia ir incluida na Secção II.

67
—Nana, nana, meu menino,
Quem te deu? porque choraes?
—Deu-me minha avó Sant'Anna.
—Oxalá te dera mais! [1]

68
Anjos, cantae ó menino,
Que a Senhora logo vem:
Foi lavá'los cueirinhos
Á fontinha de Belem [2].

69
A cantiga que cantava a Virgem
Quando embalava o menino:
«Anda cá meu vaso d'ouro,
«Meu Sacramento Divino [3].

70
Quem me dera estar no Ceu,
Nem que fosse a um cantinho,
Ao pé de Nossa Senhora
A embanar o seu menino! [4]

71
Esta noite, á meia-noite,
Ouvi cantar ao divino:
Era a Senhora Sant'Anna
Aquelantando o menino [5].

72
A Senhora do Soccorro
Já me mandou chamar
P'ra me dar o seu menino,
Para eu lh'o embalar [6].

73
—D'onde vens, meu menino,
Que cheiras tanto a marcella?
—Venho do jardim dos Anjos
De enfeitar uma capella! [7]

74
Dorme dorme, meu anjinho,
Meu raminho de jasmim:
Eu vou chamar por Jesus
Que venha p'ra o pé de ti [8].

75
O meu menino é um anjo,
Deu-m'o Deus de natureza:
Por isso é que no meu coração
Nunca entra tristeza [9].

76
O meu menino é um anjo,
E o teu é um passarinho:
O meu voa para o Ceu,
E o teu voa para o ninho [10].

---

[1] Penaguião.
[2] Moncorvo.
[3] Obidos.—Esta cantiga podia ir incluida na Secção III.
[4] Obidos e Fozcoa.
[5] Obidos.
[6] Obidos.
[7] Obidos.
[8] Valpaços.
[9–10] Bragança.

77
O meu menino é um anjo,
Deu-m'o Deus, não no mereço:
Todos dizem que o venda...
Anjos do ceu não tem preço [1].

78
Cala, cala, meu menino,
Quem é que te ha-de arrolar?
Tua mãe foi para o moinho,
E teu pae caiu ao mar [2].

79
Dorme, dorme, meu filhinho,
Porque eu tenho que fazer:
Eu quero ir ganhar o pão
Que precisamos comer [3].

b) *Depois que o menino adormeceu:*

80
Meu menino adormeceu,
Já saiu, já cá não está:
Foi a çasa da madrinha,
Sabe Deus quando virá! [4]

81
Só á meia-noite durmo,
Um soninho descansado,
Quando os filhos 'stão dormindo
E o marido está deitado [5].

c) *Ninguem acorde o menino:*

82
Ó meu filho, dorme, dorme...
Olha o Papão que alem está...
— Ó Papão vae-te embora,
Que o menino dorme já! [6]

83
Vae-te embora, ó Papão,
Que o menino não 'stá cá:
Foi para casa da tia,
Deus sabe quando virá! [7]

84
Ó Papão, vae-te embora,
Que a menina não está cá:
Foi p'ra casa da madrinha,
Sabe Deus quando virá!

85
Ó Papão, vae-te embora,
Que a menina não 'stá cá:
Foi a casa da avó,
.... quando ella virá! [9]

86
Vae-te embora, Papão velho,
Vae-te embora, Papão novo:
Não leves o meu menino
Para a boca do lobo [10].

---

[1] Bragança.
[2-3] Valpaços.
[4] Obidos.
[5] Alemtejo. Pires, *Cant. Pop.*, t. II, n.º 4:034.
[6] Alemtejo: Pires, *Cant. Pop.*, II, n.º 4:025.
[7] Extremadura.
[8-10] Obidos.

87

Vae-te d'ahi, ó Papão,
De cima d'esse telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [1].

88

Vae-t' embora, Papão,
De cima d'esse telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [2].

89

Ó Papão, vae-te embora
De cima d'esse telhado,
Deixa dormir o menino
O seu sonò descansado [3].

90

Ó Papão, vae-te d'ahi,
De cima d'esse telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [4].

91

Ó Papão,
Não venhas pelo telhado [5],
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [6].

92

Vae-te embora, Papão negro,
Para cima do telhado,
Deixa dormir meu menino
Um sono descansado [7].

93

Vae-te embora, Papão negro,
Vae-te para o telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [8].

94

Ó Papão, vae-te embora
Para cima do telhado,
Deixa dormir o menino
O sono descansado [9].

95

Ó Papão, vae-te embora
Para cima do telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [10].

96

Ó Papão vae-te embora
Lá p'ra cima do telhado,
Deixa dormir a menina
Um soninho descansado [11].

---

1 Fozcoa.

2 Algarve e Alcacer do Sal.— Em vez de *um soninho*, uma canção de Moncorvo diz *o soninho*.

3 Obidos, etc.

4 Alemtejo: Pires, *Cant. Pop.*, II, 4:023.

5 Variante: *Vae-te embora do telhado.*

6 Tondella.

7–11 Obidos.

97

Ó Papão, vae-te embora,
D'ahi d'esse cantinho,
Deixa dormir o menino
Um soninho pequenino [1].

98

Vae-te d'ahi, ó Papão,
De cima d'esse loureiro,
Deixa dormir o menino
Que está no sono primeiro [2].

99

Vae-te embora, Papão,
Para cima do loureiro,
Deixa dormir o menino
O soninho primeiro [3].

100

Ó Papão, vae-te embora,
Deixa dormir o menino,
Qu'elle não chora com medo,
Chora porque é pequenino [4].

101

Vae-te embora, Papão feio,
Não queiras ser mau:
Se não deixas dormir o menino,
Vou bater-te com um pau [5].

102

Vae-te embora, Papão negro,
Deixa o menino dormir:
Venham os Anjinhos do Ceu
Ajudá-lo a cobrir [6].

103

Vae-te, Côca, vae-te, Côca,
Para cima do telhado:
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [7].

104

Vae-te embora, vae-te, ó Medo,
De cima d'esse telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [8].

105

Ó moça, vae-te d'ahi,
De cima d'esse telhado:
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado [9].

106

Vae-te embora, passarinho,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir o menino
Qu'está no sono primeiro [10].

---

1 Alemtejo: PIRES, *Cant. Pop.*, II, n.º 4:024.
2 Fozcoa.
3 Obidos.
4 Porto.
5-6 Obidos. A cant. 102 podia ir na Secção III.
7 *Trad. Pop. de Portugal*, p. 208.
8 NEVES E MELLO, *Musicas e Canções*, p. 228.
9 Valpaços.
10 Obidos.

107

Vae-te embora, passarinho,
Deixa a baga ao lòreiro:
Deixa dormir a menina
Qu'está no sono primeiro [1].

108

Vae-te embora, passarinho,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir o menino
O seu soninho primeiro [2].

109

Vae-te embora, passarinho,
Deixa *ó* lòreiro a baga,
Deixa dormir o menino
O sono da madrugada [3].

110

Vae-te embora, passarinho,
Deixa a baga *ó* loureiro,
Deixa dormir o menino
Que está no sono primeiro [4].

111

Vae-te d'ahi, passarinho,
Deixa a baga do lòreiro
Deixa dormir a menina
Que está no sono primeiro [5].

112

Vae-te embora, passarinho.
De cima d'esse loireiro,
Deixa dormir o menino
O seu soninho primeiro [6].

113

Aquelle pombinho branco
Com o pescoço amar'lado...
Deixa dormir o ZÈZINHO
Um soninho descansado [7].

114

Rouxinol do bico preto,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir a menina
Que está no sono primeiro [8].

115

Rouxinol da penna verde,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir o menino
Que está no sono primeiro [9].

116

O rouxinol quando canta
Põe o pé no amieiro...
Deixa dormir a menina
Que está no seu sono primeiro [10].

---

1 Baião.

2-3 Perdi a indicação da proveniencia d'estas duas canções.

4 Penajoia, Moncorvo, etc.

5 Moncorvo.

6 Alemtejo.

7 Moncorvo.

8 Beira Baixa: PIRES, *Cant. Pop.*, II, n.º 4:026.

9 NEVES E MELLO, *Musicas e Canções*, p. 228.

10 Alemtejo: PIRES, *Cant. Pop.*, II, n.º 4:027. — Dá-se nesta cantiga um phenomeno syntactico que se nota noutras: passagem brusca do discurso indirecto (vv. 1-2) para o directo (vv. 3-4).

117

O lòreiro bate, bate,
Com as pontas no telhado!
Deixa dormir o menino
Seu soninho descansado! [1]

d) *Canções do chôro e da doença:*

118

Porque choras, meu menino?
Porque choras, meu amor?
As tuas lagrimas, meu menino,
Cortam o meu coração com dor[2].

119

O rou-rou foi á botica,
A buscar o ijarope:
Ó rou-rou vem depressa,
Que o menino está á morte [3].

V

POESIAS VARIAS

a) *Cantigas que apresentam certas particularidades morphologicas:*

120

Ó, ó, ó...
Moça do telhado,
Deixa-me o menino
Dormir sossegado [4].

121

Menino bonito,
Não dorme na cama,
Dorme no regaço
Da virgem Sant'Anna [5].

122

Este menino
Quer dormir:
Anjos do ceu
O venham cobrir [6].

123

Este menino
Quer rolar:
Anjos do ceu
O venham buscar [7].

124

Este menino
Quer dormir:
Mas o soninho
Não quer vir [8].

---

[1] Alvações do Corgo.
[2] Bragança.
[3] Fozcoa.
[4-8] Todas estas quadrinhas são de Valpaços.

125

Dormi, meu menino,
Dormi, meu amor,
Sem almofadinha
Nem cobertor [1].

126

Dormi, meu menino,
Fechae o olhinho,
Que vem as raposas
Papar o menino [2].

127

Ó Papão vae-te embora,
Tira-te d'ahi:
Menino bonito
Não é para ti [3].

128

Nossa Senhora lavava,
S. José estendia:
Qual era a criança
Que tanto le quería? [4]

129

A Virgem lavava,
S. José estendia,
O menino chorava
Com o frio que tinha [5].

130

Viste a donzella
Á beira do rio
Lavando os paninhos
De seu bento filho?

131

Maria lavava,
José estendia,
O menino chorava
Com o frio que fazia [6].

132

Ró, ró, meu menino,
Dorme e descansa:
Tu és o meu alivio
E a minha esperança [7].

133

Ó, ó...
Menino d'avó,
Barre-lhe a casa,
Sacode-lhe o pó [8].

134

Tinglim-tim,
Tinglim-tó,
Que faz o netinho
Em casa da avó?
Varre-lhe a casa,
Sacode-lhe o pó,
E cata-lhe as pulgas
Do berço, -ço, -ço [9].

1-2 NEVES E MELLO, *Musicas e Canções*, p. 227.
3 Algarve: *Trad. Pop. de Port.*, p. 298.
4 Bragança. O 3.º verso corresponde a: *a quem tanto queriam.*
5 Castello-Branco.
6 TH. BRAGA, *O Povo Port.*, II, 401.
7 Bragança.
8 Moncorvo.
9 TH. BRAGA, *O Povo Port.*, I, 285.

135

— Que faz la menina
Em casa da avó?
— Barrer la casinha,
Sacudir lo pó,
Catal los piolhos,
Fazel lo còcó [1].

b) *Cantigas com musicas:*

Vão juntas com as respectivas musicas. A seguir á de Bragança mandaram-me esta, que se correlaciona com ellas:

136

A fontinha era d'ouro,
E a agoa de cheiro;
E o menino era filho
D'um Deus verdadeiro.

c) *Versos do Archipelago da Madeira* [2]:

Acalentar meninos

137

— «Imbala, preta, imbala
Menino do teu senhor;
Canta-lhe bem amoroso;
Anina-lo com amor.
Imbala, preta, imbala,
Como lo fez San Joseph,
Que los anjos cantarão;
Pater noster, dominé».

— «San Joseph, a trabalhar,
Imbalava com seu pé:
«*Calae-vos, Jesus Menino,
Nacido em Nazareth*».
Meu San Joseph, acudi;
Dae-me vós da vossa graça,
Com qu'inxugue meu menino
Suas lagrimas de prata».

— «Imbala, preta, imbala,
Como la Virgem fazia,
Que los anjos cantarão:
Gratiae plen', ave Maria».

— «Cantigas cantou la Virgem,
Quando imbalou Jesus:
«*Calae-vos, meu bento filho,
Qu'haveis de morrer na cruz*».
Nossa Senhor', acudi;
Dae-me do vosso thesoiro,
Com que cale lo meu menino,
Que chora lagrimas d'oiro».

Bicho Papão

138

Lo feio bicho Papão
Está em riba do telhado,
Pera ver lo meu menino
Se 'stá no berço deitado:
— «Ó Papão, tu vae-t' embora
De riba d'esse telhado;
Deixa dormil lo menino
Seu soninho descansado».

Agua que corre nã cansa;
Já de longe faz zoada;
Ao som de l'agua corrente,
Dormi sésta descansada.

Menina bonita

139

Menina bonita
Nã sob' á janella;
Que bicho Papão
Carrega com ella.

[1] Madeira: AZEVEDO, *Romanceiro*, p. 484.
[2] AZEVEDO, *Romanceiro*, pp. 479-481.

Se quer alvos ovos,
Arroz com canella,
Menina bonita
Nã sob' á janella.

Palminhas

140

Palminhas e mais palminhas,
Que mãe-mãe dará maminhas,
E o pae-pae, quando viel,
Dará sopinhas de mel.

d) *Rimas alemtejanas* [1]:

Cantos do berço

141

Papa-ratos já morreu,
Tem na cova por fazer,
As velas por accender,
Pomos o manto e vamos a ver.
Ó Papão foge do telhado,
Deixa dormir o menino,
Um soninho descansado.
Tocando num pandêro,
Encontrê uns alforgêros,
Carregados d'avelãs,
Mêas podres, mêas sãs,
Bràdê pr'os mês amigos,
Acudiram-m'os ladrões,
Despiram-m'os calções,
Dêtaram-me num poço,
C'um chocalho ó pescoço.
As velhinhas a cantarem,
As meninas a chorarem,
Calae-vos minhas meninas,
Que amanhã será domingo.
Cantará o pintasilgo;
Pintasilgo derrabado,
Sem ter sella nem cavallo,
Tinha só 'ma barra velha,
P'ra correr toda Castella,
De Castella a Marçagão,
A buscar pregos d'ôro,
P'ra trocar por assabão.
O sabão era ranhoso,
Coitadinho do velho tinhoso,
Fez a cama no telhado,
Encontrô um gafanhoto,
Mandô-o dêtar ó forno,
Com tres postas de toucinho,
Dava-lh'o vento, dava-lh'o frio,
Cantava como um bugio;
Dava-lhe o vento, dava-lhe o sol,
Cantava como um rôxinol.
Rôxinol que tão bem cantas,
Quem t'ensinô a cantar,
Foi a rainha na varanda,
E o rê no laranjal,
Jogando á laranjinha,
O rê más a rainha [2].

142

Pintesilgo derrabado,
Não tem sella nem cavallo,
Foi buscar um moio de pão,
P'ra elle, más p'r'ó seu cão,
O seu cão não está em casa,
Está debaixo do navio,
Dá-lhe o vento, dá-lhe o frio,
Faz cantá-lo como um assobio.

---

[1] Colligidas por A. Thomás Pires e publicadas por Ad. Coelho no *Bolet. da Soc. de Geogr.*, serie 4.ª, n.º 12.

[2] Cantam, embalando as crianças.

Cf. Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Port.*, pp. 207-208.

143

Cabra, cabriola,
Corre montes e valles,
Corre meninos a pares,
Tamêm te comerê a ti,
Se cá chigares [1].

e) *Canções da Terra de Miranda* [2]:

144

Ai lé léla, ai lé lela,
Ai lé léla, ai lé ló,
Yę la purmeira cantiga
Que m'ansinöu la mi' abó.

145

Cala, cala, meu nino,
Cala, cala, meu amor,
Que as vossas verdades
Vos matam com dores.

146

Quem tem ninos pequenhos,
Ninguem lhe ignore o cantar:
Quantas vezes cantará
Com buntade de chorar?

147

Cala, cala meu nino,
Quem te ha-de dar la mama?
Uma belha cantoneira
Que lhe chamam *Sturiana*.

148

Palminhas d'azeite
P'ra a mãe que dá leite
Palminhas de mel
P'ra o pae que logo bem.

149

Vamos a la cama
Vamos a dormir:
Tu lhebarás la manta
Yöu lhebarei lo candil.

150

Ró, ró!
Töu pai fui a carbŏu
E tùe mäi a violeta:
Não tens quem te dê la teta.

f) *Versos hespanhoes que se cantam em Bragança:*

151

El padre del niño
Fue a Ribadeu,
Halló malo (*sic*) tiempo
Logo se volveu.
Tum, tum, ró ró
Se no lo entiendes,
Entendelo ahora,
Qu'en casa está
El padre del niño que llora.
Tem tem ró ró.

g) *Cantigas do Menino-Jesus:*

152

Ó meu Menino-Jesus,
Descalcinho pelo chão:
Mettei os vossos pèzinhos
Dentro do meu coração.

153

— Ó meu Menino-Jesus,
Descalcinho sem chapeu?
— Venho lá da Via-Sacra,
Lá do caminho do Ceu.

---

[1] Cf. *Trad. Pop. de Port.*, de J. L. de Vasconcellos, p. 298.

[2] São um mixto de mirandês e portuguès; ser-me-hia facil pô-las todas em mirandês, mas preferi imprimi-los segundo a cópia que recebi.

154

— Ó meu Menino-Jesus,
Qu'é do vosso çapatinho?
— Deixei-o em Santa Clara
Mettido num buraquinho.

155

Ó meu Menino-Jesus,
Da bandeirinha burmelha,
Vós sendes o pastor d'almas,
Eu hei-de ser vossa ovelha.[1]

155 *a*

O Menino-Deus é luz
Que ao mundo dá claridade:
É profeta embaixador
Da SS. Trindade[2].

155 *b*

Baixae Anjos, baixae Anjos,
Rompei já esse *trovéu*[3]
Vinde cantar ao Menino
Gloria in excelsis Deo![4]

155 *c*

Uma estrella se parou
Em cima d'uma cabana,
Adorando a Deus Menino
E Jesus que é filho d'Anna[5].

155 *d*

Oh! dae-lhe leite,
Ao Deus-Menino,
Oh! dae-lhe leite
Qu'é pequenino[6].

h) *Cantigas profanas, que, sem serem do berço, se lhe adaptam:*

156

Nossa Senhora da Lapa,
Mandae varrer o terreiro,
Que vem nos vossos romeiros
Com viola e pandeiro[7].

157

Nossa Senhora da Lapa
Tem o tear á janella,
Dá-lhe o vento dá-lhe a chuva,
Todo o fiado lhe quebra[8].

158

Nossa Senhora da Lapa,
Da Lapa e da Lapinha,
Chamae-me vós afilhado
Qu'eu vos chamarei madrinha[9].

159

Esta noite á meia-noite,
A meia-noite seria,
Ouvi cantar os Anjos
E a Virgem Maria[10].

---

[1] As cant. 152–155 são de Cabeceiras de Basto. *Trad. Pop. de Port.*, p. 208.
[2] Alandroal?
[3] = tropheu.
[4] Alandroal.
[5] Perdi a indicação da proveniencia.
[6] Tambem perdi a indicação d'onde provém.
[7–9] Moncorvo.
[10] Obidos.

i) *Anecdota infantil* (*em lingoa popular*):

«Ũa mulher embelava ũa criença e dezia:

160

Nina, nina, nina, nina!
Já tem dentes a menina.

E o home dixe:

Nana, nana, nana, nana!
Já se me acabou a gana»[1].

j) *Proverbios relacionados com as crianças:*

161

Quem tem filhos | tem cadilhos,
Quem os não tem | cadilhos tem.[2]

161 *a*

Boas teias fia
Quem seus filhos cria[3].

APPENDICE

Cantigas obtidas já depois de coordenada e composta na typographia a collecção precedente

162

Toda mulher que tem filhos
É obrigada a cantar:
Quantas vezes ella canta
Com vontade de chorar![4]

163

O meu menino tem sono,
Tem soninho, quer dormir
Venham Anjinhos do Ceu
Ajudá-lo a cobrir[5].

164

O meu menino tem sono,
Tem soninho, quer nanar:
Venham Anjinhos do Ceu
Ajudá-lo a embalar[6].

165

José embana o menino
Com a mão, e não com o pé:
Esse menino que embanas
É Jesus de Nazaré[7].

---

[1] *Trad. Pop. de Port.*, pp. 208-209.
[2-3] Fozcoa.
[4-6] Lousa (Moncorvo).
[7] Alandroal.

166
Embala, José, embala,
Embala este menino:
Elle não chora de sono,
Chora porque é pequenino [1].

167
O meu menino tem sono
E o sono não le quer vir:
Venham os Anjos do Ceu
Ajudá-lo a ver dormir [2].

168
O mê menino é d'oiro,
D'oiro é o mê menino,
Hê-de dá-lo aos Anjos
E hê-de ficar sem menino [3].

169
S. Antonio leve Antonio,
S. Antonio me leve a 'mim!
Os Anjos do Ceu me levem
Este menino para si! [4]

170
Faça ó-ó, meu menino,
Que a sua mãe logo vem:
Foi lavar os cueirinhos
Á ribeira de Belem [5].

171
Ó mê menino Jasus,
Quêm vos pudera valer!
Com sopinhas da panella
Sem a vossa mãe saber! [6]

172
Ó mê Menino-Jesus,
Da Lapa do coração,
Dae-me da vossa merenda,
Qu'a minha mãe não tem pão [7].

173
De Lisboa me mandaram
Quatro peras num raminho:
Duas para S. José
E duas para o mê menino [8].

174
— Ó José, ó Josézinho,
Que é da fita do chapeu?
— Dei-a a Nossa Senhora
Para levar para o Ceu [9].

175
Calae-vos, mê menino,
Qu'a Senhora logo vem,
Foi lavar os cueirinhos
Á fontinha de Belem:

Nossa Senhora lavava
S. José 'stendia,
E o Menino chorava
Do frio que fazia.

Calae-vos, mê menino,
Calae-vos, mê amor,
Qu'isto são navalhinhas
Que cortam sem dor [10].

---

[1] Búdens (Algarve).
[2] Alemtejo.
[3] Alandroal.
[4] Búdens (Algarve).
[5] Búdens (Algarve).
[6-8] Alandroal.
[9] Búdens (Algarve).
[10] Alandroal.

176
Ó Papão, vae-t' embora,
'Sconde-te para o telhado,
Dei a dormir o menino
Um soninho descansado [6].

177
Vae-te embora, ó Farronca,
Vae-te embora, vae-te embora,
Vae-te embora, ó Farronca,
Que o menino já não chora [7].

178
Menino está quedo,
Que vem a Farronca
Que te mette medo [1].

179
Vae-te embora, passarinho,
De cima d'esse telhado,
Deixa dormir o menino
Nesse sono descansado [3].

180
Vae-te embora, passarinho,
Deixa a baga ao loureiro,
Deixa dormir o menino
Que está no sono primeiro,

Que está no sono primeiro,
Que está no primeiro sono:
Vae-te embora, passarinho,
Deixa a flor do resmôno [2].

---

[1] Alandroal.
[2] Fozcoa.
[3] Fozcoa. Em fórma de tercetto; não falta verso nenhum.
[4] Alandroal.
[5] Búdens (Algarve). — A fórma *resmôno* corresponde a *rasmôno* «rosmaninho», cit. por J. J. NUNES. «Dialectos algarvios», na *Rev. Lusitana*, VII, 254.



COMMENTARIO

(Os numeros são os das cantigas)

1. Um dos attributos que a Igreja dá aos Anjos é a musica [1]. Por isso a arte os representou frequentissimamente com harpas, rabecas e outros instrumentos, ou em attitude de cantarem. Na nossa lingoagem usual reflectimos essa concepção quando dizemos: *canta como um anjo, tem voz de anjo* ou *angelica*. A poesia litteraria vae pelo mesmo caminho: os factos são tão conhecidos, que não vale a pena fazer citações. Na poesia popular ha muitos outros exemplos, além do que nos é ministrado pela canção que estou annotando:

O cantar veio do Ceu,
Que o mandaram os Anjos:
Que o cantassem no mundo
Todos os homens humanos.

Canta, minha voz de um Anjo,
Que eu gósto de te ouvir:
Se algum dia me occupares,
Gostarei de te servir.

São cantigas de Fozcoa, ineditas. Vid. outras do Alemtejo no thesouro poetico de A. Thomás Pires [2].

2. Esta canção, com uma variante nos vv. 3 e 4: *Quem tem amores tem zelos, | Quem tem zelos tem paixões,* canta-se sem ser aos meninos. É esse um dos muitos recursos da poetica popular: introduzir na quadra modificações, e adaptá-la depois a diversos themas.

---

[1] Na *Côrte Imperial*, obra mystica do seculo XIV, existente em ms. na Bibliotheca Municipal do Porto (cod. n.º 101), lê-se, por exemplo, o seguinte, no capitulo I: «E a· redor da cadeira real estava toda a corte das hordeẽs dos spi»ritus celestiaes, e tijnham mujtos estormẽtos de muytas maneiras, em que tan»giam e faziam mujtos e muy graçiosos sõos. E diziam muj doçes cantares».

[2] *Cant. Pop. Port.*, t. I, pp. 82-84. O 1.º verso da 2.ª canção que aqui apresento encontra-se noutra de PIRES, n.º 503: *Canta, minha voz de um Anjo,* | *Que eu por um Anjo te tenho* | etc.

3-11. A nossa poesia popular é geralmente tão triste, que nem nos momentos mais felizes que uma mãe póde ter — aquelles em que está junto do filho — as lagrimas deixam de transparecer por entre os risos. Sempre a evocação da desgraça! Sempre a fatalidade!

Repare-se na belleza das canções que estou annotando: cada um dos dois grupos de versos que constituem as quadras exprime uma sentença; e a primeira é antithese da segunda, o que os verbos oppostos *cantar* e *chorar* denotam muito ao vivo. As variadas versões que juntei dão ideia de como as poesias se alteram de localidade para localidade. Numas e noutras diversifica tambem a lingoagem: aqui *ignorar, ingnorar, inorar;* ali *estranhar.*

12-13. A cantiga 13 differença-se da 12 principalmente em conter as palavras *avó* em vez de *mãe.*

As neumas *ró ró* e *rò rò* são muito da lingoagem infantil. Já a cima, na introducção, cap. II, trasladei de Gil Vicente (sec. XVI) *ro ro* e *ru ru;* Th. Braga cita na tradição moderna:

Oh meu menino, *ru ru,*
Cantam os Anjos, dormirás tu [1];

e eu, a proposito de Gil Vicente, citei supra o v. 1 como de Baião. Variante de *ro ro* é *rou rou* na cantiga 118: vid. a respectiva annotação. Na Beira-Alta usa-se um jogo chamado do *rô-rô.* Em hespanhol tambem ha *ro* «voz de que se usa repetida para arrullar á los niños» [2]; d'aqui vem o chamar-se *rorro,* na mesma lingoa, a uma criancinha [3]. Provavelmente *ro-ro, ru-ru* são na origem a primeira syllaba de *(a)rro(lar), (a)rru(lar),* em hesp. *(a)rru(llar),* repetida rhythmicamente em flexão rhizotonica, como o francês *dodo* «sono» (em lingoagem infantil) é a repetição dos sons iniciaes da palavra *do(rs),* e o citado vocabulo castelhano *rorro* é *ro* pronunciado duas vezes. A lingoagem infantil offerece-nos muitos exemplos de criações vocabulares d'este genero, pela repetição da syllaba accentuada, como *ti-ti* = ti(a), *vó-vó* = (a)vó, *Lé-lé* = (He)le(na), *Fi-Fi* = (Jose)phi(na): cf. a minha *Evolução da Lingoagem,* Porto 1886, pp. 55-58.

[1] *O Povo Portuguès,* I, 284.
[2] *Dicc. de la Academia,* s. v.
[3] *Dicc. de la Academia,* s. v.; e cf. MARÍN, *Cant. Pop. Esp.,* I, 12.

14. Esta canção contrasta, em parte, com as que tem os n.os 2–11: ahi a mãe diz que a sua alegria será muitas vezes só apparente; agora especifica que, com quanto criar um menino custe, o tê-lo porém nos braços e o amá-lo do coração fazem que esse trabalho se torne menos pesado.

15-16. A expressão *solteirinha*, em deminutivo, dá certa graça ás canções, tanto mais que são cantadas junto de crianças. Nota-se nestas canções uma antithese, como é frequente na poesia popular.

17-18. Apparecem outra vez deminutivos, que são muito proprios, por se estar fallando com crianças. No n.º 18 a rima é meramente toante (*collo–lençol*), facto vulgar na poesia popular.

19. A expressão *fazer ó-ó* corresponde no sentido á francesa *faire dodo*; uma e outra pertencem apenas á lingoagem que se falla ás crianças.

20. Esta canção é posta na bôca de uma ama; acontecem factos semelhantes noutros paises, por exemplo na Bretanha:

> Et moi je suis la petite bonne,
> Pour garder la maison [1].

A palavra *mamã* revela influencia culta, pois não pertence usualmente ao lexico do povo; o geral é *mãe* e *mãezinha* (*minha mãe, 'nha-mãe, senhora mãe,* etc.).

Tanto *bercinho* como *beijinho* estão em deminutivos pela mesma razão indicada na annotação ás canções 17–18.

21. Não admira que os Anjos tornem a apparecer — e muitas vezes os encontraremos nesta collecção de poesias — porque a alma do povo está impregnada de ideias christãs, e estas revelam-se em todas as manifestações da litteratura tradicional. *Cantar o bendito* é expressão estereotypada; provém de um hymno religioso que começa por *Bendito e louvado seja o SS. Sacramento.* O povo transmudou este hymno em canção de berço, em virtude da assimilação que, como já notei na introducção, e tornarei com maior

---

[1] *Rev. des Trad. Pop.*, II, 398.

desenvolvimento a notar adiante, elle estabelece entre a sacra familia e a sua propria. Tambem numa canção hespanhola se diz: *Angelitos del cielo | Venir cantando!* | [1].

A canção de que me estou occupando é provavel que na origem, como algumas outras do berço, fosse canção do Menino-Jesus, cantada pelo Natal, pois é muito semelhante a estas que se cantam como taes:

O Menino está dormindo
No presepio de Belem;
Os Anjos lhe estão cantando:
— Nosso amor e nosso bem!

O Menino está dormindo,
Um sono muito profundo;
Os Anjos lhe estão cantando:
— Gloria ao Salvador do Mundo! [2]

22-23. Na cantiga 22 apparece Jesus, como noutras muitas poesias.

Nas casas ricas antigas encontrar-se-hiam sem dúvida *berços dourados,* como se lê na *Comedia de Rubena* de Gil Vicente, quando a Feiticeira diz aos Espiritos diabolicos:

Trazede *berço dourado*
Muito rico, e muito asinha;
Que se crie Cismeninha
Para muito alto fado [3];

tambem numa poesia popular moderna do Natal o povo canta ao Menino-Jesus:

Filhas d'homem rico
Em *berço dourado;*
Só vós, meu Menino,
Em palhas deitado [4]:

todavia na nossa cantiga *bercinho dourado* não passa de mera aspiração e hyperbole poetica, porque os berços são geralmente muito modestos, como vimos a cima. Na litteratura tradicional de outros povos acontecem cousas semelhantes. Numa cantiga de

---

1 Marín, *Cant. Pop.*, I, 8.

2 *Cancioneiro de Musicas Populares* de Cesar das Neves & G. de Campos, t. I, Porto 1893, p. 261. Comquanto não se possa sempre crer na genuinidade das canções dadas como populares nesta obra, que contém poesias de toda a casta, — as duas canções a que me refiro são authenticas, porque vem em Pires, *Cant. Pop.*, I, n.os 157–158.

3 *Obras*, ed. de Hamburgo, II, 24–25.

4 Ad. Coelho na *Rev. de Ethnologia*, p. 33.

Benevento (Italia) chama-se ao berço *cónnola d'oro*[1]. Uma da Sicilia soa assim:

Durmiti figghiu[2], ca[3] la naca[4] è nova,
D'oro li cordi e d'argentu li chiova[5],
Lu chirchittedu[6] di curallu finu:
Durmiti figghiu sina[7] a lu matinu[8].

Nestes versos sicilianos vemos que o povo adorna mentalmente o berço de outras riquezas, não só de ouro; a nossa canção 23 tem-nas tambem, — *alecrim, cambraia, cetim*... Se tornarmos á Italia, ahi acharemos numa poesia popular de Sena:

Il letto vi sia fatto di viole,
E le coperte di quel panno fine
La coltrice di penne di pavone[9].

E numa de Basilicata: «Mamma t'à fatto la *naca di rosa*»[10]. Do berço calabrês diz com emphase F. Mango: «Ecco la casa d'oro, »dove comincia l'evo preistorico del fanciullo, il paradiso della »madre, la più gentile è più graziosa poesia della vita. Il bimbo è »avvolto tra bianche fasce, con la scuffieta («touca») ricamata e »ricca di nastri a vario colore;.. alla parte inferiore della fascia »è appiccato un nastro con un sacchettino.. di forma quadrata, »che porta dentro una immagine o reliquia sacra e un coricino »(«coraçãozinho») di salgemma benedetto; e tutto ciò serve di »talismano contro la forza del fascino»[11].

---

1 CORAZZINI, *I Componimenti minori*, p. 44. A palavra dialectal *cónnola* corresponde á italiana corrente *culla* «berço» (do lat. cunŭla, deminutivo de cuna «berço»). Propriamente uma e outra significavam na origem «bercinho». Á tendencia que o italiano tem para os deminutivos aggregava-se aqui a ideia de carinho infantil, tantas vezes expressa pelo mesmo processo grammatical na nossa poesia popular, como temos visto: a propria canção 22 diz *bercinho*.

2 «filho».

3 «porque».

4 «berço».

5 «pregos».

6 «arquinho» (do berço).

7 «até».

8 PITRÈ, *Canti Pop.*, II, 8.

9 CORAZZINI, *Componimenti*, p. 29.

10 CORAZZINI, *Componimenti*, p. 40.

11 No *Archivio per le Tradiz. Popol.*, II, 61.

O nosso povo provê igualmente de amuletos as criancinhas, uns de origem pagã, como a figa (origem romana), a meia-lua (origem igualmente romana: *lunula*) e o sino-saimão (origem semitica), outros de origem christã, como a cruz e a imagem da Virgem, — os quaes ellas trazem quer ao pescoço, quer á cinta, quer no punho [1]; mas as cantigas que colligi não alludem a elles.

24-27. De um berço que na imaginação do povo é tão rico, e coberto de roupas tão preciosas, como vimos na annotação antecedente, deviam effectivamente vir tomar cuidado entidades sobrenaturaes: os Anjos, tão iguaes ao menino; Nossa Senhora, tão propria para tratar da infancia, pois tambem teve um filhinho. Estas concepções condizem perfeitamente com o ambiente religioso em que temos visto desenvolver-se a poesia popular.

28-29 *b*. Pois que os Anjos cantam ao menino (canção 21) e o cobrem de roupa no berço (canção 24–27), vem tambem embalá-lo na canção 28. O *José* das canções 29, 29 *a* e 29 *b*, é evidentemente S. José, evocado na mesma corrente de ideias religiosas; estas canções, correspondem na fórma a outras, como veremos mais adiante.

29 *c*. Observa-se aqui uma personificação do berço, phenomeno psychologico muito vulgar na poesia, tanto popular, como litteraria. Cfr. o comêço de uma canção dos Sioux (America do Norte), assim traduzida por Ploss:

> Schwank' hin, schwank her, du nette Wiege,
> Roll' hin, roll' her. du luftige Schwebe [2].

Com pauzinho de oliveira, creio que se quer dizer que o berço é feito de pau de oliveira; a oliveira entrará aqui talvez por se lhe

---

1 No Sul do reino, Extremadura e Alemtejo pelo menos, os amuletos infantis chamam-se *arrelicas* (de *reliquias*). — No Alemtejo (Alandroal) as *arrelicas* só se usam : *a*) á cintura, fixas em *cintos* especiaes de velludo, etc., quando as crianças *são de cueiros,* isto é, até os tres meses; *b*) enfiadas em uma fita, ao pescoço, quando as crianças *se vestem de curto,* isto é, quando andam de saiinha ou de *calçonitos,* depois dos tres meses. Com allusão á passagem dos cueiros para o vestuario dizem os rifões alemtejanos: *Aos quatro | Arruma-lhe o fato,* e *Aos cinco | O rabinho te afinco,* isto é «aos cinco meses te assento no chão», porque *afincar* é o mesmo que *fincar*. — Noutras provincias o modo de trazer os amuletos varía.

2 Vid. *Das Kind in Brauch,* etc., t. II, p. 131.

attribuirem virtudes sobrenaturaes (contra as trovoadas, etc.), como diz mesmo uma cantiga alemtejana: *A oliveira é benta,* | *Ramo d'ella tem virtude* | [1]. A citada expressão encontra-se igual em uma quadra dos *Martyrios do Senhor,* versos populares; aqui a transcrevo, segundo uma versão de Fozcoa, inedita:

A vossa divina cruz, Feita de *pau de oliveira:*	Vós sois a mais linda rosa Que nasceu entre a roseira.

Na nossa lingoa usual tanto se diz *pau* como *madeira* [2].

O ultimo verso da canção que estou annotando, isto é, *Que a quero metter freira,* contém uma ideia correspondente á segunda parte deste fatalistico proverbio: *Ou casar ou metter freira,* que nos transporta ao seio do antigo regimen, em que o futuro da infeliz (ou feliz!) donzella que ficava para tia era geralmente o convento. Ao passo que nesta quadra o povo como que faz consistir o ideal da menina em mettê-la freira, noutros casos, por effeito da constante contradicção que tortura a alma humana, que hoje ambiciona o que amanhã detesta, canta com alguma ironia:

Antes queria ser casada, Á noite embalar meninos,	Do que ser freira professa, Ir ao côro tocar sinos! [3]

30. Esta cantiga é em certo modo parallela ás que tem os n.os 3-11: a mesma melancolia, — num caso motivada por desgraças actuaes, que nem a presença do filho mitiga, noutro pela incerteza do futuro.

---

[1] A. Thomás Pires, *Cant. Pop.*, II, n.º 3:123.

[2] O povo suppõe tambem que a oliveira é *paz*, e quando passa um casamento na rua, atira-se aos dois esposos com ramos d'essa arvore, — o que explica as canções que começam: *A oliveira é paz,* | *Que se dá aos bem casados* | : vid. as minhas *Trad. Pop. de Portugal,* p. 119, e A. Th. Pires, *Cant. Pop.*, II, n.º 3:121. No Algarve diz-se, como do alecrim noutras partes, que: *Quem pela oliveira passou,* | *E um raminho não cortou,* | *Do seu amor se não lembrou.* Em toda a parte, e em todos os tempos, a oliveira tem gozado de grande acceitação nas crenças populares (imagens de deuses feitas de pau de oliveira, como entre nós a cruz; oraculos de amor, superstições, etc.): vid. A. de Gubernatis, *Mythologie des Plantes,* II, 258 sgs. Uma das razões que entre nós ajuda a manter as crenças nas virtudes mirificas d'esta planta, é, além da tradição, o provir d'ella o azeite, e servir o azeite para a luz das lampadas das igrejas.

[3] Canção de Fozcoa.

31. O 1.º verso ficaria mais perfeito se não terminasse em *-ir*, como o 2.º; é provavel que algumas mulheres de ouvido mais apurado digam *O meu menino tem sono*, mas não ousei alterar nada.

Note-se a graça ironica dos dois ultimos versos, e a arte delicada do 4.º que, embora exprima quasi a mesma ideia do 3.º, tanto diverge d'elle na fórma. O 3.º tem uma syllaba de menos; ficaria bem, se em vez de *olho* estivesse *olhinho*.

O 2.º verso é igual a este de uma canção provençal moderna: *Lou sant som voou pas venir* [1].

32-36. Virem os Anjos ajudar o menino a dormir (originariamente o Menino-Deus), é natural sequencia das ideias contidas noutras canções em que elles lhe cantam, o cobrem e o embalam: vid. a annotação ás canções 21, 28–29 *b*.

Numa poesia italiana de Basilicata invoca-se o Anjo Custodio:

Prehare [2] voglio l'angilo custorio,
Ti dia lu suonno e la bella memoria [3].

Noutras canções, tanto de Italia, como de outros paises, invocam-se as restantes entidades celestiaes: S. Nicolau, em uma de Benevento [4]; S. Caetano, *Sant'Antuninu*, Nossa Senhora em canções sicilianas [5]; uma, tambem siciliana, invoca o sono e diz a S. Sebastião que venha adormecer a criança:

Suonu, veni di luntanu!
Annumiscitila, Sammastianu [6];

em Chypre, segundo o texto de Pitrè: *Santa Marina, corica* (il bambino) | *Santa Sofia, cantagli per addormentarlo* [7]; uma canção arabica de Constantina é assim traduzida em um periodico

---

[1] Apud Pitrè, *Canti Pop.*, II, 6.
[2] = ital. *pregare*.
[3] Corazzini, *I Componimenti*, p. 39.
[4] Corazzini, *Componimenti*, pp. 44-45.
[5] Pitrè, *Canti Pop.*, II, 4.
[6] Pitrè, *Canti Pop.*, II, 4.
[7] *Canti Pop.*, II, 5, nota 2.

francês: *Dieu, ó Dieu!* | *O celui qui endort les enfants!* | *Fais dormir mon fils,* | *O Dieu le Très-Haut!* | [1]; na Alta-Bretanha:

Sainte Marguerite,
Vierge très petite,
Endormez-moi cet enfant
Jusqu'à l'âge de quinze ans [2].

Todas estas concepções são muito naturaes em povos christãos; no entanto por detrás d'ellas ha concepções mythologicas, pois os Gregos e Romanos tinham um deus chamado «Sono», (Ὕπνος, *Somnus*) [3], com muitos filhos, um dos quaes era Morpheu [4], e nos Indios do Brasil e na Amazonia as mães pedem ao *acutipurú* (macaco) e ao *murucututú* (mocho) que adormentem os meninos [5]. O Christianismo santificou o que lhe pareceu pagão, substituindo entidades mythicas por entidades suas. Mas ás vezes nos proprios povos catholicos ficaram restos do passado, transformados de outra maneira, como o *Pedro-Chosco* da tradição gallega, o qual deita nos olhos das crianças um grãozinho de areia para ellas dormirem; a Sr.ª D. Carolina Michaëlis, que cita esta superstição, e explica a palavra *Chosco* como derivada de *clausicare (de clausus «fechado»), accrescenta: «É o *João Pestana* dos Portugueses, o *Sandmann* dos Allemães, ou mais exactamente o *Ole-Luk-Oie*, o *Cerra-olhos* dos Dinamarqueses» [6]. No Languedoc é o *Omenet* «homenzinho» quem infunde sono ao menino, e o leva e o guarda até que este acorde [7].

Com a neuma *ró ró ró* da canção 35 cfr. o que se disse na annotação das cant. 12–13. Cfr. tambem uma canção hespanhola:

A la ro ro, á la ro ro, duermete niño.
A la ro ro, á la ro ro, ya estoy dormido [8].

---

1 *Rev. des Trad. Pop.*, XI, 27.

2 *Rev. des Trad. Pop.*, VII, 226.

3 OVIDIO, *Metamorphoses*, XI, 623: *Somne, quies rerum, placidissime Somne deorum.*

4 OVIDIO, *Metamorphoses*, XI, 633-635.

5 SANTA-ANNA NERY, *Folk-Lore Brésilien*, pp. 70–71.

6 Na *Rev. Lusitana*, III, 139.—O *Pedro Chosco* figura tambem em canções que não se relacionam com as crianças. *João Pestana*, como synonymo de sono, é muito conhecido em Lisboa; cfr. o verbo *pestanejar* «estar a cair com sono».

7 *Rev. des Langues Romanes*, XXII, 257.

8 OLMEDA, *Folklore de Burgos*, p. 42.

A canção 36 apresenta uma incoherencia syntactica, muito frequente na poesia popular: começa por vocativo e termina por uma frase em que o verbo está na 3.ª pessoa.

37-38. Personificação do sono, como na Sicilia: *sunnuzza veni* [1], *sunnuzzu vinit* [2], e em muitas do continente italiano: *suonno che incannaste a lu Leone, 'ncanname a Ninno mio* [3], *o sonn' vien* [4], etc. Uma canção de Alvernia é muito semelhante ás nossas:

Sommeil, sommeil, viens, viens, viens;
Sommeil, viens, viens, donc.
Le sommeil ne veut pas venir,
Le petit enfant ne veut pas dormir;
Sommeil, sommeil, viens, viens, viens;
Sommeil, viens à l'enfant [5].

Na annotação ás cant. 32–36 fallei já das concepções mythologicas do Sono em diversos paises.

39-46. Tambem segundo as canções da Calabria «il colombino è fatto di oro» [6]. Numa da Sardenha diz-se:

Dormi como, como
Sa natura de oro...

isto é «dorme agora, agora, a criatura de ouro» [7].

É notavel que a mãe declare nas nossas canções que ha-de mandar o menino para os Anjos, pois que, segundo a concepção popular, *ir para os Anjos* ou *para os Anjinhos* é morrer, o que está de certo em contradicção com a vontade da mãe [8]. Que quer

---

[1] PITRÈ, *Cant. Pop.*, II, 10.

[2] PITRÈ, *Cant. Pop.*, II, 6.

[3-4] CORAZZINI, *Componimenti*, p. 38.

[5] PAUL SÉBILLOT, *Littér. Orale de l'Auvergne*, p. 242; e *Annuaire des Trad. Pop.*, 1877, p. 33.

[6] *Archivio per le Trad. Pop.*, II, 62.

[7] WAGNER, *Die sardische Volksdichtung*, p. 295.

[8] Foi por isso que alguem que uma vez publicou uma das canções a alterou arbitrariamente assim nos dois ultimos versos:

Hei de trocá-lo aos Anjos
Por outro mais pequenino.

isto pois dizer? Muitas mulheres a quem perguntei que significação davam aos versos, responderam-me que não lhes davam nenhuma; houve porém uma mulher que me deu a que apresento na introducção, que o menino era entregue aos Anjos para estes o criarem. Com tal explicação concorda a canção 45 *a*, onde se diz *Hei de entregá-lo aos Anjos*, | *Que cresça, que é pequenino,* e de algum modo concorda tambem a canção alto-bretã, transcrita na annotação aos n.os 32–36, na qual se pede a Santa Margarida que adormeça a criança até a idade de 15 annos. Tudo isto é muito natural, visto que os Anjos, a Virgem e os Santos andam sempre á roda do berço, chamados pela crença das mães. No estudo porém da litteratura popular devemos alargar o mais possivel a nossa investigação, porque o que ás vezes parece sufficiente, torna-se insufficiente noutras circunstancias. Ora na Hespanha canta-se:

Duermete niño chiquito,
Duermete y no llores más,
Que vendrán los angelitos
Del cielo y te llevarán.

Angelitos del cielo,
Venir cantando,
Y llevarse este niño
Que está llorando [1].

E estes versos parece conterem a explicação primordial dos nossos e dos alto-bretões: na origem seriam ameaça ao menino para elle dormir; se não dormisse, levá-lo-hiam os Anjos, a Virgem, os Santos. As entidades christãs desempenhariam as mesmas funcções que, sob o impulso de outra concepção, desempenham, como veremos, a Côca, o Medo. Com o tempo perdeu-se o sentido dos versos, bastando que estes tivessem a melodia natural, e nelles houvesse palavras tão suaves como Anjos e Virgem, embora com funcção incomprehensivel. Não admira que o povo, no seu syncretismo, invoque umas vezes os Anjos para virem buscar o menino, quando elle não dormir, e outras vezes os invoque para pelo contrario facilitarem o sono (cant. 34–37), e que lhes digam que se vão embora para o menino não chorar, como nesta canção hespanhola:

Duermete, niño chiquito,
Duermete y no llores más,
Que se irán los angelitos
Para no verte llorar [2].

---

[1] Marín, *Cant. Pop.*, II, 8.
[2] Marín, *Cant. Pop.*, I, 8.

Seja porém como for, o que é certo é que hoje os Anjos e a Virgem são invocados pelo nosso povo quando o menino começa a dormir, e que pelo menos algumas pessoas lhes ligam ideias beneficas.

47-73. Tenho de fazer aqui várias annotações, umas quanto á fórma, outras quanto ao sentido.

Nana-nana, dorme-dorme, rola-rola, cala-cala são naturaes comêços das canções de todos os povos. Em Alasca: *Xami, Xami, dormi piccino mio!* [1] No Haiti: *dormi, dormi, povero piccolo* [2]. Na Sardenha: *dormidi fillu miu* [3]. No continente italiano: *fate la nanna; ninna su, ninna giù; fa la nina; nana, ninana; ninni, ninni, ninni, nanna; ninna-nanna* [4]. Na Allemanha: *Schlaf, Kindlein, schlaf* [5]. Em vallão: *nan-né* [6]; *nàne, binaméye poyette* «dormez bien-aimée poulette» [7]. Em provençal moderno: *nino, nono, nino, nino* [8]. Em francês: *dodo, l'enfant do* [9]. Na Hespanha: *duermete niño chiquito* [10]. O nosso verbo *nanar* «dormir» (em lingoagem infantil), posto que de origem obscura, tem, como se vê, parallelos noutras lingoas romanicas; a ternura das mães soube adaptá-lo bellamente á canção.

O imperativo *rôla-rôla, róla-róla, rula-rula* das cant. 52–55 relacionam-se com o que se disse na annotação ás cant. 12–13.

Como na cant. 20, tambem na cant. 47 sgs., é a ama quem figura no canto e não a mãe, embora possa ser esta quem realmente cante. Comprehende-se isto, porque se manifesta aqui a assimilação, a que já me tenho referido, da familia popular á familia sagrada: o menino é na origem o Menino-Deus; a mãezinha a Virgem-Maria que lava os panaes de seu filho na fonte, na poça ou no rêgo de Belem.—Já na introducção me referi á origem d'isso. Foi costume de todos os povos festejar o nascimento de pessoas queridas ou o respectivo anniversario; γενεθλιάζω

---

1 Ragusa-Moleti, *Poesie dei popoli selvaggi o poco civili,* p. 1.
2 Ragusa-Moleti, *Poesie,* p. 3.
3 Corazzini, *Componimenti,* p. 20.
4 Corazzini, *Componimenti,* pp. 29-47.
5 Simrock, *Das deutsche Kinderbuch,* p. 60.
6 Monseur, *Le Folklore Wallon,* p. 96.
7 *Wallonia,* III, 80.
8 Ap. Corazzini, *Componimenti,* p. 49.
9 *Rev. des Trad. Pop.,* VII, 226.
10 Marín, *Cant. Pop.,* I, 9.

significa em grego «festejar o anniversario do nascimento», e τὰ γενέθλια são as festas ou presentes d'esse dia. D'aqui vem o nome de *canções genethliacas,* usado na poesia classica. Os povos catholicos festejaram, da idade-media para cá, nas igrejas e em presepios particulares, o dia de Natal e a infancia de Christo [1]. Na nossa antiga litteratura não faltam a este respeito nem autos nem villancicos, a partir do seculo XVI [2]. Assim como, á imitação dos versos que se cantam usualmente junto do berço, se applicaram outros a Jesus, assim, conforme já notei na introducção, os versos applicados a Jesus passaram, ao inverso, a servir para adormentar os meninos. No *Auto Pastoril Castelhano,* representado pelo Natal, introduz Gil Vicente (sec. XVI) uns pastores que se dirigem para um presepio e vão cantando:

Aburramos [3] la majada [4],
Y todos con devoción
Vamos ver aquel garzón;
Veremos aquel Niñito,
De agora recien nacido:

Asmo [5] que es el prometido
Nuestro Mesias bendito.
Cantemos á voz en grito,
Con hemencia y devoción,
Veremos aquel garzón.

---

[1] Cfr. Du Méril, *Poésies popul. latines,* Paris 1843, pp. 73-74 e notas.

[2] No opusculo da Sr.ª D. Carolina Michaëlis, *Ein portugiesisches Weihnachtsauto,* Prática dos tres Pastores, Braunsweig 1881, pp. 7-9 (nota), vem uma lista de autos dos seculos XVI-XVII representados pelo Natal. De Villancicos cantados pela mesma occasião possuo dois muito raros, um de 1662 e outro de 1663, que comprei na Livraria de Pereira da Silva, em Lisboa. O costume continuou nos seculos seguintes. Ha muito poucos annos usavam-se no Alemtejo, pelo Natal, autos d'esta especie chamados *pastoraes* (do genero feminino): umas vezes andava de casa em casa uma especie de companhia theatral ambulante, formada por gente pobre da terra, a qual, para obter algumas esmolas, representava a scena do nascimento, fazendo um de Nossa Senhora, outro de S. José, outro de Anjo, outro de preto, etc., e o preto dizia: *Arreda, arreda, gente branca,* | *Que quer o pretinho entrar* |; outras vezes armava-se em casa, particularmente, um presepio, e os da casa ou amigos desempenhavam os respectivos papeis, entre os quaes não faltava o da *cigana do Egypto,* que cantava:

Sou cigana do Egypto,
Caminhando p'ra Belem,
Dar graças ao Menino,
E á Virgem parabem.

Gloria a Deus, gloria a Deus,
Gloria a Deus nas alturas,
Na terra paz aos homens,
Que são suas criaturas.

[3] De *aburrir.*

[4] «malhada» no sentido alemtejano «barraca para o gado, etc.»: *Rev Lusitana,* II, 35.

[5] De *asmar* «julgar».

Chegando ao presepio diz

GIL:

Dios mantenga á nuestra gloria!
....

LUCAS:

Que casa tan pobrecita
Escogió para nacer!
....

SIL(vestre):

De paja es su camacita.

LUC(as):

Y un establo su posada.

BRA(s):

Loada sea y adorada
Y bendita
La su clemencia infinita! [1]

Na *Pratica de tres pastores* (sec. XVI ou XVII), destinada tambem a ser representada pelo Natal, canta-se uma cantiga de que extráio estes versos:

É vindo o Mexias
Dos ceos enviado!
Digão as cantigas:
— Deus seja louvado!
....
Nasceu o cordeiro,
Filho do deus vivo
E deus verdadeiro,
De carne vestido,
Sem dores parido,
Em palhas deitado.
Digão as cantigas:
— Deus seja louvado! [2]

Ouçamos agora uns versos populares modernos cantados pelo Natal:

Filhos de homem rico
Em berço dourado;
Só vós, meu menino,
Em palhas deitado!
Em palhas deitado,
Em palhas nascido,
Filho d'uma rosa,
Cravo escolhido [3].

E comparemos-lhes os que citei a cima na annotação á cant. 21, e a cantiga do berço n.º 127. Acharemos analoga inspiração em tudo isto. Porém nem sempre os cantos do berço relacionados com a sacra familia provirão de antigas representações

---

1 *Obras*, ed. de Hamburgo, I, 16-17.

2 Vid. D. CAROLINA MICHAËLIS, *Ein portugiesisches Weihnachtsauto*, Pratica de tres pastores, Braunschweig 1881, p. 27. A illustre romanista utilizou para a sua edição um ms. da Bibliotheca de Evora, e dois impressos: um, sem data, da Bibliotheca da Ajuda; outro de 1761, da Bibliotheca do Porto. — No *Catalogo n.º 4* («Miscellanea») da Livraria de Pereira da Silva, Lisboa 1905, p. 308, descreve-se um exemplar impresso em Lisboa em 1659, o qual pelo titulo corresponde ao da Bibliotheca da Ajuda. Este exemplar foi vendido para o Algarve.

3 *Rev. d'Ethnologia* (de Ad. Coelho), p. 33. Cfr. ATHAIDE DE OLIVEIRA, *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve*, Porto 1905, p. 137.

theatraes perante os presepios; estabelecido o impulso, o povo depois póde generalizar, como de costume [1]. — Noutros paises ha cousas parecidas. Quando na introducção tratei da bibliographia, alludi ás *ninne-nanne del santo Natale* na Italia. As canções d'este país destinadas a adormentar os meninos estabelecem, como as nossas, relação entre o *bambino* e Jesus. Na Sicilia:

Figghiu mio, quantu ti stimu!
Quantu Maria a Gêsu Bamminu [2].

Em Roma porém:

Gesú mme chiáma e vvò'cché ssía súa spósa;
Saría la nòra dé sánta María
E ssan Giusèppe mé sarébbe pádre,
Sant'Anna nònna e 'Lisabbétta zzía,
San Giovacchíno mé sarébbe cugnáto;
La Madaléna mé corteggeria... [3]

onde entra a familia toda, parentes e adherentes. — Na Hespanha, como país ferrenhamente catholico, encontramos o mesmo parallelismo:

La Vírgen es panadera,
Y el niño pide pan,
Y el bendito San José
Se lo dá con humildá [4].

Este niño que llora
No tiene cuna.
Su padre es carpintero [5],
Le va á hacer una [6].

---

[1] Em Fozcoa, na occasião do Natal, antes e depois, canta o povo poesias na igreja, allusivas a Jesus, por exemplo:

D'aqui a bem pouco tempo
A noute do Natal vem:
Ha-de nascer o Menino,
Jesus Christo, nosso bem.

Bem dito e louvado seja
O Menino-Jesus nascido:
No ventre de Nossa Senhora
Nove meses andou 'scondido.

[2] Pitrè, *Canti Pop.*, II, I.
[3] *Rivista di Letterat. Pop.*, I, 176.
[4] Olmeda, *Folk-Lore de Burgos*, p. 40.
[5] Isto é: S. José.
[6] Olmeda, *Folk-Lore de Burgos*, p. 45.

— Os Allemães tambem estabelecem nos *Wiegenlieder*, ou canções do berço, correlação das suas familias com a sagrada:

Ich wolt mich zur lieben Marie vermiethen,
Ich sollt ihr Kindlein' helfen wiegen;
Sie führt mich in ihr Kämmerlein,
Da waren die lieben Engelein,
Die sangen alle Gloria!
Gelobet sei Maria! [1]

Que as cant. 47-60 são na origem cantos do Natal vê-se d'estas do Alemtejo, onde entra claramente o Menino-Jesus:

Cantae, Anjos, ao Menino, Que a Senhora logo vem: Foi lavar los cueirinhos Á ribeira de Belem.	Cantae, Anjos, ao Menino, Que a Senhora logo vem: Foi lavá' los cueirinhos Á pocinha de Belem.

Ó meu Menino-Jesus,
Ó meu Menino tão bello,
Vou lavá' los cueirinhos
Á fonte do Caramelo [2].

Com as mesmas cantigas 47-60 comparem-se estas duas hespanholas, que ouvi a uma mulher de Cheles (Olivença):

Duermete, niño de teta, Que tu madre no 'stá 'hi: Te fue lavá 'los culeros De tu hermanito Agustín.	Duermete, niño de teta, Que tu madre no 'stá en casa: Te fue lavá 'los culeros De tu hermanita Tomasa.

Particularmente comparavel ás nossas canções 56-58 e 79, em que se diz ao menino que se cale, porque a mãe foi lavar os cueiros ou panaes, e que durma, para ella entretanto ir ganhar o pão, é tambem esta copla hespanhola:

Calla, niño, calla, Que tengo que hacer,	Lavar los pañales, Poner-me á coser [3].

---

[1] SIMROCK, *Kinderbuch*, n.º 256. Isto é: «Eu queria assoldadar-me com a amavel Santa Maria, eu havia de ajudá la a embalar o seu menino; ella levou-me para a sua camarazinha, alli estavam os amaveis anjinhos, que cantavam todos: Gloria! Louvada seja Santa Maria!» — Cfr. tambem o n.º 255 do mesmo livro, onde se diz que a Virgem embalava com mãos de neve o berço do Menino.

[2] PIRES, *Cant. Pop.*, I, n.os 158-160.

[3] OLMEDA, *Folk-Lore de Burgos*, p. 43.

A cant. 61 é variante das 47–60: ha ahi evidente referencia á visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel, celebrada pela Igreja.

As cant. 62–65 constituem manifestamente fragmentos de villancicos do Natal, cantados diante de presepios.

A cant. 66 é perfeita descripção da familia sagrada, que o povo está habituado a ver em quadros e esculpturas.

As cant. 67 e 73 estão dialogadas, como as do S. João:

— D'onde vindes, S. João,
C'uma capa côr de rosa?

— Venho de ver as fogueiras
De Sant'Anna milagrosa [1].

Tanto pelo sentido, como pela fórma, compare-se com ellas esta hespanhola:

— Hermosa Santa Ana,
Porque llora el niño?

— Por una manzana
Que se le ha perdido [2].

Por occasião do Natal cantam-se em Fozcoa varias cantigas correlacionadas com o Menino-Jesus, umas vezes dentro da igreja, á hora da missa, como já disse a cima, outras vezes em qualquer circunstancia (no trabalho, etc.). Neste ultimo caso, se hão-de cantar cantigas profanas, cantam-nas *ao divino,* por a epoca o pedir. Eis uma d'ellas, muito semelhante á cant. 67:

— Ó meu menino Jesus,
Quem vos deu? porque choraes?

— Deu-me minha avó Sant'Anna
Oxalá me dera mais!

Na cant. 68 combina-se o canto dos Anjos, como na cant. 21, com a ida da Senhora para o lavadoiro, como nas cant. 47–60. O povo applica frequentemente a mesma fórma a diversos themas; é este um dos recursos da sua metrica [3].

No *vaso d'ouro* e no *sacramento divino* da cant. 69 ha reminiscencias eucharisticas. É costume chamar *vasos de honra* aos bons que honram a Deus [4]. Tambem é expressão da lingoagem religiosa *vaso d'eleição,* no sentido de pessoa eleita de Deus, por exemplo S. Paulo.

Com as cant. 70–72 cfr. os versos allemães que citei a cima.

---

1 *Ensaios Ethnographicos,* I, 67.

2 Olmeda, *Folk-Lore de Burgos.* p. 43.

3 Cfr. as observações que fiz no prologo das *Canções da Beira,* de P. Fernandes Thomás, p. 21 sgs.

4 Moraes, *Dicc. da Ling. Port.,* s. v. «vaso».

74-77. Se o menino foi assimilado a Jesus, como vimos nas annotações precedentes, aqui é assimilado a um Anjo, concepção perfeitamente natural, pois tantas vezes temos encontrado os Anjos junto d'elle. Delicadissima é a cant. 74, em que se chama a Jesus para vir fazer companhia ao menino. Na cant. 76 figura uma ave,—acaso allusão mythica á ave do sono, de que fallarei adiante.

78-79. A cant. 78 já se cantava no sec. XVII, como vimos da citação que fiz de D. Francisco Manoel de Mello, na introducção, quando tratei da bibliographia portuguesa. Parece uma especie de ameaça dirigida ao menino para elle dormir.

Tambem uma canção do Piemonte diz:

Nana concheta,
    Mama l'è andaita a mesa,
    Papá l'andait al bosch;
    Fa la nana, bel matot («bambino») [1].

Uma canção allemã falla igualmente da ida do pae para o bosque, como nesta italiana, mas accrescenta-se que elle vae lá apanhar passaros para o menino [2]; numa cantiga vallonica, em que se diz que o pae partiu para a festa, este trar-lhe-ha biscoitos na volta [3]. Taes canções divergem pois da nossa no sentido final, comquanto haja uma do Natal do mesmo typo:

O Menino de Maria
Chama pae a S. José,
Que lhe trouxe os çapatinhos
Da feira de S. André [4].

Da cant. 79 citei a cima um parallelo hespanhol.

80. Esta cantiga pertence á classe das do Papão (vid. n.º 83 sgs.), mas perdeu esse caracter; por isso a inclui nesta

[1] CORAZZINI, *Componimenti*, p. 48.
[2] SIMROCK, *Kinderbuch*, n.º 234:

Schlaf mein Kindchen sieben Stund
Bis der Vater wiederkummt.
Vater ist in Waid gegangen,
Will dem Kindlein Vögel fangen.

[3] MONSEUR, *Folklore Wallon*, p. 96.
[4] PIRES, *Cant. Pop.*, I, n.º 167.

secção. — A *madrinha* de que se falla nella poderá ter sido na origem a Virgem Maria, pois ha cantigas em que o povo invoca a Virgem como tal, por exemplo esta de Fozcoa:

Nossa Senhora da Veiga,
Da Veiga e da Veiguinha,
Chamae-me vós afilhada,
Que eu vos chamarei madrinha [1].

81. A *meia-noite* entra aqui em sentido geral, pelo seu caracter fatidico, pois é a essa hora que os lobishomens apparecem e as feiticeiras; a essa hora não se passa nas encruzilhadas porque está lá o Diabo ou as Bruxas; á meia-noite o Diabo vae em fórma de cão preto aos cemiterios inspirar as pessoas que querem praticar maleficios [2]. A concepção fatidica da meia-noite está em connexão com a do meio-dia [3]. Muitas canções ha, que se referem á meia-noite, não só a do berço que deu origem a esta nota; por exemplo:

Esta noite á meia noite,
Á meia-noite seria,
Ouvi cantar os gallos
No telhado de Maria.

Ó luar da meia-noite,
Guarda-te lá p'ra o verão:
Bem sabes, quem tem amores
Quer escuro, luar não.

A alma popular vive num ambiente intellectual muito seu, onde a observação da realidade, o sentimento poetico, a influencia do rhythmo, o automatismo da lingoagem se misturam a antigas ideias mythicas transmittidas inconscientemente pela tradição: de tudo isto resultam obras ás vezes na apparencia incoherentes ou incomprehensiveis, cuja significação só por anályses pacientes e estudos comparativos se póde encontrar (quando póde!).

---

1 A capella da Senhora da Veiga, a que se refere a cantiga, fica na margem do Douro, ao pé do Pocinho, no concelho de Fozcoa. *Da Veiguinha* é expressão meramente poetica, propria d'esta cantiga; não se usa na lingoagem corrente. — Existe um painel com a imagem da Virgem da Veiga, o qual se offerece lá no dia da festa (2.º domingo de Setembro) a quem dá esmolas para o santuario.

2 Vid. As minhas *Trad. Pop. de Portugal*, pp. 269, 307, etc., e *Ensaios Ethnographicos*, III, 241; cfr. tambem Consiglieri Pedroso, *Trad. Pop. Portuguesas*, XI, 9.

3 *Trad. Pop. de Portugal*, p. 301, nota. — Sobre a importancia do *meio-dia* nas tradições populares em geral, vid. Consiglieri Pedroso, *Trad. Pop. Portuguesas*, n.º X. Cfr. Dr. Ploss, *Das Kind*, I, 112-113.

82-116 *a*. Nestas cantigas invocam-se várias entidades, umas de caracter mythico, ainda bastante manifesto, outras já com elle perdido no todo ou em parte. A principal de taes entidades é o Papão, que apparece aqui de dois modos oppostos entre si: num caso as mães fallam nelle para amedrontarem o menino, e este dormir ou se aquietar; no outro esconjuram-no para que se vá e deixe repousar o menino. A quadra n.º 82 contém as duas concepções. A segunda é provavelmente mais antiga que a primeira. Que significava primitivamente o Papão? Comquanto o problema das origens das cousas, por muito complicado, seja sempre difficil de resolver, reunirei alguns factos a fim de preparar a resposta á pergunta.

Para diversos povos o sono não é phenomeno physiologico, mas resulta de saida da alma temporariamente do corpo. Os Karens da Birmania crêem que, quando se dorme, a alma se escapa do corpo e vagabundeia; os Groenlandeses, que a alma durante a noite vae caçar, dançar e fazer visitas; certos Indios da America do Norte, que a alma de alguem que está a sonhar deixa o corpo para ir em busca de objectos que lhe agradem. E outros povos se podiam ainda citar com crenças analogas [1]. Na propria Allemanha diz o vulgo que não deve ir-se com sêde para a cama, senão a alma vae beber e póde extraviar-se [2]. Tambem no mesmo país se acredita que quando se vira para o outro lado alguem que dorme, a alma, que anda fóra, não póde reentrar; e que se um menino dorme com a bôca aberta, póde por ella escapar-se-lhe a alma em fórma de ratinho branco [3]. Uma vez o rei germanico Gunthram estava a dormir, e a alma saiu-lhe da bôca em fórma de animal semelhante á serpente [4]. Talvez originariamente se acreditasse entre nós que o sono da criança era causado pela vinda do Papão, que lhe levava a alma, isto é, que a *papava*, porque *papão* é substantivo verbal derivado de *papar*. Com a mesma ideia se relacionará a do *homem do saco* com que se espantam os meninos: o *saco* seria para levar, não propriamente o menino, mas a alma, e elle dormir [5]. Assim o Papão

---

[1] Vid. Tylor, *Civilisation Primitive*, I, 508-512.

[2] Wuttke, *Der deutsche Volksaberglaube*, 3.ª ed., § 462; cfr., § 60.

[3] Wuttke, ob. cit., § 60. Cfr. Tylor, *Civilisation Primitive*, I, 512.

[4] Tylor, ob. cit., I, 512, que cita a Grimm, *Deutsche Mythologie*, p. 1:036 (corresponde na 4.ª ed. ao vol. II, p. 905, como verifiquei).

[5] O achar-se tambem na Africa o *homem do saco* (vid. supra) mostra que a nossa expressão não é mera metaphora, mas se funda em uma tradição

desempenharia a principio as funcções de entidade mythica do sono, ou por outra, seria o Sono personificado, causador do sono dos homens: cfr. a annotação ás canções 32–36, onde fallei de divindades somniferas. A favor d'esta explicação está o achar-se o Papão intimamente relacionado com o sono nas cantigas, e tambem várias circunstancias que adiante especifico.

Com o tempo, esta concepção primitiva esvair-se-hia, e o Papão passaria a desempenhar outros papeis, porque o povo nunca perde totalmente o seu patrimonio de crenças: transforma, adapta, accrescenta. As canções do berço não são modernas, como vimos da resenha bibliographica que fiz no capitulo II da introducção; devem pois conter restos de ideias que vigoraram noutros tempos, e que hoje são menos claras. Ora os povos de civilização inferior crêem-se cercados de espiritos, uns bemfazejos, outros malfazejos, e torna-se necessario a cada instante propiciar aquelles e espantar estes. As criancinhas, como seres debeis, e alem d'isso inexperientes, estão particularmente sujeitas á acção das entidades malevolas [1]: por isso as mães as cobrem de amuletos preservadores d'essa acção [2], e ha povos selvagens que tomam os nomes dos filhos para attrahirem para si a influencia dos maus espiritos que os poderiam prejudicar [3]. Quando assim é na vigilia, que fará no sono, irmão da morte? [4] É sabido como na substituição de umas religiões por outras, as divindades mudam de caracter [5]. O

---

antiga. O *saco* desempenha certo papel nas crenças populares. Na Allemanha suppõem-se que quando se evocam as almas dos mortos, estas podem ser encerradas em um saco e levadas para logares pantanosos, onde apparecem em forma de *fogos fatuos*: vid. Wuttke, *Der deutsche Volksaberglaube*, § 774. Cfr. tambem as minhas *Trad. Pop. de Portugal*, p. 302. A respeito do *saco* na mythologia vid. Gubernatis, *Mytholog. Zoologique*, II, 481.

[1] Por exemplo nos Romanos as *Lamiae* (vid. Horacio, *Ars. Poet.*, v. 340) e as *Striges* (vid. Plinio, *Nat. Hist.*, XI, cap. 39); nos contos populares franceses o *ogre* e a *ogresse;* entre nós as Bruxas, etc. Todos estes seres maleficos sugam o sangue das crianças ou as devoram.

[2] Vid. o que se disse, p. 53. Já os Romanos costumavam pendurar no berço das crianças figurinhas da deusa *Muta* e do deus *Mutinus* para lhes proteger o sono: vid. *Rev. Archéolog.*, IV, 230–232, onde vem um desenho. Sobre amuletos infantis em diversos povos vid. Dr. Ploss, *Das Kind*, I, 121, etc.

[3] Cfr. Salomon Reinach, in *L'Anthropologie*, XIII, 540.

[4] Já Homero disse na *Iliada*, XIV, 231: ὕπνος κασίγνητος θανάτοιο «sono, irmão da morte», e Vergilio na *Eneida*, XIV, 278: *consanguineus Leti sopor.*

[5] Por exemplo, na passagem do paganismo para o christianismo, os deuses foram muitas vezes tidos por demonios: cfr. A. Maury, *La Magie et l'Astrologie*, 4.ª ed., p. 186.

Papão entraria pois nessa categoria de entidades malevolas e perseguidoras das crianças quando dormem: as canções em que as mães o mandam embora constituirão vestigios de fórmulas mágicas e execratorias. Depois o povo, em vista de tal caracter, servir-se-hia do Papão para pôr medo aos meninos.

Não nos devemos admirar da multiplicidade de aspectos que o Papão toma, pois as superstições populares não formam um systema philosophico uniforme, mas um mixto de muitos systemas, provenientes de várias epocas e de vários povos, modificado constantemente por associação e dissociação de ideias.

Fosse porém qual fosse a significação originaria do Papão, o que é certo é que elle hoje, tanto na poesia, como nas superstições, exerce funcções malevolas, reforçadas pelo nome, que deriva, como vimos, de *papar*. E é neste estado que principalmente figura.

Nas *Trad. Pop. de Port.*, pp. 297-298, na *Rev. Lusitana,* I, 96, e nos *Ensaios Ethnogr.*, III, 58, citei outros nomes com que se espantam as crianças, e mais se podem ainda citar, por exemplo: A *Preta* (Lisboa)[1], a *Ronca* (Baião[2]), a *Sarronca* (Valpaços)[3], o *Papa-ronquilhos* (Alandroal)[4], o *Gadunha* (ibidem)[5],

---

[1] Cfr. o que digo do *Papão negro* a p. 74.

[2] Dizem as mães: «stá caladinho, senão vem ahi a *Rónca!*». A ronca é um instrumento feito de uma panela velha a cuja boca se prende uma pelle, por onde passa um cordel encerado; a panela é furada pelo fundo, e por ahi se introduz a mão que corre pelo cordel que está fixo pela outra mão. Produz-se um som rouco, que serve para espantar os ladrões nos meloaes, etc.

[3] J. DE CASTRO LOPO, na *Rev. Lusitana,* II, 258. Não se confunda com *farronca,* que significa em Valpaços «fanfarronada», «bravata». A palavra *Sarronca* não tem outra significação, senão a de medo infantil: «Fuja, menino, que vem ahi a *Sarronca!*». — Estas informações foram-me dadas pelo Sr. Lopo.

[4] *Ronquilhos* só se usa nesta expressão, e o povo não sabe o que significa.

[5] *Gadunha* em calão significa «mão»: vid. Beça, *A Giria Portuguesa,* Lisboa, 1901, p. 154. Cfr. *gadachim* «unha» em Ad. Coelho, *Os Ciganos,* Lisboa, 1892, p. 73. Nos diccionarios usuaes, *gadanho* (ling. famil.) «garra», evidente metaphora. O Çaturra, no *Novo Dicc.* e Suppl., cita *gadavanho,* como do Fundão, no sentido de «unha», «mão», «gadanho». Provavelmente, *gadunha* provém de cruzamento de *gadanho* com *unha.* Se bem me recordo, ouvi na Beira a expressão *o Gadunhas,* mas não posso precisar em que sentido.— Comprehende-se que o *Gadunha* se adoptasse para intimidar as crianças, pela ideia de «unha», isto é, «unha grande», que arranhava e fazia sangue. Em algumas terras chamam ao Diabo o *Mafarrico das unhas grandes;* cfr. *Grippi,* nome do Diabo na Baixa Bretanha («qui attrape en griffant,—*gripper* en patois»: P. SÉBILLOT, *Trad. et Sup. de la Haute Bret.,* I, 178).— A expressão *o Gadunha* (*o*

o *Velho das unhas* [1] (ibidem), o *Velho do cobertor* (ibidem) [2], o *das calças vermelhas* (Redondo) [3], e o verbo *ataburrar* (Bragança) [4].

Quer em canções do berço, quer em cantos populares (e por isso com relação a crianças um pouco mais velhas que as de mama), quer soltamente, na falla ordinaria, encontram-se em muitos povos entidades semelhantes, com que se espantam os meninos.

Os Gregos tinham Λάμια, Γοργώ, Εφιάλτης, Μορμολύκη, como diz Estrabão [5]. Os Romanos tinham *Striga*, como póde ver-se em qualquer diccionario [6]. Num texto do sec. XIII, transcrito de Ducange por Diez, lê-se: *lamias, quas vulgo mascas aut in gallica lingua strias dicunt* [7]. Cfr. italiano *strega*, rumeno *strigă*, e o nosso *estria* que se lê num dos manuscritos de uma egloga de Sá de Miranda (sec. XVI) [8].

Gadunhas) é grammaticalmente semelhante a *um unhas (de fome)* «somitico», sovina».— Com o *Gadunha* compare-se *o Velho das unhas*.— Ainda como illustração do assunto, notarei que em Trás-os-Montes *gadunho* é o nome de certo mammifero bravo.— Ha em diversos povos muitas superstições a respeito das unhas: vid. *Mélusine*, II, III, V, VI, nos respectivos indices.

1 Cfr. *Gadunha*.

2 Com o *homem do cobertor* cfr. *Maria da manta*, de que fallo noutro logar d'este trabalho. Sem ser preciso citar os contos populares onde figuram mantas maravilhosas, basta lembrar as nossas expressões populares *manta do Diabo* e *pintar a manta*. Tanto a manta como o cobertor tem, pois, aqui significação diabolica. Mais uma vez se vê que, pelo estudo comparativo das superstições e da lingoagem, aquillo que o geral das pessoas terá por insignificante e sem sentido adquire importancia e se esclarece.

3 Diz-se o seguinte:

O das calças vermelhas,
Que te agarra pelas gadelhas.

4 GONÇALVES VIANNA, na *Rev. Lusitana*, I, 204.

5 *Geographia*, I, II, 8.

6 Cfr. *Striges*, pl. de *Strix*, cit. supra.

7 *Etymolog. Wörterbuch*, I, 310 (4.ª ed.).

8 Eis o texto:

As que nos berços sangue novo aventão
Vierão ter ao meu (chamão-lhe *estrias*,
Que a tantas de crianças arrefentam).

Vid.: *Obras* de Sá de Miranda, ed. de D. Carolina Michaëlis, p. 478, nota (egloga chamada *Encantamento*).

Na Hespanha, a par de *Coco*, que citarei adiante, ha *el Duende*, *el Bu*, *La Mano negra*, *el Moro*, *los Judios* [1]. Na Italia, *il Bau*, *l'Orco*, *la Befana* [2]. Na Belgica, em uma *berceuse*, falla-se do *omme àx poùssìres* («l'homme aux poussières») [3]; em Liége corresponde ao nosso papão o *Knoche-sur-mer* [4]. Na Allemanha diz-se aos meninos que durmam, senão que vem o cão do pastor e morde-o, e tambem: *vae-te embora, cãozinho negro!* (como entre nós *Papão Negro*) [5]; frequentemente se invoca nas canções allemãs a *ovelha*, ou mesmo a *morte* e o *Bubu* [6], e tambem o antigo deus germanico *Wuotan* (= Wodan, Wóden, Odhinn, etc.) e *Frau Holle* [7]. Na Argelia as mães incitam os meninos a dormir, ameaçando-os com o *Beauprêtre*, nome de um coronel do exercito francês de Africa (cfr. entre nós o *policia*) [8]. Em Constantina as mães arabes põem medo aos filhos com o *ogre*, o *preto*, o *ho-*

---

1 Marín, *Cant. Pop.*, I, 16.

2 E. Teza, in *La Cultura*, IV, 276.—A palavra *befana* vem de e p i p h a n i a (pronunc. *epiphánia* «manifestação de Christo», e depois, de modo geral, «apparição», d'onde: «fantoccio che si portava in giro la vigilia dell' epifania»,—apud Körting, *Lat.-roman. Wörterbuch*, 2.ª ed., § 3257. A applicação d'este *fantoccio* á mythologia infantil é naturalissima.

3 *Wallonia*, III, 111. Cfr. II, 186.

4 *Rev. des Trad. Pop.*, XX, 96.

5 Simrock, *Kinderbuch*, pp. 60–61.

6 Vid. Simrock, *Kinderbuch*, pp. 60–74; E. H. Meyer, *Deutsche Volkskunde*, p. 118; *Zs. d. V. für Volkskunde*, V, 214.—Como em allemão *ovelha* se diz *Schaf*, e dormir se diz *schlafen*, concorrendo não raro estas duas palavras na mesma canção, supponho que *Schaf*, como tal, é mera palavra pedida pela rima *schlaf* «dorme»; a ovelha encarnou assim a entidade mythica primitiva. O Prof. K. Weinhold, na cit. *Zs. d. V. f. Volksk.*, V, 214–217, apresenta varios exemplos de palavras provocadas pelas rima em canções d'esta especie; poderá juntar-se-lhes mais este. Em todo o caso a Sr.ª Dr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a quem expus a minha hypothese, diz-me que, para a ovelha aterrar os meninos, é preciso que pelo menos ella seja preta, e citou-me mais esta canção que sabe de cór:

> Schlaf, Kindchen, schlaf!
> Da draussen stehn zwei Schaf(e),
> Ein schwarzes und ein weisses;
> Und wenn das Kind nicht artig ist,
> So kommt das schwarze und beisst es.

Isto é: «Dorme, menino, dorme! Estão lá fóra duas ovelhas, uma preta e outra branca; e se o menino não tem juizo, vem a preta e morde-lhe».

7 E. H. Meyer, *Deutsche Volkskunde*, pp. 120 e 121.

8 *Rev. des Trad. Pop.*, XI, 26.

mem do saco (como entre nós), etc. [1] Na Amazonia, se se invoca, segundo vimos a cima, o *murucututú* (mocho) para trazer sono ao menino, diz-se tambem: *murucututú, vem papar este menino!* [2] Na já muitas vezes citada obra do Dr. Ploss, *Das Kind in Brauch u. Sitte*, vem mencionados muitos factos analogos, que não posso aqui reproduzir por inteiro: *Lilith* nos antigos Hebreus, *Berselia* nos Coptos, *Aal* nos Persas, *Polednice* nos Bohemios, *Mab* nos Escoceses, etc., eram ou são entidades perigosas para as crianças [3].

Assim me parece que se justifica o que eu a cima disse do Papão.

Feitas estas considerações geraes, annotarei agora algumas cantigas em especial.

A repetição de *dorme* no fim do verso primeiro da cant. 82 tem caracter melodico, que provoca o menino a dormir. Os versos finaes apresentam uma apostrophe brusca, que dá grande belleza á poesia.

A cant. 83 já vimos que se relacionava com a 80, e na annotação respectiva disse eu que *madrinha* poderia ter sido primitivamente a Virgem Maria. Da ideia de *madrinha* passou o povo facilmente para a de *tia* e *avó* das cant. 84 e 85. A estructura grammatical d'estas tres quadras é analoga á das 47–61: nos dois primeiros versos, vocativo, seguido de oração causal; nos dois ultimos, narração começada pelo verbo *ir*.

Na cant. 86 o epitheto *novo*, dado ao Papão, é provocado por *velho*. A mesma antithese se nota nuns versos que se dizem ao arco-da-velha ou «arco-iris»: *Arco-da-nova | Arco-da-velha, | Não bebas ahi*, etc. [4]; e numa fórmula que se recita á lua-nova: *Lua-nova | Eu não te vi senão agora; | E quem te fez nova, que te faça velha* | etc. [5] A lingoagem popular offerece varios outros exemplos d'este phenomeno. Na cant. 86 o epitheto *Velho* é manifestamente o primitivo, por causa do caracter malefico do Papão, que fica d'essa maneira sobrecarregado da ideia de velhice, tida por pejorativa, porque tambem são velhas as Feiticeiras, é velho o Diabo [6], e assim por diante. Na mesma cantiga o *lobo*, por poder

[1] *Rev. des Trad. Pop.*, XI, 26.
[2] SANTA ANNA NERY, *Folk-Lore du Brésil*, p. 71.
[3] Vol. I, pp. 111–116.
[4] *Trad. Pop. de Port.*, p. 60.
[5] *Trad. Pop. de Port.*, p. 20.
[6] Na Baixa-Bretanha o Diabo é o *Vieux Guillaume*: SÉBILLOT, *Trad. et Superst.*, I, 178.

devorar gente, está correlacionado de modo muito natural com o Papão.

Nas cant. 87–96 diz-se ao Papão, ou que fuja do telhado, ou que vá para lá. A ideia do telhado condiz perfeitamente com a de Papão, tido por espirito, que facilmente se introduz ou se escapa por entre as telhas, como o fumo:

Delicado é o fumo,
Que passa a telha dobrada...

diz uma cantiga. Tambem o *Pesadêlo*, outra entidade mythica, se alguem consegue agarrar-lhe a carapuça que traz na cabeça, se escapa para o telhado [1]. Pelos buracos do telhado entra a Bruxa quando vae chupar o sangue das crianças [2]. Todas estas ideias se coordenam entre si.

A cant. 97 é mera variante das antecedentes: substituiu-se ahi *telhado* por *cantinho*, mas não sem alguma razão tambem, pois a palavra *canto* tem significação depreciativa: *ponho-te a um canto!* isto é «sobrepujo-te», «venço-te»; *vae-te para um canto, Diabo!* (dizem em algumas terras). Talvez com isto se ligue o vulgar proverbio: *A cada canto — seu espirito-santo.* [3] — O deminutivo *cantinho* usa-se em um jogo chamado «jogo dos cantinhos» (Beira).

Nas cant. 98–99 diz-se que o Papão sáia do loureiro, ou vá para lá. Não pareça singular esta ideia do Papão, espirito correlacionado com o sono, estar pousado em uma arvore. Na *Iliada* lê-se que o Sono, semelhante a uma ave cantora, que os homens chamam κύμινδις e os deuses χαλκίς, pousou no monte Ida, nos ramos de um abeto [4]. Jacob Grimm, que cita este passo, accrescenta que o sol adormece como uma ave que pousa num alamo [5].

---

[1] *Trad. Pop. de Port.*, p. 290.

[2] *Trad. Pop. de Port.*, p. 309.

[3] Divirjo assim da explicação que dá Th. Braga, *O Povo Português*, II, 280. Este suppõe que o proverbio provém de nos Açores haver muitas irmandades do Espirito-Santo. Mas o proverbio é tambem usado no continente, e tem pois caracter geral.

[4] Cant. XIV, vv. 286–291.

[5] *Deutsche Mythologie*, III, 270.

No vestibulo do Inferno havia uma arvore, não do sono, mas dos sonhos, segundo refere Vergilio:

In medio ramos annosaque brachia pandit
Ulmus opaca, ingens, quam sedem Somnia vulgo
Vana tenere ferunt foliisque sub omnibus haerent [1].

A cant. 100 é muito interessante, porque com ella se desarma o Papão, dizendo-se-lhe que elle já não põe medo á criança.

Na cant. 101, *feio* é outro epitheto pejorativo, como *velho*. É natural que as entidades sobrenaturaes que fazem mal sejam concebidas como horrendas: Medusa e Gorgo, na mythologia grega; o Diabo, na christã. Na litteratura latina chama-se *foedus* a Tityo; o rio Galeso, personificado, recebe o epitheto de *foedatus* [2]. Entre nós diz-se tambem: *O Diabo não é tão feio como o pintam;* e ha estas cantigas:

Tira-te d'essa janella,
Que deita para o telhado:
Se julgas ser boa moça,
És *mais feia que o Diabo*.

Os cravos do meu craveiro
'Stão voltados ao telhado:
Tens fama de ser bom moço,
E és *feio como o Diabo* [3].

Na cant. 102, *negro* é epitheto parallelo a *feio*, de que acabo de fallar. Este epitheto dá-se igualmente ao Diabo. Escusado será memorar a importancia da côr *negra* ou *preta* nas superstições: *gallo preto* [4], *gato preto* [5], *porco preto* [6], etc.; já a cima citei tambem o *schwarzes Schaf* ou «ovelha preta» da Allemanha. Por isso a applicação de *negro* ao Papão é naturalissima. Tambem na litteratura latina se encontra *niger* como epitheto de várias entidades mythicas pouco sympathicas: Charonte, Cerbero, etc. [7]

---

[1] *Eneida*, VI, 282–284.

[2] Carter, *Epitheta deorum*, Leipzig 1902, s. vv.

[3] Pires, *Cant. Pop.*, I, n.os 836 e 837.

[4] *Ensaios Ethnographicos*, II, 65.

[5] No Sul julga-se que quando ha um gato em casa, sobretudo preto, o mal que ha de ir para as pessoas vae para elle. Supponho que é por isso, que em geral o povo estima os gatos em Lisboa, e até ha asylos para elles. É um dos casos em que a superstição dá bom resultado! Tambem creio que se origina na mesma superstição o costume meridional de ter em casa, a titulo de ornato, pendurada da parede, a figura de um gato feita de panno preto, cujos olhos são botões de camisa (tenho um exemplar no Museu Ethnologico).

[6] Montaria do *porco preto* em Braga.

[7] Carter, *Epitheta deorum*, Leipzig 1902, s. vv.

Na cant. 103 temos a Côca em vez do Papão, com a mesma intervenção do telhado. Já nas *Trad. Pop. de Portugal*, p. 297, me referi á Côca, personalidade mythica com que se amedrontam os meninos, mesmo independentemente de cantigas, e ahi citei textos do sec. XVI, de Gil Vicente e João de Barros, a respeito do Côco, palavra que representa o masculino de Côca. Outros textos dos sec. XVI–XVII vem no *Dicc.* da Academia, s. v. «acalentar». Tambem o medico judeo-português Amato Lusitano (sec. XVI), referindo-se ao côco indico, diz que este frúto, «como apresenta á superficie depressões que lhe dão o aspecto de uma cabeça de macaco, recebêra o nome de côco com que as mulheres costumavam metter medo ás crianças» [1]. Vê-se d'esta noticia, a qual concorda com a de João de Barros, que no sec. XVI não existia o Côco só na imaginação, como hoje a Côca, mas tinha representação figurada, especie de mascara. Este Côco era decerto analogo ao μορμολύκειον, mascara grega com que se espantavam as crianças [2]. No *Dict. des Antiq. Roman. et Grecques,* de Rich, extraio para aqui (fig. 5.ª) a gravura de uma *larva* ou mascara que ahi é explicada como espantalho de crianças [3]. — Em hespanhol é tam-

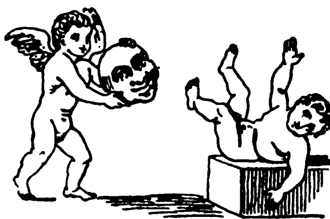


Fig. 5.ª — *Larva* romana

bem conhecido *el Coco,* que vem buscar os meninos *que duermen poco* [4]. Aumentativo da fórma hispano-portuguesa *Coco,* é o gallego *Cocón,* que se encontra em uma canção que constitue variante da hespanhola agora citada [5]. —Apenas como illustração do assunto,

---

1 Maximiano Lemos, *Amato Lusitano,* Porto 1907, p. 58.

2 Com estas palavras se relaciona a entidade Μορμολύκη, mencionada a cima.

3 A *larva* era tambem mascara de theatro. Não sei a razão porque é que no *Dict. des Antiquités,* de Daremberg & Saglio, s. v. «larva», não se falla do espantalho infantil. Não considerou o autor do artigo esta figura de Rich como tal?

4 Marín, *Cant. Pop.,* I, 8 e 15; Olmeda, *Folk-Lore,* p. 40.

5 Ballesteros, *Canc. Pop. Gallego,* III, 93.

e não porque se correlacione com os medos infantis, lembrarei a «*Cóca* ou *Santa-Cóca*, imagem esculptural de um monstro phantastico que se exhibe na festividade de *Corpus-Christi* em Monção»[1]; esta Cóca monçanense é irmã gemea da Cóca gallega, «figura de sierpe que solia ir delante de la procesion del Corpus»[2], e pelo menos parenta da *Tarasque* «sorte de mannequin représentant un animal monstrueux, que l'on promenait, à la Pentecôte et le jour de la fête de sainte Marthe, dans quelques villes du midi de la France, et particulièrement à Tarascon»[3]. — A origem immediata da Santa-Coca é provavelmente a figura do dragão derrubado por S. Jorge, — representação muito frequente na iconographia christã, e por isso exposta aos olhos do povo; a origem remota está em antigas concepções mythologicas de monstros vencidos por heroes.

Na cant. 104, o Papão é substituido pelo Medo, o que se comprehende, pelo caracter geral d'este[4]. — Menos clara é a substituição por *Môça* na cant. 105, porque, como me diz o Sr. Joaquim de Castro Lopo, a quem devo a remessa da cantiga, não se costuma em Valpaços, onde ella se canta, amedrontar os meninos com tal nome.

Cant. 106–112. Em vez de se invocar o Papão, a Côca, o Medo, ou a Môça, invoca-se aqui uma ave em geral, concepção muito natural, visto que ao espantalho dos meninos se attribuiu natureza espiritual. Já na annotação ás cant. 98–99 citei exemplos de povos que assimilavam a uma ave o Sono. Tambem J. Grimm diz do Heidmall (divindade dos Germanos do Norte) que elle tem necessidade de menos sono que uma ave[5], — o que parece manter alguma relação com isto. É sabido que alguns povos concebem

---

[1] Antonio-José de Pinho Junior, *Provincianismos usados em Monção*, s. v. «Coca». — Cfr. tambem Th. Braga, *O Povo Portuguès*, II, 295. — A este proposito usa-se em Monção o seguinte dictado gracioso:

Por causa da *Santa Cóca* rabicha
Perdi o demo da missà!

(em vez de *rabicha* dizem alguns *bendita*).

[2] Valladares y Nuñez, *Dicc. Gall.-Cast.*, s. v.

[3] *Petit Larousse illustré*, s. v. — A *Tarasque* já figura em bilhetes postaes! (comprei um ao passar uma vez na estação de Tarascon).

[4] Cfr. Ad. Coelho, *Rev. de Ethologia*, p. 162; e as minhas *Trad. Pop. de Portugal*, p. 295.

[5] *Deutsche Mythologie*, t. I, 4.ª ed., p. 275.

a alma em fórma de ave [1]. — Nas nossas cantigas do berço, porém, o povo já não liga á ave, creio eu, nenhuma ideia mythica ou supersticiosa; o que se deseja é que a avezinha, com a sua voz, não desperte a criança que dorme. — O *loureiro* é a arvore predilecta de certas aves cantoras; por isso a sua menção tem todo o cabimento nas cantigas. — Estas são ás vezes cantadas como cantigas de amor; e em tal caso a palavra *menina*, que se lê em algumas, refere-se á namorada. Assim a cant. 107 foi ditada por uma mulher que me disse que, posto que tivesse *meninos*, costumava, quando a cantava, empregar a palavra *menina;* effeito do hábito de a cantar como canção amorosa.

Na cant. 113 a ave foi especializada em pombo. Pombos e pombas figuram frequentemente na poesia popular. A canção começa por nominativo, em vez de começar por vocativo, pois termina com apóstrophe (verbo no imperativo). A doce palavra *Zézinho* é uma das fórmas hypocoristicas, e a mais usual, de *José* (tambem se diz *Zeca*). Nesta canção o povo, em vez de *Zèzinho*, póde, como é natural, dizer outro nome, ou simplesmente *menino* ou *menina;* mas deu-se a circunstancia de eu ouvir a canção assim mesma, circunstancia que muito apreciei, por coincidir com o ser o presente trabalho expressamente destinado a commemorar o nascimento de uma criancinha chamada José. — Tambem numa canção do berço allemã, ou *Wiegenlied*, figura um nome proprio: *mein kleines Hänschen* «o meu Joãozinho» [2], e este póde ser substituido por outro, ou por palavras correspondentes a «menino», por exemplo *Mädchen* e *Bübchen*.

Nas cant. 114 a 116 dá-se especialização analoga á que vimos ter-se dado na cant. 111, pois figura ahi o rouxinol, uma das aves cantoras mais apreciadas da musa popular. Perdida a noção primordial de «espirito», ou «espirito-ave», que, ao que parece, serviu de base á concepção do Papão, o povo invocou indifferentemente várias aves, ou a ave em geral; a arvore escolhida póde

---

[1] Vid. *Religiões da Lusitania*, I, 223, nota 1. — Acêrca da concepção da alma como animal (insecto, reptil, etc.), cfr.: Maury, *Croyances et Légendes*, index, s. v. «âme»; Wuttke, *Deutsche Volksaberg.*, 2.ª ed., § 60; Grimm, *Deutsche Mytholog.*, 4.ª ed., p. 690 sgs. e 905; Gubernatis, *Mythologie Zoologique*, II, 224, 228, etc.; Ad. Coelho, *De algumas trad. pop.* (separ. da *Rev. Hispan.*, t. VII), pp. 24 e 60; Tylor, *Civilisation Primitive*, t. I, p. 512.

[2] Simrock, *Kinderbuch*, n.º 217.

ser uma ou outra, já pela importancia que ella tem nas crenças populares, por exemplo o loureiro, a que se attribuem varias virtudes, já pela influencia do metro, como na cant. 116 o *amieiro,* palavra de quatro syllabas. O povo nestas transformações do patrimonio intellectual primitivo procede ás vezes por associação de ideias, como já lembrei: umas cousas pois provocam outras.

Da cant. 117 desappareceu a ave, ficou só a arvore em que ella se sustém: e o povo, assim como nas cantigas antecedentes pensava só no som produzido pela larynge da ave, aqui tem em mente o ruido que o loureiro causa ao bater no telhado, e com o qual o menino póde acordar do seu sono angelico. Cfr. o que da *arvore dos sonhos* se disse na annotação ás cant. 98–99.

118-119. A cant. 118 tem alguns versos hypérmetros, cfr. cant. 145 (com versos falhos). Todavia ha uma canção hespanhola que faz lembrar esta:

Al verte triste y malito
Se me parte el carazon [1].

A cant. 119 deve ter sido na origem cantada (e comprehende-se com que tristeza!) para adormentar um menino doente. Tambem na Hespanha [2] e Italia [3] ha cantigas ao mesmo assunto. Comtudo a nossa hoje é cantada em qualquer circunstancia, sem que se lhe ligue a ideia de doença; foi a informação que me deu quem m'a recitou. — O *rou-rou,* não sabe o povo o que é; mas temos aqui certamente outra personificação do sono, pois que esta neuma serve para infundir sono aos meninos, como vimos na annotação ás cant. 12–13. Tambem numa canção hespanhola *ron-ron* é em certa maneira substantivado: *Echate niño al rón rón* [4]. Em Moncorvo ouvi uma cantiga com *rô-rô,* igualmente substantivado:

O ro-rô foi ao Papão
Por cima do meu telhado:
Deixou o menino a dormir
E o [5] soninho descansado...

[1] Marín, *Cant. Pop.,* I, 6, n.° 21.
[2] Marín, *Cant. Pop.,* I, 6, n.° 21: *Al verte triste y malito* ..
[3] Corazzini, *Componimenti,* pp. 27 e 34.
[4] Olmeda, *Folk-Lore de Burgos,* p. 40.
[5] Sic! mas talvez seja «um» em vez de *e o.*

cujo 1.º verso me não souberam explicar; mas em vista do que digo a cima póde entender-se assim: o rô-rô, i. é, o Sono, foi em busca do Papão, ou atrás do Papão. A neuma *rou-rou* da cant. 119 usa-se tambem em Fozcoa neste ditado: *Rou rou! faça-se o que el-rei mandou;* e em Moncorvo jogam os rapazes um jogo chamado *do rou-rou.* — A palavra *ijarope* significa «xarope» (o *i*- encontra-se tambem no provençal *issarop, yssarop* [1]); é provavel que ella para Fozcoa, onde se usa, fosse da vizinha Hespanha, e reflicta a antiga pronúncia do *j* castelhano em *jarope.* No resto do nosso país diz-se *xarope* ou *enxarope;* nesta ultima palavra a nasal é comparavel á de *Enxarrama,* nome que no concelho de Alcacer-do-Sal dão ao rio Xarrama.

120-135. Do mesmo modo que entre nós, tambem na Hespanha as *coplas de cuna* são umas em redondilha maior, outras em redondilha menor: vid. Marín, *Cant. Pop.,* p. 3 sgs., e Olmeda, *Folk-Lore de Burgos,* pp. 38–39.

Na cant. 120 figura a Môça, como na cant. 105.

As cant. 121 a 124 são variantes de outras já analysadas, onde igualmente entra Santa Anna, os Anjos, etc.

Na cant. 125 repete-se *dormi* como na cant. 59 sgs.

A cant. 126 é muito interessante, porque o Papão é nella substituido por um quadrupede, neste caso a raposa (no plural), que é comparavel ao lobo da cant. 86, e ao cão e á ovelha das canções allemãs, como se disse supra.

As cant. 129, com o Papão, é variante de uma fórmula magica que se recita em varias partes contra o Arco-da-Velha:

Arco-da-Velha,
Sae-te d'ahi,
Meninas bonitas
Não são para ti!

onde *meninas bonitas* talvez seja o ultimo eco de um antigo sacrificio [2]; o povo vae assim adaptando a uns assuntos as fórmas metricas de outras, e conservando sempre uns restos do passado.

---

[1] Cit. por Dozy & Engelmann, *Glossaire des mots esp. et port. dérivés de l'arabe,* Leiden 1869, p. 218.

[2] Effectivamente muitos povos divinizam o arco-iris, personificando-o, e fazem-lhe offerendas (Gregos antigos, Peruvianos antigos, Polynesios, Birmanos, etc.): vid. *Mélusine,* II 110, III 128, X 198; Tylor, *Civilis. Primit.,* I, 336; *Revue de l'hist. des religions,* XXIII, 58 sgs.

Com as cant. 128–131 cfr. a cant. 74 sgs., e estes versos do Alemtejo:

Indo eu por aqui a baixo,
Encontrei Nossa Senhora
Lavando os seus trapinhos
Para o seu rico filhinho:
Nossa Senhora lavava,
S. José estendia,
E o menino chorava
Pelo frio que fazia... [1]

e estes italianos, já citados por Th. Braga n-*O Povo Português*, II, 401:

María lavava,
Giusèppe stenneva,
Ér su' fijo piagneva [2],

todos os quaes assentam certamente em uma base commum, que deve ser de origem ecclesiastica.

Na cant. 133, temos outra vez o *ró-ró*, já estudado. Esta cantiga é muito semelhante a uma de Burgos:

Duermete, mi hijito,
Duermete, mi sol:
Duermete tu, gloria
De mi corazón [3];

esta semelhança é porém meramente psychologica (devida á analogia das situações, do metro e da lingoa) e não historica.

Cantigas 134–135. Ser avó é, como se diz, ser mãe duas vezes. Que admira, portanto, que ao pé do menino surja de vez em quando a *grand'mère* ou *Grossmutter*, em substituição da mãe propriamente dita? A mesma veneranda pessoa nos apparece noutros logares, por exemplo nos n.os 13 (aqui, porém, como avó de quem canta), 144 (imitação da anterior), e 67 (ahi identificada com Santa Anna, mãe da Virgem Maria).

---

1 Pires, *Cant. Pop.*, I, n.º 161.
2 *Rivista di Letterat. Pop.*, p. 175.
3 Olmeda, *Folk-Lore*, p. 39.

136 (*musicas*). Creio que é agora a primeira vez que se publicam musicas genuinamente populares de canções do berço. Falta-me competencia para as annotar. Talvez que do estudo d'ellas, e da sua comparação com musicas congeneres de outros paises, possam colher-se resultados analogos aos que se colhem a respeito das cantigas.

137-140. Estes versos do Archipelago da Madeira foram um tanto modificados na fórma pelo collector; vid. o que eu disse nos *Ensaios Ethnographicos,* II, 314, nota. Os assuntos são os tratados noutras canções já antecedentemente estudadas.

Nos n.os 138-139 os versos do Papão relacionam-se com os que do mesmo se cantam no continente; escuso de repetir aqui o que disse a cima. A quadra final deve ter sido originariamente cantiga de amores, como se vê d'estas que lhe são parallelas em parte:

Fui-me sentar a dormir Ao pé da auga que corre; A auga me respondeu: —Quem tem amores não dorme! [1]	Dêtê-me a dormir um sono Ao pé da agoa que corre; Acordei e ouvi dizer: De mal d'amor's ninguem dorme [2].

140. Vid. o que se disse na annotação da cant. 78, onde tambem se falla de objectos dados de presente ao menino.

141-142. O n.º 141 contém alguns elementos já estudados a cima. O conjunto d'estes versos é um amphiguri; ha muitos na tradição popular analogos a elle.

O n.º 142 constitue tambem outro amphiguri. Conheço uns versos que começam tambem: *Pintasilgo derrabado, | Quem te derrabou?* mas não os posso aqui reproduzir, porque os não tenho á mão.

143. Correlaciona-se com os versos da *Maria-da-Manta,* outra entidade mythica a que me referi na *Trad. Pop. de Port.*, p. 298. A Maria-da-Manta é concebida como um monstro cornigero, com lume nos olhos; evidente transformação de uma antiga divindade.

---

[1] *Trad. Pop. de Port.,* p. 84. Outras versões tem *Fui-me deitar a dormir* no 1.º verso.

[2] Pires, *Cant. Pop.,* I, n.º 1:527.

144-150. Com a cant. 144 cfr. o que se disse na annotação ás cant. 12-13. As neumas dos dois primeiros versos são frequentes nas cantigas populares.

Com a cant. 145 cfr. o n.º 56 sgs.

Com a cant. 146 cfr. o n.º 3 sgs.

Com a cant. 147 cfr. 56 sgs., quanto ao v. 1. O entrar nesta cantiga a ideia de *mamar* é facto raro. Comtudo citei na introducção os versos do romance de D. Silvana, onde a mãe canta ao menino para elle mamar. *Sturiana* está por *Esturiana* = *Asturiana*. Ha outra composição poetica da Terra de Miranda em que apparece um typo popular com o nome de *Sturiano* [1]. A fórma *Esturiano* é do hespanhol antigo: *esa gente esturiana,* em um romance de *Bernardo del Carpio* [2].

A cant. 148 é variante da cant. 140, da Madeira.

A cant. 149 canta-se em Fozcoa, nesta fórma, como estribilho em meio de outras cantigas de amor de redondilha maior (não é canção do berço):

Vamos a deitar,
Vamos a dormir:
Tu levarás a manta,
Eu levarei o candil.

Nella se descreve a ida da familia para o leito, quando um leva na mão a luz que serviu para a ceia, e o outro a manta que trazia coberta, porque esta tem de servir de colcha. Na Beira-Baixa e no Alemtejo *candil* significa uma antiga candeia de ferro ou de lata que se espetava na parede ou se pendurava (no Museu Ethnologico tenho exemplares). O Sr. Gonçalves Vianna dá *candil* como termo trasmontano no sentido de «candieiro» [3]. *Candil* em hespanhol é tambem instrumento de illuminação.

Á cant. 150 corresponde esta de Burgos:

Echate, niño, al ron rón
Que tu padre está al carbón,
Y tu madre á la manteca,
No te puede dar la teta [4].

151. Attenta a vizinhança do concelho de Bragança com a Hespanha, comprehende-se que versos d'este país se cantem no nosso.

---

[1] Vid. os meus *Estudos de Philologia Mirandesa*, II, 280.
[2] Menéndez Pelayo, *Antologia de Poetas Castellanos*, VIII, 21.
[3] *Rev. Lusitana*, I, 206.
[4] *Folk-Lore de Burgos*, p. 40.

152-155 *d.* Estes versos mostram a analogia que as mães estabeleceram entre o seu filho e Jesus, na qual mais de uma vez insisti a cima. Na cantiga 155 *d* ha mais uma allusão a *mamar;* cfr. a annotação á cant. 147.

156-159. Tambem noutros paises ha canções que, embora se cantem ao menino, não são originariamente destinadas a isso: por exemplo na Sardenha [1] e na Hespanha [2].

160. Temos aqui, a par de *nanar,* na fórma *nana,* o verbo *ninar,* na fórma *nina.* No texto de Antonio Prestes, citado no capitulo II da introducção, vimos tambem *nina nana,* o que é muito semelhante ao italiano *ninna-nanna.* Na *Feira dos Annexins,* de D. Francisco Manoel de Mello (sec. XVII), p. 100 diz-se: «Estou *ninando* com esses ameaços, não deixarei de dormir o meu somno descançado».

161-161 *a.* Chamam-se propriamente *cadilhos* os fios que ficam no resto das teias, e que podem servir de barbantes; tal palavra tem pois aqui a significação metaphorica de «embaraços». — Estes proverbios são tirados da vida das tecedeiras, que tanta importancia tinha outr'ora: assim como hoje rara é a casa em que não ha uma máquina de costura, assim d'antes rara era a que não possuia seu tear, o que hoje ainda acontece em algumas aldeias do Norte.

162. Variante das cant. 3-11, já annotadas.

163-164. Variante das cant. 24-28, já annotadas. O uso dos deminutivos é para dar meiguice á lingoagem, por se estar fallando com crianças.

165. Variante da cant. 165, já annotada. A differença é apenas dialectal: num caso *embalar,* noutro caso *embanar;* num *nanja* (= nã + já), noutro *e não.*

166. Correlaciona-se com a antecedente. Os dois versos finaes são variante dos da cant. 100. Como já notei, o povo applica frequentemente a mesma fórma a varios assuntos.

---

[1] VIVANET, apud CORAZZINI, *Componimenti,* p. 19 sgs.

[2] OLMEDA, *Folk-Lore de Burgos,* 39. — Cfr. o que eu disse na introducção, quando fallei da bibliographia da Catalunha.

167. Variante da cant. 32, mas mais perfeita quanto ao ultimo verso, que na cant. 32 apresenta hiato.

168-169. A cant. 168 é variante das cant. 39-45. A mulher que m'a recitou disse a principio que não ligava ideia á cantiga; instada, respondeu que se dava o menino aos Anjos «por ser bem empregado». Na cant. 169 a mãe desnaturada deseja que o menino lhe morra! Esta ideia, porém, supponho, que não é a primitiva, em vista das considerações que apresentei na annotação ás cant. 39-46. Apparece agora aqui novo personagem: Santo Antonio, tão querido do povo.

170. Variante das cant. 59-61, 47 sgs., etc. Em vez de *fontinha, reguinho,* etc., temos aqui *ribeira*. A neuma *ó-ó* apparece nas cant. 122 e 134; já na introducção se disse que *fazer ó-ó* é synonimo de «dormir» em lingoagem infantil.

171. Creio que ha uma cantiga de amores semelhante a esta na fórma, mas não a posso aqui reproduzir. Nesta cantiga se vê mais uma vez a assimilação que as mães fazem do seu menino com Jesus.

172. Aqui *Lapa* é a *Lapa de Belem* ou a *Lapinha,* onde, segundo a crença, nasceu Jesus. Parece que o povo chamou *lapa* ao coração, por metaphora, se *da Lapa* não se liga grammaticalmente com o verso anterior, isto é *Menino-Jesus da Lapa*.— Tambem em cantigas profanas se pede da merenda, como nestas de Fozcoa, em dialogo:

— *Dá-me da tua merenda*
Um bocadinho de pão:
Eu vou para o Limoeiro,
Eu te trarei um limão.

— Traz'-me de lá um limão
Do limoeiro azedo,
Para tirar o fastio
A quem m'o causou tão cedo [1].

Nellas faz o povo trocadilho de *Limoeiro,* a prisão de Lisboa, com *limoeiro,* arvore.—A musa popular fluctua assim entre as mais variadas ideias: de uma cantiga de amores aproveita um verso para uma cantiga religiosa; e esta, desvia-a do seu sentido original para a applicar ao berço.

1 Ou: *A quem me casou tão cedo.*

173. A mesma correlação entre o profano e o divino, que observámos na annotação anterior, a tornámos a observar aqui, pois que no Alandroal tambem se canta uma cantiga amorosa cujos dois versos iniciaes são iguaes aos d'esta:

De Lisboa me mandaram
Quatro peras num raminho:
Como eram frutas novas,
Comeram-nas no caminho!

174. Nesta cantiga ha allusão a *S. José*, transformado porém em *José*. — Quanto á fórma, cfr. as duas seguintes:

— Ó minha pombinha branca,
Que é da fita do chapeu?
— Tenho-a na minha gaveta,
Ó meu seraphim do céu [1].

Ó meu amor, quem te deu,
A fita para o chapeu,
Que t'a queria eu dar
Azulzinha, côr di o ceu? [2].

175. Cfr. as cant. 57 e 128–131, já annotadas.

176. Cfr. as cant. 92–96, já annotadas. A ideia nova que a cant. 176 apresenta, é dizer-se ao Papão que se esconda.

177-178. A *Farronca* é outra entidade phantastica com que se espantam os meninos [3]. Estas duas cantigas manifestam dois aspectos de tal entidade: cfr., quanto ao Papão, a cant. 82.

179. Estes versos constituem propriamente duas quadras: uma, igual á que tem o n.º 106; outra, provocada por ella.

180. Variante da cant. 87–90. O povo, como vimos, identificou o Papão com a ave; e o que diz d'aquelle póde pois dizê-lo d'esta, e ás avessas.

Do estudo que acabo de fazer conclue-se que nas nossas canções do berço existem elementos communs ás canções de outros povos. D'estes elementos, uns são muito geraes, por exemplo as

---

1 Pirés, *Cant. Pop.*, II, n.º 4:523.
2 De Fozcoa.
3 Vid. *Trad. Pop. de Portugal*, p. 297.

fórmulas do começo (cant. 47 sgs.), e por isso dependem, não de circunstancias historicas, mas de condições psychologicas, isto é, da uniformidade primordial do espirito humano; outros devem ter uma e mesma origem, por exemplo aquelles que reflectem as crenças christãs. A semelhança entre algumas canções portuguesas e hespanholas explica-se por transmissão directa. Outras semelhanças, quer entre estas, quer entre as nossas canções e as de varios paises da Europa extra-peninsulares, dependerão de relações ethnicas antigas.
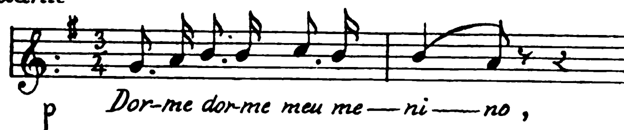
Não é possivel determinar se da primitiva poesia dos Lusitanos, que deviam possuir canções do berço, ficaram vestigios. Da poesia dos Romanos é provavel que haja reflexos, pois que o especialissimo vocabulario relacionado com a vida das crianças apresenta ainda *ama, bum-bum, pápa,* que vem de palavras da lingoagem infantil romana; alem d'isso a nossa lingoa é a latina, e tendo-se conservado a fórma ou molde dos pensamentos, natural é que estes não se perdessem de todo. Talvez o Côco, com que se espantavam os meninos no sec. XVI, fosse modelado na larva. A par de seres beneficos, devidos á acção do Christianismo, — os Anjos, a Virgem e os Santos, — temos o espirito sinistro do Papão, com as suas variantes, e a Maria-da-Manta: e ninguem, lendo as respectivas cantigas, deixará de voltar os olhos para as velhas mythologias, e ahi buscar em parte os protótypos de taes entidades.
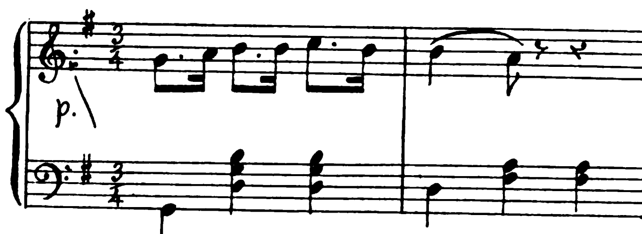
Acceitem-se, porém, ou não, todas as deducções que tirei no decurso do meu trabalho, fica entretanto plenamente provada a antiguidade das nossas canções do berço, e a importancia que ellas tem para o conhecimento e apreciação da vida do povo português, que ahi deixa entrever caracteres moraes, aptidões artisticas, processos psychologicos, lingoagem, usos, crenças e sentimentos. Se nas canções ha elementos que, segundo mostrei, vieram de longe, ha muitos outros que lhes pertencem como proprios; e em todo o caso a fórma poetica é genuinamente nacional.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

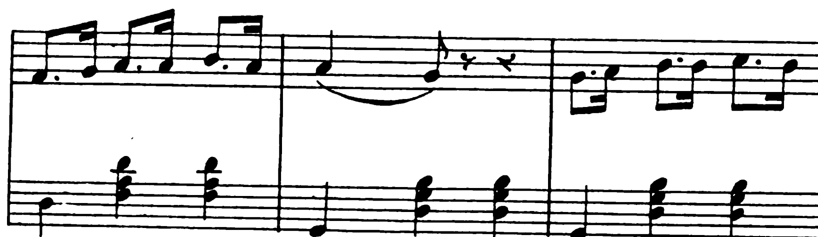
Canção maternal (Do Minho)
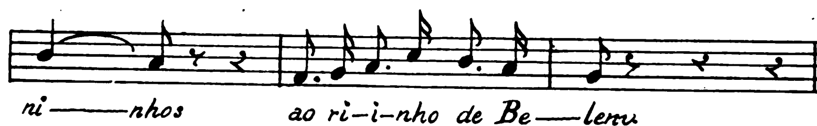
Andante
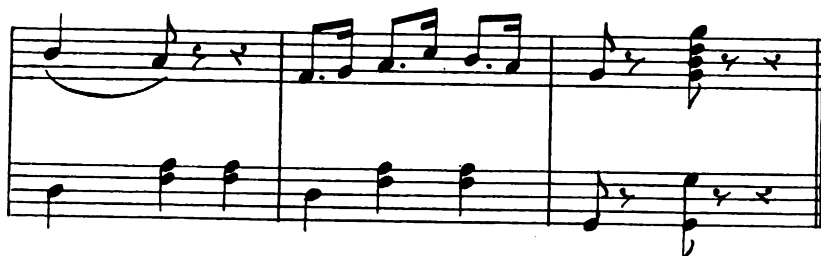










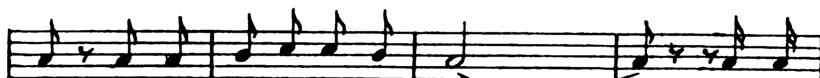


Canção do berço (De Bragança)

Andantino
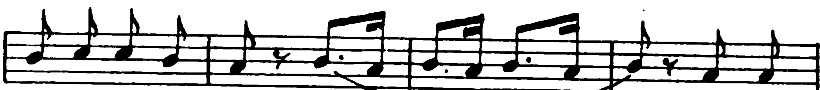


Ca-la, ca-la, meu me-ni-no, qu'a mãe-sinha lo-go
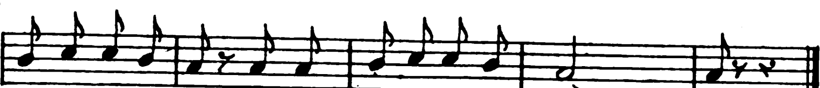


vem qu'a mãe—si-nha lo-go vem————. Foi la—



var os teus pa-ni-nhos á fon—ti-nha de Be-lem á fon—



ti-nha de Be—lem oh———————— á fon—



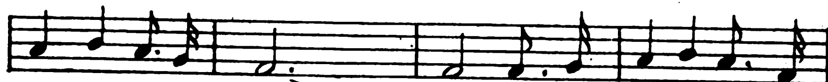
ti-nha de Be-lem á fon—ti-nha de Be-lem————.

Canção do berço (De Chaves)

Andantino



Ca-la, ca-la, meu me-ni—no——, qu'a mãe-



si—nha lo-go vem————. Foi la—var os teus pa—



ni—nhos——— á fon-ti-nha de Be—lem————.

Canção do berço (Trás-os-Montes)

Andante

Soprano

Quem tem me—ni—nos pe—que—nos por

for—ça qu'ha de can-tar. Quan—tas ve-zes a mãe can—ta com

von——ta—de de cho—rar! Quan—tas ve-zes a mãe

can——ta com von—ta—de de cho—rar!

Canção do berço (De Elvas)

Andante

Soprano

Quem ti-ver fi-lhos pe—que——nos por for-

ça qu'ha de can-tar——. Quantas ve-zes can-ta a

mãe con von—ta—de de cho—rar——! oh!

Canção do berço (De Foz-Côa)

Andante

Soprano

Rou—xi—nol do bi-co pre—to rou-xi-

nol do bi-co pre-to deixa a ba—ga do lou—rei—ro. oh—

—ó, oh——ó. Dei—xa dor—mir o me-ni-no dei-xa dor—mir o me-

ni-no, qu'está no som-no pri-mei-ro. oh——ó, oh——ó.

Canção do berço (De Castello Branco)

Adagio

Soprano

Jo—sé, em-ba-la o me—ni—no, que a

sua mãe lo—go vem— que a sua mãe lo-go

vem—. Foi la—var os co—ei—ri—nhos á

fon—ti-nha de Be-lem— á fon—ti-nha de Be-lem—.

Canção do berço (De Coimbra)

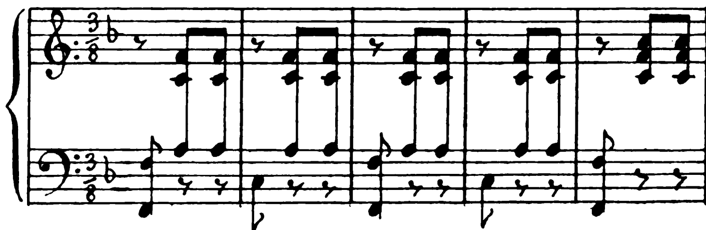
Lento
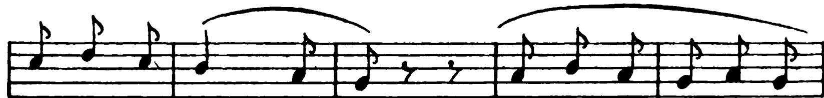
Soprano
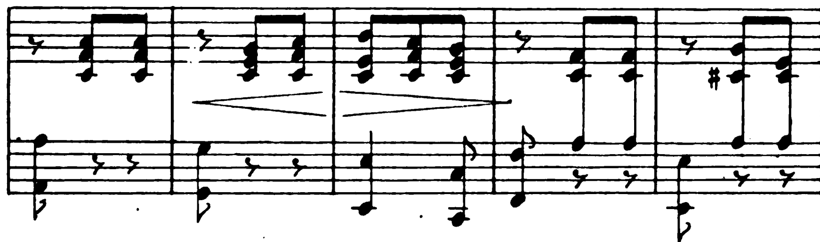


p. O' pa-pão vae t'em-bo——ra de ci-ma

Piano
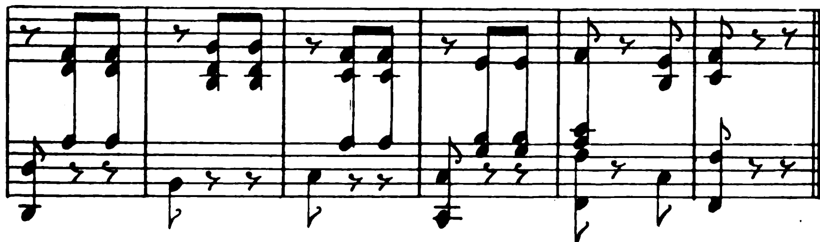




des—se te—lha————do. Dei-xa dor-mir o me—
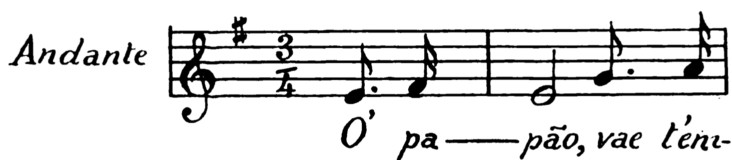


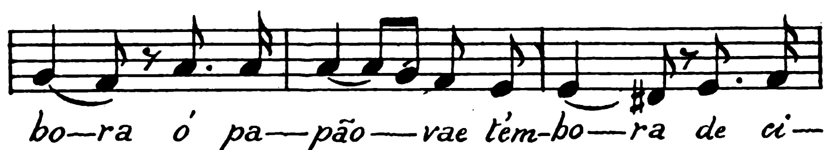


ni——no o som—ni—nho des—can—sa———do.
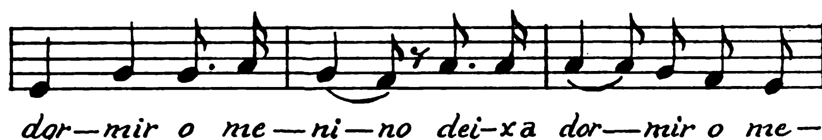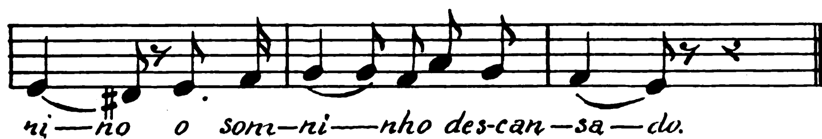


Canção do berço (Da Estremadura)











Cantiga para embalar meninos (Do Algarve)

Andante

Soprano

Vae têm-bo-ra pas-sa-ri-nho vae tem-bo-ra pas-sa-

ri-nho dei-xa a ba-ga ao lou-rei-ro——— dei-xa

ba-ga ao lou-rei———————ro. Dei-xa dor-mir o me-

ni-no dei-xa dor-mir o me-ni-no qu'es-tá no som—no pri-

mei-ro——— qu'es-ta no som-no pri-mei——————ro.

Outra variante do Algarve

Adagio

Soprano

Vae têm-bo——ra——pas——sa ri———nho, dei-

xa a ba-ga ao lou-rei———ro———. Dei-xa dor——mir——o——me-

ni———no——, qu'es-tá no———som—no pri-mei——ro———.

VOCABULARIO ALEMTEJANO

(Continuação do vol. IX, 167-176)

E

esgalamido, exinanido, magro, debilitado.
esgallinhar, escarafunchar, esquadrinhar.
esgarnacha, (fazer —), quebrar loiça, e partir madeira.
esgarnachar, esgarrar, e quebrar.
esgarrada, desgarrada.
esgravêlhos, garavetos.
esgravulhar, esgarabulhar.
eslavaçado, aguado.
esmalmado, esfalfado.
esmaiar, desmaiar.
esmartoçado, pisado, esmagado.
espaciosa, espaçosa.
espalbarice, ostentação.
espannejôr, espannejador.
espanidôr, espannador.
esparraguêra, planta do espargo.
espartão, esteira de esparto.
espatarrado, estendido.
espavilado, esperto.
espeçada, anspeçada.
espéce e **espécia**: especie.
espedir, despedir.
espelhente, espelhento.
espelicar e **despelicar**: explicar.
espengarda, espingarda.
espiço e **'spiço**: hospicio.
espifar, destruir.
espilrrar, esparrinhar.
espilrrar, espirrar.
espilrro, espirro.
espinha, zanga, odio (ter *espinha* a alguem).
espir, despir.
espiração (arch.), aspiração.
èspital, **èspetal**, **èsprital** e **'spital**: hospital.
esporretear-se, esportular-se.
espravéla, pernas á *espravéla*, descobertas, nuas.
espravoado, esparvoado.
espretalhão, expertalhão.
espreteza, experteza.
esprezar, desprezar.
espriencia e **insprienoia**: experiencia.
esprito (arch.), espirito.
esquiar e **'squiar**: tosquiar.
esquila e **'squila**: diminutivo de chocalho.
esquilão e **'squilão**: aumentativo de chocalho.
esquiparate e **caparate**: escaparate,

estabalcer (arch.), estabelecer.
estalage e **estalaja**: estalagem.
estâmago (arch.), estomago.
estamento, testamento.
estanfrir, transferir.
estanto, instante (a todo o *estanto)*.
estapôr e **estipôr**: estupor.
estârôcâdo, destemperado, arrebatado.
estátula, estatua.
estassalhar, partir em pedaços.
estendarte (arch.), estandarte.
estêrina, estearina.
esterrado, desterrado.
estifazer, satisfazer.
estifação, satisfação.
estefêto, satisfeito.
estilhas (arch.), astilhas.
estilla, destillador.
estinto, instincto.
estio, magro, delgado.
estôrno, transtorno.
estortegão, estorcegão.
estrabuchar, estrebuchar.
estrafegar, destruir.
estralar (arch.), estalar.
Estramôres, Estremôris, Estramôs e **'Stramôri**: Estremoz.
estrampar, estercar, defecar.
estranquelhão, (de —) escantilhão.
estransbordar, trasbordar.
estrêli, esteril. *(Anno estrêli)*.
estrellas-do-norte, certa planta de jardim, de flores amarellas.
estrelúque, fluxo do ventre.
estremalhar, tresmalhar (o gado).
estremontado e **estramunhado**: estremunhado.
estrevaria, estrebaria.
estriado, (moço bem —) guapo, bem parecido.
estribuir, distribuir.
estrovar, estorvar.
estruir, destruir.
esvêcer, esvaecer.
étigo e **éteco**: hectico.
expermir, exprimir.
extenguir, extinguir.
extrucção e **enstrucção**: instrucção.
Êzidôiro, Zidôiro e **Ezidoiro**.
Êzidro.
êzirpula e **êzirpéla**: erysipela.

F

facataz, fatacaz.
facatura, factura.
fácel, facil.
fácelmente, provavelmente.
facenda, fazenda.
fâchâca — *metter fâchâca:* brilhar na conversação — ter graça.
facia, face.
fâcinhas, almofadas da cama.
faiúpa, fagulha.
falar, (ter relações amorosas). Elle *fala* com fulana.
falca, bocado de pão.
faldra, fralda.
falescer (arch.), fallecer.
famila e **familha**: familia.
fanfar, fanfarrear.
fantesia, graça, belleza.
farçolêro, farçola.

farfúncias, trabalhos extraordinarios e intricados.
Farnando e **Farnandis.**
farrajal, forrajal e **ferrajal**, ferragial.
farnezim, frenesi.
fârrôpêro, guardador de farropos.
fartão e **fartóte**, fartação.
fartulento, flatulento.
fataria, muito fato.
faternidade, fraternidade.
favrica, fabrica.
febrêro, fevereiro.
Fecencia, Vicencia.
fecinho, focinho.
fegura, figura.
felamengo, flamengo.
felástrêro, forasteiro.
Febrónia, Feveronia.
felecidade, felicidade.
felôr, flor.
felôrête, florete.
felôrído, florido.
felustrías, momices.
fenáite, deliquio.
fendola, fenda.
fengir, fingir.
ferío, frio.
fermoso (arch.), formoso.
fervrôr, fervor.
ferquente, frequente.
ferrage, ferragem.
ferruge, fuligem e alfôrra.
fertuna, fortuna.
festôr, homem presumido.
festra, fresta.
feturo, futuro.
fevra, febra.
fevre, febre.
fgaça, fogaça.
fiáldade, fidelidade.
flampágem, frandulagem.
flampalhos, farrapos.
filhuação, filiação.
finoiro, finorio.
finónimo, phenomeno.
fintar, levedar.
finuria, finura.
firido, ferido.
firir, ferir.
fisolofia, philosophia.
fissico (arch.), fisico.
flagante e **fragante**: flagrante.
flaita, flauta.
flaite. (Num *flaite:* num ápice, num momento.
Flециana.
flémes, petrechos.
Flizardo.
fliz, feliz.
Floména, Foména e **Fillusména.**
florecer (arch.), florescer.
florizinhas, florinhas.
fluminante, fulminante.
folgo, folego.
folhagem, folhado. (Metter *folhagem:* empregar muito palavreado).
fôito, afoito.
fonção, funcção.
fondiça, ourina e borregada (excremento de borregos) em que se mette a roupa branca para desapparecerem as nodoas.
fondura, fundura.
fongar, fungar.
fontanairo, fontenario (marco *fontanairo*).
fontanéca, fontainha.
forçura, fressura.
foronha, fronha.

furmento e **frumento**: fermento.
forrinho, deminutivo de forro.
forrolho, ferrolho.
fôfes, **fôfres**, **fôsfaros**, **fôsques** e **frosques**: fosforos.
Fracisco.
francesices, francesismo.
franguinho, frangainho.
friginada, fritada.
Frizardo, Felizardo.
fromiga, formiga.
froteficar, fortificar.
fruita (arch.), fruta.
fumacêra, fumarada.
furminante, fulminante.
Furmino e **Ferimino**.
furrugento, ferrugento.
furtêro, fruteiro.
Furtuoso, **Fertuoso** e **Frituoso**: (Frutuoso).
furver, ferver.
futriquêro, dono de futrica.

G

gadelha, guedelha.
gadelha, questão. (Estive *á gadelha* com F.).
gaizar, ajaezar.
galerim, galarim.
gálguear, galgar.
galhabano, galhardo, bizarro.
gallarucho, gallo pequeno.
galleguices, gallegadas.
gálrrêjos, sons gutturaes das crianças de mama.
ganadêro, nome generico applicado a todos os guardadores de gado.
ganguear, bambalear.
gánhária, malta de ganhões.
gardanapo, guardanapo.
garganêro, glutão.
gargolito. Lá vae aquelle *ao gargolito: á matadella* do bicho, a beberricar.
garrêas, disputas.
garrêro, guerreiro.
garulhada, grulhada.
gasalho, agasalho.
gástica, gastrite.
gavações, gabos.
gavar, gabar.
gavelas. Estar nas *gavelas*. O presunto está *nas gavelas:* quasi acabado. (Será *gravela?*— bagaço sêco da uva).
gavilha. *Fazer gavilha:* ter convivencia ou relações intimas com qualquer.
gavinete, gabinete.
Gavino.
Gavriel e **Greviel**.
geinte, gente.
geitozinho, deminutivo de geitoso.
gemea, gemma (do ovo).
genaro, genero.
genevra, genebra.
gengar, gingar.
gengives, gingivas.
Genlro, genro.
genorosidade, generosidade.
genteada, gentalha.
gésta, giesta.
Gestrudes, **Getrudes** e **Estrudes**.
gila, chila. (Abobora de casca verde para doce).
ginela e **genela**: janella.
glantria, galanteria.
Gliberto.
glora, gloria.

gloriossa (arch.), gloriosa.
Gódiana e **Gudiana,** Guadiana.
gómito, vomito.
gommar, engommar.
gorgogear, regorgear.
górpêlha, golpelha.
gorvata, gravata.
graces, graças. (*Graces a Dês*).
Gracia (Garcia).
gradelem, gredelem.
grandessissimo, superlativo de grande.
grantia, garantia.
grão-de-milho, homem muito baixo de estatura.
gravanadas, chuvas fortes e de pouca duração.
gravinête, bobinete.
gravito, melhoras na doença. (Vae tendo algum *gravíto*).
grilanda, cimalha.
Grisante, (Chrysanto).
Grizostimo.
grossalhôna, grosseira.
guerande, grande.
guerganta e **graganta,** garganta.
Guergorio e **Grigorio.**
guerlandías, galantarias.
guerlas, guelras.
Guimar.
Guiteria (Quiteria).
guizalhada, som de guizos ou cascaveis.
gunfar, gemer em voz baixa.
gurita e **górita:** guarita.

H

Hanrrequeta.
havito, habito.
heredade, herdade.
Hermina (Herminia).
hervação, hervagem.
Hilaro.
himmorroides, hemorrhoidas.
hirege, herege.
Hirmógino (Hermogenes).
histoira, historia.
home, homem.
honte, hontem.
horroso, honroso.
hortejo e **hortinha:** pequena horta.
hortense, hortensia (planta).
hostaria, hospedaria.

I

icharia, ucharia.
ilhós, ilhó.
Ilêna.
iloquente e **enloquente:** eloquente.
imbirrar, embirrar.
imediatamente e **emmediatamente:** immediatamente.
immolmentos e **imolmentos:** emolumentos.
immondice e **emmondice:** immundicie.
imores, humores.
impestar, empestar.
impliquitente, difficil de contentar.
implusso, impulso.
impocrita, hypocrita.
imposturice, impostura.
impregado, empregado.
impurdencia, imprudencia.
inágora, inda agora.

incantar, encantar.
Incarnação.
increquilhar, encarquilhar.
incrivle, incrivel.
indíce, indicio.
indrêtar, endireitar.
indurcido, endurecido.
inffectuar e **enffectuar**: effectuar.
infirmidade e **enfrimidade** (arch.), enfermidade.
ingrimanças, engrimanças.
inguelês, inglês.
inhorança e **inorança**, ignorancia.
inhorar e **inorar**, ignorar.
inlêção e **enlêção**: eleição.
Inófre, Onofre.
inrreflexão, irreflexão.
inrritar, irritar.
Inselmo.
insêssos, excessos.
intigamente, antigamente.
intiqueta, etiqueta.
intrincados, intricados (trabalhos *intrincados*).
intromettido, entremettido.
inutel e **ênutel**: inutil.
invasiva, evasiva.
inviar (arch.), enviar.
invicionado, apaixonado por qualquer cousa.
inzatamente, exactamente.
Inzebio e **Anzebio.**
inzento, isento.
irmida (arch.), ermida.
irrar, errar.
irzípula, **êrzipéla** e **zerpéla**: erysipela.
isço, isso.
iódio, iôdo.
iss'sim! isso sim!

J

Jacintro.
jajemim, jasmim.
janalosías, gelosias.
janêta, ginêta.
Jão e **Joham.**
jaral, geral.
jardnêras, moñas.
jarguncho, zaguncho.
jarselim, gergelim.
jaspa, jaspe (jaspas de neve).
Jásu-Christe, **Sássu-Christe** e **Xassu-Christe**, Jesus Christo.
Jasuina.
Javier, Xavier.
Jaimes e **Jáme.**
jentar, jantar.
Jenuairo e **Jenhuáiro.**
jericó, jardim pequeno.
Jerolmo, **Jirolimo**, **Jerolimo**, **Juronomo** e **Jurolimo.**
jásuita, jesuita.
Jequina e **Jóquina.**
jimento, jumento.
jolga e **joldra**, choldra.
joncal, juncal.
jontar, juntar.
Jóquim, **Jôquim** e **Jaquim.**
Jórze, Jorge.
juar, jejuar.
jum, jejum. (Dia de *jum*).
jubão, jibão.
Junior, Julio.
jurdição, jurisdicção.
Jurománo, Germano.
justiadinho, justinho.

L

labis-home e **lambishome**, lobishomem.

labutação, intimidade, privança.
lácar, lacre.
lacha, vergonha. (Não tem *lacha* nenhuma).
ládranzána, aumentativo de *ladrão*.
lafárgas, mariola.
lágia, lage.
lagrimas de Jó, certa planta de jardim, de flor branca e encarnada.
láima de terra, grande quantidade de terra.
Laiola, Loyolla.
lambaruço, homem grosseiro.
lambecricas, cãozinho fraldiqueiro.
lamboque, homem gordo.
lambuçar, lambusar.
lambuje, lambujem.
laméda, alamêda.
lançol, lençol.
Landroal, Alandroal.
langanhóso, languinhento.
langarás, armadilha, laço.
languisboia, lambisgoia.
lanisco, lanigero (gado *lanisco)*.
lapachêro, lamaçal.
lá p'ra no Domingo, lá para o Domingo.
largato, lagarto.
lascar, defecar.
lascarim, velhaco.
lavardor, lavrador.
lavareda, labareda.
lavarintho, labyrintho.
lazarar, choramigar.
le (arch.), lhe.
lecença, licença.
lecre, leque.
lêinha, lenha.
lember, lamber.
lempeza, limpeza.
lendeza, lindeza.
lendinho, deminutivo de *lindo*.
lemite, limite.
Lesboa, Lisboa.
Lêtério, Eleuterio.
letria, aletria.
lêteras, letras.
Lexandre e **Lixandre**: Alexandre.
'Lhá-lá! olha-lá! (Interjeição exclamativa).
Lianor, Leonor.
Libâna, Libania.
libaral, liberal.
liberdez, liberdade.
libradade, livradade e **libardade**: liberdade.
lícia, licença. (Com *licia*. Do latim licet).
lila, certa planta de jardim, de flores brancas.
Limtejo, Alemtejo.
lindêlhos, embustes, mexericos.
lingoariça e **longariça,** linguiça.
liusonjêro, lisonjeiro.
Liría; Leiria.
liró, catita.
listra, lista.
litaráto, literato.
litrêro, letreiro.
liverar, livrar.
livra (arch.), libra.
lixuria, luxuria.
lizio, lizo,
lobêro, variedade de trigo rijo.
loje, loja.
lonjura, longitude.

lorcas, ventas.
Lôrenço e **Lairenço**: Lourenço.
lóres, lóros, torcicollos.
lovar, levar.
lote. (Do *lote* de fulano: do tempo de fulano; da sua idade, etc.).
luada, certa doença em crianças.
lumareu, aumentativo de lume.
luminho, diminutivo de lume.
lucaro, lucro.
luiva, luva.
lumiar, alumiar.
lusque-fusque, lusco-fusco.

M

maça, tubo da roda do «carro alemtejano».
macaròvia e **saragacina**: planta.
machóca, embrulhada, confusão, intriga.
macna e **mánica**: machina.
macla, macula.
Madanela, Magdalena.
madorra e **madorna**: modorra.
Madril, Madrid.
madrinhado, bàtizado. (A Maria está convidada para um *madrinhado).*
maginação, imaginação.
maginar, imaginar.
magrão, pernil do porco.
mãifestar, manifestar.
maiorro, marroio.
mais, mas.
manjaricão, mangericão.
manjarico, mangerico.
mâjârico, mangerico.
mal / **mel** / **mi** } mil (em próclise): { Tres *mal* rés. / Tres *mel* rés. / Tres *mi* rés.
malandrage, malandragem.
malanquêras, maluqueiras.
malazengo, adoentado.
maldichano, maldito.
maldiçoar, amaldiçoar.
malha-eterna, crochet.
malina surda, certa doença.
malmente, principalmente.
malvarisco, malvaisco.
maminho, meiminho (dedo *maminho).*
mançaroca, maçaroca.
mancipal, **monocipal** e **muncipal**: municipal.
mancipar (arch.), emancipar.
Manel, **M'nel** e **Mané**: Manoel.
manga, grande chocalho para vacas.
manheim, manhã.
mánica, machina.
manificencia (arch.), magnificencia.
manigite, meningite.
manilha, intelligente, vivo, habil. (O Joaquim é um *manilha).*
mánita e **manzita**: deminutivo de *mão.*
manjor, major.
mantrimonio, matrimonio.
manzêra, rabiça do arado.
marafim, marfim.
marafolho, millefollio (erva).
Marçalino, Marcellino.
marear, caminhar em determinada direcção.
marge, margem.
margulho, mergulho.

Maria-de-Borba, mulher preguiçosa.
maribundo, moribundo.
Màriço, Mauricio.
Mari-Clara, Maria Clara.
marinha e **meirinha**: lã marinha.
mariolête, deminutivo de mariola.
marófona, marafona.
mármol, marmore.
màrmurar e **mermurar**: murmurar.
marmurar, murmurar.
marotinho, lenço pequeno de assoar.
Marquinhas, Mariquinhas.
marrafaçal, sarrafaçal.
marraús, pontas dos madeiros.
marrocate, pão de centeio.
marracatêros, homens do baixo povo.
martaficio e **matraficio**: maleficio.
mártel, **márteri** e **márten**: martyr.
marteléro, mau caçador.
martinhêra, murtinheira (arbusto).
Martís, Martins.
marzia, orvalho.
más, mais.
màzão, aumentativo de mau.
mastade e **maestade**: majestade.
a mata-mata, apressado.
mata-piolhos, dedo pollegar.
matrafim, matagal.
matrial e **metrial**, material.
Matildes, Mathilde.
matapulga, saragacina (planta).
mazulca, mazurka.
m'dir, medir.
mecanismo, machinismo.
mêção, menção.
medida de Vêros (Veiros), medida avantajada.
Megildo e **Emelgidio**: Hermenegildo.
mégra-cão, certa trepadeira de jardim.
méiste (em próclise), mestre. *(Meiste Zé* — mestre José).
melcatrefe, melquetrefe.
menguadas, minguadas. (Horas *menguadas).*
meniciosamente e **municiosamente**: minuciosamente.
mêntis, mente. (Trago-o na *mentis:* no pensamento).
menza, mesa.
menzinha, deminutivo de «mesa».
mercer, merecer.
merlo, melro.
meringue, vaso de barro para agua.
mermurial, memorial.
merzicordia, misericordia.
meseria, miseria.
messagêro, mensageiro.
messiva, missiva.
mesterio, mysterio.
mestura, mistura.
michano, mosquito.
mijadôro, ourinol.
mija-mansinho, homem debil, fraco.
mijancêra, ourinadela.
mijona, certa casta de uva.
milhor (arch.), melhor.
mimoira, memoria.
mimoria e **mimóira**: memoria.

mingacha, mingacho.
ministrador: (arch.), administrador.
mintigar, metigar.
mintir, mentir.
mintira, mentira.
misarável, miseravel.
miscambilha, trapalhice.
miscôtar-se, assenhorear-se.
missar, missal.
mítara, mitra.
mixiricos, mexericos.
mixurdia, mixordia.
moage, moagem.
modos, *a modos que*, pelos modos...
m'nha (em próclise), minha. *(M'nha mãe).*
m'nina, menina.
mochila (giria), ladrão.
mogango, moganga.
mòlhada, malhoada (enredo).
mono, fazenda de commercio que não tem extracção.
monquita e **moquita:** corrimento do muco do nariz.
montrasto e **mentraste:** mentastro.
móral e **moiral:** maioral. *(Móral* das mulas).
mór, amor, na frase: por *mór* de.
morquelho, bocado.
morquelhinho, bocadinho.
morquês, sem pêlo nas partes vergonhosas.
morragia, hemorrhagia.
mortefuge, certo insecto.
moscoso, mosqueiro. (Gado *moscoso).*
mosquêra, logar onde ha muitas moscas.
mosquêro, negrilho (arvore).
movilha, mobilia.
mramelo, marmelo.
mramita, marmita.
mrecê, mercê.
mucipio, municipio.
muguino, burro. (De Muguino: burro preto?)
multipricar e **munteplicar** (arch.): multiplicar.
munto e **munta:** muito. *(Munto* bem. *Munta* bruto).
munturo, monturo.
murgenar, muginar e **murjar:** chover miudinho. (Será corrupção de *merujar?* — Merugem: rega que reduz a terra a um pantano).
murta, multa.
murtar, multar.
músca, musica.
musgar, chamuscar. *(Musgar* o porco).

N

ná / **nã** / **nom** } não (em próclise) { *Ná* havia tempo. / *Nã* quero. / *Nom* é preciso.
nacedío,-a, adjectivo, nativo. (Agua *nacedia).*
nacença (arch.), nascença.
nacer (arch.), nascer.
nacente, nascente.
Nacléto e **Nacréto:** Anacleto.
nafil, anafil.
naipêra, multidão de naipes (no jogo).
nalga, nadega.
nalgatoiro, nadegas.
namoriscar, namoricar.
narte, quinhão. (Leva bom *narte).*
nasarca, anasarca.

Nastacio, Anastacio.
Natreza, Anna Theresa.
navidade, novidade.
necidade, necessidade.
necitar, necessitar.
Neo'lau, Nicolau.
negoço, negocio.
negrigencia, negridão.
nêja, nanja.
nenguem, ninguem.
nesçario, necessario.
netralização, naturalisação.
neurisma, **nórisma** e **nurisma**: aneurisma.
nicòquices, niquices.
nim (em próclise). *(Nim* um: nem um).
nina, menina.
nobrézia, belleza. (A seara está uma *nobrézia).* Cf. *nuvresia.*
noda, nodoa.
nogociar, negociar.
nojéras, nauseas, enjôo.
nonjo, nojo.
nosaria, muitos nós.
notiça, noticia.
novadia, nova; adj. (Madeira *novadia).*
novedade, novidade.
númaro, **num'ro** e **númuro**: numero.
núveas, nuvens.
nuversidade, universidade.
nuvrado, nublado.
nuvresia, grande abundancia.
nuvrina, neblina.

O

obséqui', obsequio.
oca, ocre.
óclo e **ocalo**, oculo.
odioso, melindroso. (Esta planta é muito *odiosa:* muito melindrosa).
ó dispois, ao depois.
ófano, ufano.
Ôfemia, Eufemia.
Ôfrasia, Eufrasia.
Ôgenia e **Uugénia**: Eugenia.
óivar, uivar.
Ôlalia e **Ôlaia**: Eulalia.
ólhamento, beneficio, gratificação. (Teve um *olhamento* commigo: gratificou-me).
óido, odio.
ómagem e **umagem**: imagem.
ómettir, emittir. *(Omettir* opinião).
ómilde, **himilde** e **omildóso**: humilde.
ondàgora e **ontàgora**: ainda agora.
ongir, ungir.
ónião, união.
ontar, untar.
ontes d'ontem, ante-hontem.
oratoiro, oratorio.
orde, ordem.
ordenos, ordens. (É quem dá os *ordenos).*
ordêro, herdeiro.
órdidura, urdidura.
órear, enxugar. (Será *aurear*, de aura?)
orfo, orfão.
órgente, urgente.
osga, odio, malquerença. (Tem-lhe *osga).*
óspiço, auspicio.
óspois, ao depois.
óstante, obstante. *(Nam óstante).*
ótorizar, autorizar.

ótorização, autorização.
óvada, multidão de ovos.
ózadia, ousadia.
ózear, apascentar com pachorra, carinho e solicitude o gado fraco que pasciga em pouco terreno.
ózequio, obsequio.

P

pá / **p'ra** / **pera** — para (em próclise) — (*Pá riba:* para cima). (*Pá trás:* para traz).
pá, pau (em próclise: *Pá' sêco)*.
pachelgas, pateta.
pachóvada e **pachuchada**: pachonchada.
paciença, paciencia.
padar, paladar.
padastro, padrasto.
pàdêria, padaria.
padrinhar, apadrinhar.
page, pagem.
paiáço, palhaço.
paiagem, palhada.
pajola, pachola.
palanfroes, palanfrorio.
palatina, platina.
palávera, palavra.
pálea, pála.
paliza, paulada.
pallame, pellame.
paleio, fallacia.
palmar, empalmar.
Pàlino, Paulino.
Palos e **Paluo**: Paulo.
paltado, pautado. (Papel *paltado)*.
Pálua, Paula.
pamfolheto, pamphleto.
pampolinhas, deminutivo de *papoulas*.
pampolho, pimpolho.
panariz, panaricio.
pandêreta, pequeno pandeiro.
panedrázio, pedrada.
panêdro e **penêdro**, penedo.
Pangracio, Pancracio.
pantaça, barriga cheia.
pantasma, phantasma.
panzaría, muitos pães.
pão-pingado, bel-prazer. (Estou no meu *pão pingado)*.
papa-gente, anthropophago.
papelázio, embrulho.
papelucio, papeliço.
papóla e **pampolia**: papoula.
paradêro, pardieiro.
parador, aparador.
paraisso (arch.), paraiso.
paravilho, peralvilho.
par'cer, comparecer.
pardaloca, pardoca.
pár dentro, para dentro.
pár lá, para lá.
parentêra e **parentálha**, parentela.
pargana, pragana.
parimento, parto.
pàrlezia, paralysia.
parpatana, barbatana.
parrança, mandrião.
parrancisse, mandria.
partimento, apartamento.
partonato, patronato.
parumonia, **plomenia**, **priumonia** e **prumonia**: pneumonia.
passage, passagem.
passuir, possuir.
pastana, pestana.

pastoradôro e **pastage**: pastagem.
pata-gallanha, coxo.
patamêro, pantano.
patanisca, isca de bacalhau.
pate, empatados. (Estamos *pates)*.
patêgas, simplorio.
pato-moleque, tolo, pateta.
patrafum, cousa monstruosa.
patriacha, patriarcha.
patudo, homem de pés grandes.
paviola, padiola.
pavona, mulher gorda.
pàzada, paulada.
paz-d'alma, homem simples.
pàzinho, deminutivo de *pau*.
pêce que, parece que.
pecissão, **porcissão**, **percissão**, **pricessão** e **precissão**: procissão.
pécora, mulher de má vida.
pedrão, padrão.
pegar, começar.
pelangana, palangana.
pelano, plano.
peligrino, **pelingrino** e **pregrino**: peregrino.
pelica, pellico.
Pelonio, Apollonio.
Pelunáiro, **Pulináiro** e **Pulnário**: Apollinario.
pempão, pimpão.
pencel, pincel.
pendencia, pendor, propensão, tendencia.
penêra, fome.
penetencia, penitencia.
peninho, tem-tem. (Para a criança: faz lá um *peninho)*.
pensativle, pensativo.
pentar, pintar.
pentasilgo e **pentesilgo**: pintasilgo.
peplessia, **poplessia**, **aplessia**: apoplexia.
perabens, parabens.
percepicio, precipicio.
percêto, preceito.
perciosa, **pernuciosa**, **pruniciosa** e **pernunciosa**: perniciosa (febre).
percisar, precisar.
perduto, producto.
perfundar e **porfundar**: profundar.
pergão, pregão.
perla e **pérrola**, perola.
perlongar, prolongar.
permêro, **primêro**: **prumêro** e **purmêro**, primeiro.
pernóstico e **pornóstico**: prognostico.
perpertar, prepetrar.
persebelhos e **precebejos**: persevejos.
persidir, presidir.
personage, personagem.
personal e **persoal**: pessoal.
perte, perto. *(Perte de si:* perto de si).
pêrtechinho (soa *pêrtexinho)*, deminutivo de *perto*.
pertinhola, portinhola.
pervenir e **privenir**: prevenir.
pervidente e **prividente**: previdente.
pervilegio, privilegio.
perzunto e **porzunto**: presunto.
perzente, presente.

perzidente, presidente.
pesbitro, presbytero.
pescacios, piscazes, precalços e **piscáços**: percalços.
pescadêras, — duas estrellas da constellação da «Aguia».
péscimo, pessimo.
péscurar e **próguntar**: procurar.
pézinho, chispe.
pespinhêro, uma das peças do arado.
petitorio (arch.), peditorio.
Piadade, Piedade.
pial, poial.
pico, migalha. *(Catórze testões e pico)*.
pida, andar á pida, esmolar.
pidir (arch.), pedir.
pieguento, niquento.
pifão, bebedeira.
pildora e **pirola** (arch.): pilula.
pilheta, pilheiro.
pimparote, piparote.
pinche, calculo, alvitre. (Deita lá um *pinche)*.
pindonga, mulher velha e porca.
pinhor, penhor.
pintiar, pentear.
pintorices, pinturas.
piolho chegadiço (ou *pegadiço*, homem impertinente).
piornêra, moita de piorno.
pipa, pipia.
pipino, pepino.
piqueno (arch.), pequeno.
piquinino, pequenino.
pirame, pyramide.
pirandula, pyramide.
piriquito, periquito.
pirùa, perua.
pirum, peru.
pisponto e **bisponto**: posponto.
pitafe, bitafe.
pitafe, epitaphio.
pitição, petição.
pitrol e **pitroli**: petroleo.
pitrolini: petroline.
plainas, polainas.
plantaforma, plataforma.
planto, pranto.
plicia, plucia e **pulucia**: policia.
p'l's, pelos. (As mãos *p'l's* pés).
pobertão, pobretão.
pocachinha, excremento.
pocachinho (soa *pócaxinho)*, deminutivo de *pouco*.
poçonha, peçonha.
podroso, poderoso.
polgar, pollegar.
pólica, polka.
polica e **polit'ga**: politica.
politeca e **politega**: politica.
polmão, pulmão.
polvarinho, polvorinho.
polvarosa e **pulverosa**: polvorosa.
Policarpio, Polycarpo.
pom-t'em péi, põe-te em pé.
pontuavel, pontual.
porcariada, grande porção de immundicia.
porcorar, procurar, prêscurar e **prêcurar**: procurar.
pordigio, prodigio.
porfêto e **prefêto**: perfeito.
porfrir, proferir.
porfurar e **profurar**: perfurar.
porjudicial, prejudicial.

pormetter e **pormotter,** prometter.
pormetter (arch.), prometter.
porparar, perparar e **propa-rar**: preparar.
porpiatario e **propiatario**: proprietario.
porpina e **prepina,** propina.
porpocionar e **perpecionar**: proporcionar.
porpor e **prepor,** propor.
porposta e **preposta**: proposta.
por quíi, por aqui.
por líi, por ali.
porrada, porretada, paulada.
porradinha, pancadinha.
porsuadir, persuadir.
porteger, proteger.
Porto-Alegre, Portalegre.
porvar, provar.
porvedença, providencia.
porveito e **perveito**: proveito.
posetivo, positivo.
pós, pois. *(Pós* é assim).
possivle, possivel.
possoal, pessoal.
posta, bosta.
postela, bostela.
postema, apostema.
p'r'á, para a.
pracêsse, parecesse. (Aquelle que me *prâcêsse)*.
prache, parche.
praiso, paraiso.
pranóstico, prognostico.
prantar, pôr.
praticular, particular.
prátiga, prática.
pravoêra, parvoeira.
pravoice, parvoice.
preceber, perceber.
prècura, procura, prógunta, porgunta, progunta: pergunta.
precuração, procuração.
precurador, procurador.
predão, perdão.
pregaminho e **purgaminho** (arch.): pergaminho.
preguête, pequeno prego.
preguntar e **pròguntar**: perguntar.
prejuro, perjuro.
premettir, promettir e **primittir**: permittir.
premittir (arch.), permittir.
prencipal, pricipal e **prince-pal**: principal.
prencipalmente, pricipalmentes e **'palmentes**: principalmente.

(Continúa)

A. Thomaz Pires.

FOLK-LORE CEILONENSE[1]

I

ADIVINHAS

Hum home tem impido,
Corttê[2] pindurado,
Cabéllo ispiado.
Um homem está de pé,
Com frutos pendentes
Cabello espalhado.

Coqueiro.

Subí par subí savodi tem,
Despôs de subí ardor tem,
Despôs de descê médo tem.
Emquanto sobe dá saude,
Depois de subir dá ardor,
Depois de descer traz medo.

Sol.

---

[1] [Accedendo a um pedido que lhe fiz em tempo, o Sr. Tavares de Mello, nosso compatriota da India, que habita Ceilão, e conhece muito bem o crioulo português que ahi se fala, coordenou varios textos ceilonenses que imprimiu em ornaes de Goa, e que, depois de emendados por elle, agora reimprime na *Revista Lusitana,* o que de certo é muito agradavel aos leitores d'ella. Como o mesmo senhor diz em uma correspondencia publicada n-*O Heraldo,* de Goa, n.º 2092, de 13-III-907, Ceilão, quasi tres seculos depois do nosso dominio, mantem ainda em parte da sua população, o uso da lingoa portuguesa, e é nella que se prega, recíta e reza nas suas igrejas — catholicas, lutheranas, wesleyanas e baptistas. É grande serviço prestado á sciencia colligir estes testemunhos do nosso passado. = J. L. de V.]

[2] *Corttê* é o termo adoptado nesse crioulo para significar «caroço, fruta».

Santá né méza,
Cortá, partí, tomá ne man,
Maas não podê comê.
Senta-se á mesa
Corta, distribue e toma na mão,
Mas não pode comer.

Baralho.

Bujáns-riba
Hum veljo tem santado.
Sobre o jarro
Está sentado um velho.

Cajú [1] com caroço.

Pegando ne piscosso
Chapá ne barriga.
Pegando no pescoço
Aperta na barriga.

Guitarra.

Bulí, bulí, botá ne buraco.
Revolve na abertura.

Chave.

Vae, vi, tres bocus, dés pê.
Anda, vê, tem tres bocas e dez pés.

Carro de 2 bois e seu guia.

Subi minha riba,
Oljá minha bás,
Eu já fica médo,
Quando oljá palás.
Suba-me e olha a meus pés,
Tenho medo quando vejo o palacio.

Poço.

Filjo matá e mãe chorá.
Filho mata e a mãe chora.

Sino.

[1] Fruta viçosa asiatica.

Cortá par cortá
Té ficá cumprido.
Quanto mais cortar
Tanto mais cresce.

Sangria de agua.

Hum homi impido
Crianççes pindurado.
Um homem em pé
Com crianças suspensas.

Jaqueira [1].

Lantá pan, cargá man.
Levante o pano e metta a mão.

Abrir janella arregaçando a cortina.

Quando já quimá com fôgu
Bocu vasá agua.
Quando arde no fogão
Deita agua pela boca.

Caldeirinha.

Tábu tabliado
Dos mines encantado.
Taboa tabolada,
Duas meninas encantadas.

Espelho.

Mãe su barriga riba
Filjo te corrê.
Sobre a barriga da mãe
O filho corre.

Pedra de moer.

Cinco brincos te brincá ne hum casa.
Jogam cinco brincos numa casa.

Betel [2].

---

[1] Arvore frutifera asiatica.
[2] O betel compõe-se de folhas, areca, cal, tabaco e cardamomo: cinco ao todo.

Cando já ví, nunca ví,
Aquel par despôs já ví,
Aquel par despôs já foi,
Torna quando ví nan andá más.
Quando nasce não os traz,
Ao depois vem e vão,
Quando de novo voltam
Não mais vão.

Dentes.

Assi que subí, assi que descê,
Assi que bottá, assi que rossá.
Assim como sobe assim desce,
Assim como pinta assim apresenta.

Caiar.

Tem con vide nuca murrê,
Caçan de morti te buscá te cumê,
Tendo vida nunca morre,
Mas o cação quis comer sem o matar.

Propheta Jonas.

Crus-riba tem murttê [1]
Murttê-riba tem mato [2]
Ne mato tem porcos [3].
Emcima da cruz tem uma panela,
Sobre a panela existe mato,
E no mato ha porcos.

Homem.

Redunda e redonda,
Tudos té gostá,
Criance, beata e pápa.
Redonda redondela,
Todos gostam d'ella,
Meninas, beata ou pápa.

Annel.

---

[1] *Murttê* é palavra singalesa significativa de «panela»; allude a cabeça.
[2] *Mato* allude a cabellos.
[3] *Porcos* são piolhos, provavelmente.

Manhã andá com catro pê,
Meo-dia con dôs pê,
Ne tarde con tres pê.

Na manhã anda com quatro pés,
Ao meio dia com dois pés,
E sobre a tarde com tres.

Estado de homem.

Filjo veljo maas mãe tenro.

Filho velho mas sua mãe é tenra.

Algodoeira.

Hum homi impê con tres oljos.

Um homem em pé com tres olhos.

Coco.

Nué homi, tem cabéça, nan tem cabello.
Nuntem dente, mas murdê.

Não é homem mas tem cabeça sem cabello, morde sem dentes.

Alfinete.

Hum bottle com dós vins.

Uma garrafa com dois vinhos.

Ovo.

Nué home, mas cantá benfêto,
Vistí corado mas nan cortado.

Não é homem mas canta bem,
Veste-se corado sem se talhar.

Gallo.

Vi quilae rei
Já santá quilae lean,
Tem cabeça, não tem cabello.

Veio como um rei,
Sentou como um leão,
Tem cabeça sem cabellos.

Rã.

Quem fazê nunca gozá,
Quem gozá nan vê,
Quem vê nunca desejá.

Quem faz não goza,
Quem goza não vê,
Quem vê não deseja.

Cova.

Corrê ne montanho,
Pará ne caminho.
Corre nas montanhas,
Mas pára nas ruas.

Fogo.

Já nascê no montanho,
Vivê ne courte,
Nunca já foi baptizado,
Levá nomi christão.
Nasceu nas montanhas,
Vive nas côrtes,
Sem ser baptizado
Tem nome christão.

Martinho.

Rico gardá ne bolsa,
Pobre botá fora.
O rico guarda na algibeira,
O pobre deita fora.

Ranho.

(Publicados no *Nacionalista*, da India Portuguesa, n.os 20 e 32).

II

CANTIGA PER SÃO FRANCIS [1]

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán [2] *Huma,*
Huma nossa Criador,
Si varán sarán, minha Sinhor.

---

[1] Diz a tradição que S. Francisco Xavier, quando esteve nessa ilha, compôs esta jaculatoria, e a ensinou ás crianças para a cantarem no principio e fim do catechismo.

[2] *Varán-sarán* — não são palavras de crioulo ceilonense, nem são de singalês ou tamul, lingoas vernaculas d'esta ilha. [Tal expressão está verosimilmente por *S. Cypriano*, arc. *S. Cibrão*, como expliquei numa das minhas prelecções philologicas feitas na Bibliotheca Nacional. A cantiga ceilonense corresponde á oração do *Anjo Custodio*, muito conhecida em Portugal: vid., a respeito d'ella, *Rev. Lusitana*, I, 246 (artigo de Adolfo Coelho). — J. L. de V.].

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *dôs,*
Dôs péders de Moyses [1],
Huma nossa Criador,
Si varán sarán, minha Sinhor.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *tres,*
Tres Patriarchos de Deos,
Dôs pedres de Moyses,
Huma nossa Criador
Si varán sarán, minha Sinhor.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *catro,*
Catro Envangelists de ley,
Tres Patriarchos de Deos,
Dôs pedres de Moyses,
Huma nossa Criador,
Si varán sarán, minha Sinhor.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *sinco,*
Sinco chagas de o Christo,
Catro Envangelists de ley,
Tres Patriarchos de Deos,
Dôs pedres de Moyses,
Huma nossa Criador,
Si varán sarán, minha Sinhor.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *seis,*
Seis jares de Cannah [2],
Sinco chagas de o Christo,
Catro Envangelists de ley,
Tres Patriarchos de Deos,
Dôs pedres de Moyses,
Huma nossa Criador,
Si varán sarán, minha Sinhor.

---

[1] *Pédres* ou *péders de Moyses* = taboas da lei.
[2] *Jares de Cannah* = talhas das bodas de Cannã.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *sete,*
Sete Sacraments de o Sinhor,
Seis jares de Cannah, etc.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *oito,*
Oito bemaventures de Monte,
Sete Sacramentos de o Sinhor, etc.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *novi,*
Novi anjo-chusmos de o céu [1],
Oito bemaventures de Monte, etc.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *dez,*
Dez mandamento de Deos,
Novi anjo-chusmos de o céo, etc.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *onze,*
Onze mils de virgins,
Dez mandamentos de Deos, etc.

Quem tem per vós, quem tem per nós,
Varán sarán *dozi,*
Dozi apostolos de Jesu-Christo,
Onze mils de virgins,
Dez mandamentos de Deos,
Novi anjo-chusmos de o céo,
Oito bemaventures de Monte,

---

[1] *Anjo-chusmos* = coros dos anjos [*chusmos* por «chusmas». — J. L. DE V.].

N. B. Posteriormente ouvi em Goa igual jaculatoria em lingua vernacula, que tambem diz a tradição ter sido ensinada pelo Apostolado das Indias (S. Francisco Xavier) ás crianças; e vae assim:

Sang macâ, sang macâ, quitém tém èco; èco Deu, èco sômôrte, êco bavarto. (Dize-me, dize-me o que é um: um Deos, uma lei, uma fé).

Sang macá, sang macá, quitem tem dôni; dôni póttê Moisêlè, èco Deu, êco somorte, èco bavarto. (Dize-me, dize-me e que são dois: duas táboas de Moises, um Deus, uma lei e uma fé); etc., até doze.

Sete Sacraments de o Sinhor,
Seis jares de Cannah,
Sinco Chagas de o Christo,
Catro Envangelists de ley,
Tres Patriarchos de Deos,
Dôs pedres de Moyses,
Huma nossa Criador,
Si varán sarán, minha Sinhor.

(Publicado no *Nacionalista*, n.º 38).

III

MAXIMS E PROVERBIS

Amor e tèmor de Deos tem o comêço de sabèdoria. (Amor e temor de Deus é inicio de sabedoria).

Amoróso palavers sem obre tem como o casca sem miólo. (Palavras meladas sem obras são como casca sem miolo).

Abundancia de o coração o bocu te papiá. (O que o coração sente a voz não mente).

Amizade tem o joyie de humano vide. (A amizade é a joia de vida humana).

Bebérajo tem diabo su lastro per home e home sua juntamente com elle. (Bebida é um laço satanico e o demonio em solução).

Bom bèbèrájo te ruiná sáco, maas sléc bèbèrájo te ruiná estámo. (Bebida boa arruina algibeira, mas a má o estomago).

Cada um per si e Deos per todos. (Cada um para si e Deus para todos).

Cumprido divída te fazê curto o vide. (Muita divida abrevia a vida).

Cachôrro que ladrá nan murdê. (Cão que ladra não morde).

Contentament tem trabalhóso ne mundo. (Ninguem é contente neste mundo).

Dinheiro tem um bom dádimo, mas tem hum pirigoso mestre. (Dinheiro é boa dadiva, mas mestre perigoso).

Discuidaçan de mãe-pae tem o ruino de suas criances. (Descuido dos paes é a ruina dos filhos).

Dôdos nan temê per atramentá onde os anjos tremê per marchá. (Doidos correm onde anjos entrar temem).

Elle quem te jugá, roubá elle mesmo. (Quem joga rouba a si proprio).

Exemplo te papiá mais forte do que palavres. (Exemplos fallam mais alto que as palavras).

Elle quem te importá o corpo na mais, lô perdê ambos, corpo e alma. (Quem cuida só do corpo, perde tanto o corpo como a alma).

Elle quem temê per Deos, não temê per nada. (Quem respeita a Deus, não teme a ninguem).

Elle quem tem silente, consente. (Quem cala, consente).

Elle quem te suportá trabalhos com curájo tem valoróso. (Quem soffre com resignação os infortunios é victorioso).

Elle quem te juntá com ladrão, lô perdê sua fato, si vós tem com peccador elle lô rubá vossa vertudes.. (Andar com ladrão perde reputação, porém associar ao peccador é perder virtude).

Fallá comquem vós te vivê, e su lô reconhecê per vós. (Diz-me com quem andas e dir-te-hei que manhas tem).

Fallá quem vossa cambrado tem e eu lô dizê vós quem tem. (Conta-me teus amigos e eu te direi que tal és).

Fazê bom sem respètá de pesson. (Fazei bem sem olhar a quem).

Goldice te rompê sua sáco. (Gulodice dá furo a algibeira).

Hum mal livro tem mais pior do que hum ladran. (Mau livro é peor que ladrão).

Hum pastro ne man tem mais bom do que dôs ne mato. (Melhor é um na mão do que dois te darei).

Hum-há de bom carachtero tem mais respétado do que o riquo. (Individuo de bom caracter é mais respeitado que um rico).

Hum limpo coraçan tem mais precióso do que ouro. (Coração limpo é mais apreciado que o ouro).

Hum verdadéro cambrado te discubrí si-mesmo ne tempo de adversidade. (Amigo verdadeiro descobre-se na adversidade).

Hum abundante hora de um glorióso vide tem mais bom do que hum torméntóso séclo innomęal. (Uma hora de vida gloriosa vale mais que um seculo inglorio).

Jogo tem o curto caminho per ruinaçan. (Jogo é o mais curto caminho que dirige para a ruina).

Mais bom per dormí sem comêro, do que irguê ne divída. (Melhor é dormir sem comer do que acordar com dividas).

Mal palavres te firi mais fundo do que ispada. (Más palavras ferem mais que a espada).

Mais iscuro que tem noite, mais luzente e glorioso tem o ma-

nhão. (Quanto mais escura fôr a noite, tanto mais luzente e gloriosa a manhã.

Mais tanto amáro per outros, mais menos serão amado. (Quanto mais amar aos outros, tanto menos serás amado).

Modestia tem o mais bom policy. (Modestia é a melhor politica).

Muito somno te fazê fraco de vista. (Muito somno enfraquece a vista).

Mundo te nistá mais santos do que prégaçan. (Mundo precisa mais de santos que de predicas).

Milhor per ter calado do que per papiá mal. (Melhor é calar que mal falar).

Necessidade tem hum pesadôro ama, mas elle té producê forti criances. (Necessidade é ama cruel, mas produz filhos fortes).

Non tem rosa sem ispinho, assi sem trabalho não tem ganho. (Assim como não ha rosas sem espinhos, assim sem trabalho não ha ganho).

Necessidade tem o ley ou necessidade nantem ley. (Necessidade não tem lei ou necessidade é a lei).

Nós bebê misinha nuvê per sabóro, maas per procurá savódi. (Bebemos remedios não para gôsto, mas para recobrar saude).

Não fazê per outros aquel que vós te desejá que outros te fazê per vós. (Não faças a outrem o que não queres que te façam a ti).

Ninguem não mistê emprestá de o rico, ninguem não mistê promettê per o pobre. (Ao rico não devas e ao pobre não promettas).

Ne hum case sem pan tudos pelejámos sem razan. (Na casa onde não ha pão todos pelejam sem ter razão).

Obres podê ganhá tudo. (Trabalho vence tudo).

O tempo de necessidade tem o tempo per conhecê amizade. (Na necessidade conhecem-se os amigos).

O mais luster o lumiar, o mais cachorrs te ladrá. (Quanto mais luzir a lua, tanto mais os cães ladram).

O pastro despôs de fugí não valê per fichá gaiola. (O passaro uma vez fugido não vale a pena engaiolá-lo de novo).

O bebérajo tem mais ruinoso do que doensa. (Bebida é mais devastadora que a doença).

Preguiça tem o raiz de tudo o mal. (Preguiça é o alicerce de todo o mal).

Preguiça tem mãe de pobreza. (Preguiça é mãe da pobreza).

Preguiça tem o ruino de home viventi. (Preguiça é ruina do homem).

Preguiça tem mãe de tudo vicio. (Preguiça é mãe de todo o vicio).

Preventamento tem mais bom do que o cure. (Prevenção é melhor que a cura).

Pae de hum ladran nan condènà per sua filjo de laderviça. (Pae de um ladrão não condemna seu filho pelo furto).

Per bom intendedor mettade palavre tem basta. (Bom entendedor meia palavra é bastante).

Quando coraçan tem direito, os palavres não podê errá. (Quando consciencia for recta, palavras não erram).

Quem rie moito, prendê pócu. (Quem muito ri, pouco aprende).

Quem fazê que elle quer, te procurá que não quer. (Quem faz o que quer, experimenta o que não quer).

Quem nan riscá, num podê ganhá, nem perdê. (Quem não aventurou, não ganhou nem perdeu).

Quem te promettê tem certo de fazê. (Quem promette na divida se mette).

Rei torto tem razan morto. (Rei torto, razão morto).

Riquéza nuvê duravel e pobréza nuvê opprobio. (Riqueza não é firmeza nem pobreza é vileza).

Si sal te perdê sua sabôro tóma nan recebê. (Se sal perder o seu sabor, não se recupera).

Tudo o que luzê nũ vê dianmante. (Nem tudo o que luz é diamante).

Tudos querrê justiça, mas nunca contamiá com elle mesmo. (Todos querem justiça, mas ninguem á sua porta).

Tem mais leve per pegá hum mentiróso que um lejado. (É mais facil apanhar um mentiroso que um coxo).

Unidade tem forçóso. (União faz força).

Vivêro de pae-mãi tem um exemplo poderoso per criances. (O viver dos paes é um poderoso exemplo para os filhos).

Verdadêro religio tem o fundamento de o sociedade. (Verdadeira religião é um alicerce da sociedade).

Verdade podê ser maltratado, mas nan ganhado. (Verdade será cansada, mas não vencida).

(Publicados no *Nacionalista,* n.os 39, 40 e 41).

IV

MISERERE [1]

Psalm 5o.

Oh Deos, compadecê permi: confórma tua grandi misericordia.

E confórma o multidade de tua terno [2] misericordia: burrá minho pecado.

Lavá parmi ainda de meo maldade: e limpá mi de minho pecado.

Vidéque [3] eu ti culpá mi de minho pecados: e meo maldade tem cada hora de mi diante [4].

Conter ti namás [5] eu já pecá, e eu fazê mal ne tua vista: porqui tu podê ficá justificado ne tua palavres, e podê ganhá quehora [6] tu lô julgá.

Porqui oljá, eu já ficá consebido ne maldade: e ne pecado meo mãi já generá [7] parmi.

Porqui oljá, tu já amá verdadi: os cousos duvidóso e iscundido de tua sabèdoria, tu já mustrá parmi.

Tu lô bruffá [8] par mi de hyssopo, e eu lô ficá limpu: tu ló lavá parmi e eu lô ficá más branco do qui neve.

Tu lô fazê mi per ouví de allegria e contentament: e o ossos qui já ficá humiliado lô allagrá.

Virá tua rósto de minho pecados: e burrá tudo minha iniquidades.

Formá, oh Deos, hum limpu coreçan ne mi: e renová hum drêto [9] ispirito ne meo entranhas.

Ne mistê pinchá [10] mi de tua precencia: e nan tirá de mi tua Santo Ispiríto.

---

[1] Ha muitas traducções de *miserere,* mas esta é conforme com a que geralmente se canta nas igrejas catholicas nesta ilha.

[2] *Terno misericordia* = grande misericordia.

[3] *Vidéque* = porque.

[4] *Cada hora de midiante* = sempre diante de mim.

[5] *Conter ti namás* = só contra vós.

[6] *Que-hora* = quando.

[7] *Generá parmi* = me concebeu.

[8] *Tu lo bruffá par mi* = vós fareis sobre mim a aspersão (Asperges me).

[9] *Drêto ispirito* = espirito justo ou recto.

[10] *Ne mistê pinchá* = não me aparteis ou expulseis.

Dá parmi o allegria de tua salvaçan: e fortificá ni de hum perfêto ispiríto.

Eu lô ensiná per o justos tua caminho: e o malditos lô fica convertido per ti.

Livrá par mi do sangui, oh Deos, tu Deos da minha salvaçan: e meo lingu lô exhaltá [1] tua louvour.

Tu lô abri minha bêsos, oh Sinhor: e meo bôco proclamá tua louvour.

Porqui si tu já diziá sacrifiso [2] eu certomente lôdiá dá [3] de quémado offersos [4] tu nan tem satisfêto.

O sacrifiso per Deos tem hum afflitado ispiríto: oh Deos, tu nan dispreză hum contristado e humiljado coreçan.

Julgá cum favor, oh Deos, ne tua boa vontade com Sion: paraqui o paredio de Jerusalem [5] lô ser consertado.

Aquelhora tu lô acceptá o sacrifiço [6] de justicia, oblaçans, e enteiro quemado offerços: aquelhora ellotros lô gardá vakinhas [7] ne tua altar.

Gloria ao Pae, ao Filjo e ao Ispiríto Santo: Como era ne princípio, agora, sempre e cada sempre [8]. Amen.

(Publicado no *Nacionalista*, n.º 47).

V

NOSSA OBREIROS

Tudo vistimento,
Tambem o comèria [9],
Num podê comprá
Par vide carestia.

Todo foi barrato
Ne tempo passado,
Mas agora já susdê
Per pagá dobrado.

---

1 *Lingu lo exhaltá* = lingoa publicará.
2 *Diziá sacrifiso* = desejaes um sacrificio.
3 *Lôdiá dá* = dar-vos-hia logo ou vo-lo daria.
4 *De quémado offersos* = de holocaustos.
5 *O paredio de Jerusalem* = os muros ou muralhas de Jerusalem (*muri*).
6 *Acceptá o sacrifiço* = acceitareis o sacrificio.
7 *Vakinhas* = victimas (*vitulus*).
8 *Cada sempre* = seculos dos seculos.
9 *Comèria* = comestivel.

Muito de Berghers [1]
Per certo obreiros,
Mas ninguem de ellotros
Tem grande riqueiros [2].

O inteiro semana
Te gastá sua suor,
Mas ne dia de pága
Tandá [3] casa com dor.

Tudos gentes te sabê
Que tem lamentação,
Mas te fichá oljos
Sem prestá attenção.

Aquel pobre soma
Que tem pagamento,
Nuntem básta per elles
Per sua sustento.

Mulheiras e crianções [4]
Tudos te padecê,
Sem trapo e comére [5]
Cum vergónha te vivê.

Proveito de reméde [6]
Outros te permanicê [7],
Mas pobre obreiros
Cum dor te padicê.

Per corpo, nem alma:
Ninhum consolação,
Sempre te trabaljá,
Sem nihum satisfação.

Isto cousa susdê
Per elles muito bebê,
Bebéro tudo gastá
E ne pobreza vivê.

Qui te olja oljo [8]
Per pobre obreiros,
Divudors tem tras [9]
Como feticeiros.

Alguns rico Sinhoris
Pagá póco dinêro,
Outro nan querrê dá,
Pagament de obreiro.

De quatro pecados
Que gritá por Céos,
Menos pagamento.
Tem conter Deos.

Cum todo pessons
Nós ti pedí muito,
Per pagá obreiros
Hum pága justo.

(Publicado no *Nacionalista*, n.º 48).

---

1 *Berghers*, palavra hollandesa; applica-se a todos os descendentes do Europeus.
2 *Riqueiros* = ricos.
3 *Tandá* por *te andá* = volta.
4 *Mulheiras e crianças* = mulheres e crianças.
5 *Sem trapo e comére* = sem vestir e comer.
6 *Proveito de reméde* = o ganho do seu mester ou salario.
7 *Outros te permanicê* = outros aproveitam.
8 *Qui te olja oljo* = o que vemos hoje ou ao presente.
9 *Divudors tem tras* = devedores atrás de si.

VI

BATTÊ, BATTÊ [1]

Avelá cum jagra, amor, battê, battê,
Par me si crescê ires, amor, battê, battê.
Arroz com *jagra* [2], amor, *battê*, *battê*,
Para não me zangar de meu amor, *battê*, *battê*.

Noná [3] nuntem cazá, amor, battê, battê,
Avelá cum jagra, amor, mettê, mettê.
A senhora não quer casar-se, *battê*, *battê*,
Arroz com *jagra*, meu amor, metta, metta.

Quem já cumê jambu, amor, battê, battê,
Quem já pinchá corttê, amor, battê, battê.
Quem comeu jambos, meu amor? *battê*, *battê*,
E quem deitou fóra seus caroços, amor? *battê*, *battê*.

Pegá bossê sáia, noná, battê, battê,
Mustrá bossê jetu, nona, battê, battê.
Pegando por seu vestido, senhora, *battê*, *battê*,
Mostre-nos seu geito, senhora, *battê*, *battê*.

Noná nuntem cazá, amor, battê, battê,
Ella per cantá lô battê, amor, battê, battê.
A senhora não quer casar-se, *battê*, *battê*,
Ella canta o *battê* pelo seu amor, *batê*, *battê*.

Avelá, cocu, jagra, amor, battê, battê,
Par me si crescê ires, amor, battê, battê.
Arroz, coco e *jagra*, meu amor, *battê*, *battê*,
Para não me zangar do meu amor, *battê*, *battê*.

Minha amor já foi Cándy, já vi, battê, battê,
Ella per lantá lo battê alli, battê, battê.
Meu amor foi e voltou de Kandy, *battê*, *battê*,
Para ali cantar o *battê*, *battê*.

---

[1] *Battê battê*. É uma cantiga favorita, usada em todas as classes de gente d'esta ilha. As linhas são soltas sem, ás vezes, ter combinação uma com a outra

[2] Açucar de coqueiro.

[3] Palavra singalesa, significativa de «senhora», usada neste crioulo.

Tambor já levá igreja per tocá, battê, battê,
Padre já falla: «poitú vaddá [1]» battê, battê.
Tambor foi levado á igreja para tocar, *battê, battê.*
Então o padre lhe disse: «vá e volte», *battê, battê.*

Saban, poer, tudo tomá, battê, battê,
Vi, andá, lavá, meu amor, battê, battê.
Sabão, pós, tudo foi levado, *batê, battê,*
Venha, ande, e lave-se, meu amor, *battê, battê.*

Eu já amá per vós, amor, battê, battê,
Eu lô cazá cum vós, amor, battê, battê.
Eu vos amo, meu amor, *battê, battê,*
E eu casarei comvosco, meu amor, *battê, battê.*

(Publicado no *Nacionalista*, n.º 49).

VII

SOL, ISTRELLA MAAS LUME [2]

Oljae de dèdia [3]
Discubrí durante
Aurora ispalhá
Razor ardente [4].

Sol ispalhá luz,
Com sua razor resplendor [5]
Ispelho de fogo
Quando manhã sua ardor.

Recordai cristalino
Quando manhã accordá
Fazê moi marèllo [6]
Sua luz te ispalhá.

De mára fundador [7]
Ardente fazia
Mattá mal nascedor
Razor de media.

---

[1] Expressão tamil, significativa de «volte de novo» ou «vá e volte».
[2] É uma cantiga dedicada ao sol, ás estrellas e á luz.
[3] *Dedia* = de manhã.
[4] *Razor ardente* = raios brilhantes.
[5] *Razor resplendor* = raios resplandecentes.
[6] *Moi marèllo* = mui amarello.
[7] *Mára fundador* = fundo do mar.

Irgendo de mára
Mattá malles de este claran [1]
Ares de media
Sol de sua fortidan [2].

Ne mára salgado
Manêcê de ardente [3]
Descanso fundado
Ne mára corrente.

Sol fundá ne mára [4]
A rez de atarde [5]
Lume moito gosto
De sua claridade.

Gostóso ispalhava
Formóso seja elle
Onde sol fundava
Meo diana belle [6].

Formósa ispelho
Meu genti diana
Onde sol fundá
Clarissê moi mána [7].

Folles de continuo [8]
Ne mára sem riska [9]
Oljos mil oljava
Diemante sem riska.

Ficaram su luz
De lançar par riska
Folles diemante
Luzê sem tem riska.

Firmament istrado [10]
Precióso montanha
De grande valia
Gloria ne campanha [11].

O grand firmamento
O sua valor montanha
Sol, istella, lume
Gloria ne campanha.

(Publicado no *Nacionalista*, n.º 50).

VIII

STABAT MATER

Junto de o Cruz dolorόso
Impê o mãi continualmente,
Oljando o Filjo
Agonisante.

Sua alma enternecido
Tinha gemê trespassada
De tormentado dôr
De agudo ispada.

---

1 *Mattá malles de este claran* = corta doença estes raios.
2 *Sol de sua fortidan* = sol bemfazejo.
3 *Manecê de ardente* = amanhece rutilante.
4 *Sol fundá ne mára* = o sol some-se no mar.
5 *A rez de atarde* = sobre a tarde.
6 *Diana belle* = crepusculo ou aurora.
7 *Clarissê moi mána* = brilha mui amena.
8 *Folles de continuo* = lençoes de agua.
9 *Sem riska* = sem mancha, limpido.
10 *Istrado* = estrellado.
11 *Ne campanha* = juntamente, junto.

De o unigeníto Filjo,
Oh qui triste e qui aflito
O morti perto oljando
O Mãi bemditto.

Sua peito tribulado
Tinha sentí dôr silente
Com o martyrio de o Filjo
Mais penetrante.

Qui coreção humano
Lôdiá dessá chorá [1]
Oljando a grande dôr
Que Virgin oppressá.

Quem podê pará dôr
Oljando o Mãi trespassado
Ne tormento do Filjo
Atormentado?

Per peccados de seo gente
Já oljá que o Crucificado
Lô morrê çoitado
Dispedassado.

Oljando ne cruz pindurado
Murrê o Filjo amado
Triste e abandonado
Ignominiado.

Dôce Mãi, moito amoróso,
Assi vós chorá justomente
Fazê descê de minha olhos
Agua como de fonte.

Pelo Christo que mi amá
Fazê que ferventemente
Minha oraçan se abrazá
Com fogo vivente.

Sancta mãi, impessá fundo
Com terno e bon effeito
Esse divino chagas
Ne meu pêto.

De tua amoróso Filjo
Este dores que tu padecê,
Repartí com minha pêto,
Qui nós bem mêrêcê.

E chorando com vossotros
Vivê sempre sentida
A morti de sua Filjo
Ne minha vida.

Par companhá vós sempre
Junto de o Cruz, tendo sorti,
Lamentando de o Christo
A cruel morti.

Ne sua companhia,
Virgin preclara pura,
Fazê minha pêto um mar
De amargura.

Naqual de o Christo a morte
Amorgomente seja impressado
Porque nós sentí quanto
Christo tem sintido.

---

[1] *Qui non fleret.*

Per compaixão affectado
D'este chagas firido,
Sentindo só dc amor
Perdê sentido.

Este amor abrazado,
Alá ne tribulado dia [1],
A tua dôr nos trié
Per valia.

Fazê que pelo deferencia
De cruz, vintóre me dá [2]
Que o tormento de o Christo
A mi assegurá.

Quando nossa corpo murrê
Garda nosso alma [3]
Ne reino de Paradiso
Par gloria. Amen.

(Publicado n-*O Heraldo*, de Nova Goa, n.º 1832).

Colombo (Ceilão).

TAVARES DE MELLO.

---

[1] *In die judicii.*
[2] *Ad palmam victoriae.*
[3] *Animae donetur.*

TRADIÇÕES POPULARES E LINGUAGEM

DE

VILLA REAL

(Continuação do vol. IX, pag. 229)

297
O meu amor é tão lindo,
De tão lindo me aborrece:
Inda os vejo mais bonitos,
E *á* mim não m'o parece.

298
A cigarra atrepa,
Corta a espiga ao centeio:
Quem tem um amor bonito,
Ri-se de quem *no* tem feio.

299
Castinheiro trinta ganchos,
Cada gancho trinta ninhos:
Cada ninho trinta ovos...
Conta, amor, os passarinhos.

300
Vinte e cinco guardanapos
Seis vintens em cada ponta:
Menina, qu'é tão 'sperta,
Faça-me lá essa conta.

301
Eu esperta não *no* sou,
Nem *no* 'spero vir a ser:
Vinte e cinco guardanapos
Doze mil réis vem a ser.

392
Meu amor de tão longe,
Chega-te cá mais p'ra perto:
Que me doe o coração
De te ver nesse deserto.

303
Eu ausente e tu ausente,
Dois ausentes que farão?
Mal *lo* haja quem causou
A nossa separação.

304
Quem perdeu o qu'eu achei,
Um lenço quasi novo?
Em cada ponta tem seu ramo,
No meio dois *ais qu'eu morro*.

305
S'o bem querer se pagara
Quanto me devias tu?
O bem querer não se paga,
Que não tem preço nenhum.

306
Quando t'eu disser que não,
Repara no qu'eu te digo:
Este meu dizer que não
É um sim p'ra comtigo.

307
Jinella sobre *jinella*,
Sobre *jinella* varanda:
Menina, saia cá fora,
Qu'ó seu amor aqui anda.

308
Esta noite hei de ir ás uvas,
Esta noite hei de ir a ellas:
Quem tiver as filhas guarde-as,
Qu'eu não me hei de guardar d'ellas

309
Esta noite e mais meu primo
E mais oitro camarada:
Hei de ir abanar uma pereira
Que nunca foi abanada.

310
Eu hei de ir ao Sant'Antonio
Que m'hei de lá regalar:
C'um raminho de cerejas
Que meu amor m'ha de dar.

311
Se fores ao S. João
Traz-me um S. Joãozinho:
Se não puderes com elle maior,
Traz-m'o mais pequeninho.

312
Ó prima, cantas bem,
Que não podes cantar melhor:
A hora do meio dia
Fizestes parar o sol.

313
Reixinol que tão bem cantas,
Onde fostes aprender:
Fui ao palacio da Rainha
Onde o rei 'stava a 'screver.

314
Dizeis qu'eu não sei cantar,
Dizeis bem, não saberei:
Fui ao estudo a Coimbra,
P'ra cantar não estudei.

315
Eu a cantiga que cantar
Não na canto duas vezes:
Qu'a semana tem seis dias
E o anno doze meses.

316
S'eu cantara coma ti,
S'eu tivera a tua falla:
Cantara-te uma cantiga
Qu'o teu peito regalara.

317
Nossa Senhora tem linho,
Pois quem tem linho tem linhaça:
Eu hei de servir a Senhora,
Siquer um anno de graça.

318
A Virgem Nossa Senhora
Foi a primeira mulher:
Tenho-a eu sempre a meu lado,
Diga o mundo o que quiser.

319
Que *desgracia* tamanha
Morrer o pombo á pomba:
Mais desgraçada fui eu,
Não tenho quem me responda.

320
Ó vida da minha vida,
Ó vida desarranjada:
Todos arranjam *na* vida,
Só eu não arranjo nada.

321
Ó vida da minha vida,
Minha vida, vae andando:
Fiz a cama na folhinha,
O vento ma vae levando.

322
Ó vida da minha vida,
Eu não tenho vida, não:
Eu p'ra que quero a vida,
S'ella não está na minha mão.

323
O mar pediu a Deus agua,
E os peixes a Deus fundura:
Os homens pediram dinheiro,
As mulheres formosura.

324
O ingrata, tu *fugistes*,
Deixastes-me só:
Sózinho no mundo,
Sem pena, nem dó.

325
Quando eu nasci ao mundo,
Nasceram quatro num dia:
Nasci eu e *á* desgraça,
Tristeza e melancholia.

326
Não sei se te diga adeus,
Se me vá indo embora:
Um adeus é saudoso,
Quem diz adeus sempre chora.

327
Não sei se cante, se chore,
Se *quais* melhor me será:
O cantar allivia penas,
O chorar dobrar-m'as-ha.

328
Ai de mim, ai de ti,
Ai de nós ambos e dois:
Ai de mim primeiramente,
Ai de ti ao *dipois*.

329
Hei de m'ir e deixar-te,
Como a agua deixa a fonte:
Hei de te deixar, menina,
Ó desamparo no monte.

330
Ó ingrata, tu já dormes,
Dormes e não suspiras:
Se me tu quiseras bem,
Suspiravas e não dormias.

331
Eu não posso cantar alto,
Qu'eu estou na terra alheia:
Tenho medo que me prendam,
Que me levem á cadeia.

332
Eu não posso cantar alto,
Nem meu coração me ajuda:
Morreu-me o meu pae ha pouco,
Sou filho de uma viuva.

333
Ó vida das tres vidas,
Ó vida eu serei tua:
Solteirinha e casada
E inda ao depois viuva.

334
Ó vida da minha vida,
E eu que melhor vida quero:
Deito-me na minha cama,
Viro-me p'ra onde eu quero.

335
Vae-te somno, vae-te somno,
Fora da minha criada:
Não *na* calças nem *na* vestes
Nem lhe pagas a soldada.

336
Canta, minha voz de um anjo,
Qu'eu por um anjo te venero:
Se te chego a lograr,
Nada mais do mundo quero.

337
Quando eu for d'esta terra,
Tres cousas t'hei de pedir:
Firmeza e lealdade
Até eu tornar a vir.

338
Quatro cousas quer o amo
Do criado que o serve:
Deitar tarde, erguer cedo,
Comer pouco, andar alegre.

339
Agora já se não usa
Pedir as filhas *ós* paes:
Pega-se-lhe pela mão,
Ó sogro, ella cá vae.

340
No alto d'aquella serra
Está um gato a miar:
Que lhe talharam o rabo
P'r'ó feixe de um lagar.

341
Minha mãe chama-se Rosa,
Sou filha de uma roseira:
Não me posso apartar
De rosa que tão bem cheira.

342
Alecrim á beira d'agua
Deita cheiro que rescende:
Bem me queria ir embora,
Mas os teus olhos me *prende*.

343
Muito bem parece o ouro
No pescoço da donzella:
Melhor parece a honra,
Menina, faça por ella.

344
Estando eu no caes do Porto,
Villa Real me lembrou:
Villa Real da minh'alma,
Que o Porto me enfeitiçou.

345
Se Villa Real fosse minha
Assim como é do Estado:
Fazia do Porto villa,
De Villa Real cidade.

346
Não sei qu'o Porto quer
Que tanto chama por mim:
Hei de ir morar ao Porto,
Á rua do Bomjardim.

347
Dei um ai, dei um suspiro,
Dei uma volta na cama:
P'ra ver se te encontrava,
Meu amor, da outra banda.

348
Esta noite tive um sonho
Comtigo, minha belleza:
Acordei, achei-me só,
Em sonhos não ha firmeza.

349
Esta noite tive um sonho
Muito *adevertido:*
Que tinha na minha cama
A forma do teu vestido.

350
Se tu viras o qu'eu vi,
Fugirias com'a mim:
Uma cobra a tirar agua
P'ra regar o seu jardim.

351
Hei de amar a pedra dura,
Deixar o teu coração:
A pedra dura não quebra
E tu quebras sem razão.

352
Limoeiro da calçada,
Já não quero os teus limões:
Já te cortaram *na* rama,
P'ra vender corações.

353
Pedras d'esta calçada,
Levantae-vos e *dezei:*
Quem vos passeia de noite,
Qu'eu de dia bem *no* sei.

354
Pedras d'esta calçada,
Ladrilhada, mal segura:
Quando eu passo nella,
Não ha pedra que não bula.

355
Pedras d'esta calçada,
Ladrilhada ao revés:
Quando o manco tem amores,
Que fará quem tem dois pés?

356
Eu hei de casar-me *ésti*-anno,
Ou p'ró anno que vem:
Estão os *homes* baratos
Quatro centos *ó* vintem.

357
Quem quer comprar, qu'eu vendo,
Os *homes ó* quarteirão,
Os casados a pataco,
Os solteiros a tostão:
Os viuvos não se *vende,*
Qu'esses vendidos 'stão.

358
Menina, não se namore
D'*home* que já viuvou:
Uma falla, duas fallas,. . .
Mulher que Deus me levou.

359
Menina, não se namore
D'*home* casado, qu'é p'rigo:
Namore-se de um solteiro
Que possa casar comsigo.

360
Amores d'*home* casado,
Quem *nos* toma é porque quer:
Logo á primeira resposta,...
Vá p'r'á sua mulher.

361
Hei de amar os cinco nomes,
Qui os tenho em devoção:
Antoninho, Francisquinho,
Manoel, José, João.

362
Não me sigas,
Olha que perdes o tempo:
Se t'o torno a dizer,
És falta de entendimento.

363
Nunca cantei á rebeca,
Nem foi minha criação:
Quero agora cantar,
Qui a toca meu irmão.

364
Nunca cantei á rebeca
Nem isso me deu cuidado:
Quero agora cantar,
Qui a toca meu cunhado.

365
Toque-me *nèssa* rebeca,
Repenique-me nesses dedos:
Se lhe quebrarem as cordas,
Aqui tem os meus cabellos.

366
Toque-me *nèssa* rebeca,
Que m'a faça retinir:
Tenho meus amores longe,
Que m'os *façam* aqui vir.

367
A rebeca quer qu'eu cante,
A viola qu'eu padeça:
O tocador da rebeca
Quer qu'eu por elle endoideça.

368
A rebeca sem *na* prima,
A prima sem *no* bordão:
Uma casa onde não ha mulheres
É como o caldo sem pão.

369
Abaixa-te serra alta,
Qui as outras *si* abaixarão:
Deixa passar a do limão verde
Ou do verde limão.

370
Ó cidade do Porto,
Contra ti vou dando ais:
Arrecolhes os estranhos,
Deitas fora os naturaes.

371
Adeus ó Gravellos,
Arrasado sejas tu:
Com beijos e abraços
Não te rogo mal nenhum.

372
Gravellos é pequenino,
De pequenino tem graça:
Tem uma fonte no fundo,
Dá de beber a quem passa.

373
Gravellos é pequeno,
Não é villa nem cidade:
E uma terra pequenina,
Onde brilha a mocidade.

374
Villa Sêcca já caiu,
Com-Êdo já está no chão:
Vivam-*nas* moças de Gravellos,
Por ora inda tiveram mão.

375
Onte á noite me disseram
Detrás d'aquelle cruzeiro:
Qu'o teu lenço vermelho
Era teu alcoviteiro.

376
Onte á noute me disseram,
Eu por mim não adivinho:
Tinhas *nòvos* amores,
Da minha parte estimo.

377
Eu quero bem ao cigarro,
Que me custou o meu dinheiro:
P'ra fallar ás moças
Serve-me de alcoviteiro.

378
Comprei o chapeu branco
P'ra namorar de noite:
O chapeu branco rompeu-se,
E a moça logrou-a outro.

379
Trazeis o chapeu branco
Por baixo lenço de seda:
Dubaixo do chapeu anda
Lenço de meia moeda.

380
Trazeis chapeu de palha,
Avesaes dinheiro:
Mãe de Deus! que o não devas
Im Braga *ó* chapeleiro.

381
Chamaes á amoreira triste,
Não sei que tristeza *lhi* achaes:
Amoreira cria o *sirgo,*
Com que vós vos asseiaes.

382
Delicado é o fumo,
Que passa telha dobrada:
Delicados são teus olhos,
Que namoram á pancada.

383
Delicado é o fumo,
Que passa telha e meia:
Delicados são teus olhos,
Que namoram á candeia.

384
Apagastes a candeia
Qui estava no velador:
Agora vae-te deitar
Ás escuras, meu amor.

385
Apagae essa candeia,
Qui está o azeite caro:
Defronte de mim estão olhos,
Qu'*allumeiam* mais claro.

386
Allumeia-me, candeia,
Até *ó* cima do rego:
Eu ando ameaçada
Com quem tenho pouco medo.

387
Se me quiseras bem,
Como o musgo *ó* penedo:
Tu me vieras fallar
E a ninguem tiveras medo.

388
Já fui á fonte,
Já hoje atravessei o rego:
Já vi a cadeia,
Donde podia estar preso.

389
Vae, qu'eu vou entrando
Pela moradinha dentro;
Inda que saiba que morro,
Hei de seguir o meu intento.

390
Adeus, adeus, ó Gravellos,
As costas te vou virando:
As saidas foram *honte,*
As entradas não sei quando.

391
Debaixo da oliveira
È um regalo amar:
Tem *na* folha miudinha,
Não entra lá o luar.

392
Ó luar da meia noite,
Tu és o sol dos garotos:
Eu tambem ando a elle
P'ra cumprir os meus gostos.

393
Ó luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo:
'Stou á porta de quem amo,
Não posso entrar comtigo.

394
S'a oliveira fallara,
Ella dissera o que viu:
Debaixo da sua sombra
Dois amantes encobriu.

395
Se tu queres e eu quero,
Temos o contrato feito:
Não venha cá pae nem mãe
Desmanchar o qui 'stá feito.

396
Felisbina e Felisberta
Foram duas desgraçadas:
Felisbina morreu de um tiro,
Felisberta de uma facada

397
Eu nasci ao mundo
Na hora de *tanto monta:*
Quem eu quero não me quer,
Quem me quer não me faz conta.

398
Não me atireis com pedras,
Qu'eu estou a lavar a louça:
Atirae-me com suspiros
De modo que ninguem ouça.

399
Eu hei de morrer de um tiro
Ou de uma faca de ponta:
S'hei de morrer amanhã,
Morro hoje, tanto monta.

400
Alto pinheiro manso,
Cobre-me com tua sombra:
Qu'eu furtei *ũa* menina
Não tenho onde a esconda.

401
Chegou aqui
Uma voz regalada:
Isto veio do ceu,
Na terra não foi criada.

402
Por mais qu'o lòreiro cresça,
Ao ceu não ha de chegar:
Por mais amores qu'eu tenha,
Á ti não t'hei de deixar.

403
Tenho cama de nupcias,
Travesseiro *di* ais:
Lançoes de cuidados,
Cobertores de penas mortaes.

404
Quem acceita prenda d'*home,*
Logo pode pensar:
Quem acceita 'stá em divida,
Quem as dá quer-se pagar.

405
Quem tem amor careca,
Tem a morte á cabeceira:
Quando acorda de noite
Dá c'os olhos na caveira.

406
Se 'stivera' solteira,
Fazia-te os meus carinhos:
Agora qu'estás casada,
Vae *engalhar* teus meninos.

407
Quando eu era solteira,
Usava fitas e laços:
Agora qu'*istou* casada,
Trago meus filhos nos braços.

408
Coitadinho do meu peito,
Deita *saingue* pisado:
A culpa tive-a eu
Em *ti* amar *desmasiado*.

409
Se queres ver o meu peito,
Desabrocha meu collete:
Verás o meu coração
Na ponta d'um alfinete.

410
A rosa p'ra ser boa,
Ha de ser de Alexandria:
Toda a moça p'ra ser firme,
Ha de se chamar Maria.

411
O ai é a primeira letra
Qu'eu em teu peito 'screvi:
S'alguem se perdeu no mundo,
Fui eu por via de ti.

412
Perdi a Deus;
Olha, amor, o qu'eu perdi:
Fiquei sem Deus na minh'alma,
Sem Deus, sem amor, sem ti.

413
Muita volta dá o rio
Ao redor da cachoeira:
muitas mais dá o amor,
S'elle é firme verdadeiro.

414
O senhor é cozinheiro,
O seu caldo cheira bem:
Dê-me d'elle uma pinguinha
Pela alma de sua mãe.

415
Eu bem vi o mar a arder
E as pedras a estalar:
Eu bem vi *ũa* menina
Pelo seu amor chorar.

416
Fui ao mar buscar o lume,
Queimei-me numa faisca:
Namorei-me dos teus olhos
Logo á primeira vista.

417
Ó mar de variedade,
Eu fui a que variei:
Variaram os meus olhos,
Quando p'r'ós teus olhei.

418
Já passei o mar a nado
C'uma vela branca accesa:
Em todo o mar achei agua,
Só em ti pouca firmeza.

419
Ó mar, sagrado ladrão,
Quantos *côrpos* tens em ti:
Já me lá tens pae e mãe,
Já estás vingado de mim.

420
Já passei o mar a nado
Nas ondas do teu cabello:
Agora posso dizer
Que já passei o mar sem medo.

421
Não se me dá da *vindima*,
Nem tampouco de vendimar:
Dá-se-me das tristes noites
Que passo no lagar.

422
Fui ao Douro á *vindima*,
Não achei que vendimar:
Vendimaram-me as costellas,
Foi o qu'eu lá fui ganhar.

423
Vendimas, vendiminhas
As vendimas boas são:
Saí de casa c'um cruzado,
Entrei com meio tostão.

424
Eu não quero mais amar,
Eu *ó* amar tenho medo;
Não me quero arriscar
A pagar o que não devo.

425
Por esta rua vou indo,
Por aquella dando volta:
Em busca do amor,
Qu'inda lhe não sei a porta.

426
Pessegueiro abanado
Da mão e não do vento:
Menina que falla a todos
Não pretende casamento.

427
Janella de pau de pinho,
Qui a meu respeito *ti abristes*:
Torna-te a *fichar*,
Faz, amor, que me não vistes.

428
Graças a Deus p'ra sempre,
Que já ouvi tua falla:
Parece que vem do ceu
E os anjos àcompanhá-la.

429
Menina das tres meninas,
Não sei qual d'ellas é:
Mandou-me aqui não sei quem
Que fosse não sei onde é.

430
Tudo é *meu bem, meu bem*,
Por ser moda de cantar:
Eu não tenho bem nenhum
Só se Deus m'o *quijer* dar.

431
Meu amor é um anjo,
Deu-mo o Deus, não *no* mereço:
Dezeis que vo-lo venda,...
Anjos do ceu não tem preço.

432
— Agora pergunto eu,
Já que vós não perguntaes:
Como ides de saude:
— Eu bem e vós como 'stais.

433
Agora começo eu
Na hora de Deus, amen:
Quem na hora de Deus anda
Sempre lh'*assucede* bem.

434
Quem diz qu'o cantar quer hora,
Falla verdade, não mente:
Eu hoje quero e não posso,
Onte cantei lindamente.

435
Eu cantar cantava bem
Lá na minha mocidade:
Agora quero e não posso,
Tudo requer a idade.

436
Tudo o qu'é verde, seca,
Lá na *tineira* do verão:
Tudo torna a renovar,
Só a mocidade não.

437
Meu amor não vás hoje,
Qu'amanhã inda é dia:
Se fores amanhã,
Eu vou na tua companhia.

438
Namorei-me de um padre,
Nunca melhor cousa fiz:
Deu-me *ũa* anagua
Da sua sobrepeliz.

439
Coitadinho, coitadinho,
Mal é de quem *no* tem:
Quem *no* tem fica com elle,
Não *no* apega a ninguem.

440
Ó paes que *tindes* as filhas
Não falleis das malfadadas:
As filhas da desgraça
Tambem nasceram honradas.

441
Fui á fonte das tres bicas,
Dar a mão á *libardade:*
'Stava varia de juizo,
Quando te fiz a vontade.

442
Dei um nó que nunca o dera,
Nem *no* eu *chigara* a dar:
Deu-o padre na igreja,
Não *no* posso desatar.

443
Jura, amor, juramos ambos,
Fazemos uma jura bem feita:
Jura que m'has de dar
Na igreja a tua mão direita.

444
Casada ha tres dias,
Ella alli vai a chorar:
Coitado de quem *nas* cria
P'ra outro castigar.

445
Sabes cantar e não cantas,
Deus te pode castigar:
Sabes cantigas bonitas,
Não m'as queres ensinar.

446
Cantigas são meninices
Palavras *lév-às* o vento:
Quem se finta em cantigas,
É falto de entendimento.

447
Quero cantar que me mandam,
Não quero ser descortês:
Quero fazer a vontade
A quem m'á mim nunca fez.

448
Quero agora cantar,
Agora me puxa a veia:
É um regalo cantar
Depois da barriga cheia.

449
Ó estrellinha do norte,
Agulha de marear:
É por onde m'eu governo
Quando te quero fallar.

450
....
Nossa Senhora faz meia,
As estrellas são *nas* agulhas,
O novelo é-*u*-a lua cheia.

451
Quatro com cinco são nove;
Agora já sei contar:
Quem me *inganou* uma vez,
Não me torna a *inganar*.

452
Quatro com cinco são nove,
Já se acabou a novena:
Amei-te com muito gosto,
Deixei-te com muita pena.

453

Triste sorte foi a minha
O meu amor ser carreiro:
Anda de 'strada em 'strada,
De ribeiro em ribeiro.

454

O meu amor é carreiro
Da Regua par'ó Pinhão:
Passa uma vida alegre
Com a aguilhada na mão.

455

Ó rio que já foste rio,
Agora és um regato:
Quem namora ás escondidas
Nem de namorar é farto.

456

Não canto por bem cantar,
Nem por boa falla ter:
Canto para cegar os olhos
A quem me não puder ver.

457

Eu se canto é com raiva,
Quem *mi* ouve bem m'intende:
Deu-me Deus habilidade
De comprar a quem me vende.

458

Gôsto de quem canta bem,
Regalo de quem escuta:
Quem escuta vae dizendo:
Cantas bem, filho .....

459

Quem diz que o cantar
Que tira penas ao coração:
Tenho cantado bastante,
Mas as penas não se me vão.

460

Eu se *ti* amo, tenho guerra,
Se te deixo, tenho dor:
Antes te quero amar com guerra,
Que deixar-te, meu amor.

461

Tanta laranja, tanta lima,
Tanto limão no chão:
Tanta menina bonita,
Tanto rapaz de feição.

462

Sou do Minho, sou minhota,
Sou filha dũa *minhoteira:*
Sei fallar aos amores,
Como qualquer da Ribeira.

463

Meu pae é chasco,
Minha mãe chasca Maria:
Tenho dois chascos em casa,
Sou filha da chascaria.

464

Quem me dera um val'verde,
Onde o vento não dera:
Quem me dera um amor,
Onde ninguem *no* soubera.

465

Quem me dera um veu preto
P'ra cobrir o meu rosto:
P'ra que nenhum magano
Dos meus olhos faça gosto.

466

Menina, venha commigo,
Peça licença a seu pae:
Seu pae é meu amigo,
Logo diz: Rosinha, vae.

467

Sepultura se me *aibra*,
Sepultura agora aqui:
S'eu neste mundo tenho
Quem queira mais *qui á* ti.

468

Namorei-me de um soldado,...
Onde *chigou* o meu brio:
De dia mata-me á fome,
De noite morro *ó* frio.

469
Meu amor é soldado,
Eu soldado não *no* q'ria:
Hei de ir livrá-lo a Chaves
Ó livro da *vadoria.*

470
Ó livro da *vadoria,*
Em fogo sejas queimado:
Foste-lo causador
Do meu amor ser soldado.

471
Atirei c'uma laranja
Por cima de Chaves fora:
A laranja caiu dentro,
Adeus Chaves, vou m'embora.

472
O somno e a perguiça
Tem-me dado muita perda:
O somno diz que me deite
E a perguiça que me não erga.

473
Eu hei de assentar praça
No coração de uma pomba:
Depois da praça assente
Darão-me baixa redonda.

474
Atirei á pera parda,
Acertei na de baguim:
Todas as penas acabam,
Só a minha não tem fim.

475
Quando eu cuidei que tinha
Os meus males acabados:
Então é qu'elles estavam
De novamente dobrados.

476
Já te podia ter dado
Um pente para a cabeça:
Se não fôra arrecear
Qu'o eu dar-t'o era perdê-lo.

477
O meu amor foi-se e deixou-me
Na maior força *di* amar:
Inda me deixou *im* tempo
De outros amores tomar.

478
Meu amor diz qu'é firme,
Qui é firme no amar:
Com'ó vento no bulir,
Com'ó vidro no estalar.

479
Tudo o que no mar nasce,
No mar *esfallece:*
Quem mais ama, mais se engana,
Quem mais faz, menos merece.

480
Meu peito é relogio,
Meu coração dá badaladas:
No dia que te não vejo
Trago as horas contadas.

481
A figueira preta
Arrebenta pelo pé:
Assim rebente a lingua
De quem diz o que não é.

482
Eu sou garoto, sou garoto,
Sou filho da garotice:
Inda que sou rapaz novo,
Nunca faltei *ó* que disse.

483
A figueira preta
Dá os figos na retorta:
Meu amor, na tua ausencia
Mil vezes pedi a morte.

484
O amor, quando se encontra,
Causa pena e dá gosto:
Dá sobresaltos no peito,
Sobem-se as côres ao rosto.

485
O amor e *ó* dinheiro
Não pode andar encoberto:
O dinheiro é chocalheiro,
E o amor é desinquieto.

486
S'eu *intrara* no teu peito,
Sabia o teu int'rior:
Assim como lá não *antro* (entro),
Não sei se me tens amor.

487
Meu amor, se te vires
No tribunal das formosas:
Apega-te ás moreninhas,
Qu'as brancas são enganosas.

488
Antre o trevo nasce o trevo,
Antre o trevo nasce a salsa:
Vale mais uma feia firme,
Do *qui* uma bonita e falsa.

489
Leitei o limão correndo,
Á tua porta parou:
Olha que tal é o mundo,
Qu'até nisso reparou.

490
Deitei o limão correndo,
Á tua porta parou:
Quando o limão tem amores
Que fará quem no deitou?

491
Não cortes a videira
Qui assobe par'á janella:
Qu'é-*u*-a escada do amor,
Que sobe e desce por ella.

492
Moro á beira do rio,
'Stou á sombra e 'stou *ó* sol:
'Stou admirada
Do cantar do *reixinol*.

493
É um regalo na vida,
Ao pé da agua morar:
Se tem sede vae beber
Se tem calor vae nadar.

494
Não quero sapato alto,
Que se m'interra n'areia:
Não quero amores na cidade
Já os tenho n'aldeia.

495
Dizeis que não pode ser
Silva verde dar um cravo:
Vedes aqui um bem bonito
Criado no monte bravo.

496
Minha mãe p'ra m'eu casar
Prometteu-me quanto tinha:
Depois que m'agarrou casada,
Deu me uma agulha sem linha.

497
Minha mãe p'ra m'eu casar
Prometteu-me tres ovelhas:
Ũa manca, *oitra* cega,
Oitra móna, sem orelhas.

498
Não me falleis em Gravellos,
Que são penas que me daes:
Onde eu tenho os meus amores,
P'ra que m'os *alembraes*.

499
Já me não lembrava Gravellos,
Nem que tal terra havia:
Agora já me não esquece
Nem de noite nem de dia.

500
Quero dá-la *espedida*,
Quero dá-la agora, agora:
Quero dá-la pequenina,
Que me quero ir embora.

501
Deixae-me ir qu'eu vou de pressa,
Levo agua, vou regar:
Amanhã é dia santo,
Tamos tempo de fallar.

502
Quero dar a *espedida*
Na folha da nabiça:
Adeus raparigas todas,
Até domingo á missa.

503
Quero dar a *espedida*
Na c'roa do meio tostão:
Senhores, que *mi ouve*,
Em geral peço perdão.

504
Quero dar a *espedida*,
Por hoje não canto mais:
Que me doe o ceu da boca
E *ós* dentes queixaes.

505
Quero dar a *espedida*
Por hoje não canto mais:
Que me doe o ceu da boca
E o coração ainda mais.

506
Eu bem sei quem *s'istá* rindo
Do meu cantar que não presta:
Saia cá *par'ó* terreiro,
Servirá de minha mestra.

507
Menina, não se admire
De eu cantar e não saber:
Eu ainda estou nova,
Ainda posso aprender.

508
É noite e o sol posto,
E o meu amor não vem:
Ou o meu amor é morto,
Ou elle matou alguem.

509
Meu amor, não embarques,
Nem deites pé no navio:
Que te quero sustentar
Nesta terra, qu'é meu brio.

510
Meninas do Bairro Alto,
Que fazeis *ó* que ganhaes?
Trazeis o amor descalço,
Nem uns sapatos lhe daes?

511
Meu amor, compra-me um lenço,
Senão dá-me o teu chapeu:
Qu'eu não posso aturar
Calor que vem do ceu.

512
A quem tem crianças,
Não se lhe *inora* o cantar:
Muita vezes canta
Com vontade de chorar.

513
O coração e *ós* olhos
São dois amantes leaes:
Quando o coração tem penas,
Logo os olhos dão sinaes.

514
Alegria e tristeza
Tudo por mim tem passado:
S'eu muito me tenho rido,
Muito mais tenho chorado.

515
Ninguem sabe apreciar
O que tem em seu poder:
Como não sabe o que perde,
Não se lhe dá de perder.

516
Quando eu tinha a minha honra,
Todos me adoravam,
Todos me respeitavam:
Agora *qui* a não tenho
De todos sou desprezada
E abandonada.

517
Já te disse, murtinheira,
Que não desses mais murtinho:
Que anda a justiça na terra
Prendendo quem faz carinhos (*sic*).

518
Ó senhor Juiz de fora,
Faça justiça na terra:
Prenda-me aquelles dois olhos
Qu'istão áquella *jinella*.

519
Menina *qu'istá jinella*,
Deite cabellos á rua:
Quando eu fôr d'esta terra,
Quero levar prenda sua.

520
Menina *qu'istá jinella*
Com seu *relojo* á cinta:
Diga-me quantas horas são,
Falle verdade e não minta.

521
Destes-m'alecrim por prenda
Por ter a folha miuda:
Quisestes-m'exp'rimentar,...
Meu amor não se muda.

522
Dizeis qui a *ruda qui* amarga,...
Quem vo-la deu a *buber?*
Sagredos d'este meu peito,...
Quem t'os deu a saber?

523
Deste-m'a *ruda* a *buber,*
Fizestes de mim diabo:
Deixalá (oxalá) *qui* o eu fosse,
Que te trazia tentado.

524
O caminho da fonte
Já de mim não é seguido:
Já *cobraram* as vidraças
Onde eu trazia o sentido.

525
Debaixo d'esta ramada
Nem chove nem cae orvalho:
Menina, s'ha de ser minha,
Não me dê mais trabalho.

526
Tenho meus sapatos rotos
D'ir e vir ao arrabalde:
Queira Deus qu'eu não rompa
Minhas solas de debalde.

527
Algum dia p'ra te ver
Passava trinta quintaes:
Agora p'ra te não ver
Passarei trinta ou mais.

528
Algum dia p'ra te ver
Dava passadas *ó* vento:
Agora não me lembras
Nem me vens *ó* pensamento.

529
As 'strellas do ceu correm
Todas numa carreirinha:
Assim a fortuna corresse
Da mão de Deus *p'rá* minha.

530
Pus-me a contar as *istrêlas,*
Contei até dezaseis:
A mais pequenina d'ellas
Comtigo a comparei.

531
Sétistrêlo vai rondando
Por cima de Chaves fora:
Recolhe-te *sétistrêlo,*
Deixa-me rondar agora.

532
A-*i*-agua do rio vae turva,
Eu fui quem *na* turvei:
Agora por meus peccados
Agua turva beberei.

533
A-*i*-agua do rio vae turva,
Cheg'*ó* mar *inclarece* (e clarece):
Esses teus olhos, menina,
Logra-os quem nos não merece.

534
Dezeis qu'eu tenho amores,
Santissimo Sacramento:
Eu nem *nos* tenho, nem *nos* quero,
Nem me vem ao pensamento.

535
O anel que tu me *destes*,
Era de vidro, *cobrou:*
Tanto dura a tua vida
Como o anel me durou.

536
Meu amor, se te prender (prenderem)
Dá-t'á prisão:
O anel d'este meu dedo
É-*u*-a tua livração.

537
O meu primeiro amor
Entreguei-o *ó romaninho:*
Estes *qui* agora tenho,
Vão pelo mesmo caminho.

538
Tenho uma pena no peito,
Que me chega até *ós* pés:
Não se me dá de morrer
Sabendo eu por quem é.

539
Com pena peguei na penna,
Com penna 'screvi um S:
P'ra 'screver *ó* amor
Que tanto de mim s'*isquece.*

540
Já o adro criou silvas
Já não tem passeador:
De certo não tenho
Nesta terra meus amores.

541
Ninguem se *finte* nos homes,
Nem no seu *darão, darão:*
Elles promettem igrejas,
E depois nem capellas dão.

542
Ninguem se *finte* nos *homes*
Nem no seu doce fallar:
Tem palavrinhas d'*assucre*,
Coração de resalgar.

543
Ninguem se *finte* nos *homes,*
Nem no seu *darei, darei:*
Desde que s'apanham servidos,
Dizem: adeus, já te paguei.

544
Mandás-te-m'aqui vir ter,
Que já aqui havias de 'star:
Eu vim, tu não *viestes,*
Aqui não hei de tornar.

545
Pequenina e bem feita
Assim se quer a mulher:
Delgadinha da cintura,
Que caiba por um anel.

546
A mamã qu'idade tinha
Quando *c'o* papá casou?
— Tinha dezoito,
Aos dezanove não *chigou.*

547
Eu amar hei de t'amar
Que t'o tenho promettido:
Casar comtigo isso nunca,
Olha, amor, logo t'o digo.

548
Olha, amor, o que te digo,
Repara e considera:
Desde que o mal estiver feito,
Pouco vale o *s'eu soubera!*

549
Já te não vale o chorar
Lagrimas *ó* pé de mim:
Sabias qu'eu era *home*,
Não te fintaras em mim.

550
Quando comecei *ámar*
Tinha dezanove annos:
Eu era muito novinha,
Fintei-me nos teus *inganos*.

551
Eu amei uma menina
Com tenção *di* a deixar:
Ella deixou-me primeiro,
Parece que devia adivinhar.

552
Eu amei uma menina
Na minha *sariedade*:
Eu amava-a com lisura,
E ella *á* mim com falsidade.

553
Anda cá, meu goivo *roixo*,
Criado na *goivaria*:
Eu amei-te com lisura,
Tu a mim com tyrannia.

554
No tempo que t'eu amei,
Melhor fôra amar um burro:
Siquer andava a cavallo,
Nunca eu perdia tudo.

555
Inda hoje não vi Anna
Nem *ó* jantar nem á ceia:
Qu'é da minha Anna,
Qu'é da minha casa cheia.

556
Maria, minha Maria,
Meu rosario sem cordão:
Tu és o meu oratorio,
Onde faço a minha oração.

557
Quem me dera o jantar,
Qu'eu inda não almocei:
Inda 'stou com a ceia,
Qui ont'á noite ceei.

558
Atirei e não matei,
Ó mal empregado tiro:
Ó minha polvora queimada,
Ó meu chumbo derretido.

559
Antre canas e canaes
A-*i*-agua devia nascer:
Menina, *qui* 'stá lá dentro,
Venha-me dar de beber.

560
Dae-me *ũa* pinguinha d'agua,
De vinho, quero dizer:
A-*i*-agua tem *semesugas*,
Tenho medo de morrer.

561
Se quereis qu'eu cante bem,
Dae-me uma pinguinha de vinho:
O vinho é coisa boa,
Faz o cantar miudinho.

562
Dae-me uma pinguinha d'agua
P'ra molhar a garganta:
Eu sou *com'ó reixinol*,
Quando bebe logo canta.

563
Canta commigo, ó prima,
Olhos de *patusqueira*:
Olha qu'o nosso cantar
Não vae vender á feira.

564
Raparigas, cantae todas,
Ajudae-me *siquer* uma:
O cantar é ser alegre,
Não é deshonra nenhuma.

565
Raparigas, cantae e *adverti-vos,*
Guardae o que vosso é:
As que não cantam nem dançam,
Tambem lh'*iscorrega* o pé.

566
Antoninho me prendeu,
José me deu á prisão:
Antoninho da minh'alma,
José do meu coração.

567
Antoninho me deu um cravo,
Manoel um anel de ouro:
Vale mais o cravo de Antonio,
Qui o anel d'aquelle doido.

568
Ó passar de um ribeirinho
Josézinho dá-me a mão:
Qu'eu prometto de ser tua,
Josézinho, d'outro não.

569
Antonio, cacho d'uvas,
Quem t'agora depennara:
De baguinho a baguinho,
Que nem um só te deixara.

570
Dá-me da tua ramada
Um *gacho* de moscatel:
Eu te darei um da minha,
Quando maduro 'stiver.

271
Antoninho, pede, pede,
Qu'eu já tenho que te dar:
Um *gachinho* de uvas,
Quando meu pae vindimar.

272
Fui á fonte buscar agua
Na casca da melancia:
Nem *bubi,* nem trouxe agua,
Nem fallei com quem eu q'ria.

573
Fui á fonte p'ra te ver.
Ao rego p'ra te fallar:
Nem na fonte nem no rego
Te pude encontrar.

574
Sapateiros e alfaiates
É um *fato* (= bando) de ladrões:
O sapateiro roub'*ás* solas,
O alfaiate os corações.

575
Eu não quero amor pedreiro,
Porque elle pisa na pedra:
Quero-o alfaiate,
Que pise na primavera.

576
S'houver de tomar amores,
Ha de ser c'um carpinteiro:
Que me faça uma caixinha
P'r'*arrecadar* o dinheiro.

577
Aquella menina cuida
Que não ha *oitra* no mundo:
Não é-*i*-o poço tão alto,
Que se lhe não veja o fundo.

578
Já tomei amores *nôvos,*
Já co'elles vou fallando:
Quando passo pelos velhos,
Dá-me o riso e vou andando.

579
Ó meu velho, velho,
Eu bem t'o *dezia:*
Rapariga nova
Que te não servia.

580
Ó meu velho, velho,
Ó meu velharrão:
Tens as barbas ruças
D'andar *ó* carvão.

581
Ó meu velho, velho,
Eu bem t'o disse *onte*:
Rapariga nova
Que te não faria conta.

582
Eu casei c'um velho,
Foi só p'ra me rir:
Fiz-lhe a cama alta,
Não pôde *assubir*.

583
Chamaes-me bexigosa,
Foi servido Deus eu tê-las:
Não ha coisa que mais brilhe,
Qui o ceu com suas *istrellas*.

584
Cuidas qu'eu por ti morro,
Qu'eu por ti rompo sapatos:
Minha cara de *bonecra*
Toda rilhada dos ratos.

585
Inda que teu pae me desse
Uma vaca c'um bezerro:
Comtigo *num* casava eu,
Minha ruça do pêlo.

586
Estes rapazes d'agora
Estes de vintem:
Quando vêem rir *ũa* rapariga,
Cuido que na mão a tem.

587
Cuidavas por m'eu rir
Que já me tinhas na mão:
Eu não sou tão rabaceira,
Que coma a fruta do chão.

588
S'houver de tomar amores,
Ha de ser c'um primo meu:
Si algum dia pelejarmos,...
Primo, não és mais do qu'eu.

589
Tu cuidas qu'és mais do qu'eu,
Serás mais ou serás menos:
Serás mais na *prejunção*,
O sangue pesá-lo-hemos.

590
Ó meu primo, ó meu primo,
Ó meu primo, *oitra* vez:
Hei de casar com meu primo....
Roma p'ra que se fez?

591
Ó priminho, tu 'stás vario
Ou *perdestes* o juizo:
Vai bater a outra porta,
Pracura o que t'é preciso.

592
Chamastes a meu pae sogro,
Sem saber se queria eu:
Meu pae em tudo governa,
Mas nisso governo eu.

593
Chamastes a meu pae sogro,
A minha irmã cunhada:
Olha lá o que dizes,
Qu'eu apego-me á palavra.

594
Adeus, adeus, ó Escariz,
Adeus casa das Casônhas:
Tanto sonho comtigo,
Só tu commigo não sonhas.

595
Não posso comer sem dar-te,
Nem *buber* sem dar a ti:
Não posso fazer a cama
Sem dizer: deita-te aqui.

596
Bem sei que te vaes embora,
Que t'andas a preparar:
Quem fôra passarinho,
Que te fôra acompanhar.

597
Ainda não é meio dia,
Nem tampouco *onzi* horas:
Pois eu ainda aqui 'stou,
Meu amor, para que choras.

598
Não ha coisa que mais custe,
Do qu'é amar *ũa* mulher:
'Stá sempre c'os queixos *tôrtos,*
Ninguem sabe o qu'ella quer.

599
Menina vae á fonte
Com dois pucaros na mão:
Por um dê-me de *buber,*
Por outro regue o meu coração.

600
S'o mar tivera varandas,
Eu ia-te ver ao Brasil:
Mas o mar não tem varandas,
Meu amor, por onde hei d'ir?

601
Altas torres tem teu peito,
Nas mais altas já m'eu vi:
Não se me dá qu'*oitro* suba
Escadas qu'eu já desci.

602
Antes qu'eu de ti 'stou longe
Com altas serras no meio:
Firmeza e lealdade,...
Vive amor sem arreceio.

603
Não sei que sympathia
A minha alma comtigo tem:
Quando estou ao pé de ti,
Não me lembra mais ninguem.

604
Suspiros que vão ao longe
Levam vida *denegrada:*
Muitos suspiros dou eu
Que me não servem de nada.

605
Que passarinho é aquelle
Que no ar faz ameaças:
Com a boca pede um beijo,
Com as asas um abraço.

606
Em Lisboa anda a guerra,
Qu'eu bem ouço cá os tiros:
Bem ouço combater
Meus ais com teus suspiros.

607
Suspirando, dando ais,
Anda o amor pela rua:
Suspira quanto quiseres,
Não pretendo ser tua.

608
Acipreste florida (*sic*)
Foi coisa qu'eu nunca vi:
Não te gabes que me deixas,
Qu'eu nunca te pretendi.

609
S'os suspiros *andasse,*
Eu dava duzentos *num* hora,
Que *fosse* bater *ó* peito
De quem me lembrou agora.

610
Quem me dera estar agora
Onde está o meu pensamento:
Do Porto para fora,
De Villa Real para dentro.

611
Esta noite choveu ouro,
Diamantes orvalhou:
Logo veio o sol com seu raio
Enxugar quem se molhou.

612
Tu cuidas o qu'eu não cuido,
Imaginas o qu'eu não sei:
Tenho o rol da tua vida,
E mais não me enganarei.

613

Jinellas avarandadas
Só o meu amor as tem:
Hei de fazer *jinellas* avarandadas
.... tambem.

614

Francisquinho, faz o caldo,
Francisquinho, dá-me d'elle:
Francisquinho, não tem sal,
Francisquinho, vae por elle.

615

O meu amor não é aquelle,
Qu'eu pelo andar o conheço:
Tem *no* andar miudinho
Com'á folha do codêço.

616

O meu amor não é aquelle,
O meu é mais *ramalhão:*
Quando tir'*ó* chapeu,
Chegam as fitas *ó* chão.

617

Trazeis chapeu á vareira,
Mandae-o arredondar:
De baixo do chapeu andam
Olhos de namorar.

618

Ergue o chapeu p'ra cima,
Não *no* tragas sempre á banda:
Ainda que seu pae é rico,
A roda tambem desanda.

619

Erga o chapeu p'ra cima,
Não *no* traga derrubado:
Eu quero ver a meu gosto
Essa boca de cravo.

620

Rapaz, tu és vario,
Rapaz, tu és vareiro:
Tu vendes sardinha,
Rapaz, tu és sardinheiro.

621

Eu vendo sardinha
Ha dois ou tres meses:
Ella é muito boa,
Deve q'rer lá, freguês.

622

Menina, não se admire
D'eu casar c'um paneleiro:
Do barro se *faz* panelas,
Das panelas o dinheiro.

623

Ninguem descubra o peito
Por maior que seja a dor:
Quem *no* seu peito descobre
A si mesmo é traidor.

624

Ninguem descubra o seu peito,
Por mais amiga que seja sua:
Aquella amiga tem outra,
Logo se sabe na rua.

625

Ninguem descubra o seu peito
Por maior que sej'*á* pena:
Quem seu peito descobre
A si mesmo é tyranno.

626

Quem me dera *ũa* amiga
Igual ao meu parecer:
Estas meninas d'agora
São de levar e trazer.

627

Quero cantar, qu'é de noite,
A noite tudo encobre:
Dê-me uma falla, menina,
Qu'a sua gente já dorme.

628

Passei pela tua porta,
Bem te vi, não te fallei:
Por via da tua gente
Bem ao *desfarço* me dei.

629
Ó meu amor, *desfarça*,
Desfarça e põe-te *sesudo*:
Desfarça quanto puderes,
Que no *desfarço* vae tudo.

630
Chamastes-me morena
Diente de tanta gente:
Agora ficarei no mundo
Moreninha para sempre.

631
Costureira, mão de neve,
Dá o ponto miudinho:
Inda espero de romper
D'essas mãos um collarinho.

632
O minha cara de neve,
Deita *poses ó* cabello:
O mimo qu'agora tens
Por tempo has de perdê-lo.

633
O meu amor não é aquelle,
O meu amor usa chapeu:
Tem um andar miudinho
Com'*ás* estrellas do ceu.

634
O meu coração é teu,
E o teu de quem será?
O meu morre pelo teu,
O teu por quem morrerá?

635
Indo eu por aqui p'ra baixo
Ós saltinhos com'*á* rola:
Vou entregar a minh'alma
Á Virgem Nossa Senhora.

636
Ó ai, li, la, ló
Meu bem:
'Stou na minha liberdade,
Não se me dá de ninguem.

637
Ó ai: eu, se não quero,
Não vou:
Eu, se vou, é porque quero,
A mim ninguem me mandou.

638
Ai, mais ai:
Ai, mais ai:
Tão cedo tomei amores,
Mais cedo fiquei sem pae.

639
Alegria, *si* a tenho,
Deu-m'a Deus de natureza:
Não é por m'a mim faltar
No meu coração tristeza.

640
Dezeis qu'eu sou atrevida,
Viva meu atrevimento:
Onde não for conhecida,
Tomarei conhecimento.

641
Inda hoje não comi
Senão lagrimas com pão:
São *nos* almocinhos
Qu'os meus amores me dão.

642
Eu casei-me por um anno
Para ver a vida que tinha:
O anno vae acabado,
Quem me dera solteirinha.

643
Solteirinha, não te cases,
Goza-te da *bôa* vida:
Eu bem sei *ũa* casada
Que chora de arrependida.

644
Rosa, que 'stás na roseira,
Deixa-te 'star, se 'stás bem:
Mimosa e regalada
Á sombra de tua mãe.

645
Rosa, que 'stás na roseira,
Deixa-te 'star no botão:
Despois de 'stares aberta
Já *num* 'stás em 'stimação.

646
Quem me dera *ũa* mãe,
Inda qu'ella fosse *ũa* silva:
Por mais que me picasse,
Sempr'eu eu era sua filha.

647
Minha mãe, que me *criastes*
Ao peito com tanto mimo:
Agora vou p'r'*á* guerra
Morrer com'um passarinho.

648
Ó meu pae, ó minha mãe,
Não me chame mais seu filho:
Eu sou um triste soldado,
Por trinta réis vou vendido.

649
Aquella menina chora,
Chora, qu'eu a enganei:
Ella neste mundo chora,
Eu no *oitro* penarei.

650
Eu a amar-te e a querer-te,
Tu a fugires de mim:
Deus te dê por castigo
Uma pena sem ter fim.

651
Eu de fronte, vós á vista,
Nem eu vejo, nem vós vêdes:
Mal *lo* hajam os pedreiros,
Que fizeram *nas* paredes.

652
Ó Anna, só tu és Anna,
Ó Anna, só tu és *ũa*:
Debaixo da tua cama
Põe-se o sol e nasce a lũa.

653
O sol, quando nasce, inclina
Ás pedras do meu anel:
Tambem eu inclinei
Aos olhos de Manoel.

654
O sol cuida que m'ingana,
Mas eu sei lhe andar *ó* geito:
Quando nasce, já m'eu ergo,
Quando s'*isconde*, já m'eu deito.

655
O sol anda e desanda
Pelo mundo *ó* redôr:
Eu nem ando nem desando,
Sou firme *ó* meu amor.

656
A folha do ólmo vira,
Vira, *qui* a vira o vento:
Eu inda me não virei
Do meu primeiro intento.

657
Agora é qu'eu vou *intrando*,
Na rua da *prejunção*:
Quem quiser sair que saia,
As armas á cinta vão.

658
Falle-me de longe,
Diga-me o que quer:
Eu trago armas á cinta,
Sou *home*, não sou mulher.

659
Inda que meu pae me mate,
Minha mãe me tire a vida:
Minha palavra 'stá dada,
Minha mão 'stá promettida.

660
'Stá o ceu ennevoado,
P'ra chover e não chove:
'Stá o meu amor doente
P'ra morrer e não morre.

661
'Stá o ceu ennevoado,
E mais não ha de chover:
'Stá o meu amor doente,
E mais não ha de morrer.

662
'Stá o ceu ennevoado,
Cercadinho de *relampos:*
Menina, acceite visitas
Do amor dos olhos brancos.

663
Olhos brancos, olhos pretos,
Olhos azues, olhos verdes:
Estas quatro castas de olhos
Em poucas caras os vêdes.

664
Que rua tão escura!
Não vejo nada por ella:
Bem podias tu, menina,
Pôr candeias á *jinella.*

665
Rua abaixo, rua acima,
Todo o mundo me quer bem:
Só a mãe do meu amor
Não sei que raiva me tem.

666
Anda cá, minha raivosa,
Desenraiva-te commigo:
Olha que de Deus abaixo
Não topas outro abrigo.

667
Quem me dera ver meu sogro,
A minha sogra bem *na* vejo:
Quem me dera ver o filho,
Qu'é a coisa qu'eu mais desejo.

668
Meu amor emmonou-se,
D'emmonado foi ás moras:
Anda cá, meu emmonado,
Qu'isso dura-te poucas horas.

669
O meu amor emmonou-se,
Não me quis de comer nada:
Comeu dezoito broas
E um alguidar de *selada.*

670
Barquinho, que vaes p'r'*ó* Porto,
Leva-me ó senhor arraes:
Eu peso muito poucochinho,
Peso quatro quintaes.

671
Lá vem *no* barco á vela,
La vem *na* sardinha boa:
Lá vem *no* meu amorzinho
Sentadinho na proa.

672
Tudo o que no mar embarca,
Á barra do Porto vem:
Tudo vejo vir á vela,
Só o meu amor *num* vem.

673
Azeitona verdial,
Amor, comemo-la ambos:
S'ella tiver veneno,
Morreremos ambos:

674
O coelho é *metreiro,*
Dorme c'os olhos abertos:
Eu tambem assim farei,
Tenho os meus amores certos.

675
Rosa branca toma côr
Não sejas tão desmaiada:
Que dizem as *oitras* rosas,
Rosa branca não é nada.

676
Não sei que rua é esta,
Que nem um retiro tem:
Quero-te fallar e *num* posso
Por causa de tua mãe.

677
Atirei co' verde *ó* verde,
Atirei co' verde *ó* ar:
Atirei o meu pensamento
Onde eu não posso chigar.

678
Inda agora aqui *chiguei,*
Mais cedo não pude vir:
Inda venho bem a tempo
Das tuas fallas ouvir.

679
Ó olhos, que vindes ver,
P'ra ver já vindes tarde:
Vinde amanhã mais cedo,
Vereis á vossa vontade.

680
Os meus olhos não são olhos,
'Stando os teus defronte:
São dois rios d'agua turva,
Quando vão de monte a monte.

681
Passarinho passa o rio,
Passa o rio e não bebe:
Tambem eu passava a noite
Comtigo, cara de neve.

682
Ó que pinheiro tão alto
Co'as pinhas tão còradas:
É com'as moças novas,
Emquanto *num* 'stão casadas.

683
Ó que pinheiro tão alto,
Com as pinhas rebaixou:
Assim foi *ũa* menina
Com amores que tomou.

684
O papel com que te escrevo,
Sae-me da palma da mão:
A tinta sae-me dos olhos,
A pena do coração.

685
Eu hei d'ir á tua terra,
Á tua missa do dia:
Que muito me tem gabado
Essa tua freguesia.

686
Da minha casa p'r'*á* tua
É o salto d'*ũa* cobra:
Inda 'spero *di* chamar
Á tua mãe minha sogra.

687
Dá-me a tua mão esquerda,
Que t'a quero apertar:
Já te não peço a direita,
Que tens a quem *na* dar.

688
Quem fòra tão ditoso
Com'*ó* linho que fiaes:
Que vos dera tanto beijo.
Como vós *ó* linho daes.

689
Ó Malhão, triste Malhão,
Negra vida t'hei d'eu dar:
Não hei de casar comtigo,
Nem t'hei de deixar casar.

690
Meu amor, procura agrados,
Não procures formusura:
Formusura sem agrados
É viver na noite escura.

691
Se me queres amar, ama,
Senão lá te avem:
O mundo é muito grande,
Não falta quem queira bem.

692
Adeus, quinta do retiro,
Eu me vou a retirar:
Tenho feito juramento
D'*ó* retiro não tornar.

693
Senhor, dê-me licença,
Qu'eu quero dar um suspiro:
Eu quero alliviar paixões
Que trago commigo.

694
S'eu quisera, bem pudera,
S'eu quiser, bem poderei:
Dar allivio *ós* teus males,
Qu'eu fui a que t'os causei.

695
S'eu quisera, bem púdera
Fazer o dia maior:
Dar um nó na fita verde,
Deitar embargos *ó* sol.

696
....
Quem vem commigo, quem vem?
Pelos geitos qu'eu vou vendo
Commigo não vem ninguem.

697
Coitadinho de quem tem
Os seus amores alem do rio:
Quer-lhe fallar e não póde,
Do coração faz navio.

698
— Anda cá, minha perola,
Do meu peito desejada:
No ventre de tua mãe
Já meu coração *ti* amava.

699
— No ventre de minha mãe,
Isso não podia ser:
Que tu não adivinhavas
Qu'eu estava p'ra nascer.

700
Esta noite sonhei eu,
A outra sonhada a tinha:
Sonhei *qui* 'stava comtigo,
Acordei, achei me sòzinha.

701
D'aqui p'r'*á* minha terra
Tudo é caminho chão:
Tudo são cravos e rosas
Postas pela minha mão.

702
D'aqui p'r'*á* minha terra
Tudo é 'strada nova:
Inda hei de tomar amores
C'um tocador de viola.

703
S'eu soubesse que tu vinhas
Como de facto vieste:
Mandava varrer a rua
C'um raminho d'*acipreste*.

704
Eu amei-te, foi um sonho,
Foi uma variedade:
Foi emquanto não achei
Amores á minha vontade.

705
O meu amor me disse *onte*
Qu'eu *qu*'andava còradinha:
Meu amor, não desconfies,
Qu'esta côr foi sempre a minha.

706
Menina, não se admire
D'eu cantar e ser casada:
É com o gosto que tenho
De me ver bem empregada.

707
Se te vira bem casada,
Este gosto era o meu:
Vejo-te mal empregada,
Choro o meu mal e o teu.

708
Minha mãe quer que m'eu case,
Não se lembra do futuro:
Não se lembra *di* a *buxa*,
Qui os pobres *homes aturo*.

709
Meu amor é um cravo,
Eu bem *no* soube escolher:
Na roseira não ha outro,
Só se lh'agora nascer.

710
Fui ao jardim passear,
A ver se encontrava o meu amor:
Encontrei o retrato d'elle
Na mais mimosa flor.

711
Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões,
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixões.

712
Meu amor, não me zeles,
Olha qu'eu de zelos morro:
Um amor que se não zela
Ou é falso ou é tolo.

713
A oliveira é a paz
O pessegueiro é a guerra:
Se não fossem os teus agrados,
Já não 'stava nesta terra.

714
Alecrim á beira d'agua
Deita cheiro que rescende:
Bem me queria ir embora,
Mas os teus olhinhos me *prende*.

715
D'aqui p'r'*á* minha terra
Tudo é salsa pelas paredes:
Significa sentimento
De te ver tão raras vezes.

716
Não sei que significa
O elo na *verde louca*:
Significa lealdade,
Eu em ti acho bem pouca.

717
Ó vida que lá me tendes
O meu coração por prenda:
Olha lá como me tratas,
Qu'eu tenho quem me defenda.

718
Á tua porta 'stou morto
Tratae de m'ir enterrar:
Na tua mão 'stava a vida,
Se m'a tu quisesses dar.

719
Já morri, já m'enterraram,
Já me deitaram terrões:
Tornei a resuscitar
Com tuas orações.

720
Ja morri, já m'enterraram,
Ja me deitaram terra fria:
Tornei a resuscitar
Com tuas ave-marias.

721
S'eu soubesse o padre-nosso,
Como sei cantar cantigas:
Andava sempre a rezar
Por alma das raparigas.

722
Triste sorte foi eu ver-te,
Atrevimento fallar-te:
Delicto era pretender-te,
Pena de morte deixar-te.

723
Tudo era mata, mata,
Eu nunca matei ninguem:
Por via do mata, mata
É qu'eu hei de ir por ahi alem.

724
S'o cantar dera dinheiro,
Eu faria por cantar bem:
O cantar não dá dinheiro,
Canto por aqui *ò* desdem.

725
Tu cantas e eu canto,[1]
Quaes de nós canta melhor?
A minha voz encobre a tua,
Cala-te lá *reixinol.*

726
O lòreiro é pau verde
Sêca seja a tua rama:
Inda não tenho amores,
Já me querem pôr a fama.

727
Tenho o meu pão amassado
E o meu velho a morrer:
Antes o meu velho morra
Do qu'*ó* meu pão se vá perder.

728
Ó olhos da minha cara,
Ninguem vos veja mais rir:
Já que *soubestes* amar,
Sabei tambem sentir.

729
Adeus, adeus, ó Gravelos,
Quem vos correra *ós* tiros:
C'*ũa* pistola de prata
Carregada de suspiros.

730
Villa Real está de luto
Do Campo até á Carreira:
Chorae raparigas todas
Que já la vae o Gil Bardeira.

731
Meu amor, se te fores,
Diz-me a quem eu hei de amar:
— Não ames a mais ninguem,
Qu'eu, se for, hei de tornar.

732
Não se me dá qu'*oitro* suba
As escadas qu'eu já desci:
Não se me dá qu'outro logre
Amores qu'eu por gosto perdi.

733
Fui á fonte buscar agua,
Bebi, tornei a beber:
Nem o meu coração s'enfada
Nem os meus olhos em te ver.

734
Ó mar largo, ó mar largo,
Ó mar largo sem ter fundo:
Vale mais andar no mar largo
Do que nas bocas do mundo.

735
Fostes fallar mal de mim,
Coração, alma damnada:
Que te custava a *dezer:*
D'essa mulher não sei nada.

736
A oliveira é benta,
Ramo d'ella tem virtude:
Quem vem aqui de tão longe
Saber da tua saude?

737
Tenho pena sobre pena,
Mas não é de 'screver:
A maior pena qu'eu tenho
É se te não torno a ver.

738
Eu não posso cantar alto,
Que me morreu uma gata:
Coitado de quem é pobre,
Qualquer coisa lhe faz falta.

---

[1] *Variante:* Tu de cá e eu de lá.

739
Olhos, *abalisae* (= abandonae?)
A terra por onde fores:
Eu tambem *abalisei*
Os meus primeiros amores.

740
Coitadinho de quem ama
Sem primeiro ser amado:
Fica com o tempo perdido
E o coração magoado.

741
Meu amor d'algum dia,
Quer's-te tu compadecer:
Quer's-me tu pagar o tempo
Que me tens feito perder.

742
S'algum dia eu não dera
Ós meus olhos larga vista:
'Scusava agora d'andar
Co'esses teus em justiça.

743
Ó amor, ó desamor,
Tão mau pago deixaes:
Primeiro tudo são gostos,
Depois suspiros e ais.

744
Beldroegas são ciumes:
Coives aborrecimento:
Alfacias são saudades,
Eu por ti trago bastantes.

745
Coitadinho de quem nasce
Par'*ó* mundo sem ventura:
É com'*ó* prato quebrado,
Que se deita para a rua.

746
Amar a quem me não ama,..
Não ha sorte mais tyranna:
Conhecer o proprio erro,
Viver no mesmo engano.

747
Ser leal a quem me é falso
Só eu nesta vida o fiz:
Em tudo sou desgraçado,
Pois eu julgo-me feliz.

748
Ó fado, ó triste fado,
É tempo de acabares:
S'hei de viver em ternura,
Ó morte, vem-me buscar.

749
O serpão é miudinho,
Não se pode apanhar junto:
Menina, fuja de ter amores,
Olhe que deixá-los custa muito.

750
Se fores *ó* Porto,
Traz-m'um saiote,
Co'a barra preta,
Que não debote.

751
Se fores *ó* Porto,
Eu tambem vou:
Buscar *ũa* rosa
Que lá ficou.

752
Meu canivete dourado
Caiu *ó* poço, afundou:
Deixemos fallar o mundo,
Quero-te bem, acabou.

753
O sol dês que p'r'álli vae,
Ja vae brandinho, *num* queima:
Hei de lograr os teus olhos
Só por via d'*ũa* teima.

754
Se Villa Real fôra minha,
Assim como é dos estudantes:
Mandava pôr no centro
Um vaso de diamantes.

755
Perguntaes d'onde eu sou,
D'onde é a minha gèração:
Eu sou de Villa Real,
Das guardas do sabão.

756
Perguntaes-me d'onde sou,
D'onde serei agora:
Eu sou do Porto,
Dos arrabaldes de fora.

757
Senhora da Saude,
Quem pergunta saber quer,
Se a romaria é acceite
Do homem sem a mulher.

758
'Stou rouca, enrouquecida,
Do meu peito encerrada:
Isto foi *ũa* paixão
A teu respeito causada.

759
Eu hei d'assubir *ó* alto,
Ó alto hei de assubir:
Quem *ó* mais alto assobe
Ó mais baixo vem cair.

760
Hei d'assubir *ó* alto,
Qu'eu do alto vejo bem:
Para ver o meu amor
Se falla com alguem.

761
Chorae, olhos, chorae, olhos,
Chorae pelo que perdestes:
Chorae, olhos, chorae,
Que lhe *nun* valestes.

762
Ó vida da minha vida,
Eu não tenho vida, não:
Fugiu-me a minha pombinha,
Deixou-me as pennas na mão.

763
Ó minha maçã vermelhinha,
Onde deixastes o cheiro:
— Deixei-o na tua cama,
Na renda do travesseiro.

764
Ó meu amor, quem te disse
Qu'eu dormindo suspirava:
Quem t'o disse não mentiu,
Qu'eu por ti suspiros dava.

765
Rua abaixo, rua acima,
Sempre com o chapeu na mão:
Num tive quem me dixesse:
Cubra-se o meu coração (= o meu amor).

766
Minha maçã camoesa
Picada do *reixinol:*
Quem te picou, que t'aproveite,
Porque te comeu o melhor.

767
A fonte da Tenaria
Hei de mandá-la *atupir:*
Ella *é-u*-a perdição
Das criadas de servir.

768
Assenta-te aqui Antonio,
Será a vida que teremos:
Anda a morte pelo mundo,
Cedo nos apartaremos.

769
A folha do castinheiro
No ar tem o seu abrigo:
Quem ha de fallar não falla,
Falla quem tem que lhe *digo.*

770
Castinheiro *candaro* sêco,
Que castanhas pode dar?
Home pobre sem dinheiro
Qu'amores pode tomar?

771
Ó adro, terra de igreja,
D'onde se enterram *nos* anjinhos:
Ó terra qui 'stás comendo
Côrpos tão delicadinhos.

772
Fui á sepultura ver
Os braços da minha amada:
Achei tudo reduzido
A pó, terra, cinza e nada.

773
Nossa Senhora m'ajude,
Ella me queira ajudar:
A findar este serviço
Para *oitro* começar.

774
Nossa Senhora m'ajude,
Ó que linda falla eu dei:
Ja logrei os teus carinhos,
Agora descansarei.

775
Sabe Deus d'hoje a um anno,
Onde 'stará o meu corpo:
'Stará nesses teus braços,
Ou na sepultura morto?

776
Tenho-te dado conversa,
Liberdade ainda não:
Se t'a eu tivera dado,
Morreria de paixão.

777
Ó derriço, dá cá isso,
Que levas na mão fechada:
Se a levasses aberta,
Já te não pedia nada.

778
Segunda feira te amo,
Na terça te quero bem:
Na quarta por ti morro,
Na quinta por mais ninguem.

779
Ó meu amor d'algum dia,
Queres-te tu compadecer?
Queres-me pagar o tempo
Que me tens feito perder?

780
Ó meu amor d'algum dia,
Queres-me tu ainda bem?
— Essa pergunta 'stá boa,
Isso que duvida tem?

781
Eu hei de t'amar, amar,
Eu hei de te querer, querer:
Hei de te tirar de casa
Sem tua mãe saber.

782
Eu hei de t'amar, amar,
Eu hei de te querer bem:
Hei de te tirar de casa
Sem o saber tua mãe.

783
Graces a Deus
Já o cuco é tendeiro:
Foi armar a tenda
No mais alto *castinheiro*.

784
O meu amor é ourives,
O teu é mercador:
O meu dá-me prendas d'ouro,
O teu saias de côr.

785
Chamaes-me *marellinha*,
Eu *marellinha* quero ser:
Marellinho é o ouro,
Eu que mais quero valer?

786
Lá vem a cara amarella,
Lá vem o andar de brio:
Lá vem o *assucre* em ponto,
Ao longe mette fastio.

787
Aqui neste canto recanto,
Aqui neste recantinho:
Aqui bate a pomba a asa,
Aqui faz a rola o ninho.

788
Ó minha pombinha branca,
Empresta-me o teu vestido:
— O meu vestido são pennas,
Eu tambem em penas vivo.

789
Quem te fez o colletinho
Tão chegado ao coração:
Ainda qu'eu queira não posso
La metter a minha mão.

790
Namorados, fallae baixo,
Qu'as paredes tem ouvidos:
Os *sagredos* mais encobertos
São sempre os mais sabidos.

791
O meu amor quer qu'eu tenha
Juizo e capacidade:
Tenha-a elle qu'é mais velho,
Qu'eu sou de menor idade.

792
Não me tussas, não m'escarres,
Qu'eu não tenho nenhum erro:
Sou com'*á* laranjinha,
Quando sae do arvoredo.

793
Ó arvoredo fechado,
Não digas qu'eu aqui vim:
Eu *num* quero qu'o amor saiba
Novas nem partes de mim.

794
Aqui tens o meu coração
E as chaves par'*ó* abrir:
Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir.

795
Tenho dentro no meu peito
Um cravo roxo a abrir:
Ninguem sabe o meu intento,
Nem *quaes* eu hei de seguir.

796
Ai de mim, qu'eu ja não posso
Com tantas penas amar-te:
São tantos a pretender-te,
Eu resolvo-me a deixar-te.

797
Quero agora cantar,
Que já muito não cantei:
Quero ver a minha falla,
Se 'stá como a deixei.

798
Ai de mim, qu'eu já não posso
Cantar como já cantei:
Ja *bubi* agua d'amores,
Minha falla derramei.

799
Eu casei-me, captivei-me,
Troquei a prata *ó* cobre:
Troquei a minha *libardade*
Por dinheiro que não corre.

800
Eu casei-me, captivei-me,
Troquei o ouro á prata:
Troquei a minha *libardade*
Por dinheiro que não passa.

801
Tanto me doe a cabeça,
Que me quer cair *ó* chão:
Dae-me uma pinguinha,
Quer m'ella caia, quer não.

802
O meu coração é terra,
Hei de mandá-lo cavar:
Para sepultar os desejos
Que tenho de te fallar.

803
Tenho um amor que *mi* ama,
Outro que me dá dinheiro:
Outro que me veste e calça
Como *ó* real cavalheiro.

804
Minha mãe, logo á noite,
«Maria vae-te deitar»:
Ella cuida qu'eu que durmo,
Eu ando a namorar.

805
Assim que t'eu vi, logo disse:
Lindo corpo para amar:
Linda boca para beijos,
Lindos olhos para acenar.

806
Coração não vivas triste,
Vive alegre, se puderes:
Algum dia será teu
O que tu agora queres.

807
Deitae p'ra cá os olhos,
Deitae, deitae:
Elles não são moedas d'ouro
Que roubeis a vosso pae.

808
....
Cantar, quem quer canta:
É afinar a voz,
É dar um geito á garganta.

809
Quem me dera um limão
Do limoeiro azedo:
Para tirar o fastio
A quem m'o tirou tão cedo.

810
Torradas e mais torradas,
Torradas não quero mais:
Por via das torradinhas
Fogem as filhas *ós* paes.

811
O meu leal coração
Ao teu cruel obedece:
O meu leal não te lembra,
O teu cruel não me esquece.

812
A oliveira é a paz
Que se dá aos bem casados:
A palma aos sacerdotes,
O alecrim aos namorados.

813
Amores ao longe, ao longe,
Perto quem quer os tem:
Amores ao pé da porta
Não são leaes a ninguem.

814
Se tu queres vir commigo,
Se tu commigo vir queres:
Eu te livrarei da fama,
Que tu commigo tiveres.

815
....
Comtigo não vou ..
Ficarei nesta terra
Defamada para sempre.

816
....
....
Eu a a fama não lh'a levo,
Nem lhe ella chegue a vir:

817
Anda cá minha bemfeita,
Que tudo sabes fazer:
Faz-me uma joia d'oiro
P'r'*ó* meu peito trazer.

818
Antoninho, cravo roxo,
Cara de leite coado:
Fostes-te gabar *ó* Porto
Qu'eu que te dera um cravo.

819
Eu não te dei cravo nem rosa,
Dei-te um lenço bordado:
....
....

820
Eu perdi o meu lencinho,
No terreiro a dançar:
A minha mãe não me dá *oitro,*
Em cabello hei d'andar.

821
Menina do lenço preto,
Saia da mesma côr:
Diga a seu pae que a case,
Qu'eu serei o seu amor.

822
Trazeis o cabello atado
Pelas costas ao comprido:
Nêssa trancinha do meio
And'*ó* meu amor mettido.

823
O cabello entrançado
Serve de toda a maneira:
De dia serve de gala,
Á noite de cabeceira.

824
Chamastes *ó* meu cabello
Dobàdoira de Vianna:
Eu tambem chamei *ó* teu
Cabello d*ũa* tyranna.

825
Menina ate o cabello,
Qu'elle atado 'stá-lhe bem:
Se não tem fita p'ra elle,
O carvalho vergas tem.

826
Essa mão de neve,
Quando na minha pegou,
Parece que tinha feitiço
Que logo m'enfeitiçou.

827
Triste sou, triste me vejo
Sem a tua companhia:
Tanto é que já nem me lembro
Se alegre fui algum dia.

828
Já fui alegre cantando,
Agora sou triste, morro:
Meus olhos pagam tributos
Do tempo qu'alegres *foro.*

829
Villa Sêca não tem agua,
Se a não tem, eu lh'a darei:
Com a agua de meus olhos
Villa Sèca regarei.

830
Ó coração retrahido,
Ó cara cheia d'enganos:
Olha o pago que me destes
Em te amar tão largos annos.

831
Ó coração pequenino,
É bem que vivas penoso:
Para que te não fintaras
Num amor tão enganoso.

832
Algum dia era eu
No teu prato melhor sopa:
Agora sou um veneno,
Resalgar na tua boca.

833
Algum dia era eu
Prenda no teu coração:
Agora sou uma vassoira
Com que varreis o chão.

834
Ó coraçãozinho,
C'*ũa* faca te hei de abrir:
Que te deixaste prender
A quem podias fugir.

835
Coração qu'a dois ama,
Trinta diabos o *leve:*
Que me faz andar tão triste,
Onde eu era tão alegre.

836
Eu hei de cantar e *advertir-me,*
Hei de ser muito alegre :
Quem tiver sono que durma,
Elle *á* mim não me persegue.

837
Nem meu pae, nem minha mãe,
Nem duzentos confessores :
Me *pribem* (prohibem) *na* liberdade
D'eu fallar *ós* meus amores.

838
Se meu Deus a Braga leva,
Hei de jurar a verdade:
Que dormi na tua cama
Muito á minha vontade.

839
Se me Deus a Braga leva,
Hei de jurar o que vi:
Que dormi na tua cama
Muito bem a par de ti.

840
Fui-me confessar a Braga,
E vim commungar *ós* Capuchinhos:
Deram-me por penitencia
Mais abraços *ca* (que a) beijinhos.

841
Quem não sabe namorar,
Apega-se ao vicio do fumo:
Entra pela porta dentro,...
Menina, dá-me o lume?

842
Assubistes ó lóreiro,
Regalastes o teu peitinho:
Agora 'stás de gaiola,
Paciencia, passarinho.

843
Ó meu amor,
Só tu tivestes a dita:
D'entrar dentro em meu peito,
Nũa sala mais bonita.

844
No ceu anda uma *nuve,*
Todos *dize* eu bem *na* vi:
Todos *fallo e murmuro,*
Ninguem olha para si.

845
Quem pensara na morte
E nos artigos qu'ella tem:
Não comia, nem bebia,
Nem fallava de ninguem.

846
Amar e saber amar
São pontos muito delicados:
Os qu'amam bem são poucos,
Os que sabem amar são raros.

847
Amar e saber amar,
Amar e saber a quem:
Amar a Deus do ceu
E não amar a mais ninguem.

848
Se o amar fôra crime,
Era um dos *craminôsos:*
No ceu não entra crime
....

849
Eu venho da *terra quente*[1]
Da segada do centeio:
Da fama ninguem se livra,
Hei de t'amar a rego cheio.

850
Senhora Santa Luzia,
Do logar de Carrazêdo:
Dai-me vista *os* meus olhos,
Qu'andar cego é degredo.

---

[1] Lados de Mirandella.

851
Eu venho aqui por um *pique*,
Já venho *despicada*:
Num se me dá de morrer,
Eu já venho confessada.

852
Sol divino, não te ponhas,
Qu'eu não posso ver a noite:
Não posso ver meus amores
Longe de mim, perto *d'oitro*.

853
Eu quero bem aos teus olhos,
Sempre 'stão a bulir:
C'o gosto qu'eu nelles tenho
De certo m'hão de fugir.

854
Não me namora o teu ter,
Nem *no* teu rico cordão:
Namoram-me esses teus olhos,
Que tão fagueirinhos são.

855
Não me namora o teu ter,
Nem o teu andar á moda:
Namoram-me esses teus olhos,
Meios dentro, e meios fora.

856
Eu tenho na minha janella
O que tu não tens na tua:
Cravos roxos riscadinhos
Virados para a rua.

857
Pus o pé na sepultura,
Uma voz me respondeu:
Tira o pé, que trilhas
O amor que já foi teu.

858
Alma que vaes passando,
Olha o desengano qu'esta caveira te dá:
Com'a ti já eu fui,
Com'a mim tu o serás.

859
Cada vez que m'alembro
Que de ti m'hei d'apartar,
Enchem-se-me os olhos d'agua,
Meu allivio é chorar.

860
Não ha flor com'*ó* suspiro,
Na minha opinião:
Todas as flores se *vende*,
Só os suspiros se dão.

861
Eu hei d'ir *ó* ceu em vida
Pedir ao Senhor por ti:
Por teu pae e tua mãe,
Que te criaram para mim.

862
Jesus é meu pae,
S. Francisco meu irmão:
Os anjos são meus parentes,
O que linda geração.

863
Ó paes barbaros e crueis,
Qu'uma filha abandonaes:
Por ella cair num erro,
Já ao mundo a entregaes.

864
Dos meus sou abandonada,
Do meu bem aborrecida:
Agora qu'hei de fazer?
Valer-me da triste vida.

865
A rapariga cae no que fez,
Caiu desmaiada *ó* chão:
Bota os joelhos em terra,
Ó pae vae pedir perdão.

866
— O pae lhe responde:
Aparta-te de mim maldita:
Ó monstro da maldição:
Para *ũa* filha ingrata
Não pode haver compaixão.

867
Quando eu era rico,
Rico avarento:
Passava tempo, noites inteiras;
Agora que sou pobre
Ninguem me conhece,
Todos m'*aborrece*,
Melhor me fôra morrer.

868
Delaidinha, não te cases,
Tu inda és muito criança:
Se algum rapaz te namora,
Não lhe dês confiança.

869
Morreu-te tua mãe ha pouco,
Tu nem d'isso tens lembrança:
Minha mãe morreu,
Foi p'r'*á* sepultura:
O mesmo posso ser eu,
A gente pouco dura.

870
Quem me dera agora ver,
Quem m'agora aqui lembrou:
Ó meu amor da minh'alma,
Que tão longe de ti 'stou!

871
Nossa Senhora me leve
Á terra d'onde eu nasci:
Para ver a minha gente,
E minha gente ver-me a mim.

872
Nossa Senhora me leve
Á terra do *açucre*:
Ja nesta terra não tenho
Quem commigo s'*óccupe*.

873
Tenho corrido mil terras,
La p'ra trás do Marão:
Tenho visto caras lindas,
Com'*á* tua inda não.

874
S'eu tivera papel d'ouro,
Comprava pena de prata:
Apurava os meus sentidos,
Escrevia-te uma carta.

875
O papel com que t'escrevo,
Sae-me da palma da mão:
A tinta dos olhos
A *penna* do coração.

876
La vem o barco á vela,
La vem a *sardinha* boa:
Lá vem o meu amorzinho
Sentadinho na proa.

877
Menina *qui* 'stá á janella,
Dê-me a mão. quero subir:
Eu sou muito vergonhoso,
Pela porta não hei d'ir.

878
O anel d'ouro não é prenda,
Nem *na* prata *é alembrança:*
O anel de contas miudas
Mette toda a confiança.

879
O lòreiro bate á porta,
Menina, vae ver quem é:
São os olhos de Maria,
Que vem ver os de José.

880
Lòreiro bate, bate,
Qu'eu bem *no* ouço bater:
Co'a rama no redondo telhado,
Quando quer amanhecer.

881
Firmeza e lealdade
Quer amor que tinhaes:
Firmeza p'ra commigo,
Cautela p'ra c'os mais.

882
Trazeis cravo *ó* peito,
É sinal de casamento:
Tirae o cravo do peito,
Qu'o casar inda tem tempo.

883

O anel que tu me deste,
Trago-o no dedo *mendinho:*
Cada vez que tu me lembras,
No anel dou um beijinho.

884

Adeus, minha terra,
Adeus casa de meu pae:
D'onde m'*advertia*,...
Esse tempo ja la vae.

885

Tudo é casar, casar,
Qualquer tolo é casado:
P'ra sustentar a mulher e *ós* filhos,
Ahi é que a porca torce o rabo.

886

Quem tem filhos pequenos
Não se lhe *inora* o cantar:
Muitas vezes se canta
Com vontade de chorar.

887

Menino é d'ouro,
D'ouro é o menino:
Hei d'entregá-lo *ós* anjos,
Que cresça, qu'é pequenino.

888

'Scuita, 'scuita, meu menino,
Qu'a mãezinha logo vem:
Foi lavar os cueirinhos
A fontinha de Belem.

889

Linda noite, escura ella,
Mas cae a neve tão dura e fria:
E a mão de Deus, a mão de Deus,
É nossa guia.

890

Mais vale ser mulher casada,
De noite *engalhar* meninos:
Do que ser freira professa,
Á meia noite tocar os sinos.

891

A canoa tres filhos tem,
Todos tres por baptizar:
A mais velha d'ellas todas
Canoa se ha de chamar.

892

Candeia que não dá luz
Não se espeta na parede:
O amor que não é firme
Não se faz cabedal d'elle.

893

Mulher ingrata,
Ingrata mulher:
Vai p'r'*ó* teu *home*,
Que ninguem te quer.

894

Linda noite, lindo luar,
Fugimos d'aqui:
A noite 'stá bella,
O amor não sorri.

895

Adeus, quinta do retiro
Da sala para a cozinha:
A maior pena que eu levo
É do rabo de sardinha.

896

Eu ainda não comprei,
Mas hei de comprar,
Um lencinho branco
P'ra t'*açanar*.

897

Pega lá este raminho
De cravos e cravelinhas:
Por te não poder mandar
Dos meus olhos as meninas.

898

Se houver de tomar amores,
Ha de ser c'um gallego:
Se me der a fome em maio,
Arre burro! vou vendê-lo.

899
Antoninho pede a Deus
Qu'eu peço ás almas santas,
Que nos juntemos ambos,
Já que as lagrimas são tantas.

900
Se houver de tomar amores,
Em Villa Real ha de ser:
Ou no fundo ou no cima
Ou no meio a escolher.

901
Adeus ó Villa Real,
Quem me dera agora lá:
A culpa tive-a eu,
Não viera de lá.

902
Adeus, adeus, ó Gravelos,
Quem t'agora passeara:
Do fundo até *ó* cima
E no meio s'assentara.

903
O setistrêlo vae rondando
Por cima de Constantim:
Arrecolhe-te, setistrêlo,
Deixa-me rondar a mim.

904
José do Egypto,
Teu pae é Jacó:
Tambem eu choro e grito
Por me ver no mundo só.

905
Meu amor, se te fores,
Á vinda vem por aqui:
Qu'eu fecho os olhos
E juro que te não vi.

906
Que lindo botão de rosa
Aquella roseira tem:
Debaixo não se lhe chega,
A cima não vae ninguem.

907
Ó minha mãe, minha mãezinha,
Não se póde ser mulher:
S'é bonita, tem má fama,
S'é feia, ninguem *na* quer.

908
Indo eu por aqui abaixo,
Escorreguei, caí p'ra trás:
As moças já me não *quere'*...
Ó desgraçado rapaz!

909
Quando eu era pequenino,
Deitava o meu pião:
Todas as moças me diziam:
Bota-m'o aqui na mão.

910
Eu hei de t'amar tanto, tanto
Como o sol ama a terra:
Eu hei de te querer muito,
Si ainda estás donzella.

911
Eu hei de morrer no sabbado,
No domingo m'hão d'enterrar:
Os anjos do ceu
M'hão d'acompanhar.

912
Meu amor, por via de ti
Pus-me na 'stinha:
Não torno a ser quem era,
Nem a caldos de gallinha.

(Continua)

A. Gomes Pereira.

MISCELLANEA

I

Cinco adagios portuguezes comparados entre si

Ainda hoje é costume entre nós as pessoas de alguma idade, quando vão referir um adagio, annunciarem em maneira de preambulo: *diziam os antigos* ou *os velhos* [1]. Por esta fórma geral, o povo indica os factos tradicionaes, e para o caso de que me occupo, já nos mais antigos monumentos litterarios de Portugal se encontram iguaes ou semelhantes apresentações na phrase, como demonstra o material recolhido na obra da Sr.ª D. Carolina de Vasconcellos, apontada na nota. Só nos secs. XV e XVI, segundo parece, dão entrada entre nós as varias denominações d'essas pequenas phrases, syntheses breves da duvidosa *sabedoria do passado,* no dizer dos apologistas. Mas assim como a humanidade ainda não perdeu a faculdade de inventar novas palavras, da qual se serve só escassamente, porquanto o material existente já lhe sobeja, assim tambem a faculdade de inventar adagios se lhe não secou, nem tão pouco a de transformar e applicar os antigos ao desenvolvimento da civilização.

Os autores dos adagios ficarão eternamente no escuro do anonymato, mas outros ha em que as phrases inventadas numa occasião se conservam, se espalham nos livros e são acolhidas carinhosamente pela massa popular. Para que a fórma se não perca, nem tão pouco o nome do autor, o que é necessario para se manter a liberdade da critica aos que tem obrigação de estudar as origens e progresso da civilização, ha inventarios mais ou menos completos [2].

A sciencia não desdenha dos adagios, antes pelo contrario, estuda-os e compara-os, não porque ella tenha necessidade de

---

[1] Cfr., sobre expressões semelhantes: Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos,* I, 146; e D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Tausend port. Sprichwörter,* 23.

[2] Por exemplo, o pequeno livro: Fried, *Lexikon fremdsprachlicher Citate.* Leipzig 1888.

empregá-los, mas com o fim meramente objectivo e prosaico de achar nelles representações do passado e penetrar na alma popular de cada povo, que é o em que consiste o thema dos estudos humanisticos no sentido moderno.

Por isso, procurar topographica e chronologicamente entre milhares de proverbios e citações proverbializadas os que forem semelhantes, para depois obter os que são puramente nacionaes, é trabalho indispensavel.

Alguns proverbios são hoje correntes, aos quaes parece possivel encontrar o autor. O nosso *O habito não faz o monge,* que poderia ter deixado de existir quando em 1833 foram extinctas as ordens religiosas, é já mencionado no sec. XIII: «*Dice S. Geronimo: el monje faze el habito, ca non el habito al monje*» [1]. Tambem o *A cavallo dado não se olha o dente,* citado pela Sr.ª D. Carolina sob o n.º 90, vamos achá-lo em S. Jeronimo, *Epist. ad Eph.: Equi donati dentes non inspiciuntur,* com a versão allemã: *Einem geschenkten Gaul sieht man nicht ins Maul* [2].

Sob o n.º 294 dá a autora acima mencionada: «A mulher e a sardinha, a mais pequenina», a que o Dr. Leite de Vasconcellos [3] juntou «Algumas pessoas accrescentam: «porque do mal o menos». O humorista allemão Karl Julius Weber (1767–1832), que escreveu *Demokritos, oder hinterlassene Papiere eines lachenden Philosophen,* na parte que se refere á mulher (Das Weib) [4], diz o seguinte: «Mein lieber Demokrit ist noch der artigste, er heiratete ein ganz kleines Weibchen und sagte: Unter den Übeln muss man das kleineste wählen». Este adagio, que parece já existia nos tempos classicos, descreve bem a tendencia que tem o homem de casar com mulheres de estatura inferior á d'elle, no que talvez exista um traço do casamento primitivo ou rapto violento, em que o homem procurava obter companheira salteando a mulher desprevenida e desacompanhada nalgum recanto das florestas. É bem de ver que se a mulher fosse mais robusta do que o raptor, a luta daria rasultado contrario ao plano. Lord Burleighs não era tão favoravel á pequenez da mulher; nos conselhos a seu filho escreve: «Não escolhas nenhuma anã, pois que farias uma raça de anões» [5].

---

[1] D. Carolina Michaëlis, *op. l.,* pag. 22.
[2] Fried, *Lexikon,* 88.
[3] *Rev. Lusitana,* IX, 183.
[4] *Universal-Bibliothek,* de Ph. Reclam, pag. 16.
[5] Apud Samuel Smiles, *O Character,* cap. XI.

No mesmo trabalho de Weber, a pag. 93, lê-se: «Bei Nacht sind alle Kühe schwartz». Nós mudámos as vacas em gatos, e dizemos: *De noite todos os gatos são pardos*.

Em Portugal, quando uma mulher em nova procurou casar, mas sem resultado, e depois se torna devota, não largando a Igreja nem os seus ministros, dizemos *Que dá a Deus o que não póde dar ao Diabo*. Em sentido igual, pag. 99, diz Weber: «Was März nicht will, nimmt der April».

PEDRO A. DE AZEVEDO.

II

Balisas de propriedades territoriaes

Na *Festgabe für Mussafia*, pag. 557 sgs., ao tratar de varias palavras que em romanço significam «limite», «balisa», refere-se o Sr. Baist ao port., e cita: *marco*, de origem germ., *moiom* e *malhão*.

Diz que não póde affirmar se *mogo*, que vem no *Elucidario*, de Viterbo, estará por *mojó*. Do que diz o proprio Viterbo se infere que não; além d'isso, o onomastico moderno tem repetidamente *Mogo* e *Mogos*, e é mais provavel que ahi essa palavra represente o *mogo* de que se trata, do que o arch. *moogo* «monge» [1]. Cfr. tambem *Estudos de Philologia Mirandesa*, II, 44, n. 2.

Segundo o Sr. Baist, *moiom* relaciona-se com *malhão*, e devia soar *molhom*. Mas temos aqui duas palavras differentes:

a) *moiom*, i. é, *moion* (cf. tambem *moionado*), que só apparece em foros da Beira Baixa, nos *Port. Mon. Hist.*, já citados por Cortesão, *Subsidios*, s. v.; tenho-a por forma raiana, não legitimamente portuguesa, parallela á hesp. *mojon*. Cf. *Est. de Philol. Mir.*, II, 19.

b) *malhão*, que, comquanto apparentemente se relacione com o hesp. *majáno*, como tambem o Sr. Baist diz, tem como fórmas archaicas: *malhom* e *molhom*. De *malhom*, citada no *Elucidario*, indiquei o plur. *malhões* nos *Est. de Philol. Mir.*, II, 19, e o derivado *malhoeira*, — em docs. do sec. XVI. A fórma *molhom* está representada no latim medieval por *mulione*: vid. Cortesão, *Subsidios*, s. v. A existencia de *malhom*, attestada tambem pelo derivado *malhoeira*, faz crer que *malhão* não se relaciona com o hesp. *majáno*, mas que é outra palavra. No ono-

[1] Supponho que *mogo* «marco» e *moogo* «monge» são na origem duas palavras, e não uma, como Gonçalves Vianna, *Apostillas*, I, 309, se inclina a crer.

mastico ha *Malhão* e *Malhões*. De *molhom* póde ter-se passado para *malhom* > *malhão* por influencia de palavras que tem estas ultimas fórmas, ou por outra razão [1]. A palavra *malhão* tem a accepção provinciana de vedação feita de estevas, etc.: vid. Moreno na *Rev. Lus.*, v, 96.

O etymo de uma e outra é *molione-, de moles.

A par do hesp. *hito*, catal. *fita*, podia o Sr. Baist ter citado *Perafita* < petra-ficta [2], muito frequente no onomastico português. Cfr. gall. *Pedrafita*.

Outras expressões ha em português para significarem marcos divisionarios, como *linde*, *linda*, *orca*, *arca*. Das duas ultimas fallei nas *Religiões da Lusitania*, i, 254, n. 5, e das duas primeiras na *Rev. Lus.*, ii, 35.

J. L. de V.

III

Representantes do latim Iohannes

1. Eanes, Anes e Enes

Na idade-media os patronymicos indicavam-se umas vezes, á maneira dos Romanos, com o genetivo do nome do pae, outras vezes com -iz (-ez), a que nos mais antigos documentos corresponde *-ici*; por exemplo: Fernandus *Fernandi*, Didacus *Fernandiz* [3].

Quando o pae se chamava *João*, em lat. Iohannes, o patronymico era, segundo o primeiro processo, Iohannis.

Depois de uma palavra acabada em vogal, como *Pedro*, a fórma Iohannis tornava-se naturalmente **Eoanes*, e com reducção de *oa* a *a*, *Eanes*, por exemplo *Pedr'Eanes* em um documento do sec. xiii, que publiquei nos *Bausteine zur romanische Philologie* («Festgabe für Mussafia»), Halle 1905, pp. 679-680. O amanuense que redigiu o documento separava erradamente *Pedre anes*, pondo em *Pedre* por *Pedre'* o *e* de *Eanes*. Outro exemplo de *oa* reduzido a *a* é-nos dado, na mesma palavra, por *Xan*, em gallego, fórma que coexiste com *Xoan*.

De *Eanes* veio parallelamente *Anes* e *Enes*, aquella palavra pela simples reducção de *ea* a *a*; esta, pela reducção de *ea* a *e*,

---

[1] Vid. Moraes, *Dicc. da Ling. Port.*, s. v. «malhão»: 1) tiro da bola; 2) a bola com que se atira. Tanto Moraes como o Caturra no *Novo Dicc.* incluem inexactamente num mesmo paragrapho, subordinado a *malhão*, estas accepções e a de «balisa». O Caturra chega até a dar *malho* por etymo a tudo!

[2] O *d* caiu, como em *Pero* < Petru- (phonetica syntatica).

[3] Vid. os meus *Estudos de Philologia Mirandesa*, i, 58, nota.

sob a influencia do *e* anterior (semivogal), como em *reis,* de *reeis* < *reaes,* e em *criença* (pop.) = *creença* < *creança.*

Ha varios documentos em que *Eanes, Anes, Enes* figuram como appellidos de individuos filhos de outros de nome *João,* por exemplo: «Steve *Enes*», clerigo, filho de «*Joham* Ferreiro»; «Gomez *Enes*», filho de «*Joham* Martinz Muato», — ambos em um documento do sec. XIV [1]. Isto prova a exactidão do que a cima digo.

2. Joanes

A par de *Eanes,* temos tambem *Joanes,* com manutenção da palatal inicial.

Um documento do sec. XIII tem, por exemplo: *Martim Johannes*, isto é «Martim, filho de Joane»; *Stevã Joannes,* isto é «Stevã, filho de Joane» [2].

No concelho do Cadaval ha ainda hoje uma aldeia chamada *Martim Joanes,* onde *Joanes* ou é o patronymico antigo, ou está por *Joane* com o *s* paragogico que o povo costuma adoptar em certos nomes; só um documento antigo em que apparecesse esta palavra poderia resolver a dúvida.

J. L. de V.

3. Joanne e João

A palavra latina Iohannes, se no genetivo deu, de um lado *Eanes, Anes* e *Enes,* e do outro *Joanes,* — na fórma Iohanne- deu *Joane,* e esta deu *João.*

A fórma *Ioane* encontra-se como nome topographico em uma aldeia do Minho e em um casal da Beira, e, combinada com *Sã,* em *Sanhoane,* como nome de varias aldeias do Norte. Em documentos antigos tambem se encontra antes de appellidos começados por vogal, por exemplo *Johane Enes* [3]. Em um documento de Pedroso, sec. XIV, lê-se: *San Joane Bautista* [4]. Fallando de D. João I e de D. João II, usa Camões ás vezes nos *Lusiadas,* a par de *Joam,* a fórma *Joane,* por exemplo no canto IV, 12: «*Joane*, a quem do peito o esforço cresce»; e no canto I, 13, «Outro *Joanne,* invicto cavalleiro». E no soneto 59, da ed. de Hamburgo, diz o mesmo poeta: «*Joane,* de Portugal terceiro sem segundo». Talvez

---

1 *Archivo Hist. Port.*, I, 353.
2 *Archivo Hist. Port.*, IV, 40.
3 *Archivo Hist. Port.*, I, 353.
4 G. Pereira, *Pergaminhos da Universidade,* p. 55.

aqui não haja puro latinismo, mas alguma reminiscencia da fórma archaica. Em Gil Vicente é bem popular *Joanne* [1] e *Janaffonso* [2].

João resulta de *Joanne* em proclise, antes de nomes começados por consoante, por exemplo em *Joham Lourenço* por *Johann(e) Lourenço*, i. é, *Joan(e) Lourenço;* outros exemplos d'este processo são *Castel-Branco, Fonseca* = *Fonte-Secca.* Depois *João* tornou-se independente, como *Mem* de *Men(do)* + appellido, *Fernão* = *Fernan(do)* + appellido. Nestes dois ultimos exemplos poderá tambem notar-se influencia da syllaba *do* considerada preposição e artigo, posto que o mais vulgar na ligação dos appellidos seja *de,* e não *do.*

Comprehende-se que *Joanne* mantivesse o *-e,* quando essa palavra estava antes de nome começado por vogal, e quando era empregada de modo absoluto (*Joane,* nome de logar) ou depois de outras palavras (*Sanhoane* = Sã Joane), pois não havia motivo nenhum para o *e* cair. Durante certo tempo, *Joane* coexistiu com *João* ou *Joham;* depois aquella palavra foi supplantada por esta.

IV

Textos antigos portuguêses

(Vid. *Rev. Lusitana*, IX, 135)

A orthographia e as abreviaturas dos nossos antigos documentos não são materia bastante facil de resolução, decifração ou leitura; e se pretendessemos uma prova, encontrá-la-hiamos no documento que o Sr. J. J. Nunes deu a lume na *Rev. Lusitana,* IX, 136.

O methodo que o Sr. Nunes empregou não me satisfaz. O não desenvolver as abreviaturas difficulta a leitura a quem não é paleographo; se aquelle estudioso professor queria reproduzir o texto diplomaticamente, deveria antes sublinhar as palavras omittidas pelos sinaes brachigraphicos.

Apresentarei agora uma serie de lapsos que, se não forem rectificados, poderão induzir em erro quem acceitar por legitimas algumas leituras; nestes lapsos, todavia, ha alguns que são evidentemente typographicos.

1. *Maiusculas por minusculas.* IN por In, l. 1. Moesteyro por moesteyro *passim.* Mortaaagua por mortaaagua, liv. 10. Meẽdentrida por meẽdentrida, l. 14.

[1] *Obras,* I, 126 sgs.
[2] *Obras,* I, 143.

2. *Abreviaturas não conservadas.* deo por deos, l. 6 e 28. 9sẽtirem, l. 28; 9diçõ, l. 36; 9prir, l. 42; 9pra, l. 46, por cõsentirem, cõdiçõ, cõprir e cõpra.

3. *O til substituido.* uẽtura por uentura, l. 25; capelã por capelam, l. 31.

4. *Omissão de acentos.* todóó, l. 12; peráá, l. 18, l. 20; miguééz, l. 18.

5. *Abreviaturas mal representadas.* D^{so} por Dg^{os}, l. 52; cinq^{i} por cinq$^{\tilde{i}}$, l. 35.

6. *A letra* u *lida por* v. *Passim.*

7. *Omissão da cedilha.* acaeçer por acaecer, l. 25; estabeleçimento por estabelecimento, l. 58.

8. m *por* n. dom por don, l. 2; profisson por profison, l. 5.

9. *Erros de transcrição.*

ordem, l. 1	emende-se para ordim
saude, l. 4....................	» soude
ordiõ, l. 4	» ordĩo
temerẽ, l. 26..................	» teuierẽ
daqlas, l. 28...................	» aqlas
trjgo, l. 35....................	» trijgo
ordem, l. 48	» ordiın
uirar, l. 51....................	» uíjnr
meo, l. 52.....................	» meu
eno, l. 53......................	» No
E, l. 54	» Que
Johã, l. 56....................	» Johãe

O documento original que se encontrava no cartorio do convento de Santa Clara de Santarem foi, por occasião da extincção do instituto pela morte da ultima freira, recolhido na Repartição de Fazenda d'aquella cidade, onde o Sr. Nunes o estudou. Para o confronto a que procedi utilizei-me de uma photographia que o meu collega Dr. Antonio Baião me cedeu. Em 1864 foram recolhidos no Archivo Nacional grande numero de pergaminhos d'aquelle convento, entre os quaes não entrou, portanto, o de que se trata, nem até a hora em que escrevo esta nota o facto se deu. É um caso bem censuravel que as Repartições de Fazenda e os Proprios Nacionaes tenham em seu poder os cartorios de antigos estabelecimentos religiosos e seculares, e que passem certidões de documentos que nelles se guardavam, não havendo pessoal sequer rudimentarmente habilitado para este effeito.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

BIBLIOGRAPHIA

I

PERIODICOS

— **Zeitschrift für romanische Philologie**, vol. XXX (1906).

Pag. 71: Horning, sobre faluppa. Com esta palavra se relaciona evidentemente a nossa *fópa*.

Pag. 83: Schuchardt, a respeito de ambitus em romanço (vid. *Rev. Lus.*, IX, 397), e de *galla* (vid. *Rev. Lusitana*, VIII, 310).

Pag. 320: Schuchardt, fr. *mauvais* < lat. malifatius. Parallelamente ao lat. *bonifatus* suppõe o A. que se criou *malifatus, fórma que explica o port. *malvado*.

Pag. 232: Leite de Vasconcellos, lenda do juiz de Barrellas, exposta a proposito de *El honrado hermano* de Lope de Vega (cfr. *Zs.*, XXIX, 333-336).

Pag. 333: G. Baist, *Dentaes parasitarias* em hesp. e port. A nossa lingoa figura ahi com *rebelde* e *humilde*. Segundo diz Baist, a palavra *rebelde* vem do fr. arch. *rebelle* (o que me parece impossivel, pois fica sem explicação o *d*), e a palavra *humilde* resultou de cruzamentos: *humildoso* provocou *humilloso; humilloso* + *húmile* = *humille; humille* + *humildoso* = *humilde*. Em português não ha *humille*, que porém existe em hespanhol. — Sem duvida em *humilde* entra, por qualquer modo, o *d* de *humildade;* mas a explicação de *rebelde* mal póde separar-se da de *humilde*.

Pag. 414: Meringer, a proposito de *landier* (vid. *Rev. Lus.*, IX, 397). A pag. 421 e nota correlaciona o *Juppiter Andero* de uma inscripção gallega (*Corpus*, II, 2598) com o gaul. *andero-, que significaria, «joven», «vitella» (cfr. kymr. *anner*) e «menina» (irl. ant. *ainder*).

Pag. 464: G. Baist discute se ha um suffixo -SCL-, cuja existencia eu tinha procurado justificar na *Rev. Hispanique*, V, 417. Em apoio da minha hypothese offereço ao Sr. Baist essa serie de palavras, e eu teria curiosidade de saber como é que elle explica os suffixos d'ellas, a não ser por -SCL-: *fogacho, lobacho, simplacho* (e *simplacheirão* = simpl-ach-ei-rão), *poucachinho* (= pouc-ach-inho), *riacho, coiracho, sombracho,* talvez *m'lexa* = melecha (*Rev. Lusit.*, II, 305), *pouquecho, ventrecha*, *comichar* (= com-ich-ar), *paparicho, rabicho, cornicho,* talvez *escabichar* ($\sqrt{\text{capere}}$?), *marocho*— *merocho* (a par de *merouço*), gall. *carocho* (a par de *carolo*), *tro-*

cho (= tor-ocho?), *cornucho, capucha, gorducho.* Vê-se que os suffixos percorrem a gamma vocalica: *-acho, -echo, -icho, -ocho, -ucho,* como por exemplo, *-aco, -eca, -ico, -oco, -uco,* o que confirma que elles tem ou tiveram existencia propria. Alguns podem ainda considerar-se vivos, como *-icho,* que se junta ou póde juntar a muitas palavras (*artiguicho, pinguicha,* etc.).

Pag. 467: G. Baist, a respeito do hesp. *loza* e do port. *louça.*

Pag. 522: Ettmayer, *l* intervocalico em vez de *ll* lat., em romanço.

Pag. 556: L. Sainéan, notas de etymologia romanica. Explica *barregão* por *barraco,* mas fica sem explicação o *g,* que não póde provir do *c* de *-aco,* pois que *-aco* provém de *-accu,* e *-cc-* não dão *g.* Explica a palavra *cabaça* por *calbaza,* ampliação impossivel de *cabaz.* Explica a palavra *cachalote* por *cachola,* o que é possivel. Compara *garça* ao prov. *garço* «garce, c'est-à-dire fille». Inadmissivel a explicação de *noitibó* por *noite-bo* (bôi): nem *boi* dava *bó,* nem «boi da noite» poderia ser expresso por *noite-boi* (se existisse tal composto, seria *boi-noite*); o A. foi levado a esta explicação pelo rumeno *boŭ de noapte* «hibou», o que não é razão. Explica *pardo* por leopardus por causa da côr da pelle, e o hesp. *sandio* (port. *sandeu*) por *sandía,* «métaphore fournie par la forme et par le goût des cucurbitacées» (*sandía* em hesp. quer dizer «melancia»), — mas o *-eu?*

Pag. 648: Ettmayer, pronunciação do lat. *l.*

Pag. 675: Levi, familia lexical de *fanfarone.*

Pag. 712: Schuchardt, nomes de peixes em Polemio Silvio. O mesmo A., a pag. 746, tem uma nota sobre o gallego *estrar* (verbo deduzido do participio stratum, de *sternĕre*).

— No **Bulletin Hispanique**, IV, 223, sob o titulo de «Questions ibériques», III, Oyarzun, trata o Sr. Camile Jullian, com a erudição habitual nelle, de alguns pontos de geographia e ethnologia antigas relacionados com a *Ora Maritima* de Avieno e as costas de Portugal.

J. L. DE V.

II

VARIA QUAEDAM

— **Zur spanischen und portugiesischen Metrik,** por Hanssen, 1900. Cfr. *Bull. Hispan.*, VII, 71.

— **Apostilas aos diccionarios portugueses.** por A. R. Gonçálvez Viana, 2 vols., Lisboa 1906.

— **Archivo Historico Português**, n.os 7-12 do vol. IV, n.os 1-4 do vol. V.

— **Boletim da Sociedade Archeologica «Santos Rocha»**, n.º 4.

J. L. DE V.

NECROLOGIA

I

DR. WILHELM STORCK

Em 16 de Julho de 1905, finou-se em Münster de Vestfalia, na Allemanha, o notavel lusitanophilo Dr. Wilhelm Storck, traductor das Obras Completas de Camões, e autor de muitos outros trabalhos a respeito de Portugal.

Como no meu opusculo *In Germania*, Lisboa 1903, e n-*O Occidente*, XXVIII (1905), 191–192, publiquei já um resumo da biographia de Storck, para lá remetto o leitor. Alem d'isso trato o assunto desenvolvidamente no meu livro *O Dr. Storck e a Litteratura Portuguesa,* que está em publicação na Academia Real das Sciencias.

Storck collaborou na *Revista Lusitana*, VI, 193 sgs.

II

DR. VASCONCELLOS ABREU

Transcrevendo de um jornal d'esta cidade o artigo seguinte, por conter os principaes factos da vida scientifica de Vasconcellos Abreu, a *Revista Lusitana* presta um tributo de saudade ao seu prestimoso collaborador (vid. vol. I, pp. 30 e 92; vol. II, p. 265):

«Falleceu hontem, pelas cinco horas da tarde, depois de um longo soffrimento, o Sr. Dr. Guilherme Augusto de Vasconcellos Abreu, lente do Curso Superior de Letras.

Natural de Coimbra, onde nasceu a 20 de Maio de 1842, e filho de Victor Madail de Abreu e de D. Guilhermina de Vasconcellos Abreu. Foi educado até aos 14 annos em Coimbra, depois no Porto, no collegio de Alexandre Grant, até 1858. Em maio d'este anno foi para o Rio de Janeiro para casa de parentes seus, a fim de dedicar-se ao commercio. A educação esmeradissima que seu pae, homem lido na litteratura portuguesa, francesa, hespanhola, italiana e latina, lhe dera, foi de feição contraria á vida commercial.

Regressou ao reino, aqui completou logo os preparatorios e entrou na faculdade de mathematica, onde é bacharel premiado com

um «accessit» e tres distincções. Assentou praça em 1861 em caçadores 5 e matriculou-se, em 1864, no primeiro anno da Escola do Exercito em Lisboa, mas não completou o curso da arma de artilharia e fez o de engenharia naval na Escola Naval, onde teve sempre o primeiro premio.

Quando estava a ser promovido a segundo tenente, morreu-lhe o pae, o qual era escrivão e tabellião em Coimbra. Teve então Vasconcellos Abreu de acceitar, para utilidade da familia, o ser nomeado para o logar que seu pae exercera; dois annos depois foi transferido para Lisboa, e aqui exerceu o cargo de escrivão da 4.ª e mais tarde da 3.ª vara civel, até 1900, honrando sempre o nome de seu pae, homem honestissimo.

Apesar d'este emprego, dedicou-se Vasconcellos Abreu muito aos estudos de linguas, litteraturas e religiões orientaes. Em 1873 conheceu-o o então Marquês de Avila e de Bolama, e ambos com o Conselheiro Possidonio da Silva fundaram a *Associação Promotora dos Estudos Orientaes e Glotticos*, cuja ideia partiu de Vasconcellos Abreu, que a communicou ao Conselheiro Silva. Por essa occasião fez Vasconcellos Abreu um discurso na sala das Sciencias Medicas, no edificio que estava no logar onde existe a estação central do Rocio. Esse discurso foi a pedra fundamental da Associaço e o facto que lhe cativou a amizade do Marquês, depois Duque de Avila, e levou ao espirito d'este homem politico o desejo de proteger e animar, em estudos desconhecidos em Portugal (orientalismo), o moço que lhes dedicava as horas vagas de trabalhos de cujos redditos sustentava a familia, que elle criou por casamento com D. Maria Julia Bourdi Pires Monteiro Bandeira. Esse discurso intitula-se: *Exposição feita perante os membros da Commissão Nacional Portuguesa do Congresso Internacional dos Orientalistas* (1873) *convocados para constituirem uma associação promotora dos estudos orientaes e glotticos em Portugal,* e foi pronunciado a 29 de Dezembro de 1873. A Associação foi ephemera, porque Vasconcellos Abreu adoeceu e nada se fez durante meses.

Em 1874, em fins de Setembro, teve Vasconcellos Abreu de ir á França e á Allemanha; ali conheceu pessoalmente Emilio Littré, com quem tinha relações por cartas; este apresentou-o a alguns orientalistas franceses, os quaes animaram o nosso conterraneo a que proseguisse nos seus estudos e lhe deram cartas de recommendação para orientalistas allemães.

Na regresso a Portugal, o Marquês de Avila prometteu a Vasconcellos Abreu obter-lhe a missão de ir estudar por ordem do Governo Português em algumas das Universidades estrangeiras, onde os estudos são feitos com tanta vantagem das letras e da sciencia.

E, com effeito, em Maio de 1875, Vasconcellos Abreu era encarregado pelo Conselheiro Andrade Corvo, uma das intelligencias mais lucidas e mais cultas do seu tempo, de ir a França, Inglaterra e Allemanha aperfeiçoar-se nos estudos orientaes, especialmente em sanscrito. Esta missão durou até fins de 1877; e,

commissionado, o aproveitamento que tirou dizem-no os dois relatorios que Vasconcellos Abreu apresentou officialmente.

O primeiro relatorio intitula-se: *Investigações sobre o caracter da civilização Arya-Hindu* (Paris, 15 de Janeiro de 1877), enviado ao Conselheiro João de Andrade Corvo, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros e Ultramar; o segundo relatorio intitula-se: *O Sãoskrito e a Glottologia Arica no ensino superior das letras e da historia* (Lisboa, 21 de janeiro de 1878), e foi entregue ao Marquês de Avila e de Bolama, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino. Foram ambos estes relatorios impressos na Imprensa Nacional em 1878.

Acêrca do primeiro, ha um artigo escrito largamente por Emilio Ltttré na *Revista de Philosophia Positiva*.

Em 1875, estando Vasconcellos Abreu em Paris, fez ali parte do Congresso das Sciencias Geographicas e foi nomeado um dos secretarios geraes d'este congresso e membro do jury; recebeu, pelos trabalhos que executou, as palmas de official da Academia de Paris e uma medalha especial, dada unicamente a quem tomou parte activa no congresso pela Sociedade de Geographia de Paris.

No fim d'esse mesmo anno, e depois de ter ouvido assiduamente as lições de Abel Bergaigne em Paris, foi Vasconcellos Abreu para a Allemanha e ali estudou com o Dr. Martinho Haug, e outros, na Universidade de Munich.

Por morte do Dr. Haug, voltou a Paris e continuou a ouvir em sanscrito Abel Bergaigne, Philarette, Edouard Foucaux, Hauvette-Benaut, e em egyptologia Maspero; frequentou outros cursos e entre elles o de anthropologia, e teve a honra de ser discipulo estimado de Paul Broca.

O Duque de Avila nomeou Vasconcellos Abreu lente do Curso Superior Letras, criando assim a cadeira de lingua e litteratura sanscrita, classica e vedica, em Portugal, a qual regeu desde 7 de Novembro de 1877.

Em 1880 celebrou-se em Portugal o Congresso Internacional de Anthropologia e Archeologia Prehistorica e Vasconcellos Abreu foi um dos secretarios d'este congresso, o qual tanta honra deu ao país, não só pelos trabalhos ali apresentados, feitos por portugueses, mas pelo *Compte-rendu*, admiravelmente escrito pelo romanista português Aniceto dos Reis Gonçalves Vianna. D'esta obra, que assinala uma epoca nos annaes da sciencia portuguesa, consta o que Vasconcellos Abreu fez por essa occasião, e especialmente mencionamos aqui o trabalho *De l'origine probable des Toukhares et leurs migrations à travers l'Asie* (pp. 519 a 584).

Depois de ter sido eleito socio do Instituto de Coimbra, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, foi condecorado por El-Rei D. Luis com o officialato da Ordem de S. Tiago.

Em 1899, a instancias do Governo da Suecia e Noruega, foi Vasconcellos Abreu nomeado representante de Portugal no Congresso Internacional de Orientalistas em Stockholmo e Christiania. Partiu para Paris, onde esteve no Congresso de Geographia e no

de Anthropologia, e foi um dos secretarios d'este. Em fins de Agosto apresentou-se na Suecia, e, em uma das sessões na Universidade de Christiania, apresentou e explicou a inscripção sanscrita que se vê na Quinta da Penha Verde em Cintra; a estampagem perfeita e os factos historicos revelados por esta inscripção mereceram elogios a Vasconcellos Abreu, dados publicamente por Buhler, de Vienna de Austria, e Burgess, inglês em serviço na India, e ambos grandes conhecedores da paleographia e epigraphia indiana. Esse trabalho foi recompensado pelo rei Oscar, da Suecia, com a commenda (2.ª classe) da ordem de Wasa.

Em Setembro de 1891 reuniu-se em Londres um Congresso Internacional de Orientalistas; a pedido da commissão organizadora d'este congresso, e por ordem do Governo Português, Vasconcellos Abreu, que havia sido convidado a tomar pessoalmente parte em tal congresso, escreveu o *Summario das investigações em samscritologia desde 1886 até 1891*. Este trabalho mereceu ao autor um dos nove unicos diplomas de honra dados pelo congresso a trabalhos de subido merito scientifico e litterario; e mais lhe foi dada a medalha de prata pelos trabalhos, seus, offerecidos ao congresso. Em o «Special Oriental Congress Number» da *The Imperial and Asiatic Quarterly Review*, de Londres, lê-se a p. III que o *Summario* é um dos «most noteworthy», a p. VI, que «Portugal gave Prof. G. de Vasconcellos 'invaluable Summary of Sanscrit Research», a p. LXXXII diz que é «of an exhaustive character on Sanskrit Bibliography». Annos depois recebeu Vasconcellos Abreu as insignias de Grande Official da Ordem de Mejidie (Turquia).

Pelo Duque de Avila fôra commettido a Vasconcellos Abreu o encargo de escrever um *Curso de Litteratura e Lingua Sanscrita, Classica e Vedica*.

Cuidou então Vasconcellos Abreu em que a Imprensa Nacional tivesse o typo devanágrico, usado nas composições impressas em sanscrito, e logo em 1878 apresentou este estabelecimento do Estado, como especimen, em edição de luxo, de uns 50 exemplares apenas, o primeiro acto do drama *Xacuntalá*, com traducção portuguesa de Vasconcellos Abreu. Foi typographo compositor o primeiro discipulo que Vasconcellos Abreu teve, José Antonio Dias Coelho, e impressor João Francisco Saraiva.

Em 1881 vinha a lume a grammatica de sanscrito; mas poucos meses depois era cortado a Vasconcellos Abreu o subsidio que o Duque de Avila lhe estabelecera. Vasconcellos Abreu, todavia, continuou a obra e escreveu mais 3 volumes, sem remuneração, que foram impressos na Imprensa Nacional e publicados por ordem do Governo Português em 1883, 1889 e 1898. O ultimo volume é considerado no mundo scientifico como trabalho honrosissimo, não só para Portugal como para os estudos de sanscrito e philologia arica. Em 1898 celebrou-se em Portugal o centenario do descobrimento maritimo da India; para commemorar esse feito grandioso dos nossos passados, escreveu Vasconcellos Abreu este volume (IV da obra a que acima nos referimos) e mais escreveu

Texto critico da Lenda dos santos Barlaão e Josafat, e um conto em prosa portuguesa rithmica intitulada *Chand-Bibi, a Sultana Branca de Amenagara*, lenda indiana fantasiada da tradição historica do seculo XVI.

As obras litterarias de Vasconcellos Abreu até hoje publicadas são, alem das já mencionadas, *Geographia mathematica*, XII–142 paginas, com um *Atlas* de 67 figuras, todas desenhadas e algumas gravadas pelo autor do livro; *Fragmentos de uma tentativa de Estudo Scoliastico da Epopeia Portuguesa*, publicação esta que foi muito elogiada em Londres (*The Athenaeum*, Julho de 1880) e por Oliveira Martins (*Camões, os Luziadas e a Renascença em Portugal*) e de que Donald Ferguson deu traducção em inglês da parte que se refere a lendas buddhicas: *Notas sobre a questão do Jus primae noctis; O criterio nomologico; O animismo em geral e sua representação entre os Chineses; Passos dos Lusiadas, estudados á luz da mythologia e do orientalismo; A litteratura e a religião dos Arias na India; Instituto oriental e ultramarino português, ideias succintas acêrca da sua criação; Bases da orthographia portuguesa;* alem d'isto, tem publicado em alguns jornaes portugueses, franceses, belgas e ingleses, artigos de entre os quaes mencionamos, por termos á mão, os publicados no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, no *Diario de Noticias*, no *Commercio de Portugal*, na *Era Nova*, no *Instituto de Coimbra*, na *Philosophie Positive*, no *Museum*, no *Dia*, na *The Asiatic Quarterly Review;* teve a honra de collaborar nas *Mélanges Charles de Harlez*, onde escreveu *La symbolique des nombres dans les recettes magiques des traditions et des usages populaires en Europe;* como orador, alem do discurso já mencionado feito na sala das Sciencias Medicas, citaremos o discurso feito na Sociedade de Geographia de Lisboa, *A responsabilidade portuguesa na convocação do X Congresso Internacional dos Orientalistas;* a conferencia no Instituto de Coimbra, em 1891, intitulada *A Fenomenalidade, a Alma e o Eu segundo o Budhismo;* a conferencia feita em Braga em Março de 1901 acêrca do *Operariado e tuberculose*. Finalmente conhecemos ainda dois trabalhos muito dignos de mencão especial: um d'elles é *Tuberculose e contagio da tuberculose*, escrito de propaganda que publicou em 1900 como membro da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, e de que a Parceria Antonio Maria Pereira fez segunda edição publicada em 1901. Neste trabalho ha conselhos praticos que só ultimamente teem sido postos em execução; o outro trabalho é o publicado pelo centenario de Gil Vicente, *Os contos, apologos e fabulas da India, influencia indirecta no Auto da Mofina Mendes de Gil Vicente*.

Vasconcellos Abreu era socio correspondente da Société d'Anthropologie de Paris, da Société Asiatique, da Société Indo-Chinoise, da Associação dos Engenheiros Civis Portugueses, etc., e honorario da Association Phonétique Internationale, como Max Müller, Storck e outros.

No estilo de Vasconcellos Abreu notava-se sobriedade, clareza, vigor, vernaculidade, e o tom artistico que era nelle feição parti-

cular que por vezes se revelou até em escultura. Uma nota curiosa do caracter de Vasconcellos Abreu, é que, sendo elle homem pacifico e que sempre condemnou a guerra e o duello, foi mestre de sabre de Anthero de Quental (vid. *In Memoriam* o artigo de Faria e Maia), frequentou a carreira de tiro, em Pedrouços, onde era um dos melhores atiradores em espingarda, pistola e revólver, porque entendia que todo o homem deve, embora velho, estar apto para defender a sua patria.»

(Do *Diario de Noticias* de 2 de Fevereiro 1907; e cfr. *Portugal*, dicc. hist., biogr., etc., vol. 1, pag. 27).

III

BERNARDO FERNANDES MONTEIRO

O jornal intitulado *Noticias de Lisboa*, n.º 651, de 11 de Março de 1907, ao publicar uma traducção mirandesa (com bastantes incorrecções) do soneto de Camões que começa *Alma minha gentil*, diz que essa traducção foi «feita por um empregado superior da Alfandega do Porto, natural de Miranda, e ha pouco fallecido». Esse empregado não póde ser senão Bernardo Fernandes Monteiro, natural, não propriamente da cidade de Miranda, mas da Povoa, na Terra de Miranda.

Devo deixar esta noticia na *Revista Lusitana*, porque Bernardo Fernandes Monteiro não só foi um dos mais prestantes informadores que tive quando elaborei a minha obra *Estudos de Philologia Mirandesa*, 2 vols., Lisboa 1900–1901, como lá declaro *passim*, (cfr. vol. I, p. VIII, etc.), mas é autor de muitas traducções mirandesas, umas que correm impressas em jornaes e revistas, outras que ficaram ineditas: das que fez até 1900 dou noticia na minha citada obra, vol. 1, pp. 27 e 29–30.

Aqui reproduzo, devidamente emendada, a traducção do soneto publicado pelas *Noticias de Lisboa*. As minhas emendas consistem na correcção orthographico-phonetica dos vocabulos e no accrescentamento, entre colchetes, de varias palavras que presumo escaparam ao typographo:

Tu q'eras la mìȩ̂ alma, i abalheste tã de presto, descuntenta d'este mundo, bibe eiternamente alhá ne cḯȩ̌lo, anquanto yöu ando sḯȩ̌mpre cum sauidades acá na tḯȩ̌rra.

Si yȩ̌ possible chubir ũŋa lhȩ̌̊mbrança d'esta bida al lhugar ã que [stás, lhembra-te d'aquél amór que] yá biste tã puro nes mìus ọ̌lhos.

S'antȩ̊ndires que debrá mercer-t' algo [ɫ] delór que me quedöu pula grande desgrácia de te perder:

Pid'a Dìus, q'ancurtiöu les [töus] anhos, que me lhiȩ̌be a bér-te tã de prḯȩ̌ssa, cum'a ti te lheböu d'al pìȩ̌ de mi.

O soneto de Camões tinha sido tambem traduzido por mim (em verso) nos *Estudos de Philologia Mirandesa*, II, 87.

IV

MANOEL DIAS NUNES

Lê-se n-*O Mundo*, de 9 de Maio de 1907:

«Nanoel Dias Nunes, de 38 annos, commerciante e litterato, nasceu em Serpa e era filho de Manoel Nunes, commerciante, e de D. Margarida Dias Nunes.

Manoel Dias Nunes distinguiu-se pelo seu grande amor ás letras e ás ideias democraticas. Cultivou a poesia com muito esmero, dando á estampa, em 1896, um formoso livro de versos intitulado *Rosmaninhos*.

Em 1899, de camaradagem com o Sr. Dr. Ladislau Piçarra, fundou a *Tradição*, interessante revista de ethnographia portuguesa, e em cujas paginas elle deixou artigos de subido valor sobre usos e costumes populares.

Em 1903 fundou *O Sul do Alemtejo*, semanario illustrado, noticioso, litterario e agricola, expressamente destinado a defender os interesses materiaes e moraes do concelho de Serpa.

Ultimamente, torturado pelos seus continuos padecimentos, viu-se obrigado a pôr de parte os trabalhos litterarios e jornalisticos, pelos quaes elle tão vivamente se apaixonára, alimentando, porém, a esperança de que um dia voltaria ao cultivo das letras.

Mas, infelizmente, os padecimentos foram-se aggravando cada vez mais, até que uma terrivel pericardite o fez succumbir no dia 7 do corrente, pela uma hora da tarde.»

Dias Nunes publicou um artigo na *Revista Lusitana*, IV, 101. Na mesma revista, em varios volumes, se deu noticia d-*A Tradição*: d'este periodico publicaram-se cinco volumes completos, e os seis primeiros fasciculos do 6.º volume, ficando depois interrompida a publicação.

J. L. de V.

OUTRAS OBRAS DE J. LEITE DE VASCONCELLOS

(Á venda na Antiga Casa-Bertrand, Chiado 75, Lisboa)

VOLUME 10.º N.os 3 e 4 1907

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso de Bibliothecario-Archivista
Primeiro Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

SUMMARIO

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1908

REVISTA LUSITANA

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

E COMPOSTA E IMPRESSA NA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. X 1907 N.os 3-4

TEXTOS ANTIGOS PORTUGUESES

III

VIDA DE SANTA PELAGIA

(Vid. *Rev. Lusitana*, IX, 175)

INTRODUCÇÃO

O texto que se segue encontra-se no codice n.º 266, existente no Real Archivo da Torre do Tombo, o mesmo de onde extrahi a *Historia do Cavalleiro Tungullo*, publicado nesta *Revista*, vol. VIII; provém pois igualmente dos fins do seculo XIV ou principios do XV. Por esta razão são-lhe applicaveis as observações philologicas que fiz áquelle.

Como neste, a vogal tonica, quer seja proveniente de contracção, em virtude de queda de consoante intermedia, quer não, é representada em geral dobrada; exemplo: *leer, ouviir, seer, voontade, pertẽecer, maao, soo, ceeo, veer, oolhar, oo, mãao, nuu, poonba, fiees, piia, aar, preegar, poboo, corregiia, saiia, aviia, peendença, leeo, hiia, pees, ciinza, door, peego, saaem, hooferecer, boom, veeo, riio, poderiio, vaai*, etc., mas que já então se dava a contracção, provam-no as seguintes graphias: *a pressa* (a par de *aa pressa*), *fé, a* (igual a *á*), *qual, á egreja, Paia, som, ó* (ao lado de *aa terra, Paaia, soom, oo*), etc.; até o ditongo *ao* se acha tambem representado por *o* (= ô). Na segunda pessoa do plural dos verbos subsiste a desinencia -DES, desappareceu, porém, por

completo a em -UDO dos participios perfeitos dos verbos de thema em E; a terceira pessoa do plural dos preteritos continua ainda a terminar em -OM; isso não obstante encontra-se uma vez -AM, em FORAM, o que pode attribuir-se a lapso do copista; nos verbos occorrem por vezes formas archaicas, como estas: SERVO (hoje SIRVO), NACISTE, FIGE, RECIBE, SÈGUI, AVE, SEI e SCRIVE; embora não com tanta frequencia como a antiga e ainda hoje popular MAIS, apparece já a adversativa MAS; continua invariavel o adjectivo PECADOR; o verbo COMEÇAR é construido sem preposição; no complemento directo constituido por nome de pessoa tambem ella se omitte; exemplo: *rogar* os *bispos;* depois do pronome *todo* supprime-se geralmente o artigo antes do substantivo que se lhe segue.

Na transcrição do presente texto regulei-me pelo original que segui quasi á risca; como, porém, não pretendia apresentar uma edição diplomatica, para intelligencia de maior numero de leitores, tomei a liberdade de me afástar d'elle nestes pontos: desfiz as abreviaturas; substitui em geral o til por *n* no meio dos vocabulos e por *m* no fim, em harmonia com o proprio texto; o *i,* que se acha representado por *i, y* ou *j,* representei-o sempre por *i*; o *j,* figurado quasi sempre por *i* e até uma vez por *y,* figurei-o sempre por *j;* o *s* forte entre vogaes, que ás vezes é indicado por um *s* simples (exemplo: *dise*), dobrei-o, e do mesmo modo procedi relativamente ao *r,* escrevendo *derribar* e não *deribar;* substitui por *v* o *u,* quando soava como consoante; accentuei assim as vogaes em que me parece ter havido contracção como aquellas onde faltava o accento; e finalmente pus a pontuação que me pareceu indispensavel para melhor comprehensão do sentido. Ainda, segundo a erudita opinião do distincto professor Sr. Epifanio Dias (veja-se *Rev. Lusitana,* VIII, 179), escrevi sempre *Deos;* nos raros casos em que a terceira pessoa do plural do imperfeito do indicativo termina em *-om,* substitui esta desinencia por *-am* e, porque o som GU se acha representado ora por *g* ora por *gu,* e o do *g* tambem por *gu,* escrevi *minguar, guarnecer* e *logar,* que no codice veem escritos *mingar, gardar, garnecer* e *loguar,* sem comtudo afiançar que as graphias por mim preferidas representem a verdadeira pronuncia da epoca.

Nos poucos casos em que me pareceu ter escapado uma palavra ao copista, pus entre colchetes o que faltava.

O presente texto, que no codice comprehende 8 folhas ou 16 paginas, e se encontra desde fls. 74 *v.* (73 na paginação antiga) até fls. 82 *v.*, é a traducção de uma vida de Santa Pelagia e crita em latim e attribuida a um diacono de nome Jacob, a qual

se pode ver no vol. XV, p. 261 (dia 8 de outubro) dos *Acta Sanctorum* dos Bollandistas. Embora em muitos pontos a traducção seja livre, apesar d'isso o traductor português por vezes cingiu-se tanto ao texto que em muitos casos até conservou a graphia latina, como em *sancto, directo, cibo, pecto, fecto, dicto, dellecto, precepto, nocte, color, predicar* (a par de *preegar*), *Pelagia* (ao lado da forma popular *Paia*), *scripto, abisso, consecrar, letera* (na accepção de *carta*), etc.; noutros conservou a maneira de dizer latina, repetindo, por exemplo, a conjunção *e* (*e concedeu e outorgou e disse*, etc.), traduzindo por *nem* a conjuncção *ne*, depois de verbos que significam temor e receio (*temo esta tardança que fazes em me baptizar* NEM *aquel enmiigo*, etc.); quanto á traducção de *si* por *que*, em vez de *assim* (*rogo te*, SI *invenias cum sanctis apud Deum porcionem ne differas animae meae salutem* = *rogo-te* QUE *ajas bõo galardom de Deos e folgança com os santos que non tardes nem negues saude aa minha alma*) afigura-se-me ver nella um lapso do traductor, motivado pela palavra *rogo* que antecede o *que*.

Não me alonguei mais no estudo da lingoagem do presente texto, por me parecer que se lhe podem applicar as observações que fiz ao anteriormente publicado nesta *Revista* (vol. VIII, p. 239), demais a sua deficiencia será completamente supprida pelas *considerações glottologicas* com que o director d'esta mesma *Revista* (vol. IX, p. 46) acompanhou o seu *Fabulario português;* tambem lhe não addicionei vocabulario, como procedi antes, porque os archaismos que occorrem acham-se já explicados, ou por mim no ultimo texto d'esta pequena collecção de escritos antigos que tenho trazido a lume, ou pelo Dr. Leite de Vasconcellos, no artigo a que acabo de referir-me, alem de que elles, na sua maioria, já foram colligidos na ultima edição do *Diccionario* de Moraes.

Aqui se começa a vida de Sancta Pellagia [1]

Muitas e grandes graças devemos dar ao Senhor que nom quer a morte dos pecadores, mais quer e cobiiça que sse convertam e façam penitencia. E por ende ouviide hũu millagre que foi fecto em nossos dias. Nobre e honesta cousa pareceo a mim, Jacobo pecador, screver [2] a vós, sanctos hirmãaos, per que

[1] *Paulla* tem o texto, mas por cima em entrelinha lê-se *Pellagia*.

[2] O texto tem *screpver*.

leendo, ouviindo, creades e ajades ajuda e conssolaçom a vossas almas, por que Deos he muito misericordioso e nom quer que nẽ hũu homem em esta vida mortal pereça. Estatuio e quis e mandou, que em este mundo satisffaça o homem de seus pecados, por que no outro mundo, o juizo ha de seer justo e cada hũu ha de receber e aver gallardom, segundo suas obras. Ora ouviide e de todo coraçom e diligencia penssade, por que esta hestoria he conprida de nobre e sancta compunçom e devaçom. O mui honrrado bispo da cidade de Antiochia e outros bispos que con el estavam [1] chamarom a mim por hũa cousa e negocio, pera o qual forom juntados oito bispos, antre os quaes foi o sancto bispo Nono, meu senhor, barom nobre, sancto, justo, directo, o qual por ssua nobre e sancta vida e oraçom e monje no mosteiro de Tabenẽssio [2], del per graça e mandado de Deos foi chamado e ordenado e feito bispo da dicta cidade de Antiochia. Junctados assi os dictos bispos, o bispo da cidade mandou que tomassem e ouvessem hospicio e pousada na igreja do bem aventurado martir Sam Giãao. Aconteceo hũu dia sabado, que todos, cada hũu de sua cela, descenderom e sse pousarom com o sobredicto santo honrrado Nono bispo ante as portas da dicta igreja. Os quaes muito e de toda voontade e coraçom, aficadamente o rogavam [3], pera ouvir delle pallavras de hedifficaçom. O qual logo abrio sua boca e per espiritu sancto começou ffallar pallavras consollatorias e que aos que as ouviam pertẽeciam [4]. E nós todos hedificados e mui consollados do dizer e pregaçom do velho ex inprovisu, vinha e passou perdante elles hũa jogressa da cidade de Antiochia, a que os homeens daquella terra, per seu lingoajem, dizem ortristiam [5] e nós em a nossa dizemos molher pubrica, que sse lança aos homeens, em cima de hũu asno, ornada e affectada de muitos e grandes, nobres ornamentos, e sobre ella nom parecia se nom ouro e pedras margaritas preciosas e de gram vallor. Ante ella e de pós ella hiam moços seus e moças que a [a]companhavam, cercados de collares de ouro, da contenpllação e amor da qual nom soo os que a viam mais os seos amigos nom se podiam ffartar. E por qual quer lugar que ella hia e ainda per o aar, [o] odor [e] cheiros

---

[1] *estavom* diz o original.
[2] *Tabenensiotarum* diz o texto latino, o qual ficava na Thebaida superior.
[3] *rogavom* tem o original.
[4] No texto falta o til.
[5] O original latino chama-lhe *orgistriam* ou *orchestria,* isto é, *dansarina.*

eram nobres e mui odoriferos. E, quando os bispos, em cima do asno, com a cabeça descuberta e com tanta ponpa e soberva, [a] viram passar e por honrra de Deos e reverença dos bispos, nom quis descender de seu asno, tornarom suas faces e seus rostros atrás, assi como sse vissem hũu maao e mui gravissimo pecado, mais o sancto bispo Nono, com grande estudo e per espaço de tenpo, a contenplava. O qual, depois que ella per elles passou, sse tornou e pôs sua face sobre seus giolhos, chorando muitas lagrimas, que nom o ssudairo soo, que em suas mãaos tiinha, mais todos seus pectos eram cheos de agua. E de todo coraçom, com grandes e longoos sospiros, disse aos bispos: Rogo-vos que me digades se ouvestes algũu prazer e vos delectastes na grande fremosura desta molher, ou nom. E elles se callarom. E o bispo Nono outra vez tornou sua face sobre seus giolhos, com grande desejo sospirando e chorando, ferindo seus pectos; todo o çiliçio de que era vestido de suas lagrimas era molhado, e disse aos bispos outra vez: Em verdade vós outros na ffremosura desta molher nom ouvestes plazer e dellecto? E elles nom respondendo, nem dizendo nẽhũa [1] cousa, disse: Eu vos digo que eu ouve plazer e delecto e me prouve muito com a ffremosura d'esta molher, por que em toda verdade vos digo, que esta molher nos ha de preceder e na presença de Deos e ante a ssua cathedra ha de julgar nós e todo nosso sacerdocio e clerizia [2]. Quantas horas pensades que esta molher está dentro em ssua camara, em sse ornamentar e affectar, lavando e affremosentando seu rostro, untando-o de muitos e desvairados unguentos, pera seer desejada de todos e parecer bem ao mundo e non seer nem parecer torpe e fea aos seus amados, que oje parecem e cras nom som? E nós, que avemos nosso padre eternal nos ceeos, pera sempre duradoiro, e esposo que nom ha de morrer, que dá aos que o bem servem e amam requezas que nom podem seer extimadas, as quaes olhos nom virom nem orelhas ouvirom, nem coraçom de homem pode pensar, e que mais, somos certos que o avemos de veer e de contenplar su[a] face, a qual cherubim nom he ousado oolhar, nom nos affectamos, nem tiramos de nós os pecados e çugidades e maldades que som enxertadas [3] dentro em nossas almas, e nós que deviamos seer exemplo e caminho e carreira de virtudes a todos,

[1] O texto tem *nehũa*.
[2] *Clericia* tem o texto.
[3] *Exertadas* tem o texto.

por nossa priguiça jazemos em ellas derribados. E estas palavras assi per el dictas, tomou a mim per a mãao, como avia de custume, e assi entrámos muito a pressa em ssua camara. E logo sse lançou em terra, ferindo sua face de feridas, e com muitas lagrimas regando e molhando a terra, dizendo: Ó muito alto Deos, perdoa a mim pecador, que a ponpa e ornamento de hũa molher do mundo de hũu dia, sobrepoja e veence todas as obras de minha vida. Oo senhor, com que rostro e com que vulto, te posso oolhar, que pallavras, ante a tua presença me excusarei, por que meus fectos a ti nom som nem podem seer ascondidos, que todas as cousas secretas e ascondidas sabes e conheces? maldiçom veo a mi pecador, nom digno, nem merecedor de servir no teu santo altar e mi[ni]stro e servo em el, nom alinpando a mente dos pecados e maldades, nem a guarneço e affecto de ornamentos spirituaaes, segundo a tua voontade. Mais tu, senhor muito misericordioso, que formaste e fezeste todas as cousas de nimigalha, e a mim, nom merecedor, nem digno de te servir, me fezeste teu servidor, nom me queiras privar da tua santa morada, nem seja vencido, nem derribado ante a tua santa majestade, por ornamentos e fremosura de hũa molher publica, por que ella por as cousas terreaes e caducas do mundo, com toda sua força e estudo, se afecta e afremosenta, e eu a ti, senhor eternal, prometi servir e per minha negligencia non o fiz. Eu, senhor, assi no ceeo como na terra, me vejo nuu e de todo minguado e desffallecido, por que nom fiz nem guardei os teus preceptos e mandamentos, e ella o que prometeo aos homeens conprio e fez de toda voontade com gram plazer e alegria. E porem, senhor, nom ei nem he a mim esperança em meus fectos e obras, mais a minha alma e a minha esperança soo esta he, e porende na tua muito e mui grande misericordia e piedade: que nom pe[re]ça e seja salva. Dizendo elle estas cousas e muito a meude e com lagrimas e vozes de planto per toda a nocte ataa que foi dia [1]. E claro dia, em hũu domingo, depois das vigilias e orações da nocte, o bispo disse a mim: Oo Jacobo hirmãao, vi hũu sonho do qual som mui turbado, por que nom vejo nem sei, nem posso de todo em todo declarar e entender que quer dizer. E disse: vi em cabo do altar hũa poonba de collor negra e chea e cercada de muita çugidade e fedor, o qual fedor e

[1] Parece haver uma lacuna neste periodo; o texto latino diz assim: *Haec vero illo dicente et horum causa plurimim ululante, eo dem die vehementer festa celebravimus.*

çugidade eu nom podia soffrer. Ella voava e estava ante mi ataa o tempo que a horaçom do bispo leixa estar os cathecuminos, s. [1] os que sse querem tornar aa ffé. E, quando o diacono segundo seu custume, lançou fóra os cathecuminos, ella de todo em todo nunca mais pareceo na igreja. E depois, acabadas as missas dos ffiees, subitamente veo aquella poonba, chea e cercada de muitas çugidades, e, voando assi como ante, esteve ante mim. E eu estendi a mãao e tomei-a e meti-a em hũa piia que estava ante as portas da igreja. E, como ffoi metida em na agua, logo logo a pressa leixou e tirou de si toda çugidade e ficou limpa e branca como a neve e voou em tanta alteza sobre o aar que os meos olhos perderam dela vista. E, depois que me o sancto bispo Nono estas cousas disse, tomou a mim per a mãao e veemos a egreja com os outros bispos. E, depois que entrarom na egreja e derom graças ao bispo da cidade, todos juntamente com el começarom [2] dizer suas missas. E, depois da liçom do evangelho, o bispo da cidade disse e mandou ao sancto bispo Nono que prehegasse e dissesse a palavra de Deos ao poboo. O qual se alevantou e, per a graça de Deos que em el era, disse o que era necessario de ouvir ao poboo com toda humildade, sem ponpa e vãa gloria, nom atendendo louvor dos homeens, mais conprido do spiritu sancto, corregiia os que eram de correger, predicava e dizia o dia do juizo, e com toda benignidade e sperança confortava os sinplezes e fracos, e per seos amoestamentos os corações daqueles que o ouviiam eram edificados em tanto que o pavimento da egreja era molhado da auga das lagrimas que dos seos olhos saiia. Aconteceo per a bondade de Deos que aquela molher publica da qual queremos aqui falar e fazer palavra era hi entam e era cathecumina e nunca viinha a egreja por muitos pecados que em ella aviia, e per a graça e bondade de Deos foi entom presente e tanto foi no amor de Deos pungida e ediffícada que era de maravilha as lagrimas que dos seus olhos saiam. A qual mandou a dous seus servidores que soubessem a casa onde o sancto bispo Nono pousava. E eles foram e souberom a pousada e adusserom e amostrarom a sua senhora. E ela muito a pressa per eles lhe emviou hũa letera em a qual era scripto o que se segue: O [3] santo bispo Nono, discipulo de Christo, Paaia, mo-

---

1 *Scilicet* ou *isto é*.
2 No texto *comeʒarom*.
3 Está *o* por *ó*, isto é, *ao*.

lher pecador, discipula do diaboo. Ouvi e achei do teu Deos ao qual tu serves que emclinou e abaixou os ceeos e descendeo aa terra nom por os justos mas por salvar os pecadores e os trager a peendença, e trouxe pera si e participou com muitos poblicanos e pecadores. E este teu Deos, em o qual cherubim e seraphim nom som ousados oolhar, ffoi contento de morar e participar com os pecadores, assim como tu, sancto e mui honrrado padre, preegas. Se em verdade és discipulo deste Senhor que preegas, nom me leixes nem me desenpares, mais recibe em tua guarda, que muito cobiiço seer salva. E o bispo santo Nono a este scripto respondeo assi: Qual quer que tu és e quem és ao senhor Deos claro, certo e manifesto he. E porem te rogo e amoesto que de todo em todo nom desprezes nem abaixes minha humildade, por que soom homem pecador. Se em verdade teu desejo he seer salva, e desejas e cobiiças veer a mim, sei certa que nom [me] verás soo, mas ver-me-ás antre os outros bispos. E, quando ela recebeo a letra do bispo e a leeo, levantou-sse e muito a pressa veo a egreja onde o bispo Nono pousava. E, ante que ela chegasse, enviou dizer ao sancto bispo como hiia. E o sancto bispo Nono, quando ouvio sua messajem e como hiia, rogou os bispos que veessem e se ajuntassem a el, e em presença deles mandou que entrasse. E ela, como entrou, lançou-sse em terra e, jazendo e teendo os pees do sancto bispo Nono e sua cabeça cuberta de ciinza, fortes vozes e grandes, de mui gram door e de afliçom e choros dando, os pees do sancto bispo Nono regava e molhava, e com seos cabelos os alinpava e com grandes vozes ao bispo diziia: Oo senhor, amercea-te de mim que molher pecador soom; ségui os preceitos e mandamentos do teu senhor e doutor Christo; ave misericordia e piedade de mim, e de todo em todo faze-me christãa, porque som Paia, peego de muitas maldades, da qual saaem muitas ondas e tormentas de pecados. Eu som azenha e roda e laços e destruiçom das almas. Eu som abisso e alta profundeza de perdiçom. Eu som deleitaçom mortal de todos os maos desejos. Eu, do diaboo enganada, muitos enganei. Eu todos estes pecados e maldades agora avorreci e agora avorreço e de todos me muito reprendi e reprendo. Rogo te que me baptizes, pera que os pecados me sejam perdoados e todas as çugidades e maldades da minha alma sejam tiradas e destruidas. Creo que per a auga do sancto baptismo serei sanctificada e assi fugirei e serei livre e quite do poderiio do diaboo per o qual fui muito enganada. Os bispos e todos os clerigos que presentes eramos fomos muito m-a

ravilhados, quando vimos sua [1] e (*sic*) devaçom e ela tam subitamente tornada e tantas lagrimas quantas nenhũu de nós em nenhũa outra pessoa viramos. O santo bispo Nono per força a fez levantar de terra e lhe disse: Os sanctos canones e decretos dizem que nenhũa meretriz e molher publica nom deve de seer baptizada, se nom der fiadores que nunca mais use de maos pecados nem se emvolva em eles. E ela, quando esto ouvio, outra vez se lançou em terra e, com muitas lagrimas e sospiros e grandes vozes, disse: Tu darás razom e conta da minha alma a Deos, e os meus pecados e maldades a ti seeram [2] tornados, se me nom baptizares. Por que muito temo esta tardança que fazes em me baptizar nem per ela aquel emmiigo que eu queriia fugir torne a mim e me lance e emlace em pecados e derribe e faça cahir em turpidades. Eu fui laços e rede de toda vida torpe em este mundo. Rogo-te que ajas bõo galardom de Deos e folgança com os santos que nom tardes nem negues saude aa minha alma, nem per ventuira em este spaço ho emmiigo cruel me revolva e faça husar de meus maaos feitos que ante husava. E porem te demando e rogo que oje em este dia me queiras baptizar e por mim fazer e hooferecer a Deos oferta. Todos os que hi presentes stavamos, quando esto ouvimos e vimos esta molher meretriz e publica com tanto e tam grande desejo de sua saude acesa, demos muitas graças a Deos. E o sancto bispo Nono entom aa pressa emviou a mim pecador, seu diacono, ao bispo da cidade, que lhe dissesse e recontasse todas as sobredictas cousas e lhe emviasse hũu dos seos diaconos. A qual cousa per mim feita e dita ao bispo da cidade, o bispo da cidade, com mui gram plazer e alegria, mandou e screveo ao sancto bispo Nono: Oo padre sancto, a ti era dado fazer esta obra e este sancto fruito semear na egreja de Deos. Sabemos que palavra he dita per Deos que nos amoesta e diz: Se fezeres do pecador e nom digno digno e sancto e boom, a palavra dita per mim será feita e comprida per ti. E mandou vĩir [3] comigo hũa mui honrrada dona di[a]conissa, per nome chamada Rromana. A qual quando veeo, achou jazer aos pees do sancto bispo Nono Pelagia com gram planto e doo chorando, e levantou-a e disse: Levanta-te, filha, e receberás baptismo e todos os sacra-

[1] É evidente que ao traductor escapou aqui uma palavra ou pôs um *e* a mais.

[2] *Seerem* diz o texto.

[3] O texto tem *vĩr*.

mentos da sancta egreja seram em ti conpridos. E, quando sse alevantou, disse o [1] bispo: Ora confessa todos os teus pecados. E ela respondeo e disse: Se com toda diligencia esguardar e vir minha conciencia e meos feitos e obras, non acharei em mim sinal de nenhũa obra boa. Por que os meus pecados sobrepojam em conto, em peso e em grandeza as areas do mar, mais spero na gram piedade e misericordia do meu senhor que me releve minhas maldades e me perdoe todos meos pecados. E o sancto bispo Nono disse a ela: Qual he teu nome? E ela respondeo e disse: Em minha nacença o meu nome foi Paia, depois todos os da cidade de Antiochia me diziiam e chamavam Margarida, esto por a minha gram fermosura e ponpa de meos ornamentos e per os quaaes o diaboo me enduziia e tragiia a muitos e graves pecados e faziia em mi sua morada. E o sancto bispo disse a ela: Tu ás nome Paaia? E ela respondeo e disse: Senhor, si. E entom a baptizou o bispo: In nomine patris et filii et spiritus sancti. Amen e lhe deu comunhom e a comungou do corpo e sangue de nosso Senhor Jesu Christo que he nossa saude e vida pera sempre. E em seu baptismo Romana abadessa foi sua madre spiritual. Entom o santo bispo disse a mim: Oo irmãao Jacobo, tomemos oje gram plazer e alegria com os angeos, por o gram bem e saude desta moça, e comamos e tomemos cibo e manjar com todo plazer spiritual. E nós, tomado nosso cibo e manjar, o diaboo apareceo nuu com as mãos encravelhadas sobre sua cabeça, e com grandes vozes e braados diziia: Oo quanta violencia e emjuria padeço deste velho decrepito! Nom te abastava trinta mil mouros que me, per força de baptismo, tiraste e hofereceste ao teu Deos? Nom te avondava a cidade de Eleopolis que em outro tenpo foi minha e todos quantos em ela moravam me adoravam e os quaes me tiraste e baptizaste e consecraste e deste ao teu Deos? Nom te contentaste de muitas e desvairadas nações de gentes que me tiraste e baptizaste e juntaste aa lei do teu Deos? E agora sobre todo tiraste a minha mui grande sperança, Paaia, e a tẽes [2] contigo. Oo velho maao, quanta força me ás feita! Já mais adeante non poderei soportar as tuas obras, feitos e artes. Maldicto seja aquel dia em que naciste, que assi és a mim contrairo! Por que as tuas lagrimas som mui grandes riios e regatos que

---

[1] *ao* tem o texto, o que não faz sentido.
[2] No original falta o til.

dam e empuxam e derribam a minha casa e de todo o fundamento a destruem. Estas cousas todas e outras semelhavees, com mui grandes vozes e plantos e choros, o diaboo diziia em tanto que todos os outros bispos e a mui honrrada abadessa Romana, sua madrinha, e sua filha Pelagia as ouviiam. A qual o diaboo se tornava e diziia: Ó amiga minha e senhora Pelagia, que tam gram mal he este que fezeste! Por certo tu seguiste e és semelhavel a Judas. Ele, feito apostolo e em muita gloria e honrra posto, o seu proprio senhor Deos traeo e vendeo. E tu, per mim posta em muita honrra e nobreza, fezeste a mim semelhavil. Entom sua madre Romana disse a ella: ffilha, sina-te do sinal de Jesu Christo e renuncia o diaboo e toda sua ponpa. E, como ella fez o sinal da cruz e chamou o nome de nosso senhor Jesu Christo, de todo em todo o diaboo nom pareceo mais. Depois desto dous dias, dormindo Pelagia com sua madre Romana, veo o diaboo e disse: Ó minha senhora e amiga Margarida, que mal te hei eu fecto? Por certo eu te hornei e afeitei de muitos hornamentos e de muitas e nobres pedras preciosas. Eu te dei muito ouro e muita prata e outras muitas requezas; rogo-te que me digas em qual cousa te contristei e fige o que nom devera? Eu prestes som pera [te] satisfazer [1], com tanto que me nom leixes nem desenpares e nom seja feito obprobrio e doesto aos christãos. A serva de Deos, quando esto ouvio, soprou e cospio o diaboo e disse: Ó diaboo, eu já te renunciei e renuncio. O meu senhor Jesu Christo, que me livrou do teu poderio e me trouxe ao seu talamo e casa e paaço celestrial, ele me defenda de ti. E chamou e spertou sua madre. Oo madre muito amada, roga e faze oraçom a Deos por mim, por que o diaboo assi me apareceo como leom. A qual respondeo e disse: Ó filha, nom o temas, por que el d'aqui em diante temerá a tua soonbra e fugirá. Tres dias depois desto, a dita Paaia chamou hum seu servo, que tiinha e aviia d'aveer todos seus bẽes, e disse: Vaai aa casa e com toda diligencia scrive todalas cousas que em ela som, assi ouro, prata e todas joias e hornamentos, e trage-os a mim. E o servo se foi e fez todo assi, per o modo que lhe foi dicto e mandado, e trôxe todo a sua senhora. E ela per sua madre suplicou ao sancto bispo Nono e disse: Todas estas cousas [2] dou e ponho em tuas mãos. Estas som as riquezas per

---

[1] *Responde mihi ut satisfaciam tibi* — diz o original latino.

[2] Esta palavra é de outra mão e acha-se intercalada.

as quaes me o diaboo, por os meus pecados e maldades, tragia enganada, porem as dou e cometo aa tua santidade e arbitrio. A mim assaz abastam as riquezas de meu senhor e sposo Jesu Christo. E chamou todos seus servos e servas e deu-lhes liberdade e quitou de servidom e deu a cada hum deles certos dinheiros e os amoestou e disse que, antre as outras cousas, seu cuidado e penssamento fosse quitar-sse dos pecados. O sancto bispo chamou o iconemo e teedor dos bens da egreja e, ela presente, lhe deu todas as riquezas suas e comjurou e deu juramento per [1] nosso senhor que de todas estas riquezas nom tomasse nenhũa cousa nem despen[sa]sse [2] em obras da egreja nem do bispado, mais desse e gastasse em pobres, e em viuvas e em orphãos. Por que as riquezas que com pecado foram gançadas e mal juntas de razom stá que aproveitem e sejam bem despesas em os pobres. A qual cousa logo e sem detardança [3] foi feita. E a serva de Deos, Pelagia, depois que foi baptizada, nunca mais gostou nem comeo nem se aproveitou de suas cousas, nem guardou pera si nenhũa cousa de quanto em pecado ganhara, mais comiia e gastava do que lhe sua madre Romana dava. E hum diia domingo, per a manhãa, quando he custume que tirem aos que baptizam as vestiduras alvas que recebem no baptismo, Paia se levantou de noite e tirou de si as ditas vestiduras brancas e vestio hũa saia e hum bito [4] e cilicio escondidamente e saio-sse e foi-sse e já mais nom foi em aquela terra vista. Sua madre Romana spiritual faziia por ela mui gram planto e temiia nem per ventura fosse outra vez enganada per o diaboo e de suas maas artes enlaçada. A qual o sancto bispo Nono consolava e diziia: Ó filha, nom chores nem façás planto, mais ante toma plazer e alegria com os angeos, por que Paia tomou e escolheo a milhor parte, a qual averá e possuirá pera senpre. Esto todo conhecerom todos os da cidade de Antiochia e derom muitas graças a Deos. E, depois desto poucos dias, o bispo da cidade mandou aos bispos que foram chamados que se tornassem pera seus logares. Depois desto tres anos, fiz eu voto de hir a Jerusalem e visitar e adorar os santos logares da

---

1 *pero* tem o texto.

2 ou despen[de]sse.

3 Estas palavras *e sem detardança* estão á margem, mas são da mesma mão que escreveu o resto.

4 Assim tem o texto; estará por «habito»? O original latino diz neste logar: *induit se tunicam tricinam et birram.*

resurreiçom do Senhor e pidi licença ao sobre dito bispo Nono. E el, como era benigno, sancto e bõo [1], e concedeo e outorgou e disse: Oo irmãao Jacobo, de pois que Deos, por a sua misericordia, te levar em Jerusalem, e conprires teu voto, com toda diligencia pergunta po[r] hum monge que ha nome Paaio, que ha muito tenpo que he ençarrado em hũa cela e faz e vive vida solitaria, e visita-o, por que verdadeiro servo he de Deos e de todo em todo monje. E ho bispo diziia esto [2] de Paaia, serva de Deos, segundo que depois pareceo, e nom me disse de claro que era Paaia. Veemos aos logares sanctos e adoramos a sancta resurreiçom e ho lenho da sancta vera cruz. E em outro dia perguntei por o sobredito monje Paaio e vim ao monte Olivete, em o qual nosso senhor orou e fez sua oraçom, por que me foi dito que ali morava e tiinha cela, e vi sua cela e era mui pequena e de todo çarrada e tiinha hũa freestra pequena, e, quando feri em ela, el me abrio e, como me el vio, logo me conheceo e nom me disse quem era e eu nom conheci a el, por que os olhos del, por a grande abstinencia, eram muito encovados, e todos seus ossos e as junturas deles qualquer homem as podia veer. A sua face era mui magra e muito enverrugada e emcolheita. Eu lhe pidi [3] bençom e el me bẽezeo [4]. E preguntou se era vivo ho bispo. E eu respondi e disse que si, e el disse: rogue a Deos por mim, que apostolo he de Deos; e tu, senhor diacono, faze por mim oraçom. E, quando esto ouvi, assi do bispo como de mim, fui muito maravilhado, quando disse e me chamou diacono. E, feita ora de terça, começou mui solenemente cantar. E eu, estando acerca de sua cela e fazendo oraçom, parti-me com mui gram prazer e ledo da [sua] [5] vida angelica. Eu andava per todos os mosteiros, pera veer e visitar todos os padres e hirmãaos e receber deles beençom, e em todos os mosteiros era mui gram fama de dom Paio, monje. Depois vim outra vez a sua cela e nom ouvi nenhũa solennidade, como soia de ouvir. E depois outro dia pensei que era morto, e nenhũu nom era certo de sua morte. Vim ao dia terceiro e abri a fresta e vi que era morto, e muito a pressa vim a cidade de

[1] No texto falta o til.

[2] O texto diz *esta*.

[3] Evidentemente por lapso, e em virtude do que se segue, tinha-se escrito: *e preguntou e,* palavras que estão riscadas pela mesma mão.

[4] No texto falta o til a esta palavra.

[5] *Et recessi, multum juvatus de angelica visione ejus,* tem o texto latino.

Jerusalem. Entom seu saimento foi denunciado per todos os mosteiros. E todos juntos, assi de Jericó como de toda a provincia de Jordam, e ainda muita de gente e monjes junta veerom a monte Olivete. E, quando tirarom o corpo sancto da cela e o poserom [em] huum scano e o bispo da cidade de Jerusalem juntamente com os santos padres presentes e juntos pera ornarem e lavarem o corpo, como he de custume, acharom que era molher e derom grandes vozes e disseron: Gloria seja dada a Deos, que ha muitos santos sobre a terra escondidos. E, por que tam grande milagre nom sse pôde encobrir, foi junta grande multidõe de monjes e de monjas e de virgeens dos mosteiros. E com psalmos, imnos e solenpnes [1] cantares o sancto corpo foi per os santos padres levado e em logar linpo e onesto e com muita honrra posto e tumulado. A onra e louvor do Padre e do Filho e do Spiritu Sancto. Amen. A el muitas graças. Eu todas estas cousas dixe na cidade de Antiochia e a mui santa sua madre, Romana diaconissa, e ao bispo Nono, meu senhor. E entom fui nenbrado que aquela era da qual o meu senhor, o bispo, dissera que, quando eu fosse em logar sancto de Jerusalem, que preguntasse per hum monje que aviia nome Paaio. E todos os que esto ouvirom com gram prazer derom vozes e disserom: Gloria seja a Deos dada em os ceeos e em a terra aos homens de boa vontade. Esta he a vida de hũa que foi molher publica, e este foi seu modo de viver e de sua penitencia com o qual nos Deos faça viver e em o diia do juizo misericordia aver. A el seja honrra e louvor e gloria e poderiio pera senpre. Amen. Deo gracias. Amen.

Novembro de 1906.

José Joaquim Nunes.

---

[1] Isto é *solemnes;* no texto está escrito *solẽpnes.*

TRADIÇÕES POPULARES E LINGUAGEM

DE

VILLA REAL

(Continuação do vol. x, pag. 160)

913

Ó Elisa, ó leiteira,
Diz-me a como é o leite?
— Não se ponha a chalacear:
O leite é a tres vintens,
Se o senhor o quer comprar.

914

Ó Elisa, ó qu'rida Elisa,
Ó Elisa, ó meu amor:
Eu nasci p'ra ti, e tu p'ra mim,
Valha-t'o Senhor.

915

Quantas vezes meu pae disse:
Rapaz não sejas garoto:
Andas cobreando má fama,
Dando *má* trato ao corpo.

916

Meu amor, não *inores*
D'eu p'ra ti não olhar:
São *disfarços* de quem ama
Para o mundo não fallar.

917

Se fores á Samardan,
Leva contas de resar:
Lá é o *pergatorio,*
Onde as almas vão penar.

918

Eu hei d'ir, eu hei de vir,
Eu hei de perder o medo:
Eu hei d'ir colher uma rosa
Ó logar de Sanguinhedo.

919

Eu hei d'ir, eu hei de vir,
Falla te não hei de dar:
Hei de te fazer moer,
Como a areia no mar.

920

Eu hei d'ir, eu hei de vir,
Á tua porta m'hei de sentar:
Onde eu vir que causo penas,
Lá é qu'eu hei de porfiar.

921

A cidreira do monte
É o regalo dos pastores:
Deitam-*no* gado a ella,
Vão fallar *ós* seus amores.

922

Auga leva o regadinho,
Auga leva o regador:
Emquanto rega e não rega,
Vou fallar *ó* meu amor.

923

No alto d'aquella serra
Tem meu pae um castinheiro:
Dá castanhas em maio,
Uvas brancas em janeiro.

924

Naquella serra
Tem meu pae um lameirinho:
De dia rega-o o sol,
De noite o meu amorzinho.

925
Siga a rusga, siga a rusga,
Lá p'r'*ó* cimo do logar:
Ou a rusga ha de seguir
Ou o mundo ha de acabar.

926
Eu hei de t'amar por arte,
Eu por arte t'hei *di* amar:
Quem por arte toma amores,
Por arte os torna a deixar.

927
Eu venho da Serra da 'Strella
Mas não venho 'strellada:
Venho da terra das moças,
Mas não venho casada.

928
Ó *borrage* aborrecida,
Diz-me se t'eu aborreço:
Diz-me os erros qu'eu tenho,
Qu'eu em mim não os conheço.

929
Quero muito *ó* feijão,
Inda quero mais á *vaja:*
Quero muito *ó* vermelho,
Inda quero mais a quem *no* traja.

930
Senhora Anninhas,
Reprenda o seu gallo:
A minha gallinha
Anda a namorá-lo.

931
Senhora Anninhas,
Reprenda o seu coelho:
Vae á minha horta
Ó feijão vermelho.

932
O ladrão do negro melro
Toda a noite assobiou:
Dês que veio a madrugada,
Bateu a asa e voou.

933
Minha mãe 'stá-me a chamar,
Valha-me Deus, que mulher!
'Stou ao pé do amor,
Não sei que me ella quer.

934
Vós chamaes-me moreninha,
Moreninha carinhosa:
Moreninha é-(*u*)-a pimenta,
E ao comer é saborosa.

935
Triste sou, triste me vejo
Sem *na* tua companhia:
Tanto é que me não lembra
Se alegre fui algum dia.

936
Estas raparigas do Porto
São finas como o arame:
Não ha homem que as conheça,
Nem rapaz que as engane.

937
Não sei que significa
A salsa pelas paredes:
Significa sentimento
Em te ver tão ralas vezes.

938
Menina que anda de luto
Diga-me quem lhe morreu:
Se lhe morreu seu pae,
Pela filha morro eu.

939
Quem fôra hera,
Pela parede *assubira:*
Ia ter *ó* teu quarto,
À cama onde dormias.

940
Adeusinho,
Regalar:
Se a fome é fartura
Eu estou p'ra arrebentar.

941
Eu bem vi a morte negra
No *aidro* a passear:
Vae-te embora, morte negra,
Não me queiras tu levar.

942
Semeei na minha horta
Bacalhau feito ás postas:
Nasceu-me ũa burra branca
C'um *derreaço* nas costas.

943
A *sucena* com pé n'agua
Póde estar sessenta dias:
Eu sem ti nem uma hora,
Quanto mais noites e dias!

944
O beijo que eu te dei
Sem tua mãe saber
Torna-m'o a dar,
Que já lh'o foram dizer.

945
Ó minha farrapeirinha,
O minha farrapeirona:
Aperta-te apertadinha,
Não andes á bandalhona.

946
Ó senhora mãe,
Vá dizer *ó* senhor pae,
Que me *farraparam-na* saia,
Ai de mim! ai, ai.

947
A *canna verde* cantada,
Dançada é mais bonita:
P'ra dançar a *canna verde*,
Menina, saia de chita.

948
Ó meu manjaricão,
Já meu peito foi teu vaso:
Já tens amores *nôvos*
Já de mim não fazes caso.

949
A minha sogra morreu onte,
Deus a leve ao paraiso:
Deixou-me uma coberta velha,
Não posso parar com riso.

950
A minha sogra morreu onte,
O diabo vá com ella:
Deixou-me as chaves d'adêga,
O vinho bebeu-o ella.

951
Toda a vida desejei
O nome de Manoel:
Agora na mão o tenho,
Caiu-me a sopa no mel.

952
Toda a vida desejei
O nome d'Antoninho:
Agora na mão o tenho,
Caiu-me a sopa no vinho.

953
Toda vida desejei
O nome de Manoeis:
Trago-os retratados
Nos meus dedos e aneis.

954
Gosto de ti, rapariga,
Por seres acautelada:
Quem se acautela não perde,
Quem perde não ganha nada.

955
Sorte com' á minha
Deia Deus a quem *na* quiser:
'Stou casado ha tres dias
Já me pariu a mulher.

956
Os rapazes gostam de ver
As pernas ás raparigas:
Se são grossas ou delgadas,
Curtas ou compridas.

2

957

Li-ló-lé,
Faz colheres,
Não posso estar *queto*
Ao pé das mulheres.

958

Ó amor da minha alma,
Olha a volta qu'eu vim dar:
Arriscar a minha vida
P'ra comtigo fallar.

959

Mariquinhas tecedeira,
Tens tear e não teces:
Quando te lembras do amor,
O tear te aborrece.

960

Já fui amante de prendas,
Perdi-me por *libaral*:
Agora não sou amante,
Porque não tenho que dar.

961

Já fui amada d'um conde,
Querida d'um general:
Agora sou d'um corneta,
Olha a baixa qu'eu vim dar.

962 (fragmento)

De Condes e Duques
Fui eu pretendida:
Agora das mãos d'um cego
Me vejo rendida.

903

Estou rouca, enrouquecida,
Não é catarro nem tosse:
É o ladrão do amor,
Que de mim tomou posse.

964

Coração não vivas triste,
Vive alegre, se puderes:
Algum dia será teu
O que tu agora queres.

965

Se tu me quiseras bem
Da raiz do coração:
Tu me vieras fallar,
Que as noites bem grandes são.

966

Minha mãe do ceu, valei-me,
Já que a da terra não póde:
A do ceu sempre está viva,
E a da terra logo morre.

967

Nossa Senhora da Lapa,
Quer que eu seja sua nora:
Só se me quiser dar
O menino do altar de fóra.

968

Minha mãe dos trabalhos,
Para quem trabalho eu?
A trabalhar mato o meu corpo,
Não tenho nada de meu.

969

Eu amava-te, menina,
Se não fosse um senão:
És como a pia d'agua benta
Onde todos *mette* a mão.

970

Tendes loureiro á porta,
Tendes sombra regalada:
Tendes fama de bonita,
Deveis ser bem procurada.

971

Tendes ramada á porta,
Tendes sombra todo o anno:
....
....

972

Ó vida da minha vida,
Tres com um burro *ando* bem:
Um pega, outro carrega,
Outro olha se vae bem.

973
Já fui *ó Batôco* (nome d'um campo),
Já sei *batocar*:
Já tenho um capote,
Já posso casar.

974
Ó meu padre, qu'eu pequei,
Eu fiz um grande peccado:
Eu comi á sexta-feira
Um *méurro* bem assado.

975
Ó meu amor, anda commigo,
Ó meu amor, anda, anda:
No meio do mar largo
Faremos uma varanda.

976
Abre-me a porta que eu morro,
Fecha-m'a que eu já morri:
Não me faças perder a alma,
O corpo já o eu perdi.

977
De uma falla que eu te dei
Logo te *fostes* gabar:
pela lingua perde o peixe,
Bem te podias calar.

978
Aqui me balanceio,
Aqui me balanceio
Nos braços do meu amor,
Aqui sem arreceio.

979
Loureiro, verde loureiro,
Sêca seja a tua rama:
Ainda não tenho amores,
Já me querem pôr a fama.

980
O ciranda, ó cirandinha,
Vamos nós a cirandar:
Vamos dar a meia volta,
Meia volta vamos dar.

981
Ó saloia, dá-me um beijo,
Que eu te darei um vintem:
O beijo d'uma saloia
É caro, mas sabe bem.

982
Ó Severa, ó Severa,
Quem te mandou aqui vir:
Se t'eu agora matasse,
Quem te havia d'acudir?

983
Severa, minha Severa,
Severa do arvoredo:
Quer-te teu pae degradar?
Commigo seja o degredo.

984
Moro á beira do rio,
Sòzinha sem mais ninguem:
Suspiros me põem na mesa,
Saudades me mantem.

985
Menina, não se namore
D'um criado de servir:
Elle acaba o seu anno...
Menina, vêde-lo ir.

986
Mariana diz que tem
Sete saias de velludo:
Marianna, rompe, rompe,
O dinheiro paga tudo.

987
Menina, se quer saber
A moda qu'anda na Maia:
Lenço preto *ó* pescoço,
Barra vermelha na saia.

988
Mariana diz que tem
Sete saias de setim,
Que lhe deu um caixeirinho
Á saida do jardim.

989
Mariana é baixinha,
Traz a saia pela lama:
Já lhe disse mil vezes:
Ergue a saia, Marianna.

990
Marianna diz que tem
Sete saias de velludo,
Que lh'as deu um caixeirinho
Pelos bailes do entruido.

991
Ó meu casaquinho,
Ó meu casacão:
Lá vae o meu amor
No segundo vagon.

992
Ora vae-te embora,
Se queres ir:
Já está o comboio
Para partir.

993
Mandei-te um ramo de rosas
Atado com erva do meu lameiro:
O retrós é caro,
Custa dinheiro.

994
Quem me dera ver
O que a minha alma deseja:
Quem me dera as portas do ceu abertas
Como 'stão as da igreja.

995
Josézito,
Já te tenho dito
Que não é bonito
Andares-me a enganar:
Chora, chora,
Josésito,
Que embora me vou,
Josésito,
Para não voltar.

996
Quem te pôs o nome, Rosa,
Havia d'adivinhar:
Rosa no ceu e na terra,
Rosa em todo o logar.

997
Quando t'eu vi, ó freirinha,
Encostada *ó* mirante:
Logo o meu coração disse:
Ó freirinha, tens amante.

998
O frade pediu á freira
Um beijo pela grade:
A freira lhe respondeu:
Um corninho p'r'*ó* senhor frade.

999
Se quiseres qu'eu seja tua,
Manda ladrilhar o mar:
Depois do mar ladrilhado
Serei tua sem faltar.

1:000
Eu venho da romaria
Da Senhora da Canhota:
Agora qu'eu venho santo
Dá-me um abraço, cachopa.

1:001
Menina, dê-me um beijo,
Qu'eu venho da confissão:
Um beijo não é peccado,
Não sendo na má tenção.

1:002
Já não visto *ó* domingo
Camisa lavada:
Já morreu a minha Luisa,
Já não tenho quem m'a lave.

1:003
Inda agora aqui passei,
Aqui torno a passar:
Aqui deixei os meus amores,
Aqui os torno a encontrar.

1:004
Á tua porta, menina,
'Stá o subir e o descer:
A todo o mundo quereis bem,
Só a mim não póde ser.

1:005
Alli mais em baixo
Se vende a aguardente:
Diga-me, ó menina,
S'ella emborracha a gente.

1:006
Alli mais em baixo
Se vendem aneis,
Para as Mariquinhas
Dar *ós* Manueis.

1:007
Mais alem
Se vendem continhas,
Para os Manueis
Dar ás Mariquinhas.

1:008
Linda pastora,
Que o vosso gado guardaes:
....
....

1:009
Para comeres e beberes
E andares *assiada*,
Basta-vos o ser tão linda
E tão delicada.

1:010
Eu ando no monte
Guardando o meu gadinho:
Não me posso sustentar
Só com abraços e beijinhos.

1:011
Lá vae uma, lá vão duas,
Lá vão tres pela primeira:
Lá vae o meu coração
Em busca de quem *no* queira.

1:012
É verdade qu'assim foi
Da quinta para sexta:
Dei-te a faca e o queijo
Não *comestes*... *fostes* besta.

1:013
Eu vou para a Africa,
Não é por *nenhum* ladrão:
É por dar beijos e abraços...
Na Africa tambem se dão.

1:014
Quem quiser qu'eu cante bem,
Pague-me, dê-me dinheiro:
Este minha gargantinha
Não é safra de ferreiro.

1:015
O meu amor todo se mata
P'ra que lhe *deia* um beijo:
Aqui tens o meu rosto,
Cumpre o teu desejo.

1:016
Noite escura,
Ó que espessura:
Ó José quer's ver?
Lá 'stá Jesus a nascer.

1:017
Coração acima, acima,
Se não pódes correr, anda:
Assim faz o meu amor,
Quando não póde vir, manda.

1:018
Quem me dera lá no ceu,
Mettida num cantinho:
Ao pé de Nossa Senhora
P'ra lhe *engalhar* o seu menino.

1:019
Nossa Senhora da Graça,
Senhora tão pequenina:
Chamae-me vós afilhada,
Qu'eu vos chamarei madrinha.

1:020
Nossa Senhora da Pena,
Senhora tão pequenina:
Comadre da minha mãe,
Senhora minha madrinha.

1:021
Maria da Piedade,
Que piedade é a tua:
Mataste o teu marido,
Deitaste co'elle á rua.

1:022
Maria da Piedade,
Quem te pôs o nome, errou:
Tu tens o marido morto,
Vem dizer quem *no* matou.

1:023
Ó sopeira encantadora,
Onde vaes tão apressada?
P'ra que t'apressas tanto,
P'ra tão *piquena sordada?*

1:024
Escuta, meu menino,
Que a mãezinha logo vem:
Foi lavar os cueirinhos
Á fonte de Belem.

1:025
A *canninha verde* no mar
Tambem tem a sua dor:
Eu tambem tenho a minha,
Seja ella por quem fôr.

1:026
Ó minha *canninha verde*,
Ó meu Senhor do Padrão:
Eu adormeço e acordo
Comtigo no coração.

1:027
Canna verde no mar
É *canna verde* na arêa:
Sou leal a todo o mundo,
Todo o mundo me falsêa.

1:028
O minha filha,
Faz' por ser boa,
Que a tua fama ao longe toa,
Mas mais a ruim qu'*á* boa.

1:029
Ó Senhora dos Remedios,
Vinde ver a vossa gente:
Dae-lhe saude a toda,
Qu'ella toda vem doente.

1:030
Ó Senhora dos Remedios,
De *ó* redor de vós andei:
Tantos anjos m'*acampanhe*,
Como de areias trilhei.

1:031
Ó Senhora dos Remedios,
Dos Remedios de Lamego:
Todo o caminho fui bem,
Só na barca tive medo.

1:032
A Senhora dos Remedios
Tem o remedio na mão:
Tem o remedio da vida,
Tambem o da salvação.

1:033
Senhora dos Remedios,
Para o anno lá hei de ir,
Ou casada ou solteira
Ou criada de servir.

1:034
Os meus primeiros amores
Entreguei-os *ó* diabo:
Estes que agora tenho
Estimo-os, são do meu agrado.

1:035
O diabo leve os *homes*,
Aquelles que bebem vinho:
Nosso Senhor guarde o meu,
Qu'elle bebe poucachinho.

1:036
O diabo leve os *homes*
Todos enfiados num cordel:
O primeiro seja Antonio,
O segundo Manoel.

1:037
O diabo leve os *homes*
Enfiados num cordão:
P'ra que quero eu *homes*,
S'elles não ganham *no* pão.

1:038
Eu estimo a todo o mundo,
Ós homes quero bem:
Quem m'os dera ver assados
Ou fritos numa *sertem* (sertã).

1:039
Ó S. João da Ponte,
Ó meu bello marinheiro:
Levae-me na vossa guia
Para o Rio de Janeiro.

1:040
Se S. João soubera
Quando era o seu dia:
Descia do ceu á terra
Com prazer e alegria.

1:041
Ó meu S. João da Ponte,
Ó meu santo pequenino:
Heis de ser meu compadre
Do meu primeiro menino.

1:042
Mandaste-me perguntar
S'inda me davam as maleitas:
— Só me dão as tremuras
Ó pé das moças bem feitas.

1:043
Quatro castanhas assadas,
Quatro pingas d'agua-pé,
Quatros beijos d'ũa moça
Fazem pôr um *home* de pé.

1:044
Coitadinho de quem morre
Se *ó* Paraiso não vae:
Quem cá fica logo come,
Logo a paixão se lhe vae.

1:045
Toda a vida trouxe e trago
Fita verde no chapeu:
Agora trago cilicios
Para ver se alcanço o ceu.

1:046
Toda a vida andei
A guardar uma ramada:
Uma hora qu'eu faltei,
Logo a achei vindimada.

1.047
Lá vão os missionarios,
Lá vae a nossa guia:
A quem ficamos entregues?
— *Ó* Coração de Maria.

1:048
Já lá vão os missionarios,
Já lá vae a nossa luz:
A quem ficamos entregues?
— *Ó* Coração de Jesus.

1:049
Ó minha canninha verde,
Verde canna de encanar:
Já morreram *nas* velhas todas,
Já não ha quem corte o ar.

1:050
Da oliveira
O ramo é bento:
Ella dá o azeite
P'ra alumiar o SS. Sacramento.

1:051
Sou do fado, sou fadista,
Meu gosto é andar assim:
Quem nasce p'r'*ó* triste fado
Nunca póde ter bom fim.

1:052
Que costa tão acima
Para mim que sou rapaz:
Meus olhos vão adeante,
Meu coração volta a trás.

1:053
Tu de lá e eu de cá,
Qual de nós canta melhor?
Minha voz encobre a tua,
Calla-te lá, rouxinol.

1:054
Tirei a penna ao pavão
E o bico á cotovia:
P'ra 'screver em teu peito
O nome de Maria.

1:055
Ó minha mãesinha,
Não me chame sua filha:
Eu sou uma desgraçada,
Que nasci p'r'*á* triste vida.

1:056
Já o milho miudo
Tem sua velhacaria:
Conserva a agua no bico
P'ra *buber* todo o dia.

1:057
Sei um saco de cantigas,
Inda mais um guardanapo:
Calle-se lá, ó menina,
Senão eu desato o saco.

1:058
. . . .
Ó ai, *li-ló-lé,* feijões:
Quem morre de amores
Vae p'r'*ó* ceu aos trambulhões.

1:059
. . . .
Ó ai, *li-ló-lé* Cartaxo:
Mordeu-me uma pulga,
Deitou-me da cama abaixo.

1:060
Gravellos é pequeno,
'Stá num alto, dá-lhe o vento:
Ha rapazes *coma* torres,
Raparigas que *atormento.*

1:061
Os rapazes de Gravellos
São poucos, mas são valentes:
Levo' na pia dos porcos
Atravessada nos dentes.

1:062
Menina, qu'anda na horta,
Tire a saia da hortelã:
Se não quer qu'o mundo falle,
Não lhe dê occasião.

1:063
Minha mãe já me não ralha
D'eu dar fallas *ó lòreiro:*
Só me diz qu'eu *qu*'hei d'achar
O seu dito verdadeiro.

1:064
O primeiro é *ver*
A coisa qu'eu mais desejo:
Quando olho para a rua,
Sempre cuido que te vejo.

1:065
O segundo é *ouvir:*
Eu de ti não ouço nada:
Quando ouço novas tuas,
Então é que m'eu regalo.

1:066
O terceiro é *cheirar*
Um ramo d'alecrim:
Eu só 'stou bem,
Quando estou ao pé de ti.

1:067
O quarto é *gostar:*
Eu de ti gosto bem:
Só quando estou ao pé de ti
É qu'eu estou bem.

1:068
O primeiro é *ver*
As culpas que temos:
Para as confessar
Ao confessor que topemos.

1:069
O segundo é *ouvir*
A missa com devoção:
Levantar os olhos ao ceu
E fugir da murmuração.

1:070
O terceiro é *cheirar*
Os tristes gostos da vida,
Gozá-los na gloria,
Que no ceu está promettida.

1:071
O quarto é *gostar*
Do manjar do sacramento:
Recebê-lo em graça,
Com devoção e attento.

1:072
O quinto é *apalpar*
O corpo com abstinencia:
Enchê-lo de cilicios,
Apertá-lo com penitencia.

1:073
Se eu tivesse papel d'oiro,
Comprava pena de prata:
Com o sangue das minhas veias
'Screvia-te uma carta.

1:074
Vae-te carta venturosa
Para onde eu te mandar:
Que os olhos que te viram 'screver
Ficaram cheios de chorar.

1:075
Se eu com lagrimas pudesse
Resolver (= impedir) a tua partida:
Eu dissera a meus olhos
Que chorassem toda a vida.

1:076
Do meu coração ao teu
Vae uma longa cadeia:
Toda cheia de suspiros,
Toda de suspiros cheia.

1:077
Ó meu pae, ó minha mãe,
Quem *mes ios* (m'os) dera agora ver:
Tenho tantas saudades
Que estou capaz de morrer.
(Ouvido a uma pessoa de Chaves).

1:078
Acceitae esta lembrança,
Nunca te esqueças de mim:
Qu'este penhor de amizade
Só por morte terá fim.

1:079
Lá te mandei esta carta,
Lá t'a mandei á varanda:
Peço-te, amor da minha alma,
Que faças o que ella manda.

1:080
Adeus, adeus Villarinho,
As costas te vou virando:
As saidas são agora,
As entradas não sei quando.

1:081
Eu casei c'uma velha
Por via da filharada:
O ladrão da velha
Teve sete d'uma ninhada.

1:082
Já lá vae o sol abaixo
Mettido num pucarinho:
Já lá vae o brio todo
Das moças de Villarinho.

1:083
Já lá vae o sol abaixo,
Mettido num anel d'ouro:
Já lá vae o brio todo
Das moças de Banagouro.

1:084
Adeus, adeus, Villarinho,
Hei de te mandar cravejar
Com pedras de diamantes
P'r'*ó* meu amor passear.

1:085
Adeus, adeus Villarinho,
Hei de te mandar varrer
Com uma vassoura de prata,
Que d'ouro não póde ser.

1:086
Adeus, adeus Villarinho.
Adeus minha aldeia querida,
Onde eu passei dias tristes
Da minha amargurada vida.

1:087
Ó oliveira da serra,
Do vento és combatida:
Ainda espero de passar
Comtigo a minha vida.

1:088
Ó oliveira do adro,
Não assombres a igreja:
Bem assombradinho anda,
Quem não logra o que deseja.

1:089
Quem quiser a salsa verde,
Vá por ella ao ribeiro:
Quem quiser o amor firme,
Durma co'elle primeiro.

1:090
Ó minha canninha verde,
Ó minha salta-paredes:
Hei de dar-te uma prenda,
Que te dure nove meses.

1:091
Ó minha pombinha branca,
Não te deixes agarrar:
Que depois de estares presa
Já te não pódes soltar.

1:092
Entre cannas e cannaes
Agua deve de nascer:
Menina dos olhos lindos,
Venha-me dar de *buber*.

1:093
Menina que está á janella,
Está para ver quem passa:
Tem olhinhos de cadella,
Venha commigo á caça.

1:094
Andaes mortos por saber
Quem é o meu namorado:
Se fordes a Villa Real,
Perguntae pelo Cambado.

1:095
Que elle é torto das pernas,
Das costas acorcovado:
É maneta d'um braço,
Dos olhos arremellado.

1:096
Foste dizer a meu pae
Que eu *qu*'andava còradinha:
Os anjos do ceu me levem,
Se esta côr não era minha.

1:097
Ao entrar em Villarinho
Logo por ti prògunteí:
Não me deram novas tuas,
Com vergonha não chorei.

1:098
Tendes os olhinhos pretos,
Côr de azeitona madura:
As fallinhas da tua boca
Me levam á sepultura.

1:099
Andaes a baixo e acima,
Não ataes nem desataes:
Quantos caçam passarinhos
Nos laços que vós armaes.

1:100
Quem me dera que viesse
O tempo que ha de vir,
O tempo das esfolhadas,
P'ra m'eu *adevirtir*.

1:101
Manjaricão da *jinella*,
Que assim estás orvalhadinho:
Ainda espero de colher
D'essas plantas um mòlhinho.

1:102
O anel que tu me *destes*,
Era de vidro, *cobrou:*
O amor que tu me tinhas,
O anel o mostrou.

1:103
Muito bem parece o carro
Á porta do lavrador:
Muito bem parece a moça
Nos braços do seu amor.

1:104
Cubram-se os astros de luto,
Ó estrellas, deitai veu:
'Stou de mal c'o meu amor,
É bom que o sinta o ceu.

1:105
No alto d'aquella serra
Está um lenço a abanar:
Por dinheiro não se vende,
Por amor se ha de dar.

1:106
Maria, minha Maria,
Meu rosario sem cordão:
Tu és o meu oratorio,
Onde eu faço oração.

1:107
O meu amor não é aquelle,
O meu amor traz chapeu:
O meu amor tem um andar meudinho
Como as estrellas do ceu.

1:108
Na noite do S. João
Foi a minha perdição:
Perdi um anel d'oiro
Entre as folhas do serpão.

1:109
Não se me dá do anel,
Dá-se-me do que dirão:
Qu'eu *que* sou uma perdida,
Perco quanto me dão.

1:110
Ó meu amor, se te fores,
Leva-me na tua alminha:
Qu'eu sou como a *barboleta*,
Onde quer vou mettidinha.

1:111
Se vires a mulher perdida,
Não a trates com desdem:
Que Deus tambem castiga,
Não diz quando nem a quem.

1:112
Dizeis que não ha rosa
Lá no Rio de Janeiro:
Eu inda hoje vi uma
No peito d'um brasileiro.

1:113
Vós dizeis que viva *Rō-alde*[1],
Não sei que graça lhe achaes:
Terra de milho miudo,
Alimento dos pardaes.

---

[1] Rom-alde, ou Rom-halde.

1:114
Adeus, habitantes do Douro,
Todos conhecidos de nós:
Agora já 'staes vingados
Dos Marcos de Celeirós.

1:115
Tenho ũa prima no Porto,
Outra no caes da Ribeira:
A do Porto era bem boa,
Se não fosse rabaceira.

1:116
Adeus, cidade do Porto,
Quem me lá dera!
A culpa tive-a eu,
Se estava bem, não viera.

1:117
Adeus, ó Gravellos,
No meio tens um poço de bogas:
Quem houver de as caçar,
Ha de trazer redes novas.

1:118
Vou por aqui abaixo
Co'a minha podôa ás costas:
Todos me dizem: menina,
Teus olhos são com'*á* roda d'um carro.

(Quadra mal feita de proposito para fazer zombaria de um cantador fraco, dando a entender que os versos d'elle eram pouco mais ou menos assim).

1:119
Gravellos é minha terra,
Cõ-êdo (Com-êdo) é meu logar:
Adeus, cemiterio de Adoufe,
Onde me hão de sepultar.

1:120
Adeus igreja de Adoufe,
Feita de pedra morena:
Ó domingo vae á missa
Quem me causa tanta pena.

1:121
Adeus, igreja de Adoufe,
Feita de pedra amarella,
Onde ajoelha o meu amor
Ó domingo dentro d'ella.

1:122
No meio d'esse mar
Anda uma pomba branca:
Não é pomba nem é nada
É o mar que se alevanta.

1:123
Linda terra era Relvas,
Se não fossem *nos* penedos,
D'onde a rola faz o ninho,
D'onde o cuco canta cedo.

1:124
Uma velha muito velha,
Mais velha qu'*ó* meu chapeu:
Fallaram-lhe em casamento,
Ergueu as mãos p'r'*ó* ceu.

1:125
A figueira preta
Arrebenta pelo pé:
Assim arrebente a lingua
De quem diz o que não é.

1:126
As irmãs da caridade
Todas tem a faldra rota:
Só a madre abbadessa
Tem uma nova de estopa.

1:127
As irmãs da caridade
Todas teem o seu cãozinho:
Só a superiora
Tem um manso e sem focinho.

1:128
— Acceite este raminho
Que da minha mão s'offerece:
Não é como eu desejava,
Nem como o senhor o merece.

1:129

— Acceito
E venero:
A dona do ramo
É qu'eu cá quero.

1:130

Minha terra, minha terra,
Minha terra não é aqui:
Os anjos do ceu me levem
Á terra onde eu nasci.

1:131

Passarinhos meus amigos,
Eu tambem sou vosso irmão:
Vós tendes pennas nas asas,
Eu tenho-as no coração.

1:132

A penna com que te escrevo
Não é de nenhum pavão:
Foi criada e nascida
Dentro do meu coração.

1:133

Da minha janella á tua,
Do meu coração ao teu,
Vae um tiro de suspiros,
Quem *no* atira sou eu.

1:134

Vae-te carta venturosa,
Que lindos olhos vaes ver:
Carta, põe-te de joelhos,
Quando te 'stiverem a ler.

1:135

Nunca os beijos que te dei
Me venham *ó* pensamento...
Correi, lagrimas, correi
Para o mar do soffrimento.

1:136

Faça Deus maior o mundo,
Terra, mar e ceu maior:
Não faz nada tão profundo,
Tão vasto como este amor.

1:137

Uma guitarra e um beijo,
Que bellas coisas que são!
Se uma desperta o desejo,
Outra falla ao coração.

1:138

Ainda que o lume se apague,
Na cinza fica o calor:
Ainda que o amor se ausente
No coração fica a dôr.

1:139 (popular?)

A lua, pobre coitada,
De velar no firmamento,
Já traz a côr desbotada
De quem dormiu *ó* relento.

1:140

Ó Maria compadece-te,
Tem tu dó, tem piedade
De quem te pede uma esmola,
Um beijo por caridade.

1:141

Eu amo-te tanto, tanto,
Que não sei mesmo se Deus
Criara um amor tão santo,
Quer na terra quer nos ceus.

1:142

Se do ceu, quando em ti penso,
Fossem caindo as estrellas:
De tanto pensar, em breve,
Ficaria o ceu sem ellas.

1:143 (popular?)

É tão bello o teu olhar,
Que nem sei mesmo se Deus
Fez teus olhos de luar,
Se o luar dos olhos teus.

1:144

Amar e saber amar
São pontinhos delicados:
Os que amam são sem conta,
Os que sabem são contados.

1:145
Meia-noite, tudo dorme,
Só eu não posso dormir:
Pois não me deixa este amor,
Que me fizeste sentir.

1:146 (popular?)
Por um só dos teus olhares,
Por um só dos teus sorrisos,
Eu dava, se fosse Deus,
Um milhão de paraisos.

1:147
Nas ondas dos teus cabellos
Hei de deitar-me a afogar,
Para que o mundo saiba
Que ha ondas sem ser no mar.

1:148
Pus-me a chorar saudades
Ao pé d'uma sepultura:
Ouvi dizer uma voz:
Mal de amores não tem cura.

1:149
A lua, que vê de perto
As formosuras dos ceus,
Não fitou nunca por certo
Uns olhos como os teus.

1:150
O meu amor é um anjo,
O teu um passarinho,
Que se despede cantando,
Deixando pennas no ninho.

1:151
Carta, quando tu entrares
Nesse jardim de flores,
Entra e pede licença,
Dá mil beijos *ó* meu 'môr.

1:152
Carta, vae onde t'eu mando,
Junto vae o meu coração:
Que ditoso serei eu,
Se lograr a tua mão.

1:153
És o meu bem, o meu qu'rido,
És o meu sonho encantador:
És o ultimo a quem eu amo,
Só por ti sinto amor.

1:154
Meu amor, tu és a 'strella
Que ha de guiar meu ser:
Sem ti, meu querido anjo,
É-me impossivel viver.

1:155
Adeus, ó meu paezinho,
Deite-me a sua benção:
Se não vou d'aqui p'ra fóra,
Até morro de paixão.

1:156
Façamos, amor, *façamos*,
Como fazem os pombinhos:
Os pombinhos innocentes
Namoram-se e dão beijinhos.

1:158
A tua boca é tão bella,
Quem m'a dera beijar;
Faria d'ella uma 'strella
Que apagaria as do ar.

1:159
Adeus povo de Argemil,
Ó longe pareces villa:
Tens um cravo na *intrada*,
Uma rosa na saida.

1:160
Tenho na minha janella
Derripes (?) até *ó* chão:
Em te ver fallar com outras...
São facadas que me dão.

1:161
Esta noite fui ao fado
Com tres vintens em prata:
Fui a pé, vim a cavallo,
Não ha coisa mais barata.

1:162
Esta noite fui ao fado,
E ũa menina mais eu:
....
....

1:163
Ó fado, triste fado,
Já é tempo de acabar:
Se hei de viver em ternura
Ó morte, vem-me buscar.

1:164
Ó minha *canninha verde*,
O meu Senhor do Bomfim:
Linda cara, lindos olhos
Tenho eu a par de mim.

1:165
Ó minha *canninha verde*,
Verde canna verdoega:
Numa noite de geada
Um beijo não se nega.

1:166
Eu pintei a *canna verde*,
Eu pintei-a assim, assim:
Eu pintei-a bem pintada
No peito de Joaquim.

1:167
Ó minha *canninha verde*,
Canna verde desarranjada:
O dinheiro paga tudo,
Não se fica a dever nada.

1:168
Eu pintei a *canna verde*,
Ai, que linda flor!
Eu pintei-a bem pintada
No peito *ó* meu amor.

1:169
Se ouvires assobiar,
Não digas que é caçador:
É moda que anda agora
De assobiar ao amor.

1:170
Mal *o* haja, *má* fim tenha
Quem *no* amar inventou:
Nunca de penas se livre
Quem me a mim tantas causou.

1:171
Meu amor diz que me ama,
Trinta mil vezes m'o jura:
Eu não quero tanto bem,
Eu não quero tal ventura.

1:172 (popular?)
Nossa Senhora faz meia,
O fio é de luz[1]:
O novelo é a lua cheia,
As meias são p'ra Jesus.

1:173
Se eu morrer com minha fala,
Com meu juizo perfeito,
Hei de deixar quem me enterre
No adro d'este teu peito.

1:174
Fostes fallar mal de mim
A quem logo m'o contou:
Sempre quis bem e quero
A quem me desenganou.

1:175
Se as saudades matassem
Muita gente morreria:
As saudades não matam
Senão *ó* primeiro dia.

---

[1] *Variante:* com linhas feitas de luz.

1:176
De vermelho veste o cravo,
De verde o manjaricão:
De branco veste a *sucena*,
De luto o meu coração.

1:177
Eu sou costureira,
....
....
....

1:178
Olhos pretos são varios,
Olhos brancos lisonjeiros:
Os olhos acastanhados
São firmes, verdadeiros.

1:179
Alegra-te, coração,
Que amanhã vamos embora:
Vamos p'r'*á* nossa terra
Dar allivio a quem chora.

1:180
Minha terra, minha terra,
Minha terra não *na* nego:
Minha terra é Gravellos,
Onde meus olhos *navego*.

1:181
Adeus, adeus, ó Gravellos,
Cercado de olivaes:
Tenho o coração mais negro
Que a azeitona que vós daes.

1:182
Adeus, adeus, ó Gravellos,
Não digo a rua toda:
Digo só um bocadinho
Onde está Nossa Senhora.

1:183
Quem me dera lá no ceu
Siquer num cantinho:
Ó pé de Nossa Senhora
P'ra lhe embalar o seu menino.

1:184
Villa Sêca não tem agua
Nem para lavar um lencinho:
Vinde lavá-lo a Gravellos,
Áquelle rico pocinho.

1:185
Villa Sêca não tem agua;
Se não tem, eu lh'a darei:
Com a agua de meus olhos
Villa Sêca regarei.

1:186
Gravellos é pequenino,
De pequenino tem graça:
Tem ũa fonte no fundo,
Dá de *buber* a quem passa.

1:187
O *pequito* é meu,
Que me custou o meu dinheiro:
Quatro patacas e meia
Lá no Rio de Janeiro.

1:188
Subistes ó loureiro,
Regalastes teu peitinho:
Agora 'stás de gaiola,
Paciencia, passarinho.

1:189
Ó ares da minha terra,
Vinde por mim e levae-me:
Os ares da terra alheia
Não fazem senão matar-me.

1:190
Olha para mim e ri-te,
Tira-te d'essa tristeza:
Olha que não has de achar
Coração de mais firmeza.

1:191
Meu amor de tão longe,
Pede licença e vem-me ver:
As cartas não tem valor
P'ra quem não sabe ler.

1:192
Ha tres dias que não ceio,
Ha quatro que não almoço:
Quero-te fallar, amor,
Mas não posso.

1:193
Pelo mar abaixo
Vae uma carriça,
C'uma grade ás costas
Toda se esganiça.

1:194
Castinheiro, candaro sêco,
Que castanhas póde dar?
Home pobre sem dinheiro
Que amores póde tomar?

1:195
Castinheiro sêco
Sem ouriços,
É com'ó *home* sem barba,
Parece um *arreguiço*.

1:196
Ó meu amor,
Só tu *tivestes* a dita,
De entrar dentro em meu peito,
Numa sala mais bonita.

1:197
Meu coração fechou-se;
Fechou-se, já se não abre:
O meu amor ausentou-se:
Ausentou-se e traz as chaves.

1:198
Ó amor da minha alma,
Espalha as tuas saudades:
As minhas vão em aumento,
Tu a causa bem *na* sabes.

1:199
A sorte do marinheiro
É uma verdade pura:
Anda sempre a trabalhar
Em cima da sepultura.

1:200
Adeus, adeus, ó Gravellos,
Ninguem te quer mais do qu'eu:
Bonda tu seres o centro
D'onde o meu amor nasceu.

1:201
Das villas Villa Real,
Das cidades o Porto:
Não ha terra com'*á* minha
Cá para o meu gosto.

II. NARRATIVAS POPULARES

I

LENDA DO MONTE DA FORCA

Certo dia, lá nos tempos antigos, roubou um malvado herege (ou — um preto —, segundo outra versão), o vaso sagrado da igreja de S. Dinis [1], e foi escondê-lo muito bem escondido num logar retirado, entre as fragas de uma ladeira, onde ninguem o

[1] Sita no cemiterio da villa e considerada como a mais antiga da terra.

pudesse descobrir. Mas d'ahi a pouco começou de ouvir-se naquella paragem uma harmonia suavissima, uma musica toda celestial e angelica, que chamou a attenção de algumas pessoas que por ali passavam, e entre estas um moleiro, cujo jumento foi o primeiro a ajoelhar; logo foram dar rebate á povoação e reuniu-se a villa em peso para ver o milagre.

Foi o vaso conduzido em procissão á igreja. Fazendo-se indagações, veio a descobrir-se o criminoso, que foi condemnado a morrer enforcado no alto de um morro fronteiro á dita igreja, o qual desde então se chamou *Monte da Forca* e ficou servindo de theatro para todos os condemnados áquelle supplicio.

2

LENDA DO ARCABUZADO

Nos principios do seculo XIX pertencia ao regimento de Villa Real um soldado que era um verdadeiro modelo de honestidade e honradez. Um dia foi accusado de um crime nefando, de um sacrilegio ou roubo de igreja, e condemnado a ser fusilado apesar de innocentissimo no crime. Elle sabia quem era o verdadeiro criminoso e era-lhe facil denunciá-lo para se livrar a si proprio, mas preferiu morrer a denunciar ninguem. Foi arcabuzado ao sair da villa na estrada de Chaves. Atravessava apressadamente a ponte de Almodena, ao fundo da villa, um portador que vinha de Lisboa com o perdão da rainha, quando ouviu a descarga!

O logar do supplicio chamou-se *Arcabuzado,* onde depois se erigiu a capella do *Santo Soldado.*

Nas «almas» da Timpeira, a um kilometro do logar, vê-se pintada a scena do fusilamento: um soldado ajoelhado com uma venda nos olhos e em frente um outro soldado a disparar-lhe a descarga, cujo fumo se vê a erguer-se a dois dedos da boca do cano. Ao fundo tem escrito: *Foi archabozado* (sic) *em 12 de Maio de 1813.*

O corpo foi sepultado na igreja da Misericordia, e a devoção do povo cercou-lhe a campa de uma grade de ferro, e ainda hoje não é raro accender-lhe velas ou cobrir-lhe o chão de flores.

O facto é rigorosamente historico, segundo me dizem, mas a imaginação do povo, como sempre costuma acontecer, revestiu o seu heroe de proporções extraordinarias.

3

ANECDOTA DOS BEBADOS DE FONTES

Na freguesia de Fontes (sita a nordeste do Marão, mesmo nas abas da serra) costumavam sempre representar-se ao vivo os mysterios da Paixão. Num sermão do *descimento da cruz* combinara o

prègador com os empregados da igreja, que subissem pelas escadas para descerem o corpo do Salvador, quando elle lá do pulpito os mandasse.

A folhas tantas do sermão começa o prègador a bradar no pulpito: *subi, varões santos, trepai á cruz e descei o corpo do nosso Redemptor:* elles, moita carrasco; segunda vez lhe repete: *subi, varões sántos, subi ao alto da cruz e descei-nos o corpo do nosso Deus;* elles olhavam pasmados uns para os outros; ainda terceira vez lhes repete: *subi, subi, subi, varões santos:* e aquelles brutos a nada se moviam. Indignado finalmente o orador com tanta estupidez e fulo de raiva, troveja-lhe do alto do pulpito: *subi, bebados de Fontes:* e logo um d'elles diz para o vizinho: *ó compadre, agora é comnosco, vamos lá.* E subiram á cruz.

D'ahi lhes proveio o appellido de *bebados de Fontes.*

4

LENDA DE NOSSO SENHOR, S. PEDRO E O HOMEM JUSTO

Devemos fazer bem aos animaes.

Passeava um dia S. Pedro em companhia de Nosso Senhor, e vae, ao atravessar de um povoado onde se via muita gente, pergunta-lhe S. Pedro:

— Quem é aqui o maior peccador?

— É aquelle. (Diz Nosso Senhor apontando para um homem).

D'ahi a algumas horas voltando ambos pelo mesmo caminho e entrando no mesmo povoado, pergunta-lhe S. Pedro:

— Quem é aqui o mais justo?

— É aquelle. (E Nosso Senhor apontava para o mesmo de ha pouco).

— Mas como pode ser isso, se ainda ha pouco tempo dissestes que elle era o maior peccador?

— É que desde então para cá já elle fez uma grande caridade. Estava ali um cão a morrer á sêde e elle desceu com grande trabalho ao fundo de um poço a buscar-lhe dois *chapeus* de agua que o salvaram.

5

LENDA DAS SETE SENHORAS IRMÃS

No alto do Marão, que visitei pela Pascoa de 1899, junto ao marco geodesico está a capella da Senhora da *Serra*, que, segundo lá me contou um pastor, é irmã de mais outras seis Senhoras, que todas d'ali se avistam no pincaro de montes altissimos e alguns muito distantes: *Senhora dos Remedios* (Lamego), *Senhora da Saude* (Villar de Massada), *Senhora do Viso* (Santa Martha de Penaguião), *Senhora da Graça* (Mondim de Basto), *Senhora da Apparecida* (Lousada) e *Senhora da Moreira* (não sei onde é).

III. COSTUMES

1. Em cima do lar, mesmo imminente ao fogo, costuma estar pendurada uma *cambalheira,* que sustem na extremidade inferior uma caldeira para aquecer agua para os usos domesticos.

2. A saudação usual da manhã é: *bons dias e boas horas.*

3. Quando alguem se despede dos outros para se ir deitar, deve dizer:

Que bem amanheça
e o Senhor nos appareça.

4. A expressão de agradecimento é: *bem haja;* tambem se ouve dizer *obrigado,* mas é raro.

5. Os nomes dos dedos das mãos são os seguintes: mendinho, seu vizinho, maior, fura-bolos e mata-piolhos.

6. Ás crianças que estão sempre a perguntar: *que é isto? que é aquillo?* a respeito de qualquer objecto que vêem de novo ou de que ouvem falar, costumam as mães responder: *são linguas de perguntadores.*

7. Ás crianças que perguntam o nome de uma fruta, que se ignora ou se não quer dizer, costuma responder-se: *é verde nasce e madura se come.*

8. Quando o abbade está prestes a receber os noivos ao arco da igreja e pergunta se sabem de algum impedimento, o povo responde em massa: *não ha nada, não ha nada.* Presenciei isto na igreja de S. Pedro, mas dizem-me que só ali se usa.

9. A uma cheia de agua no Córgo chamam *o juiz de Villa Pouca,* porque aquelle rio vem effectivamente de Villa Pouca de Aguiar e tem a nascente nas vizinhança d'ella.

10. A uma pessoa que vem a assobiar com a boca costumam as outras por gracejo perguntar se lhe vende o assobio; ao que ella logo mui lampeiramente responde: *e tu dás-me aquillo com que o pedes?* — Ora o assobio é a boca e aquillo com que elle se pede a boca é.

11. Quando se pergunta a alguem se elle tem cara de burro ou de ladrão, elle logo responde: *eu tenho a minha, o ladrão tem a d'elle, e um burro tem a sua.*

12. Quando se offerece vinho a alguem, se elle acceita, costuma dizer gracejando que só quer uma pinguinha sobre um copo (isto é, uma pinguinha sobre um copo cheio).

13. Em algumas povoações (Escariz, por exemplo) é costume durante a quaresma *encommendar as almas:* depois de noite cerrada sobe uma pessoa a um eirado de uma casa ou a um logar alto e pede, bradando em voz pausada e cantarolada, varios Padres Nossos: pelas almas do Purgatorio, pelos que andam sobre as aguas do mar, pelos que vivem em pecado mortal, etc. Camillo, que viveu alguns annos da sua mocidade em Villarinho da Samardã, aldeia vizinha d'esta de Escariz, descreve num dos seus romances este costume soberanamente poetico de encommendar as almas.

14. No meio da quaresma faz o rapazio a chamada *serração da velha,* e para isso arranjam uma serra e um cortiço velho e percorrem as casas das velhas do povoado, ás quaes chamam *avós,* e fingem que as estão serrando dentro do cortiço, acompanhando tudo de grande algazarra e de uma gritaria ensurdecedora.

15. No dia 1 de abril é o dia das pulhas e dos enganos, como em toda a parte.

16. No dia 1 de maio é costume enfeitar as fechaduras com ramos de giestas (á semelhança do Minho) e percorrer as ruas da villa ou do povoado um rapaz todo vestido de ramos de giestas desde a cabeça aos pés, e entoando versos a que a comitiva responde (á semelhança da Beira). (Vid. os versos do *Maio moço* no principio d'este trabalho).

17. Quando uma pessoa encontra outra sentada ao sol com as meias rotas nos dedos dos pés, aproxima-se d'ella e, fingindo contar-lhe uma grande novidade, começa a dizer-lhe: *Não sabes ainda uma grande noticia que acaba de chegar ha pouco? Soltaram-se os presos da cadeia da villa.* E começa a insistir nesta ideia e a procurar convencê-lo até que elle perceba que se trata dos seus dedos a fugirem pelos buracos das meias.

18. Quando sopra um vento norte muito fino, dizem que morreu algum escrivão.

19. Ao sete-estrello costumam chamar o *sarilho.*

20. Ha nos campos uns insectos que, á semelhança dos *saltões,* estão continuamente a saltar de um ponto para outro, e quando poisam no chão ficam com as patas deanteiras erguidas e juntas, e por isso lhe puseram o nome de *louva-a-Deus.*

Os rapazes, quando os vêem, começam a erguer as mãos como elles e a dizer: *louva a Deus.*

21. Ás raparigas que andam a aprender a fiar costuma dizer-se-lhes que fiam calças para o cuco.

22. Desde 12 a 20 de junho ha em Villa Real a celebre e antiquissima feira de *Santo Antonio,* á qual concorre muitissima gente de toda a provincia e ainda de alem-Douro, que ali vão sortir-se para quasi todo o anno.

23. Pelo S. Pedro (29 de junho) ha tambem ali em frente da Capella Nova uma grande feira de louça de barro escuro, da fabrica de Bizalhães, chamada *a feira dos pucarinhos,* onde apparecem curiosos especimes de vasos, notaveis sobretudo pela extraordinaria pequenez, os quaes compram os namorados e pessoas amigas para mutuamente se offerecerem, e os quaes é costume trazerem pendentes ao peito, á laia de medalha, naquelle dia e nos seguintes.

24. As pessoas (e tambem os animaes, — ás vezes rebanhos inteiros de ovelhas e cabras) que forem mordidos de cão damnado, é costume levá-los á *santa cabeça,* isto é, a comer o pão benzido pelo parocho da igreja de Constantim, onde se venera a cabeça de S. Geraldo. Alguns demoram-se por lá nove dias para fazerem uma novena.

25. Ás pessoas que acabam de levar uma reprehensão é costume dizer-se: *agora já te não come o lobo,* porque o lobo, quando desce ás povoações, se é apupado, foge e não faz mal a ninguem.

26. A respeito de castanhas costumam alguns dizer que se não deve comer mais de um palmo d'ellas, e por isso as põem em cima da mesa juntas umas das outras até fazerem aquelle comprimento; e d'ahi não passam, porque dizem que *um palmo de pau no estomago é de mais.*

27. Na freguesia de Villarinho da Samardã, o tratamento usual dos sobrinhos e sobrinhas aos tios é: *mantenha-o Deus, sr. tio, ou sr.ª tia.* O mesmo tratamento fazem os afilhados aos padrinhos. Mas o que é mais notavel é que um tal tratamento só lh'o fazem, quando são muito velhos tanto uns como outros (tios e padrinhos).

IV. SUPERSTIÇÕES

1. Comer hortaliça em Domingo de Ramos é comer lagartos todo o anno.

2. Chover em Domingo de Pascoa é sinal de não ser anno de nozes.

3. Quem deseja ser feliz nas suas empresas, deve em a noite de S. João, depois do bater da meia noite, ir correr as orvalhadas e lavar-se na agua fresca de uma fonte antes do nascer do sol.

4. Na mesma noite, quem deseja saber a sua sorte, deve partir um ovo e deitar a gemma e clara num copo de agua, expondo-o ao sereno; de manhã vae ver a figura que toma o ovo: se tem fórma de igreja, denota casamento; se de navio, denota viagem.

5. Para sarar as crianças quebradas ou rendidas, devem passar-se na noite de S. João através de um olmo rachado. Para isto escolhem um que seja ainda de haste delgada, fendem-no ao meio e alargam-no em arco de modo que possa caber a criança, e depois tornam a uni-lo com todo o cuidado, porque, se elle soldar, tambem soldará a criança.

6. No 1.º de maio é preciso comer castanhas, porque aliás *salta-nos o burro* ou acontece-nos coisa má. Por isso muitas pessoas, sobretudo rapazes e mulheres, as costumam guardar durante o anno para aquella occasião. (Cfr. Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma mythologia popular portuguesa,* V. *Superstições populares,* n.º 263, p. 10, Lisboa 1881).

7. No dia da Ascensão é costume ir a gente da villa pelas quintas dos arrabaldes colher ramos de oliveira; o que ás vezes origina pendencias graves com os donos das propriedades. É uma variante do costume de ir colher a *espiga* do trigo observado pelos lisboetas no mesmo dia.

8. Quando uma pessoa tem encarnada uma das orelhas, é sinal de que alguem está a dizer bem ou mal d'ella, consoante é a direita ou a esquerda.

9. Para fazer cessar a epistaxis ou hemorragia nasal, põe-se uma cruzinha de palha nas costas do padecente, sem que elle o saiba. Noutras partes põem-lhe na cabeça um *estanca-sãigues* ou especie de camaldulas.

10. É pecado cuspir no lume.

11. Uma ferradura pendurada á porta dá boa fortuna. Para sair premiado um bilhete da lotaria costumam pregá-lo na parede da sala coberto com uma ferradura.

12. Quantas vezes o cuco repetir a sua voz, tantos annos faltam a uma pessoa para se casar. Por isso os moços ao ouvirem o cuco costumam dizer:

Cuco de maio,
cuco de Aveiro,
quantos annos
me dás solteiro!

e logo começam a cantar as vezes que elle canta.

13. Os rapazes e mesmo os homens, quando vão nadar, para não apanharem sezões, costumam atirar pedrinhas de areia para trás das costas.

14. Para fazer desapparecer uma empola que se tem na boca, deve cuspir-se tres vezes, recitando em seguida certas palavras magicas.

15. Para afugentar as bruxas, põe-se uma tesoura aberta, uma faca, ou qualquer outro instrumento cortante de aço debaixo do travesseiro.

16. Quem se ri antes do almoço necessariamente ha de chorar antes do pôr do sol.

17. A borboleta branca é sinal de boa noticia e a negra de má (morte, etc.), e por isso deve matar-se.

18. Se ao petiscar um fosforo a massa arde toda sem accender o pavio, é sinal de nos chegar boa fortuna no dia seguinte.

19. Vestir ás avessas uma peça do fato annuncia que em breve temos uma prenda.

20. Quando se enterra alguem é acto de piedade deitar-lhe cada pessoa uma mão de terra.

21. Uivar de cão é sinal de morte.

22. Andar para trás é ensinar o caminho ao diabo.

23. Uma ferida deve vedar-se com teia de aranha para sarar mais depressa.

24. Fazendo uma cruz com saliva no braço ou pé dormente, logo elle melhora.

25. Quem tiver uma cruz na palma da mão, está livre de bruxas.

26. Pessoa mordida de cão damnado vê um cão na agua.

27. Quando sentimos pesadelo durante o sonho, é porque um diabo de barrete vermelho, entrando pela fechadura, veio fazer pressão sobre nós.

28. Não se deve falar em ninhos debaixo dos telhados, porque podem ouvir as formigas e ir lá comer os ovos.

29. Quando um filho dá um objecto á mãe como dadiva ou presente, deve ella dizer: *Deus t'o accrescente* [1].

30. Quando na rua ou no campo a uma pessoa que está comendo lhe cae ao chão qualquer *cibo* (bocado de comida), não se abaixa para apanhá-lo, mas diz-lhe: *para as alminhas;* pois crêem que de noite as almas veem colher os restos de comida espalhados pelo chão.

31. As migalhas da mesa não se devem deitar fóra sem dizer: *seja pelo ámor de Deus.* Dizendo assim, aproveitam aos passarinhos, aliás vem o diabo e apanha-as. (Colhida em Adoufe).

32. Faz mal beber com a candeia na mão.

33. Varrer á noite a casa para a rua é deitar fóra a fortuna. Por isso, se á noite precisam varrer a casa, deixam o cisco depositado a um canto.

34. O modo de talhar o ar é o seguinte: accende-se uma vela que tenha sido benzida na Senhora das Candeias, curva-se sobre ella o doente muito abafado, rezando ao mesmo tempo certas palavras sacramentaes; em seguida sopra a vela para apagá-la; se o fumo não manchar a vela é bom agouro, do contrario nada feito (vid. o *ensalmo* 4).

---

[1] No Minho, a pessoa que pede esmola em cereaes, para os santos, pelas portas dos lavradores, costuma dizer ao acceitar da esmola: *Deus lhe accrescente o que fica e lhe dê saude para grangear outro;* ás quaes o lavrador responde: *e a si lhe conte as passadas.*

35. Modo de cozer o pé ou o braço: deita-se um pucaro de agua a ferver em um alguidar, e mette-se o pucaro de boca ao fundo na mesma agua. Sobre o pucaro põe-se uma agulha, um novelo e o pé ou braço do padecente. A pessoa *avécida* ou entendida na arte pergunta-lhe: *eu que cozo?* — *carne viva e fio torto* (responde elle) — *pois é isso o que eu cozo.*

Devem dizer-se estas perguntas e respostas por tres vezes.

36. Abrir uma silva e metter no meio alguns cabellos cortados da trança faz que se case depressa.

37. A *salamantiga* é o primeiro bicho que nos vae enxertar á sepultura.

38. Gallinha que canta de gallo é mau presagio.

39. Um cabello arrancado e mettido na agua engrossa e transforma-se em cobra.

40. Quando a esposa tem um parto difficil, deve o marido ir ao tecto de uma igreja voltar uma telha com os dentes.

41. Para ter leite vão as mães pastar ou mastigar ervas ao adro da capella de S. Mamede, ao noroeste da villa, caminho de Borbella.

42. Ter uma conta chamada *leitor* pendurada por uma fita de uma casa do collete, tambem faz nascer o leite.

43. Não se deve mostrar ao espelho uma criança que ainda não fala, porque isso lhe retarda o falar.

44. Para desmamar uma criança ou para lhe nascerem os dentes, deve pôr-se numa encruzilhada uma panela com agua, chumbo, ossos e 5 réis.

45. As mães, quando vão lavar roupa, não devem consentir que os filhos pequenos lavem a seu lado no lavadouro, porque isso não lhes deixa a seu tempo nascer a barba.

46. Quem tiver trinta afilhados salva-se.

47. Para as crianças não serem *bravas* (= más, travêssas, ruins de aturar) devem depois do baptismo ser *belloiradas* ou roladas pela madrinha sobre o altar de Nossa Senhora.

V. ENSALMOS

1. Para tirar o argueiro de um olho:

Corre, corre, cavalleiro,
tira-me d'aqui este *vogueiro*,
que ali vem Santa Luzia
que m'o tirará primeiro.

Deve dizer-se por tres vezes.

2. Para achar um objecto perdido:

Appareça, appareça,
o diabo sem cabeça.

3. Para mudar os dentes:

S. Romão, S. Romão,
pega lá o teu dente podre
e dá-me cá o meu dente são.

4. Para talhar o ar.
Fazem-se tres cruzes com uma vela benta, dizendo ao mesmo tempo:

Ar de vivo,
ar de morto,
ar de excommungado,
sae d'este corpo.

5. Para curar de um maleficio ou praga.
Quando alguem está doente de um pé e suspeita que foi mal que lhe rogaram, deve dar tres voltas á roda de um caco com brasas, depois de lhe haver deitado sal, alecrim, terra benta (tirada da igreja) e cera benta (nove cibos ou pedacitos), emquanto a feiticeira ou pessoa entendida está dizendo:

Deus te fez,
Deus te criou;
encanhado seja
quem te encanhou.

6. Para livrar uma criança de mau olhado ou *olhar de pita choca,* deve-se *chumbar a criança,* isto é, pôr-lhe na cabeça uma malga com chumbo derretido, dizendo tres vezes:

Quando viveu Jesus Christo
este mal não era visto;
agora morra este mal
e viva Jesus Christo.

7. Para afugentar a *carugeira,* ou nevoeiro:

Carugeira, carugeira,
vae-te para o monte da ribeira,
que lá estão teus filhos
a ferver numa caldeira.

8. Contra as sezões.

Vae-se a um trovisco e tiram-se-lhe cinco folhas, mas antes de as tirar deve dizer-se:

Muito bons dias
tenha V. Senhoria, Sr. Trovisco;
eu venho pedir-lhe um favor:
chegaram-me uns hospedes
e não tenho onde os deitar;
empreste-me cinco mantas
que eu depois venho-las tornar.

Depois levam-se para casa e mettem-se debaixo do travesseiro durante nove dias, tendo o cuidado de as não quebrar ao fazer da cama em todo este tempo. No fim da novena vão restituir-se ao trovisco.

9. Para benzer o *côcho:*

Côcho, eu te talho,
cabeça e rabo,
aranha, aranhão,
cobra ou cobrão,
todo o bicho de nação,
para que não cresça,
nem reverdeça,
nem junte o rabo co'a cabeça.

(P. N. e A. M. em honra de Santa Eufemia).

10. Para talhar a erysipela:

Com poder de Deus Padre
eu te corto, zipela, te talho,
pela graça de Deus e da Virgem Maria,
pelas ervinhas do monte,
e a *auga* da fonte
e sal da marinha.
Ai, Jesus!
quem curará tamanho mal!
eu te degredo para o monte *secalhal,*
onde está Santa Cecilia
com trezentas e seis filhas
catando e lavando o corpo de F.

Devem dizer-se estes versos emquanto se fazem sinaes e acenos com uma faca deante do rosto do padecente, cujo nome deve ser enunciado na letra F.

11. Para fazer perder no jogo:

Eu te encanho
com o rabo
de meu anho,
com sal e pez
para que percas
outra vez.

12. Para passar o terçolho ao vizinho:

Terçolho
mirolho,
sae d'aqui,
vae p'ra aquelle olho.

13. Contra a rela ou bicho do milhão.

No dia de S. João vão metter ramos pelo meio do milhão dos lameiros, e dizem:

Áqu' d'el-rei sobre a *trabella,*
que todo o milhão me rela.

VI. DITADOS TOPICOS

1. C'os de Villa Real,
nem de bem nem de mal.

2. Burro sobre uma animal,
moda de Villa Real.

3. Villa Real é mãe dos de fora
e madrasta dos de casa.

4. Garotos de Villa Real,
bebados de Fontes.

5. P'ra cá do Marão
governam os que p'ra cá estão.

6. Bem grande é o Marão,
mas não dá palha nem pão.

7. Está o Corgo cheio de lirões, ladrões e Lamarões (nome de uns moleiros).

8. Sopra o vento de Constantim,
temos chuva sem fim.

VII. DITADOS VARIOS

1. Olhos brancos em cara portuguesa,
ou filho da potra[1] ou da natureza.

2. Quem não mente,
não é de boa gente.

3. Quem não cria, não fia (variante: «quem não cria, não pia» alludindo á criação das ninhadas de pintainhos).

---

[1] Esta palavra substitue outra malsoante. É costume de todo o país empregar, em vez das expressões licenciosas, outras parecidas no *som* ou na *ideia*. Comparem-se as frases seguintes que a cada passo se ouvem:

Filho da *pucra;* filho da *curta;* fallar em *curtas* e *compridas;* fallar em *alhos* ou *palhas-alhas* (ouvida em Lisboa); mandar *áquella banda;* mandar á *amarella;* ora *móca,* ora *cebola!* o *assento; coucho* (*Rev. Lus.*, v, 41); *pica; pilinha; corra.*

4. Quem não trabalhuca,
não merenduca.

5. Em casa d'aquelle home,
quem não trabalha não come.

6. A perdiz, come-se c'o dedo no nariz.

7. A sopa para ser boa deve *berrar* e *roncar* (= ter carne de vaca e de porco).

8. Quem deixa as migas, deixa a vida. (Diz-se ás crianças para ellas comerem o fundo do caldo, onde está o pão migado, ou a *móda,* como lhe chamam no Minho).

9. Quanto melhor cavallo, melhor espora.

10. Quanto melhores bois, melhor vara.

11. Quanto mais ralos se matam, mais ralos ficam.

12. O carneiro, quanto mais longe vae, maior turna (= turra) dá. (Ouvido a proposito de um homem que foi para a mesa com grande apetite, por estar ha muitas horas sem comer).

13. Soitos do pae, e olivaes do avô [1].

14. Ceu cavado [2], ceu molhado.

15. Stão (= ha no ceu) *papos de rôla,* temos chuva.

16. Ceu cavado, peixe fresco.

17. Mulher de barrella,
arnegar d'ella.

18. Mais dá o cru do que o nu (= é mais facil apanhar uma esmola a um homem de mau coração, do que áquelle que nada tem que dar).

19. Mais vale estar ao pé de quem come, do que ao pé de quem racha.

---

[1] No Minho dizem: Vinho meu, castanha de meu pae, azeite do meu avô.

[2] Chamam assim ao ceu quando as nuvens apresentam a forma de um campo cavado, o que denota chuva. Ao mesmo fenomeno chamam tambem *papos de rôla,* de onde se originou o ditado seguinte.

20. Uma andorinha só, não faz bando.

21. Onde a pêga tem os ovos, lá tem os olhos.

22. Gado de bico nunca faz o amo rico.

23. O sermão é o que dá o ser a uma festa.

24. Esmola que mata o pobre, fraca esmola é.

25. Ferradella de liscanço,
não tem hora de descanso.

26. Vale mais cair em graça que ser engraçado.

27. Nem de toucinho bom *briolote,*
nem de Mouro bom sacerdote.

28. Quem quis casar sempre casou;
se não foi onde quis, foi onde topou.

29. Se queres tua filha pobre, dá-lhe o dote em cobre.

30. Pelas vesperas se conhecem os dias santos.

31. Quem se não sente, está morto.

32. Quem vende sardinhas, come gallinhas.

33. Quem dera o meu filho herdeiro,
onde pousa a nevoa em janeiro!
(Allusão aos campos ferteis das margens dos rios, aos quaes chamam *lameiros*).

34. Quem tem pão de aveia,
não vae á tulha alheia.

35. Quem aos vinte não barba, aos trinta não casa, aos quarenta não tem, *nem nunca* barba, nunca casa e nunca tem.

36. Nunca faltou vinho ao nascer,
nem a nevoa de S. João p'r'*ó* beber.

37. Em janeiro, cada pingueira mata seu graeiro.

38. Em janeiro
sobe ao oiteiro:
se vires negrejar,
levanta-te a cantar;
se vires verdegar,
pranta-te a chorar.

39. Fev'reiro, matou a mãe ao soalheiro.

40. Neve de fevereiro, derrete-a a velha...

41. Fev'reiro ou seca as fontes ou leva as pontes.

42. Trovôa no março, semeia no alto e no baixo.

43. Março marcegão,
pela manhã cara de cão,
ao meio dia cara de rainha,
á noite corta como uma foicinha.

44. Neve de março, leva-a a velha no regaço.

45. O março virado de rabo é peor que o diabo.

46. Março garço, a noite com o dia e o pão com o sargaço.

47. A agua com que no verão se ha de regar, de março e abril ha de ficar.

48. O abril enganou o demo á soalheira e matou a mãe a coçar a *caranga*.

49. Maio é do nome e o junho da fome; emquanto sego e não sego é que ella pega.

50. A melhor cepa para maio a deixa.

51. Do cerejo *ó* castanho
bem me *avanho* (= avenho);
do castanho *ó* cerejo
mal me vejo. (É melhor de passar, ha mais de comer no verão que no inverno).

52. Maio, cerejas ao borralho.

53. Em outubro, centeio ruivo. (Deve semear-se em setembro e estar nascido em outubro).

54. O vinho anda c'o azeite. (Quando ha abuudancia ou falta de um, o mesmo acontece ao outro).

55. Pelo S. Pedro, cuco quêdo.

56. Pelo S. Tiago, atira o sacho p'r'*ó* diabo.

57. A castanha em agosto quer *buber*, e em setembro quer arder.

58. Em agosto secam as fontes, e em setembro ardem os montes.

59. Pão còrado, farta o amo e o criado.

60. O azeite em janeiro recolhe ao madeiro. (Portanto deve-se apanhar a azeitona em dezembro).

61. Bexigas e serampêlo, tres vezes vem ao pêlo.

VIII. DITOS E FRASES POPULARES

1. Acabar o chiadeiro a alguem (= matá-lo).

2. Á certa confita (= finalmente).

3. Adeus, minhas encommendas.

4. Adeus, mundo, cada vez peor.

5. Adeus, temos conversado.

6. Agora é que são ellas.

7. Á hora de comer sempre o diabo traz mais um.

8. Ainda bem não era morto, já estava esfolado.

9. Andar ás aranhas.

10. Andar ou ir aos gambosinos (= á gandaia, á boa vida).

11. Andar ás cambalitortas (= ordenadamente).

12. Andar com uma pessoa *Sant'Antoninho onde te porei.*

13. Andar em carrapato (= nu). (Outros dizem: andar em *coira* pato, affirmando que esta frase nada tem com o carrapato, insecto).

14. Andar numa fôna (= andar ligeiro).

15. Arco da velha (= arco-iris).

16. Arreganhar a tacha (= os dentes).

17. Bem te conheço, pau de laranjeira.

18. Cada um governa-se.

19. Canta, que logo bebes.

20. Chá de moca (= sova de pancadas). Trocadilho fundado na identidade do som da *Moca* (cidade) e *moca* (cacheira) pau.

21. Cova do cão ou cova do piolho (= cova da raposa [Minho] e = a cova do ladrão [Beira]).

22. Dar ao badalo (= fallar muito).

23. Dar ao esfregão (= estar a fallar sempre, fallar somente; e, por extensão, fazer cera, estar de costa direita, não fazer nada).

24. Dar os amens (= agradecimentos).

25. Dar casca.

26. Dar um cascarrão.

27. Dar no vinte (= acertar).

28. De caminho (= logo).

29. De horas emquando (= de vez em quando).

30. Deitar a fateixa (= a mão).

31. Deitar a manápula (= a mão) a alguma cousa).

32. Dentro em breve ganhas os *seis e cinco* (= ganhar o premio das alcoviteiras).

33. Deus nos dê muito, e nos contente com pouco.

34. É da freguesia de Nossa Senhora *não te rales* (= é um mandrião).

35. Então como vae essa bizarria? (Modo de cumprimentar).

36. Escada de alforge (= escada dupla, á semelhança de alforge dos mendigos, com metade para a frente e metade para as costas).

37. Espera ahi, que já bebes.

38. Esta vida não chega a netos, nem a filhos com barba.

39. Esta vida não chega a netos: se lá chegar não hão de ser muito espertos.

40. Estar á mão de semear (= estar a jeito).

41. Estar de trombas (= de má catadura).

42. Estar como o parvo no meio da ponte (= não saber que fazer).

43. Estar como o villão em casa do sogro (= querer mandar, querer impor-se, ser orgulhoso).

44. Estoura-vergas (= estouvado, parvo).

45. Estraga-albardas.

46. Fazer parrana (= trabalhar com pouco cuidado).

47. Ferver em pulgas.

48. Ficar a ver navios.

49. Filho da pôtra. (*Vide* a nota de pag. 221).

50. Fungar magustos (= resmungar, choramingar).

51. Ganhar o alcance.

52. Gastar cera com ruins defuntos.

53. Guardar da *risa* para a *chora*.

54. Ha de ganhar muito com isso!

55. Horas, dá-as o relogio.

56. Inté vir o Zé Marques (= eternamente, para sempre).

57. Ir á mascara a alguem (= ir-lhe á cara, bater-lhe).

58. Ir num pé e vir noutro.

59. Isso é dos livros (= é cousa certa).

60. Isso fia mais fino.

61. Isso tem que se lhe diga.

62. Isso tem seus quês.

63. Isso, tó rôla.

64. Já não dá rego direito.

65. João da Cruz (= dinheiro).

66. João Fernandes (= pobre diabo).

67. João Ninguem (= idem).

68. Juiz de Villa Pouca (chamam assim a uma cheia no Corgo).

69. Lá foi tudo c'os diabos.

70. Leitões de cria (= leitões grandes destinados á criação).

71. Leitões de veiga (= leitões pequenos que acompanham uma porca pelos campos).

72. Levar bombada (= soffrer prejuizo).

73. Levar coiro e cabello.

74. Limpa-queixos (= bofetada).

75. Mandar á *erva*.

76. Mandar alguem áquella banda.

77. Menino do (*sic*) Isá (= menino Isaac, filho querido, mimalho).

78. Metter-se em camisas de onze varas.

79. Nada bem (= muito mal).

80. Não cabe na pelle de contente.

81. Não é por ahi que o gato vae ás filhoses (ou ás bilhós).

82. Não ha tempo a perder.

83. Não te faças Alonso (= tolo).

84. Não vale dez réis de mel coado.

85. Não vivo de cantigas.

86. Olhar alguem das chedas do carro (= olhar por cima da burra, desprezar.

87. Olhar contra o partido (= olhar de través).

88. Pancada de criar bicho.

89. P'ra cá vens tu de carrinho (= commigo perdes o tempo).

90. Pelas vesperas se conhecem os dias santos.

91. Pescar da poda (= saber da arte).

92. Pingar bilhós (= cabecear com somno):

93. Pregador de estalo (= prègador de fama).

94. Pois sim, canta que logo bebes.

95. Por uma linha negra (= por um triz) o não agarrei.

96. Puxe cadeira e sente-se no chão.

97. Pôr-se de grande com alguem (= formalizar-se, resistir a alguem, roncar-lhe). Tambem se diz em Mogadouro e Lagòaça, *Rev. Lus.*, v, 112.

98. Que Deus lhe perdoe, que está no ceu.

99. Quem lhe encommendou o sermão que lh'o pague.

100. Regalar a polaina (= estirar a perna, descansar, folgar.

101. Rapar milhã (= ter chieira ou basofia.

102. Rua, que chove.

103. Sem dizer *agua vae*.

104. Ser bem mandado (= ser obediente).

105. Ser homem de estrella e beta e pé calçado (= ser mau).

106. Ser levado do diabo.

107. Ser tição de casa e candeio da rua (= tratar mal os seus e bem os de fora).

108. Tanto se me dá, como se me deu.

109. Tanto se me dá que a agua corra para baixo como que corra para cima.

110. Tem-te, Maria, não caias.

111. Tenho muita pena, mas não posso chorar.

112. Ter bicho carpinteiro (= ser desinquieto).

113. Ter boa sarrilha (= ser bom explorador). Ouvido em Folhadella.

114. Ter culpas no cartorio.

115. Ter fome de rabo.

116. Ter gana a alguem.

117. Ter entradas de leão e saidas de sendeiro.

118. Ter lingua comprida (= fallar de mais).

119. Ter unha na palma da mão (= ser larapio).

120. Tocar uma pinga (= beber uma pinga).

121. Trazer um grão na asa (= estar quasi bebado).

122. Um homem não é de barro.

123. Um homem é um homem, e um gato é um bicho.

124. Um trinca-espinhas (= homem alto e magro).

125. Um tudo-nada, um tudo-nadinha, um tudo-nadêlha (= um quasi nada).

126. Uma cama de roupa (= uma roupa de cama) [1].

127. Uma machina (= multidão de cousas).

128. Vá á fava, emquanto a ervilha cresce.

129. Vae bugiar.

---

[1] E expressão de costureira e bordadeira. As raparigas que andam na mestra já ha alguns annos, é frequente ouvir dizer: *já sei fazer ou bordar uma cama de roupa*, isto é, a roupa branca da cama.

130. Vae pentear macacos.

131. Vae-te catar.

132. Vae tudo co'a breca.

133. Valha-me Deus que bem pode.

134. Valha-te um burro aos coices.

135. Vejam como o diabo as arma.

136. Vem p'ra cá, que vens bem! (Expressão ironica = vem p'ra cá, que eu te arranjo).

137. Ver Braga por um canudo.

138. Ver as estrellas ao meio-dia.

139. Veremos, veremos: assim dizia o cego e nunca viu.

140. Comeste favas, trabalha p'ra ti.

141. Gente são abesoiros.

IX. COMPARAÇÕES

1. Andar p'ra trás como o caranguejo.

2. Atirar-se a alguem como S. Tiago aos Mouros.

3. Atirar-se como gato a bofes.

4. Berrar como uma cabra.

5. Calado como um rato.

6. Caro como o fogo.

7. É como o ferreiro da maldição,
quando tem ferro não tem carvão.

8. É como Pedro Sem,
que já teve e agora não tem.

9. É como S. Benedito,
não come nem bebe
e anda gordito.

10. É como o caracol: para onde vae leva a casa.

11. É o diabo em figura de gente.

12. É um ovo por um real.

13. Escuro como um prego.

14. Estar como uma luva.

15. Esperto como um defunto.

16. Esperto como um rato.

17. Falso como Judas.

18. Faz uma vista que nem um cavallo de cem moedas.

19. Feio como um bode.

20. Feio como o diabo.

21. Fresco como uma alface.

22. Honrada como a porca de Murça.

23. Leve como uma pena.

24. Mais velho que a Sé de Braga.

25. Mentes com quantos dentes tens na boca.

26. Mette-se como o piolho por costura.

27. Nadar como um prego.

28. Pesado como chumbo.

29. São aos pares como os frades.

30. Sabe que nem gaita.

31. Sabe tanto d'isso como eu de lagares de azeite.

32. Teimoso como um burro.

33. Ter força como um gallego.

34 Trabalhar como um mouro.

35. Vermelho como *uma* tomate (Cfr. *Morphologia*, n.º 2).

X. RIMAS E FRASES ESTEREOTYPADAS

1. Antão era pastor,
guardava ovelhas,
e quando não tinha'ás suas
guardava as alheias.

2. Bem te conheço,
és de Braga e chamas-te Lourenço.

3. Coitadinho de quem morre,
quem cá fica sempre come.

4. Deus que te marcou,
alguma cousa te achou.

5. Está triste,
porque o amor
não lh'assiste.

6. Faça, faça,
que o seu fazer tem graça.

7. Graças a Deus p'ra sempre,
já os burros fallam á gente.

8. Muito bem se canta na Sé,
mas é quem é.

9. A castanha
tem ũa manha;
quem a vê,
logo a apanha.

10. Nem tempo de missa
nem dar ao cavallo cevada,
atrasam jornada [1].

11. Em janeiro
sobe ao outeiro:
se vires verdegar,
põe-te a chorar,
se vires negrejar
põe-te a cantar.

---

[1] O Sr. Branco, de Escariz, a quem a ouvi, disse-me tê-la lido no *Inferno de S. Patricio*.

12. Janeiro gieiro
fev'reiro febroso
março ameroso
abril carrascoso
maio pardo
junho claro
valem mais
qu'o seu carro
e o seu arado
(Resposta dada por um lavrador a um ricaço que se gabava de ter um carro e arado de ouro).

13. Se a Candelaria chora,
está o inverno fora;
se a Candelaria ri,
o inverno está para vir.

14. Sempre foi e ha de ser:
quanto mais se andar,
mais se ha de aprender.

15. Lerias tuas, trinta e duas.

16. Não metta o nariz onde não é chamado.

17. Pouca bulha, que está a gallinha no chôco.

18. Pouca bulha, que ha pouco quem dance.

19. Que horas são?
—*falta* dez réis p'ra meio tostão.

20. Valha-me Nossa Senhora d'Agrella,
que não ha outra como ella.

21. Vamos á deita,
qu'está o sono á espreita.

22. Viva o Pae Abrahão,
qu'é de boa geração.

23. Zé da Cunha,
dinheiro á unha.

24. Chove e choverá:
quem estiver em casa,
se tiver vergonha
d'ella sairá.

XI. JOGOS E RIMAS INFANTIS

1. Pelo sinal
da carqueijal
vinho maduro,
cereja bical;
comi toucinho,
fez-me mal:
se mais me dessem
mais comia,
adeus, compadre,
até outro dia.

2. Salve rainha,
mata a gallinha,
põe-na a cozer,
dá-m'a a comer,
espera por ella,
já 'stá na guela.

3. *Graces* a Deus que já cozemos,
quatorze broas fizemos,
quinze devemos,
fiquemos como *'stemos*.

4. Amanhã é domingo,
toca-se o sino,
o sino é d'oiro
pica no toiro,
o toiro é bravo,
mette-me a lingua
debaixo do rabo.

5. Segunda fartura,
terça inda dura,
quarta Marta,
quinta faminta,
sexta passaremos,
sabbado p'ra casa iremos
encostados ás paredes;
não sei se lá chegaremos.

6. Anna
Bagana
Rabeca
Susana
Lazaro
Ramos
na Pascoa estamos.
(Serve para contar as semanas da quaresma).

7. Segundo a crença infantil, a toupeira trocou os olhos pela cauda do sapo; por isso ella tem cauda e não olhos e elle olhos e não cauda.

8. Ha coivinhas?
—Coivinhas ha,
joga-se o jogo
d'aqui p'ra lá.
(Á pergunta é feita por um rapaz que está ao canto de uma sala e a resposta é dada por um outro rapaz que está noutro canto, emquanto que ambos vão trocando os logares aos saltinhos).

9. Confissão de burra preta,
Absolvição de castanheta.

10. Sorrobico bico
quem te deu tamanho bico?

11. Pae velho, tumtum,
Pae velho, tumtum.

12. Ó doutor da mula russa,
tira o chapeu e põe a carapuça.

13. É geral entre os rapazes a crença de que o cuco vae comer os ovos ao ninho do chasco e da cotovia, e em seguida lá deposita os seus.

14. Os rapazes que apascentam gado no Marão, quando querem enganar outros ainda inexperientes, dizem-lhes que applicando o ouvido junto do tal penedo se ouve *zoar* o mar; se elles caem na arola de se pôrem á escuta, fazem-lhes dar uma carambolada com a cabeça no penedo.

XII. ALITERAÇÕES

1. A bomba dos bombeiros voluntarios é boa, bonita, barata e trabalha bem.

2. Antes assim que assado.

3. Bumba, bumba na barriga da burra branca.

4. Debaixo da pipa está uma pita pinta a piar, quanto mais a pipa pinga, mais a pita pia.

5. Lé com lé, cré com cré.

6. Mau, Maria.

7. O pae da mãe do moço.

8. Pillulas Pink para as pessoas pallidas.

XIII. IMPRECAÇÕES

1. Acabados sejaes vós.

2. Corrido sejas tu como o dinheiro.

3. Diabos te *leve*.

4. Diabos te nunca *leve*. (Imprecação negativa tambem usada no Minho).

5. Má raposa te alimpe.

6. Raça te coma.

7. Raça te parta.

8. Ronha te alimpe.

9. Vae-te catar.

10. Vae bugiar.

11. Vae pentear macacos.

12. Vae á tabúa.

13. Vae para o diabo.

14. Vae aos gambosinos (=á tabúa).

A. Gomes Pereira.

VOCABULARIO ALEMTEJANO

(Continuação do vol. x, 87-101)

prencipiar e **pricipiar**: principiar.
prencipo, principio.
prendicalhos, penduricalhos.
prenoitar, pernoitar.
prenonciar, pronunciar.
prepético e **propléctico**: apoplectico.
prepetua, perpetua.
preposito (arch.) e **porposito**: proposito.
presenção, presumpção.
presestencia, **presistencia** e **prisistencia**: persistencia.
presistir, **prisistir** e **presestir**: persistir.
prespegar, pespegar.
pretencer, pertencer.
pretubar, perturbar.
previlegio, privilegio.
princepe (arch.), principe.
priódico, periodico.
príodo, periodo.
prioriz, pleuriz.
pritiga, pritica.
prividente, previdente.
pro, por. (*Pro* via de...).
pro, por. (A ver se se *entressava pro* mim).
p'r'ó, para o. (*Pró* fim de ver)...
pro e **per**: por.
proção, porção.
prodominar, predominar.
profia, porfia.
profissor e **porfessor**: professor.
profume, perfume.
porhivir, **prohivir** e **puribir**: prohibir.
proídos, pruridos.
projuizo, prejuizo.
propiadade, propriedade.
propio (arch.), proprio.
propoção, proporção.
proquê, porquê.
prosa, garrulice, labia.
protanto, portanto.
protento, portento.
provablidade, probabilidade (Dissimilação).
prove (arch.) e **povre**: pobre.
porvendencia e **porvedença**: providencia.
provêtador, aproveitador.
prugante, purgante.
prume, prumo.
púbrico (arch.), publico.
pufetada, bofetada.
pulguêro, pulguedo.
pulórinho, pelourinho.

puntapé, pontapé.
purdencia, prudencia.
purfilhar, perfilhar.
purgatoiro, purgatorio.
purmutar, permutar.

Q

q'lidade, qualidade.
q'alquer, **qualquera** e **qualquéri**: qualquer.
q'anto, quanto.
q'ando, quando.
q'artelamento, aquartelamento.
q'rella, querella.
q'rer, querer.
quatidiano, quotidiano.
qubradura, quebradura.
Quêatano e **Quêtano**: Caetano.
quêjado, cajado.
quelareza, clareza.
quelaro, claro.
quelidónia, celidonia.
quelosso, colosso.
quental, quintal.
queravo, cravo.
querlar, querelar.
quesito, requisito.
Questodio, Custodio.
quessêquessêcando, que eu sei que sei quando. (O «etc.» popular).
queturnos, cothurnos.
quilatar, aquilatar.
quina, esquina.
quinchoso, conchouso.
quintanêra, quinteira.
quinté, que até. (*Quinté* o amo s'admira).

R

rabaça, fruta verde.
rabanêjo, rabiça do arado.
rabanho, rebanho.
rabejar, cortar, no tempo proprio, os rabos ás ovelhas.
rabicha, rabiça.
rábno e **rábo**, rábano.
rabusalho, grande cauda.
rabuge, rabugem.
rafiona, rufiona.
rainunclo, ranunculo.
rala, remoela. (*Fazer rala:* mover em torno o punho de uma das mãos na palma da outra).
ralhêta, ralhador, ralhão.
ralo, raro.
ramatismo, rheumatismo.
ramela, remela.
Ramilio, Ramiro.
ranhacêra, grande porção de ranho.
rantar, rentar.
rapar, raspar.
rascão: De —: de raspão.
rasgos, vãos das janelas e sacadas.
rastro, rasto.
rataria, muitos ratos juntos.
ratinho, pequenino dente.
ratinho, pequeno lapso de tempo. (Demoro-o apenas um *ratinho*).
rato-cego, toupeira.
rava, raiva.
rebalderia, gatunice.
rebendita, revindicta.
rebêra, ribeira.
rebimbar e **arrebimbar**: rebombar.

rebolim, revelim.
rebusto, robusto.
recadar, arrecadar.
recender (arch.), rescender.
rechina: Estar á *rechina* do sol: a pleno sol.
recio (arch.), rocio.
recluta (arch.), recruta.
recobêro, recoveiro.
reconchete, recochete.
recóvado: Estar de *recôvado:* sentado de lado.
recrimento, requerimento.
recuparar, recuperar.
redôlhas, as crias serodias das ovelhas.
redondar, redundar.
réfe, catana, espada.
regatinhar, regatear.
regrinhas, diminutivo de regras.
relampado, relampago.
reléo, volta rapida.
relojo, relojio.
remance (arch.), romance.
Remão, Romão.
remédo, remedio.
Remoaldo, Romualdo.
remolguéro, preguiçoso.
rendão, superlativo de «renda».
rendar, arrendar.
renger, ranger.
renonciar, renunciar.
rente, laço. (Armei-lhe um *rente*).
reobarb'ro, ruibarbo.
replussa, repulsa.
reportorio, repertorio.
reporvar, reprovar.
reposta (arch.), resposta.
reprender (arch.), reprehender.
repricar, replicar.
reprimenda, reprehensão.
repunar, repugnar.
resbalar, resvalar.
resedir, residir.
resestir, resistir.
resgar, rasgar.
residos (arch.), residuos.
resisto (arch.), registo.
resmalhada, barulho.
resmangamalho: Ir de—: aos arremetões, de escantilhão.
resmaninho, rosmaninho.
réspice, reprehensão. (Deu-lhe um *réspice*).
ressolâna, luz do sol. (Tira-te da *ressolâna*. Nam 'stejas á *ressolâna*).
ressucitar (arch.), resuscitar.
ressumar, resumbrar.
restetuido, restituido.
restuir, restituir.
restrahir, retrahir, e distrahir.
restro, resto.
restrolho, restolho.
reteficar, reedificar.
retógrado, retrogado.
retrocer, retorcer.
revulção, revolução.
rêxinol e **rôssinol**: rouxinol.
resairo e **resario** (influencia de *rezar*): rosario.
rezam (arch.), **rezão** (arch.), e **rezom**: razão.
rézio, rijo, duro.
rhetólica e **rhetólca**: rhetorica.
riboliço, reboliço.
ricularía, ridicularia.
ridificar, reedificar.
rigimento, regimento.
rigor, vigor. (Tem *rigor:* é vigoroso).

rij'dor, regedor.
riligioso (arch.), religioso.
rigulamento, regulamento.
rigular, regular.
rilhêro, rolheiro — monte de paveas de trigo, cevada, etc., na eira.
rilvas, ribas.
rinder, render.
rindêro, rendeiro.
ripinante, rapinante.
ritirar, retirar.
rochiadura, marulho da agua do rio contra os rochedos.
rodapisa e **contrapisa**: guarda-pisa.
Roderigo, Rodrigo.
rodoma, redoma.
rofêgo, refego.
róibife, rosbife.
rópêro, o que tem a seu cargo o fabrico do queijo, e outros lacticinios, de ovelhas.
Rosaira, Rosaria.
resolção, resolução. (Assimilação e syncope).
rosoluto, resoluto.
rossrêção (arch.), resurreição.
rostro, rosto.
ruduzir, reduzir.
rumendo, remendo.
rusultado, resultado.

S

s'a, sua.
sa (em próclise), sua. (Dê-m'a *sa* bença).
sabadoria, sabedoria.
Sabastião, Sebastião.
sabro, saibro.
sâbstetuto e **sâbstituto**: substituto.
saçardote, sacerdote.
sacartairo, **sacartario** e **sequertairo**: secretario.
sachinêro, chacineiro.
sacraficio, sacrificio.
sacrelêjo, sacrilegio.
safardel, safardana.
sága (arch.), retaguarda.
saias, dança alemtejana.
salabanco, solavanco.
salabôquejar, vascolejar.
Salamão, Salomão.
salapatroso, mal amanhado.
salépi, salepo.
salmonête, descompostura. (Levou o seu *salmonête*).
salorgião, **selorgião**, **serugião**, **sorgião**, **solorgião**, **sorigião** e **sururgião**: cirurgião.
saltarícos, saltos, nas danças.
saltéiro, salterio.
saltinvão, guardinvão (jogo de crianças).
saluçar e **seluçar**: soluçar.
salvagem, selvagem.
samarrão, casaco grande e mal feito.
sambechuga, sanguesuga.
sambléia, assembleia.
Samião, Simeão.
samiar, semear.
samiada, semeada.
samsaralhão, esparvoado.
sanapismo e **salapismo**: sinapismo.
sancrestia e **sáquestia**: sacristia.
sancristão e **sáquestão**: sacristão.
sanguínas, sandwichs.
sanrrêra: Que *sanrrêra!* —

que cega-rega, que teimosia!
santanáiro, centenario.
santeio (i. é, *çanteio*), centeio.
santopêa, centopeia.
sapatôrro, aument. de sapato.
sapêra, doença. (Anda co'a *sapêra*, com'ás lebres).
sarafuscar, indagar, esquadrinhar.
saragaçaes, campo de sargaços.
sârâmâgâlhona, mulher mal arranjada.
saramagùs-magùs (onomotopeia): afiadela. (Dá-lhe um *saramagús-magús* (á faca) nas bordas do alguidar.
sarangonhar, pedinchar.
sardinhêta, malva sardinha.
sarrabulho, serrabulho.
sarração, serração.
sarralhar, o trabalho de serralheiro.
Sarrano, Serrano.
Sarafina, Serafina.
Saraphim, Serafim.
sarnazina e **sarrazina**: serrazina.
sarnica, deminutivo de sarna.
sarol, cerol.
sarradura, serradura.
sarralha, serralha.
sarralhêro, serralheiro.
sarralho, serralho.
sarrar, serrar.
sassenta, sessenta.
sastefação, **sastifação** e **setifação**: satisfação.
Savino, Sabino.
sciatiga, sciatica.
'scoldrinhar, esquadrinhar.
'scontra, do lado opposto.
'scôraçanado, sem côr no rosto.
'scramiar, escarpear.
'scrapellar e **'scarrapatar**: escarpellar.
'scritura, escritura.
scravelho, escaravelho.
sebrancelha, sobrancelha.
seccativel, sequioso.
seccorrer, soccorrer.
secl'ar, singular.
seclo, seculo.
secombir, succumbir.
sédestrello, sete-estrello.
ségem, sege.
selada, salada.
seláiro e **soláiro**: salario.
selencio, silencio.
sembrante, semblante.
semmoventes, semoventes.
senal, sinal.
senam e **senom** (arch.): senão.
sencial, essencial.
senefiСar e **sunificar** (arch.): significar.
senserra, grande chocalho para vacas.
sentenella, sentinella.
seportar, supportar.
seprior, superior.
sequéra e **siquéri**: sequer. (Nem *sequera* um).
serenada, serenata.
sergaço e **saragaço**: sargaço.
serumbatico, sorumbatico.
servintia (arch.), serventia.
sességo (arch.), sossego.
sessegar (arch.), sossegar.
sesudo, sisudo.
setínias, petúnias (flor).
Setuval, Setubal.

sette estrellas, sete-estrello.
seturno, soturno.
sevela, sovela.
sezão, sazão.
si, sim.
siguir, seguir.
sigundo, segundo.
Siliverio, Silverio.
sim, sem. (*Sim* medo algum).
sim, si. (Ante *sim*).
sinhor, 'nhor, siór, sór, só e **sê**: senhor. (*Sé* Francisco, *sê* João).
sinhora, 'nhora, sióra e **sóra**: senhora.
sinefa, sanefa.
sinitario, sanitario.
sino-sámanco, sim sámão e **sinico sámão**: signo saimão.
siplutura e **soplutura**: sepultura.
sirote, susto.
sito, sitio.
siva, siba.
sobercargado, sobrecarregado.
soberdito, sobredicto.
sobernação, subornação.
soberva (arch.), soberba.
Sóca-móca, dissimulado.
sócha, choça.
sociadade, sociedade.
sofferér, soffrer.
soidade (arch.) e **sódade**: saudade.
solacada, repellão.
soldador, saludador.
soma, summa. (Em *soma*).
somana (arch.), semana.
sombracho, barraca campestre.
sombrérêro, chapelleiro.
sôme, assôme.
somentes (arch.), somente.
somninho, deminutivo de sono.
sopapinho, deminutivo de sopapo.
sopêro, criado de servir.
sória e **sóiria**: senhoria.
sorolhenta, mal sasonada (a fruta).
sosquinar, inclinar, collocar obliquamente.
sosquinar-se (arch.), inclinar-se.
sóto, sotão.
sótro dia, no outro dia.
sovro, sobro.
'spicular, especular.
'sprital (arch.) e **èsprital** (arch.): hospital.
srevir, servir.
'stabâlcer e **'stablecer**, estabelecer.
'stamento, testamento.
Stofana, Estefania.
'strambelhado, estouvado.
'strêmonção, extrema uncção.
'strempicalhar, estragar, dar cabo.
'striquêra, esterqueira.
suavel, suave.
súbato e **súpito**: subito.
subestencia, subsistencia.
sub-roda, sob-roda.
sucarêro (i. é *çucarêro*), açucareiro.
sucata, ferros velhos.
sucena, açucena.
suciata, sucia.
sudairo, sudario.
Sulustrino, Celestino.

suprelativo, superlativo.
sumetter-se (arch.), submetter-se.
suprema, prema. (Não tem *suprema* de ninguem; hei de lhe pôr um *supremo*).
supresa, surpresa.
Supriano, Cypriano.
suppricante (arch.), supplicante.
suppricar, supplicar.
supultura, sepultura.
supplamento e **supprimento**: supplemento.
surrapa, zurrapa.
surrêção, resurreição.
surveja, cerveja.
suscrição, subscrição.
sustancia (arch.), substancia.
sustituir, substituir.
sutenta, setenta.
suvada, cevada.
suvandija, sevandija.
suvão, cevão.
suvocar, suffocar.
suxo, sujo.

T

tá, está. (*'Tá* visto).
taballião, tabellião.
tabardête, tabardilho.
tabarradas e **tabarrêras**: bulhas, desavenças.
tabicões, peças de ferro que fortalecem o eixo do carro.
tablacho, tábua em que o alvaneu conduz a cal.
tafúla, certa flor encarnada.
tagarrão, pote grande.
taimanco, tamanco.
talaburdo, homem gordo.
talagarça, telagarça.
talefe, **talefo**, **telefo** e **tulefo**, telegrapho.
talhé, talher.
talho. (A *talho* de conversa; locução adverbial).
taliano, italiano.
talicão, pequena haste da videira ou de outro arbusto. (De *talo?*)
Tal-i-qual, menos mau, menos má. (É uma perdiz *tal-i-qual*).
taloca, toca, buraco.
tam (arch.), tão.
tambolarão, tambor grande.
tamêin, tambem.
tampóch ou **tampóque**: tampouco.
tanaz, tenaz.
tangalhão, pau mal jeitoso.
tanganho, varapau.
tango, trabalho na lavoura, ou, com mais propriedade, manejar o arado.
tante, tanto.
tarear, tarar.
tarraçada, tarrada.
tarimbecos e **trabecos**: tarecos.
tarmontana e **trasmontana**, tramontana.
taronja, tarouca.
tarrafias, pirraças, diabruras.
tarramoto, terramoto.
tarrão, torrão.
tartadio, retardio.
tassalhona, mulher desbragada.
tatarear, tataranhar.
tato!..., Tate! (interjeição).

tavolêro, taboleiro.
Taxêra, Teixeira.
teção, tição.
tecoada, decoada.
tefumar, defumar.
telesgramma e **tirogramma**: telegramma.
telhadão, aument. de telhado.
telizes, utensilios profissionaes dos ganadeiros.
Temé, Thomé.
temor, tumor.
temor, tremor.
tempestada, tempestade.
temultos, tumultos.
teneta e **terneta**, tineta.
tenlro, tenro.
tenor, açucareiro de barro.
tesfego, trasfego.
testão (arch.), tostão.
testementêro, testamenteiro.
therono, throno.
Tiadoro, Teodoro.
Tiatonio, Teotonio.
tiézinha, deminutivo de tiez: a capa da albumina do ovo.
tife, typho.
timão, temão (do arado).
tinorio, juizo.
tirasol, **estirasol**, **três só**, **treçolho** e **traçolho**: terçol.
tisconfiar e **disconfiar**: desconfiar.
tisinho, deminutivo de tio.
tistemunia, testemunha.
tis-tó, (enxotando o cão).
títalo, titulo.
titór, tutor.
tituría, criança pequena.
tizóra (arch.), tesoura.
tizórêro, thesoureiro.
toêra: Voz —: voz sonora.
tombaluz, queda, baque.
torvão, trovão.
torvoada, **travoada** e **trevoada**: trovoada.
tossêra e **tossidela**: o acto de tossir.
trabutos (arch.), tributos.
traçar, terçar.
trainel, declive.
trambelho, trabelho.
tramoço, tremoço.
traitear, trautear.
tramela, taramela.
trancitar, transitar.
trancos. (A *trancos* d'elle. atrás d'elle).
trangerina, tangerina.
tranquitana, traquitana.
trantãnas. (Sino á caixa, e *trantãnas:* sino grande na caixa e toque nos outros. A este toque chamam os sineiros *trantãnas*).
trapucha, briga.
trasentos, tresentos.
trasnoitar, tresnoitar.
tràspiração, transpiração.
tràsprantar (arch.), transplantar.
tràstornar (arch.), transtornar.
tratufo, tartufo.
travalhar, trabalhar.
travisco, trovisco.
tràsàção, transacção.
treçado (arch.), terçado.
trédor, traidor.
trembolho, trambolho.
trementina, terebinthina.
trendades, trindades.
tresant'hontem, trasantehontem.
tresladar (arch.), trasladar.

treslado (arch.), traslado.
trevoas, trevas.
T'rêsa, Teresa.
triblo, thuribulo.
trevial, trivial.
triato, theatro.
tribuir, attribuir.
tricêro e **terecêro**: terceiro.
tricia, ictericia. (Apherese e syncope).
trilnados, trinados.
trintairo (arch.), trintario.
tripeço, assento de cortiça, de tres pés.
trincalhada, som metallico.
trincalhos, bichinhos de agua salobra.
trinta-fios, trinca-fios.
tríple, triplice.
trocer, torcer.
trogalha, mulher velha.
tromenta, tormenta.
troncar, truncar.
tropecinhas, tripecinhas. (Bailar as *tropecinhas*).
tropesia, hydropsia.
troste, trote.
truvar e **turbar**: turvar. (*Truvação* de juizo).
tude nada e **tude nadinha**: tudo nada.
trupar, trepar.

U

ugalha, igualha.
uçra, **urçla** e **uçara**: ulcera.
ugar, igualar.
umbrêra, ombreira.
um sim, outro não, alternado.
unxundia, enxundia.
undação, innundação.
untura, sova. (Dê-lh' um' *untura* valẽente).
urives e **órives**: ourives.
Ursela e **Urs'la**, ursula.
utel, util.
utre, utero.

V

vábula, valvula.
vagaresas, vagares.
vagairo, **vigairo** e **vrigario**, vigario.
vandeja, bandeja.
vardade e **vordade**: verdade.
varêro, guardador dos porcos de vara.
varge e **varche**: varzea.
variadade, variedade.
varrenhar, varrer.
varunca, homem casado a quem a mulher domina.
vasculho, basculho.
veçoso, viçoso.
Vectora e **Vitoira**: Victoria.
vegia, vigia.
velatoiro, velatorio.
vélhórro e **vélhão**: velho (aumentativo).
vélhorra e **vélhongra**: velha (aumentativo).
vellado (arch.), vallado.
vê-lo ahi, eis ahi.
vês aqui, eis aqui.
velume, volume.
veluvle, voluvel.
vendima, vindima.
vendimar, vindimar.
vengala e **vangala**: bengala.
ventage, vantagem. (Dissimilação e apocope).
ventairo, inventario. (Apherese e metathese).

ventem, vintem.
ventrisca, verilha.
verga-ferrea: Á —: á verga-ferrea.
vergamota, bergamota.
verjoêro, verdugo, verdasco, sobrêro e **dragão:** Cada um d'estes termos significa: homem musculoso, forte, robusto, sàdio, etc.
vermilijoio, vermejoio (trigo).
vertude (arch.), virtude.
vertuoso, virtuoso.
vespora (arch.), vespera.
vespra, vespa.
vestoria, vistoria.
viage, viagem.
vilhaco, velhaco.
vinalizar, finalizar.
vincalo, vinculo.
vinder, vender.
vintá sês 'stões, e **vintá sêistões:** vinte seis tostões.
virge, virgem.
Virja Maria, Virgem Maria.
vivença, o passadio. (A *vivença* lá no campo é mais barata.
visavô, bisavô.
vistir, vestir.
voato, boato.
voinha, borboleta.
volocidade, velocidade.
volta, repetição na dança.
vómecê e **vóssessê:** vossa mercê.
vorbosidade, verbosidade.
vurmelho, vermelho.
vridaça e **virdraça:** vidraça.
vrido, vidro.
vrilha, verilha.
vulludo, velludo.
vuzina, buzina.
vuzio, buzio.
Vrissemo, Verissimo.
Vutrino e **Vitrino:** Victorino.

X

xacra, xacara.
xaguão e **enxaguão:** saguão.
xarépe, pequeno seareiro.
xaringa e **xiringa:** seringa.
xaqueca, enxaqueca.
xó rôla! Alto lá!
xórros, jorros.
xumbergas, patrazana.

Z

Zabel, Isabel.
Zach'rias, Zacarias.
zagalote, rapaz.
zagaia, azagaia.
zagre, usagre.
zangalhona, zangaralhona.
zangonal, importuno.
zanolho, zarolho.
zapathia, sympathia.
zápe! Sape.
Zaquiel, Êzaquiel e **Izaquiel:** Ezequiel.
zaravalho, homem grosseiro.
Zefa, Josefa.
Zefrino, Zeferino.
zêpão, zeimão.
zevra, zebra.
zina, birra, teima.
zucar, bater.
zunida, zunido.
zunir, marchar apressadamente.
zulejo, azulejo.
zurpilhar, roubar.
'Zus-Christo, Jesus Christo.

APPENDICE

A

acravar, encravar.
acravêro, craveiro.
adjuntos, ajuntamentos, multidão.
ad'vertir, divertir.
africanas, especie de arrecadas.
afrenta, afronta. («*Afrenta* faço, se mais não acho» — dizem os pregoeiros nos leilões, ou arrematações).
agostinho, burro *agostinho:* nascido em agosto. (— O burro é endiabrado! — Pois se elle é *agostinho!*).
águacêrada, grande aguaceiro.
aguadêro (*capote*): capote de saragoça.
aguantar, aguentar.
alanzoar, ladrar.
alcadáfe, alcadefe.
alcofada, alcofa bem cheia.
álcoro, alcool.
aligar, ligar.
alma afflicta, impaciente. (É um *alma afflicta*).
almastega e **almástica**, porção de terreno, nas hortas, preparado com estrume curtido, onde semeiam as sementes das plantas, para transportá-las depois a outro sitio).
álquêrado, vendido por alqueire. (Milho *álquêrado*).
altemira, artemisia.
alvarinho, tolo. (É muito *alvarinho*).
Alvôredo, Alfredo.
ama da roupa, lavadeira.
anadotas, anecdotas.
anaifar-se, anafar-se.
andurriáes, chavascaes.
anémola, anémona (flor).
anóa, anã.
arnestos, aljofares (flor).
arnilha, arnilla.
árvorada, reprehensão.
arrastra, vaso que serve aos doentes para defecarem sem que se levantem do leito.
arrincar, arrancar.
arte-nova, automovel.
árvéla, alvéloa.
àssâmârâlhádo, enxovalhado. (Vestido *assâmârâlhádo*).
àssârapanhar-se, assenhorear-se.
Àssia, Ásia.
assoâdella, acção de assoar.
àssobâcádo, suffocado.
atarrafa, tarrafa.
atoladêro, atoleiro.
áugar, aguar.

avaluar, avaliar.
avaluação, avaliação.
aventairo e **aventario**: inventario.
àzença, ausencia.

B

bâbâna, tolo, piegas.
bacólicas, vestes sacerdotaes.
badalhoca, pelle molle e caida, pellanga.
baêita, baeta.
bagage, bagagem.
baixinhos, rodapé nas paredes das casas.
barbichas, homem rachitico.
batucada, bulha excessiva.
bestigo e **pestigo**: postigo.
Biatriz, Beatriz.
bico de cabello, cantoneiras, na testa.
bigornia, bigorna.
biquinho de passarinho, certa erva, a que tambem chamam *moliana*.
bisca, homem de pouca confiança. (Olhem que *bisca!*).
bofêto, bofete.
bôlha, angina.
botifarras, grandes botas.
brincos de princesa, fuchsias (flor).
brodado, bordado.
bulbul, gentil.
bulharaça, grande bulha.
bundra, homem de barriga grande.
burricalho, burro meão.
burtoêja, brotoeja.

C

cabrêradas e **cabrices**: maluquices.
cachimbonia, cachimonia.
cadafasso, cadafalso.
cálâvêra, tonto, demente.
cala-verdades e **guarda-verdades**: mentiroso.
calhórda, ignorante.
canjarão, cangirão.
capas de rei, araras (variedade de amaranto).
carnucha e **carnicha**: grande porção de carne.
catatumbas, andar ás *catatumbas*, desorientado.
cegonhão, susto. (Apanhei um *cegonhão!*...).
feguêlhas e **ceguêtas**: myope.
célgas, acelgas.
ceu velho, ceu azul.
chális e **cháile**: chale.
chapelérêro, chapeleiro.
chárrâmôcho, montão de pedras.
chêrête, mau cheiro.
chuvinhar e **chaviscar**: chuviscar.
cobranto, quebranto.
comichôso, cioso pelo que é seu, rabugento.
côquinhas, chochinhas.
corgedor, corregedor.
corrume, carreira, caminho. (Segue o teu *corrume*).
córtinho, quartinho.
cravos de defunctos, cravos de Tunis (flor).
criadóla, criada de pouco prestimo.

cristallino, esperto.
crunchêlos, conchelos (sombreirinhos dos telhados).
crupulento, corpulento.
crupuração, corporação.
cruvina, corvina.

D

dama do bosque, especie de cacto.
d'arredor, em redor.
derriscar, riscar.
derropío, corropio.
desabelhar, fugir.
desfarcêra, grande disfarce.
desfortuna, infelicidade.
desmorcer, esmorecer.
dês que, desde que.
deszangar, passar a zanga.
dipinicar, depenicar.
docista, doceira, conserveira.

E

embâtufado, empantufado.
enchedura, encher chouriços. (A criada está na *enchedura*).
endetriorado, deteriorado.
enfoitar, afoitar.
engonfádo, encolhido.
ennuviações, innovações, invenções.
ensôlso, ensôsso.
entussiasmo, enthusiasmo.
envergonhoso, acanhado, timido.
enxógar, enxaguar.
Érópia, Europa.
escâmurrado, enfermo, doente.
esclaridade, claridade.
Esgraviel, Gabriel.
esguardar, esperar.
esmárnocádo, escangalhado.
esporas, *Delphinium Ajacis* (flor).
estanhêra, prateleira das cozinhas.
estar em álas, estar ansioso.
estendedôro, logar onde se estende e cora a roupa.
estormenta, tormenta.
estrambe, estambre.
estrambular, estrangular.

F

fallar os sete fallados, fallar muito.
fanique, desmaio, syncope.
farófia, impostor, vaidoso.
f'êr, fazer. (Está a *f'ér* maldades).
ferroáda, descompostura, reprehensão.
fêteçar, enfeitiçar.
fidalguinhos, *Centaurea cyanus* (flor).
filhos de Deus, enjeitados.
freirinhas, *Calliopsis tinctoria* (flor).
fremosura, formosura.
frescata, chambre de mulher.
Frugénia, Efigenia.
funéca, magrizella.

G

galápio, copo grande, de aguardente.
galapíto, copo pequeno, de aguardente.

gallarucho, gallo pequeno.
gallinhas de Nossa Senhora, andorinhas.
gallióso, gentil, esbelto.
gallito, deminutivo de gallo.
galripas, falripas.
gargalejar, gargarejar.
goivaría, grande numero de goivos.
goivos const'cionaes, goivos azues.
goivos de S. João, variadas (flor).
grães e **grões**: grãos.
gritar ao môcho, gritar álerta!
gualdrido, gualdido.

H

hablidento, habilidoso.

I

ignima, enigma.
imigos, pelliculas em volta das unhas.
impertunar, importunar.
impòzám, impostor.
indas que, ainda que.
inléctrica, electrica. (Luz *inléctrica).*
inludir, illudir.

J

jesuinas, zínnias *(flor).*

K

keravo, cravo.

L

lambana, bofetão
latrocíno, barulho, grande bulha.
lavradoraça, mulhèr gorda e alta.
lembrados, lembranças. (Tens uns *lembrados!*).
lòlé, graça. (Tem seu *lòlé*).
lomiada, nomeada.
Lícia, Alice.
lismo, limo.
livração, livramento.
livré, libré.
lumiar, limiar.
lumiarão, grande lume.

M

macacôa, doença sem grande perigo.
maçanêra e **mançânêra**: macieira.
maginoso, imaginoso.
maios, lirios (*flor*).
malazengo, adoentado.
malmente, de má maneira.
mulucâncias, estroinices.
mangra, cordel muito comprido, feito de lã churra, com que sacudiam antigamente o orvalho nas searas.
mangulhos, grandes mangas, nos vestidos.
manído, podre. (O marmelo está *manido*).
maníflco e **manífo**: magnifico.
maníplo, dedo meiminho.
man e **mans** (em próclise), mão, mãos. (*A man drêta. Às mans chêas*).

maridalho, aumentativo de marido (em sentido pejorativo).
maróval, homem de baixa condição.
marticla, matricula.
más criadices, grosserias.
matação, impertinencia.
matadella, acção de matar. (Lá vae aquelle á *matadella* do bicho: a beberricar).
matinada, estrondo.
méco, velhaco.
medidella, medição.
menjengra, pessoa muito enfezada, insignificante.
mitiscópio, microscopio.
mixirófada, comida grosseira.
monices, momices.
mossiço, massiço.
muge-muge, chuva meudinha, chovisco.
mugigangas, bugigangas.

N

não me esqueças, *Myosotis palustris* (flor).
nicátes, satyras.
nicle, nickel.
nógados, nogada (doce de nozes).
nogoçarrão, grande negocio.
nósáda, muitas nozes.

O

ócharia, ucharia.
olivalête, pequeno olival.
ó par, a par. (*Ó par* d'isso...)
órégos, ouregãos.

P

pães de gallinha, larvas das esterqueiras.
pampôsto, pessoa indolente. (É um *pampôsto*).
pantochada, fantochada.
pantufão, orgulhoso.
pão francês, pão alvo, pão de trigo.
papagaios, balsamina camellia (flor).
papa-hostias e **papa-missas**: homem muito devoto.
peça e **peceta**: homem que inspira desconfiança. (Olhem que *peça!* Que *peceta!*).
pedacico, pedacito.
pentura, pintura.
pestigo. Vid. *bestigo*.
percatar, precatar.
pêtaça, peito muito saido.
pigomeu, pigmeu.
pilhêra, armario das cozinhas, onde se guardam os pratos e outros objectos.
pincuinhas, fracalhão.
pingalhada, multidão de pingas de cal.
pingar-se, embebedar-se.
pingoleta, vinho.
pirata, atilado. (O meu rapaz é um *pirata* para as letras).
piriquilho, pequeno rôlo de cabello no alto da cabeça.
pístola, epistola.
pôch e **pôque**: pouco. (Ha *pôch* tempo).
pôomba, pomba.
porducção, producção.
porgressio, progresso.
pratecipar, participar.

precessor, precursor.
prospectiva, perspectiva.
púlega, pulga.
pulegão, pulgão.

Q

Quiatano, Caetano.
quitanga, quitanda.

R

raladela, ralação, afflicção, desgosto.
rabo de gato, especie de cacto.
rapazão, rapagão.
reconchête, ricochete.
retrodocer, retroceder.
revolve, revólver.
ripação, acção de ripar.
ripar, colher á mão o fruto das oliveiras.
risa, riso.
ruda, arruda.

S

sameadas, sementeiras.
sangue aberto, sangria.
'scóltêra, chocolateira.
secias, *Callistephus sinensis* (flor).
suicido, suicidio.

T

terêla, trela.
tesão e **tosão**: rede de pescar.
trimiliques, tremuras.

V

Vintura, Ventura.
volludos, *Celosia cristata* (flor).

Z

zonga-longa, songa-monga (pessoa dissimulada, sonsa).
zus-catatruz, inferneira, grande celeuma.

CORRIGENDA

Erros	Emendas
abêrigo	aberígo
abûi	àbúí
àcarròba	àcarrôba
acuâso	acuáso
acramangalhado	âssârâmangalhado
amarelado	amarlado
asseînha	assêinha
assuliar	àssuliar
ass'viar	àss'viar
azentar	àzentar

Erros	Emendas
bainéta	bainêta
barbulha, berbelha	barbulha, berbulha
boêma	bolêma
burrêco	burréco
calerâme, caleramo	cabrâme, cábramo
catráfiar	catrafiar
chacinero, sachineiro	sachinêro, chacineiro
choca, ardida (Sala da choca)	choca, ardida (Salada choca)
defficil	defficel
di en diante	di en diente
enleganeia, algancia	enlegancia, àlegancia
lâcar	lácar
linsonjêro	linzonjêro
lumareu	lumaréu
macaròvia e saragacina: planta	maçarovía, sargacina (planta)
machóca	machórdia
mánita	manita
Mari-Clara	Marí-Clara
marinha e meirinha: lã marinha	marinha, meirinha (lã marinha)
megra-cão	alegra-cão
miscôtar-se	abiscôtar-se
netralização	nêtralização
nobrézia	nobrezía
nosaria	nòsaría
novadia	nòvadía
Ògenia e Uugenia	Ògénia e Ungenia
omildôso	ômildôso
pachôvada e pachuchada: pachonchada.	pachóvada e pachuchada: pachouchada
panedrazio	panêdrázio
paravilho	paràvilho
pàrlezia	pàrlezía
pata gallanha	pata galhana
persidir	perzidir
pitrolini	pitrólini
p' l' s, pelos (As mãos p'l's pés)	p'l's, pelos (As *mans* p'l's pés)
polmão	pôlmão
precuração	prècuração
precurador	prècurador

A. Thomaz Pires.

MIGALHAS DE ETHNOGRAPHIA MINHOTA

I

PROCISSÃO INFANTIL PARA PEDIR CHUVA

Não é desconhecido o papel que as pedras representam nas cerimonias tradicionaes da provocação da chuva.

Varias constituições diocesanas prohibiram revolver penedos e lançá-los á agua para vir chuva [1]; em certa povoação da Beira, nove Marias, todas nove donzellas, vão em procissão a um logar proximo virar debaixo para cima uma pesada pia de pedra [2]; na villa de Ouguella ainda subsiste o costume de levar em procissão um pedregulho num andor e lançá-lo no rio Xevora [3]

Que estes ritos teem sua origem nas epocas do paganismo, pode bem deprehender-se do facto de entre os Romanos ir um sacerdote, quando havia necessidade de chuva, arrastar para a cidade uma pedra que estava ao pé da porta Capena [4].

Ora com todos estes factos se prende a procissão infantil de penitencia, que ainda no ultimo estio pude observar á minha vontade por mais de uma vez na villa de Ponte de Lima, e de que vou fazer o relato aos leitores da *Revista Lusitana*.

Data ella ninguem sabe dizer de quando, e realiza-se sempre que a falta de chuvas no verão ameaça o pobre agricultor com os horrores da fome, fazendo secar nos campos os milharaes, de onde elle tira o seu principal e indispensavel sustento.

A hora de sair a procissão é á noite, logo depois de escurecer. Durante o dia, principalmente de tarde, a rapaziada anda fazendo os preparativos para o cortejo. Uns preparam um pequeno andor, no qual, no vertice de um cone que finge um outeiro, é collocada uma pequena imagem de Santa Maria Madalena. Outros percorrem

---

1 J. Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Port.*, pag. 89.
2 Id., *ibid.*, § 130.
3 *Rev. Lusitana*, VIII, 273.
4 J. Leite de Vasconcellos, *obra cit.*, § 130, nota 46.

as casas da villa, pedindo *dez reizinhos* para as luzes da procissão, as quaes consistem em tôcos de velas de estearina, de cousa de um decimetro de comprimento, mettidos num copo de papel e encabados na ponta de um pau. Outros então vão a algum silvado nos arrebaldes da villa e cortam hastes de silvas para dobrarem em arco, atar-lhes as pontas, arrancar-lhes os espinhos do lado de dentro, e com elle cingirem a cabeça á maneira de grinalda de flores, ou melhor, de coroa de espinhos; ao mesmo tempo escolhem um calhau de granito, bem rijo, que não seja facil desfazer-se de encontro a outras pedras, e bastante pesado, mas de modo que quem o conduz o possa aguentar ao hombro durante todo o tempo da procissão.

O cortejo começa a formar se deante da porta, fechada, de qualquer igreja da villa. Penso que em outros tempos o desfilar começaria dentro da igreja, mas, vindo isso a ser prohibido, resignar-se-hia a rapaziada a fazer a cerimonia cá fóra, deante da porta.

Preparado tudo e tomando cada um os seus logares, rompe por fim o cortejo, composto de 40 a 60 rapazes e mais, de 12, o muito 14 annos de idade, e de ahi para baixo. Á frente, pelo meio da rua ou pelas beiras, á sua vontade, sem serem obrigados á formatura, vão os dos calhaus, levando cada um a fronte cingida pela coroa de silva, que só a estes pertence levar. Aos lados, pelos passeios das ruas, empunhando as luzes, vae a maior parte do rapazio; no meio é conduzido por quatro dos mais crescidos e robustos o andor com a imagem da Santa, todo coberto de pequenas luzes. A criançada meuda é insusceptivel de disciplina, vae por onde lhe appetece, cruzando irreverente e gárrula o cortejo em todos os sentidos.

É obrigatorio ir tudo descalço e com a possivel compostura e gravidade.

A procissão demora-se horas pelas ruas, percorrendo a maior parte d'ellas, e, se as luzes para tanto bastarem, passa a ponte para a outra banda, chegando ás vezes a recolher depois da meia noite ao ponto de partida.

Ao chegar deante de qualquer igreja, ou capella, ou oratorio de algum santo, tudo ajoelha devotamente e canta a plenos pulmões e com enthusiasmo os seguintes canticos:

Abrinde essas portas,
Que lá vem Jesus,
Co'os braços abertos
Pregados na cruz...

Seus pés encravados,
Suas mãos tambem...
Os nossos peccados
Toda a culpa tem.

Após isto, levantam-se e proseguem, cantando sempre, até chegarem á porta de outra igreja, as preces e supplicas que seguem:

Santa Maria Madalena,
Lá *de d'onde* estaes,
Detrás da portella,
Pedi ao Senhor
Que chova na terra
Senhor Deus,
Ouvi a nós!
Santa Maria,
Rogae a Deus por nós!
Chuvinha de Christo
Cáia sobre nós!

Senhor Deus, misericordia!
Dae-nos pão e concordia,
Que nós somos pequeninos;
Não nos deixeis morrer á fome!
Senhor Deus,
Ouvi a nós!
Santa Maria,
Rogae a Deus por nós!
Chuvinha de Christo
Cáia sobre nós [1].

De quando em quando, a intervallos de poucos minutos — e é este um dos pontos mais interessantes da cerimonia, — os que levam as pedras atiram com ellas ao chão e tornam a levantá-las, seguindo com ellas ao hombro para logo tornarem a arremessá-las.

II

O TERÇO CANTADO

Ainda subsiste em algumas freguesias do norte do concelho dos Arcos de Valdevez o costume de cantar o terço, á noite, durante a quaresma.

Uma d'estas freguesias é a de Aboim das Choças, a 11 kilometros da séde do concelho, cortada pela estrada real que leva a Monção, e onde residi durante mais de quatro annos.

No logar de Bouças, d'esta freguesia, cêrca de uma hora depois de anoitecer, reune-se o povo do mesmo logar e dos logares vizinhos, distribuindo-se em duas turmas: os mais velhos, homens e mulheres, a um lado; a outro lado os mais novos, tambem sem separação de sexos.

Alternadamente cantam o terço, pouco mais ou menos pela mesma fórma que vem descrita a pag. 304 do vol. v d'esta

1 Estes versos fazem lembrar os que no seculo XVI se cantavam numa procissão em S. Miguel de Creixomil (Guimarães): vid. Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos*, II, 145.

Revista, seguindo-se a *Salve Rainha* e a ladainha de Nossa Senhora.

Concluindo isto, canta-se o *Calvario*, isto é, uns versos em louvor da Paixão de Christo, no primeiro dos quaes se encontra a palavra «Calvario».

Estes versos veem publicados em alguns devocionarios.

Um dos grupos canta a primeira quadra até meio, e o outro grupo canta o resto; assim:

1.º GRUPO

Ó meu Senhor do Calvario
Vossa cruz é d'oliveira; (*bis*)

2.º GRUPO

Sôid' la mais linda rosa
Que naceu entre a roseira. (*bis*)

Cantada assim esta e mais quadras, terminam o acto por cantarem as *incelencias* (= excellencias), isto é, umas loas em honra de Nossa Senhora, em tom alegre, animado, marcial, pela forma seguinte:

1.º GRUPO

Ũa incellencia
Q'a birgem tibestes,
Birgem do rosairo,

2.º GRUPO

Templo do sacrario
Da Santissima Trindade [1].

1.º GRUPO

Já do bosso bentre
Se fez o sacrairo
Da Santissima Trindade.

2.º GRUPO

Duas incelencias
Q'a birgem tibestes,
Birgem do rosairo,

1.º GRUPO

Templo do sacrairo
Da Santissima Trindade.

2.º GRUPO

Já do bosso bentre
etc., etc.,

1.º GRUPO

Tres incelencias
etc., etc.

---

[1] Em português litterario interpreto assim o cantico:

Uma excellencia
Que, ó Virgem, tiveste,
Virgem do rosario,

Templo e sacrario
Da Santissima Trindade.
Já do vosso ventre
etc., etc.

E assim por ahi fora até dez, quinze e, por vezes, vinte *incelencias*.

As terminações *-airo* e *-ade* do fim de cada estrophe são repetidas, á maneira de eco, fazendo-se uma suspensão ou communia na primeira syllaba de cada uma.

III

MAIS ALGUNS COSTUMES DE ABOIM DAS CHOÇAS: O LUTO — O PÃO DE SANTO ESTEVAM

As mulheres, em Aboim das Choças, guardam tres annos o luto por seus parentes fallecidos. Durante esse tempo, quando vão á igreja, á missa ou a outros actos religiosos, levam pela cabeça uma saia preta, que aliás as dispensa muitas vezes de trazerem lenço, ou casaco, ou blusa; porém não se veriam, pois a saia as cobre todas desde a cabeça até abaixo da cinta.

As menos desprotegidas de haveres, em vez da saia embiocam-se num xale tambem preto.

Estou em pensar, em vista da falta de limpeza e de asseio que por lá notei, que a origem de tão prolongado luto está precisamente no facto de elle dispensar outras peças de vestuario — o que não é indifferente para gente pobrissima, embora extremamente laboriosa — e evitar grandes gastos de sabão, pois não é difficil entrever, por baixo de semelhante bioco, uma camisa por lavar ha talvez mais de mês, e o pescoço e a cara... ha mais de meses!

Seria porém escarnecida aquella que tentasse infringir o costume de se velar com uma saia ou um xale, durante tres annos, sendo d'elle apenas desobrigadas as senhoras de classe algum tanto elevada.

Quando ha na freguesia algum funeral, não é raro haver prantos em duas familias: a do finado, e a d'aquelle cujos ossos foram a primeira vez revolvidos a fim de na mesma sepultura ser deposto o cadaver do recem-finado.

Acontece, por vezes, o parocho ser instado para que não consinta abrir-se esta ou aquella sepultura para novo enterramento; e se elle se vê forçado a desattender taes rogos, tem depois que ouvir amargas queixas dos interessados.

Os costumes que acabo de descrever são communs a outras freguesias vizinhas, quer relativamente ao luto, quer quanto ao

desgosto que as familias sentem por se mecher nas sepulturas onde repousam os seus queridos mortos.

*

* *

O orago da freguesia é Santo Estevam, o advogado contra a raiva. O parocho tem obrigação de o festejar no seu dia, a 26 de dezembro. Para isso recebia em tempo a obrada chamada do Santo Estevam, que constava de 50 réis por cada fogo, tratando-se de casados, 25 réis de viuvos, dos solteiros em proporção.

De ha muito, porém, que ninguem paga aquella quota, e apenas uma terça parte da freguesia, uns 40 fogos, offerecem ao parocho, em vez da antiga verba, um frango ou gallo, ou cousa equivalente em açucar ou arroz.

No dia da festa ou romaria do orago, e ainda no dia seguinte de manhã, tem o parocho de benzer ou mandar benzer, e tocar com as reliquias do Santo, grande quantidade de pão e de frutas, trazidos pelos romeiros que ali veem, ás vezes de freguesias distantes.

Este pão benzido, segundo a crença popular, não apodrece, ainda que por elle passem meses, ou até um anno.

Comendo-o, ou as frutas, nove manhãs em jejum, está-se livre da raiva.

IV

INSCRIÇÕES TABERNARIAS

O director d'esta Revista já aqui se occupou mais de uma vez (vol. v, 309; vi, 240) de letreiros em tabernas, alguns dos quaes apregoam a excellencia dos vinhos postos á venda, e outros são aviso contra caloteiros.

Vou, porém, hoje offerecer aos leitores da *Revista Lusitana* duas verdadeiras inscrições, d'aquelle segundo genero, em grandes letras maiusculas, e de mais a mais com uma data que nos vem mostrar que tal costume já não é absolutamente moderno no nosso país.

Ao subir um dia as escadas, exteriores, da casa do lavrador Manoel José de Brito, do logar do Mato, freguesia de Tabaçô, d'este meu concelho dos Arcos, a curta distancia da estrada que leva a Ponte do Lima, deparou-se-me na face externa do primeiro

tranqueiro [1] á esquerda, de pernas para o ar, uma d'estas inscripções, de que vou dar copia:

IOVMOREV
OEMPREST
ARqVEOMA
TOVOMAPA
GAR [2]

A outra inscripção, em letras do mesmo tamanho, cêrca de $0^{m},10$, mas mais mal feitas e mais superficiaes, e a meu ver mais modernas que as da outra inscripção, está numa ombreira da porta de uma loja da mesma casa, que serve de adega.

Reza assim:

AqUIHO
IEИAИ
SEFIAA
MAИH
ASIM [3]

Por cima d'esta inscripção está gravada, pela mesma mão, a data 1743.

É tradição bem assente que aquellas pedras pertenceram a uma taberna, ou venda, que existira nas immediações do kilometro 4 da estrada acima referida, onde ainda hoje ha umas leiras chamadas *Leiras da Venda*.

P. Cunha Brito.

---

[1] *Tranqueiro* chama-se aqui a cada uma das pedras, ao alto, de que se compõem as ombreiras das portas, e nas quaes se fixam os gonzos e se firmam as trancas.

[2] Não ha espaços entre as palavras.

A primeira palavra penso ser IQVI, isto é, AQVI, com as tres ultimas letras enlaçadas de um modo exquisito. A forma *iqui* não é phoneticamente impossivel, embora eu não a ouvisse nunca a ninguem nem a visse em escrito algum.

O termo *má*, de *má pagar*, em vez de *mau* (ou talvez *mal*) *pagar*, é vulgar aqui no Minho, onde se diz *má home* (= mau homem), *má ruço de má pêlo e má cabello*, etc. Este phenomeno vem registado no importante glossario de termos arcuenses que o meu compatriota, o Ex.mo Sr. Dr. Felix Alves Pereira, traz em preparação.

Temos pois o distico:

Aqui mor(r)eu o emprestar,
Que o matou o má' pagar.

[3] Tambem faltam os espaços em cada palavra.

A GENTE DO CANCIONEIRO[1]

Num jornal francês de bonecos encontrei, attribuida a Legouvé, esta maxima: *la spéciatité seule mène à la supériorité.* Tanto pode o conceito ser do Academico não ha muito fallecido, como do seiscentista La Rochefoucauld, como até do illustre Gaudissart: *spécialité en bas sans couture;* mas a verdade é que, applicado á historia de Portugal, encerra o dito uma profunda lição, que deveria ser aproveitada.

«A historia de Portugal está quasi toda por fazer. Depois de Herculano, que infelizmente parou tão cedo, os historiadores que teem apparecido são pessoas que no Archivo Nacional só de nome se conhecem; pois quem não recorrer aos documentos, ou não se aproveitar dos trabalhos feitos sobre taes bases, nunca ha de escrever a historia d'este povo».

Isto escrevia eu ha poucos annos, e infelizmente em nada tenho que modificar o meu dito; pelo contrario, vejo até, annunciada agora (junho de 1903), mais outra Historia de Portugal escrita por pessoa que nem sequer de nome é conhecida no Archivo.

A essa Historia, da qual já li um trecho no *Dia,* vae acontecer exactamente o mesmo que succedeu ás de Pinheiro Chagas e Oliveira Martins, para não citar senão as que mais brado deram.

De roda d'aquella, como de roda d'estas, levantar-se-hão, é certo, os encomios dos aduladores pessoaes, dos criticos levianos das folhas periodicas; mas o livro em gestação, quando vier á luz, será, tal qual seus irmãos mais velhos, afastado pelos estudiosos como inutil, posto de banda com um sorriso desdenhoso pelos eruditos. É pena que o seu autor, homem de talento e de boa vontade, perca o seu trabalho com tão pouco proveito, quando é manifesto que, dedicando-se a um periodo ou a uma especialidade

---

1 Os tres primeiros capitulos d'estes estudos e parte do quarto, todos agora ampliados e corrigidos, haviam saido já impressos no *Jornal do Commerçio,* no verão de 1903.

da nossa historia, poderia prestar a esta um relevantissimo serviço, estudando aquelles a fundo, como o devem ser. *La spécialité seule mène á la supériorité!*

Por estas minhas palavras ninguem deverá suppor, nem consinto a ninguem que supponha, má vontade de especie nenhuma contra o autor, nem contra o livro. Não. Ellas representam apenas um desejo sincero de ver os estudos historicos progredirem entre nós na perfeição em que se encontram noutros paises cultos; de os ver levantados na consideração geral, onde tão decaidos estão; de os ver assentes em bases solidas para se tornarem proveitosos ao futuro historiador. Porque deverão perder as illusões, os que as teem: historia geral de Portugal, ainda hoje se não pode escrever cabalmente.

Assim como Herculano sem João Pedro Ribeiro, não teria, talvez, podido compor o seu livro; assim como o historiador que se propuser a continuar a obra do Mestre, não a poderá trazer até o final do seculo XV antes, pelo menos, do Sr. Gama Barros ter concluido a sua *Historia da Administração;* assim ao historiador dos tempos seguintes será impossivel fazer obra proveitosa, emquanto lhe não desbravarem o caminho com a publicação dos documentos, com o estudo profundado dos differentes successivos periodos.

Existe entre nós um exemplo frisante para prova do que deixo dito.

Em 1876-77 a Empresa Litteraria de Lisboa publicou em seis volumes uma Historia de Portugal escrita por differentes autores, pelos quaes se repartiram os varios periodos da narração. Pondo de parte o primeiro volume no qual Antonio Ennes se limitou, como elle proprio na advertencia singelamente confessa, a resumir o que Herculano escrevera, encontramos logo a seguir, no principio do segundo volume, um estudo muito notavel, tudo é relativo, de Bernardino Pinheiro sobre o reinado de D. Dinis. Bernardino Pinheiro tambem só de nome ficaria conhecido no Archivo Nacional, onde nunca talvez tivesse entrado, mas pôde escrever com acerto acêrca d'aquelle periodo da nossa historia, porque o encontrou estudado sobre documentos por um historiador de incontestavel merito. Tudo é relativo, disse eu acima a proposito da monographia do reinado de D. Dinis, e é verdade, porque hoje, para escrever a historia d'aquelle reinado, não bastam os documentos encontrados por Fr. Francisco Brandão; é estreita a sua critica historica. Assim é, mas o labor de Bernardino Pinheiro brilha entretanto no meio dos outros estudos.



O mesmo que succede com a historia geral de Portugal, acontece com a historia especial da sua litteratura. Não cuide ninguem que a poderá ainda hoje toda investigar cabalmente; porque, se o cuidar, terá, em sua consciencia, de dizer quasi como o poeta:

O mundo todo abarco, e *pouco* aperto!

Só de vagar se vae longe, e o caminho por ora andado, apesar de já extenso, ainda se encontra em partes mal gradado. Amaciar e alargar um nada a vereda, desfazendo nella alguns torrões, rompendo aqui e alem os comoros que a apertam, é ao que me proponho agora estudando o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende.

Divide-se a compilação em duas partes distinctas: a litteraria propriamente, e a historica. Para falar da primeira, confesso a minha incompetencia, e por isso não me occuparei d'ella; para tratar da segunda, tenho alguns dados que julgo aproveitaveis.

É certo estar a biographia dos poetas do *Cancioneiro* muito mal averiguada, e portanto ser quasi desconhecida, ou, o que é peor, apparecer ás vezes inexacta; é certo tambem que as personagens e factos historicos, a que os versos muitas vezes se referem, carecem de investigação documental feita com ponderação e criterio. De todos, poetas, personagens, e factos historicos, tratarei aqui o melhor que puder.

Para as minhas averiguações serem comtudo aproveitaveis, carecem de ordem e methodo. Para alcançar ambos, tinha dois caminhos a seguir: ou a disposição das poesias no *Cancioneiro;* ou a ordem alfabetica dos nomes, conforme se encontra nos *Indices do Cancioneiro de Resende e das Obras de Gil Vicente* [1], que a pedido meu, com paciente trabalho, organizou o meu querido amigo o Visconde Julio de Castilho. O primeiro tem o inconveniente de por todo o extenso corpo do *Cancioneiro* se acharem disseminadas poesias dos mesmos autores, referencias ás mesmas pessoas; o segundo tem a vantagem de nelle se encontrar agrupado tudo quanto diz respeito ao mesmo individuo. Seguirei por-

[1] Impresso em Lisboa em 1900, tirando-se apenas vinte exemplares.

tanto os *Indices*, adoptando a seguinte forma: em capitulo especial, numerado, irei tratando successivamente de cada um dos poetas; em paragraphos a esses artigos, das pessoas ou factos a que os versos se referirem.

E para prologo bastará.

I

AFFONSO DE ABOIM

Na côrte portuguesa, dois seculos antes de Affonso de Aboim escrever as trovas que d'elle nos restam, brilhara outro Aboim que tambem havia sído poeta, e de quem existem versos no *Cancioneiro da Vaticana* e no *da Ajuda*. D. João de Aboim era o seu nome, e fôra elle rico-homem, e mordomo-mor de D. Affonso III desde setembro de 1264 até fevereiro de 1279, em que El-Rei morreu, deixando este seu valído nomeado por primeiro testamenteiro em seguida á Rainha D. Beatriz. Viveu D. João depois d'isto um tanto afastado da côrte: algum tempo no seu governo do Alemtejo, até o meio do anno de 1283 pelo menos; o resto nas suas terras, numa das quaes, parece, falleceu em 1285, talvez a 15 de março, deixando fundadas as villas de Portel e Villa Boim, que d'elle tomou o nome, e o mosteiro do Marmelal, em cuja igreja foi sepultado [2].

A D. João de Aboim, cuja descendencia varonil se extinguiu na segunda geração, querem os genealogistas ligar os mais Aboins que houve. Não assenta sobre nenhum documento a sua asserção, e os Aboins de Elvas, aos quaes pertenceu o poeta do *Cancioneiro Geral,* não cuidariam de certo em remontar tão alto a sua prosapia.

No seculo xv viveram em Elvas dois Affonsos de Aboim, que Diogo Gomes de Figueiredo no seu *Nobiliario* diz terem sido pae e filho, o que os documentos nem confirmam, nem infirmam. O certo é terem sido dois, e um bastante mais velho do que o outro, por isso que o primeiro nos apparece já como escudeiro da Casa de El-Rei em 1443, ao passo que o segundo o encontramos moço fidalgo na lista de 1462, e nesses tempos não havia velhos moços fidalgos, como hoje. Alem d'isto, para tirar todas as duvi-

[2] *Archivo Historico Português,* iv, 106 e sgs.

das, existe uma carta de perdão, de 15 de fevereiro de 1473, passada a Affonso de Aboim, o moço.

Este é que foi o poeta do *Cancioneiro.*

O outro, o seu presumivel pae, era escudeiro da Casa de El-Rei, quando lhe foi feita doação de varios bens em Elvas por cartas de 4 de abril de 1443 e 20 de fevereiro de 1449 [3]. Um mês depois já nos apparece fidalgo e casado, na carta de 20 de março de mercê da renda dos tabelliães de Elvas, a qual seu sogro Estevam Peres Godinho, cavalleiro, morador em Olivença, havia, e cedeu a favor do genro [4]. Tambem possuiu este os foros de Elvas, que D. Affonso V lhe largou por uma tença de cinco mil reaes; a quinta da Amoreira, no termo de Olivença, na qual trazia tres lavradores que lhe foram privilegiados por carta de 7 de maio de 1455; e a herdade da Alcaroupinha, no termo de Elvas, que lhe foi coutada por carta de 21 de setembro do mesmo anno [5].

Era homem de respeito, decidido e valoroso, como se vae ver.

Juntaram-se em Estremoz, num dia do verão de 1465, Alvaro Mendes, escudeiro de D. Affonso, primo de El-Rei e futuro Conde de Faro, Gonçalo Dias, moço da estribeira do mesmo fidalgo, e Vasco Fernandes, morador na villa, e todos tres foram a Elvas. Encontraram-se lá com Rui Coelho, collaço de Affonso de Aboim; com elle armaram desordem; feriram-no em um braço, e acolheram-se ao mosteiro de S. Domingos. Avisado o cavalleiro do succedido, corre direito ao mosteiro, onde ainda encontra os tres biltres, toma-se de razões com elles, acabando por lhes assentar a roupa no corpo, sem olhar ao logar nem á hora, a do officio divino que se estava celebrando na igreja, «ofensando a Deos e aos frades». O caso era serio; Affonso de Aboim teve de fugir, mas ao cabo de cêrca de um anno, havendo alcançado das partes remissão da culpa, impetrou a clemencia de El-Rei, que em Estremoz lhe mandou passar carta de perdão em forma, a 20 de junho de 1466, depois de ter pago mil reaes para a «arca da piedade» [6].

Aqui fica a prova do valor pessoal do homem; a da consideração individual deu lhe D. Affonso V, nomeando-o, menos de dois annos depois, a 23 de abril de 1468, thesoureiro das terças

---

3 *Chancellaria de D. Affonso V,* liv. 27.º, fl. 72 *v*, liv. 3.º do *Guadiana,* fl. 229.

4 *Ibidem*, liv. 12.º, fl. 18 *v*.

5 *Ibidem,* liv. 15.º, fl. 79 *v*; liv, 13.º, fl. 82 e 61.

6 *Ibidem,* liv. 14.º, fl. 97.

das rendas dos concelhos apropriadas ás obras, nas comarcas da Estremadura e de entre Tejo e Guadiana [7].

Entretanto ia-se criando no Paço o moço fidalgo Affonso de Aboim, que já recebia cento e setenta e dois reaes de moradia por mês na lista de 1462 [8]; mas, ou se esqueceram de lhe ensinar os mais rudimentares elementos de moral, ou não lhe aproveitou o ensino. Rapaziadas são desculpaveis; o que elle fez porem e que vou contar, não foi esturdia de moço fidalgo, foi maleficio de rufião.

Vivia socegadamente em Elvas Leonor Lopes, viuva de Affonso Caldeira, e tinha em certa arca algumas joias de uma sua irmã. Um dia entra-lhe pela casa dentro Affonso de Aboim, acompanhado de alguns homens, e á força agarra na arca e leva-a, apesar da resistencia da pobre viuva, que pouco mais tempo teve de vida, devido talvez ao abalo recebido.

Em resultado d'esta villania teve Affonso de Aboim de se homisiar, mas succedendo aprestar-se por então uma armada para ir combater os portos de Africa, e annunciando-se perdão geral para os criminosos, alistou-se o fugitivo, fazendo-se inscrever no livro dos homisiados. Partiu na expedição; combateu na tomada de Arzila, em 24 de setembro de 1471; acompanhou D. Affonso V a Tanger; e regressou ao reino, trazendo já quasi apagada a nodoa de infamia que lavara em sangue muçulmano. Dirigiu-se a Elvas, obteve de Maria e Brites Caldeira, filhas da defunta, um instrumento de perdão passado naquella villa a 2 de dezembro, e com elle se apresentou a El-Rei supplicando-lhe o perdão do crime. Não lhe foi comtudo muito facil alcançá-lo, porque, apesar do referido instrumento e do perdão geral decretado para os expedicionarios, a carta de perdão só foi passada a Affonso de Aboim, em Evora, a 15 de fevereiro de 1473 [9].

Pouco mais sei ao certo da vida do antigo moço fidalgo, que já na lista de 1469 nos apparece com o fôro de cavalleiro fidalgo e a moradia de novecentos reaes [10]. Por carta de 10 de março de 1480 foram-lhe doados os bens moveis e de raiz de Axa Pallurda, moura, moradora em Elvas, que se ausentara do reino [11]; e na lista de

---

7 *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. 28.º, fl. 21 *v*.
8 Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, II, 42.
9 *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. 33.º, fl. 57.
10 *Provas da Historia Genealogica*, II, 30.
11 *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. 32.º, fl. 43 *v*.

1539-40-41 encontra-se entre os escudeiros fidalgos um Guterre de Aboim, seu filho, cobrando seiscentos reaes de moradia [12].

Alem d'isto sei mais que ainda vivia nos annos de 1482 a 1489, porque foi então que elle e outros, todos *servidores de D. Lyanor*, lhe endereçaram umas trovas que se encontram no *Cancioneiro* sob esta rubrica: *Despedymẽto dos servidores da senhora dona Lyanor Maʒcarẽhas, porque dysse que se lhe tornaram cornyʒolos* [13].

§ 1.º

D. LEONOR MASCARENHAS

Era antiga em Evora a familia dos Mascarenhas. Já por carta de 21 de março da era de 1411 (1373) fôra coutada uma grande herdade no termo d'aquella cidade e no das villas das Alcaçovas e de Aguiar, a Martim Vaz Mascarenhas, morador em Evora [14]. D'este foi filho D. Fernão Martins Mascarenhas, Commendador mór da Ordem de Santiago, a qual governou durante a menoridade do Infante D. Fernando, tendo neste tempo, em 1444, feito doação da commenda de Aljustrel, uma das mais rendosas da Ordem, a seu filho segundo, Martim Vaz Mascarenhas [15].

Casou este com Izabel Correia e instituiram ambos, por escritura de 3 de março de 1477 lavrada nas suas casas de morada, em Alcochete, um morgado, do qual fizeram cabeça a referida herdade da Defesa no termo de Evora [16].

Juntamente com João Fogaça, Commendador de Cezimbra, exerceu Martim Vaz Mascarenhas, durante algum tempo, o governo da Ordem, e aproveitou o ensejo para dar a Alcaidaria Mór de Alcacer do Sal a seu sobrinho Fernão Martins Mascarenhas [17], o famoso Capitão dos Ginetes tambem nomeado no *Cancioneiro*.

---

[12] Lousada, *Sumarios da Tôrre do Tombo*, III, fl. 472 mihi.

[13] Fl. 168, col. 5.ª

[14] Esta carta de couto para a referida herdade foi confirmada, por carta de 8 de fevereiro de 1435, em seguida á morte do primeiro Martim Vaz Mascarenhas, a seu filho Fernão Martins Mascarenhas, Commendador-mor da Ordem de Santiago, e por fallecimento d'este a seu filho o segundo Martim Vaz, por carta de 8 de agosto de 1463. *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. 9.º, fl. 191 *v*.

[15] *Chancellaria de D. Affonso V*, liv, 24.º, fl. 19 *v*, carta dada em Evora a 31 de janeiro de 1444.

[16] Liv. 4.º do *Guadiana*, fl. 110 *v*.

[17] Liv. 1.º do *Cartorio de Santiago*, fl. 62.

Era o Commendador de Aljustrel já fallecido em 23 de março de 1487 [18].

Alguns annos antes tinha sua filha, D. Leonor Mascarenhas, entrado como Donzella para a casa da Rainha D. Leonor, a quem já servia em 1482, quando, por carta dada em Evora a 28 de junho, «em satisfação do seu serviço», lhe foi concedida uma tença de oito mil reaes, para começar a haver do 1 de janeiro do anno seguinte em deante [19].

Foi por estes tempos que Fernão da Silveira, de quem tratarei no seu logar, dirigiu umas trovas ás Damas da Rainha, fazendo-se morto, e fingindo as exclamações que ellas soltariam ao receber a noticia[20]. Uma das trovas diz:

> Mazcarenhas Lianor,
> que tanto senhora minha
> soya ser,
> dirá: «Sento grande dor
> morrerdes-me tam asinha,
> sem vos ver.
> Que viestes qua fazer?
> Dizei? quem vos demoveo
> a tall jornada?
> por que viestes morrer
> por quem vos não agradeceo
> nunca nada?» [21]

Pelas Damas respondeu D. João de Meneses, dizendo por esta [22]:

> Dona Lyanor Mazcarenhas
> dizia por vós chorando:
> «Morte fera
> vem por mym, não te detenhas,
> poys o nam fyzeste, quando
> eu quisera;
> se t'avyas de ter,
> foi quando a quem levaste
> déste fim:
> mas por me mercê fazer,
> j'aguora, pois o mataste,
> vem por mym».

---

18 Data da carta da confirmação por successão do couto da herdade no termo de Evora a Fernão Mascarenhas, filho de Martim Vaz. *Chancellaria de D. João II*, liv. 19.º, fl. 6 *v*.

19 *Chancellaria de D. João II*, liv. 2.º, fl. 145.

20 *Cancioneiro Geral*, fl. 65, col. 6.ª

21 *Ibidem*, fl. 66, col. 1.ª

22 *Ibidem*, fl. 66, col. 4.ª

Foram escritas estas trovas depois de fins de setembro de 1481, porque numa d'ellas D. João de Meneses allude ás exequias de D. Affonso V na Batalha [23]; e antes de 15 de outubro de 1482, quando já estava ajustado, se não realizado, o casamento de Fernão da Silveira com D. Beatriz de Sousa [24].

Tambem foi por estes tempos que D. Leonor Mascarenhas, e as outras Damas da Rainha, deram a D. João de Meneses motes para glosar [25]. O de D. Leonor foi:

O vida desesperada!

São porem posteriores a todas estas, as trovas de *despedimento* endereçadas a D. Leonor por Affonso de Aboim e os outros seus servidores. Estas deverão ser das proximidades do tempo em que a Donzella da Rainha se desposou.

Não posso marcar precisamente o anno em que D. Leonor Mascarenhas casou, mas deveria ter sido pouco antes de 1489. Em 26 de janeiro de 1490 já ella estava casada, e assim o declara uma carta de vinte e quatro mil reaes brancos de tença, dada naquella data em Evora, em consideração da «criação que nós e a Rainha temos feita em D. Leonor Mascarenhas, mulher de D. Rodrigo de Meneses, e ao muito serviço que nos tem feito [26].» Vê-se pois que a tença foi a satisfação do serviço da Donzella na casa da Rainha, e que portanto o casamento pouco antes se deveria ter celebrado; mas entretanto é necessario advertir que em 1502 já uma filha de D. Leonor estava casada.

D. Rodrigo de Meneses, o marido da Dama, era Commendador de Grandola, e por carta de 4 de fevereiro d'aquelle mesmo anno de 1490 foi nomeado guarda-mor do Principe D. Affonso [27]. D. Rodrigo é um dos poetas do *Cancioneiro,* e por isso lá adeante a elle me referirei.

Mais dois annos de vida teve apenas D. Leonor Mascarenhas. Em 10 de setembro de 1492 já tinha fallecido [28], deixando duas

---

23 *Cancioneiro Geral*, col. 5.ª, v. 41.

24 *Chancellaria de D. João II,* liv. 6.º, fl. 145 *v.*

25 *Cancioneiro,* fl. 15, col. 4.ª

26 *Chancellaria de D. João II,* liv. 17.º, fl. 29.

27 *Ibidem,* fl. 93 *v.*

28 Data de uma carta pela qual a Princesa D. Isabel doa certas rendas da sua villa de Torres Vedras a D. Rodrigo de Meneses, e depois d'elle a um seu herdeiro, «sendo filha de D. Leonor Mascarenhas, sua mulher, já fallecida». *Chancellaria de D. Manoel,* liv. 41.º, fl. 79.

filhas orfãs: D. Joana de Meneses, que em 1502 era mulher de D. Diogo de Noronha, sobrinho de El-Rei [29], o «D. Diogo filho do Marquês», poeta do *Cancioneiro;* e D. Maria de Meneses, que já estava casada em 1509 com D. Antão de Abranches, Capitão de Lisboa [30], ou Capitão-mor do reino, como noutros documentos é intitulado.

II

D. ALVARO DE ABRANCHES

O valoroso e leal cavalleiro D. Alvaro Vaz de Almada, Conde de Avranches, casou por duas vezes: a primeira, antes de 1436, com D. Isabel da Cunha, que morreu entre 1441 e 1445; a segunda, depois de 1445, com D. Caterina de Castro, que lhe sobreviveu [1]. Morreu o Conde na batalha da Alfarrobeira, a 20 de maio de 1449, deixando dois filhos varões, cada um de uma das suas mulheres: D. João de Abranches, o mais velho, que succedeu no morgado da casa, o qual escapara da confiscação dos bens de seu pae; e D. Fernando de Almada, que foi 2.º Conde de Avranches em 1476 ou 1477. A ambos ha referencias no *Cancioneiro,* e portanto a elles terei occasião de me referir mais especialmente.

D. João, depois de ter possuido no reino de Valencia o condado de Oliva, que lhe dera El-Rei D. Pedro de Aragão, com quem partira em 1463 para Barcelona, voltou em 1466 para Portugal onde morreu nos primeiros annos do seculo XVI, deixando de sua segunda mulher, D. Mecia da Cunha, um unico filho, que foi D. Alvaro de Abranches, o poeta do *Cancioneiro.*

Succedeu D. Alvaro em 1502 ou 1504 na casa de seu pae, sendo ainda de menor idade, mas já rapaz de treze ou quinze annos, porque d'ali a pouco tempo servia em Africa e endereçava trovas ás Donzellas do Paço.

Seguiu, como quasi todos os fidalgos seus contemporaneos, a carreira das armas, e já se encontra militando em Arzila nos

---

29 *Chancellaria de D. Manoel, Ibidem.*, liv. 21.º, fl. 3 *v.*

30 Por carta de 21 de abril de 1509 foram confirmadas certas rendas em Obidos, vagas por fallecimento de D. Rodrigo de Meneses, a sua filha D. Maria de Meneses, mulher de D. Antão, Capitão de Lisboa. *Chancellaria de João III,* liv. 36.º de *Doações,* fl. 69.

1 Liv. 2.º dos *Brasões de Cintra*, p. 367.

annos de 1509 e 1510 [2]. Tambem esteve por esses tempos em Çafim, como consta de umas trovas que Fernão Cardoso lhe dirigiu [3], e que começam por estes versos:

Se me tendes a vontade,
que me tinheis em Çafim
....

Fernão Cardoso serviu naquella praça em 1511, e ainda lá estava nos principios de 1512 [4]. São pouco posteriores a este tempo as trovas, que foram escritas quando o poeta regressou de Çafim, e nas quaes é muito mal tratado D. Jorge Henriques, que, exactamente naquelles mesmos annos, tambem lá assistiu [5].

Recebido o baptismo das armas em algumas entradas por terras de Mouros, recolheu-se D. Alvaro de Abranches á côrte, onde em breve começou a exercer o officio de mestre-sala, que houve pelo seu casamento.

Por carta passada em Evora a 12 de janeiro de 1513, foi dada uma tença de trinta mil reaes a D. Alvaro de Abranches, «fidalgo de nossa casa e nosso Mestre-sala» [6]. Já então era elle casado, como consta de outra carta da mesma data, pela qual lhe foram concedidos outros trinta mil reaes de tença, «que Jorge de Mello, seu sogro, tinha, e nelle traspassou» [7].

Sua mulher foi D. Joanna de Mello, filha d'aquelle Jorge de Mello, que tinha a alcunha do Bochechas, e que havia sido até então mestre-sala de El-Rei D. Manoel, como consta de varios documentos. No *Cancioneiro* encontram-se referencias a diversos Jorges de Mello, um dos quaes foi poeta, mas não posso por ora dizer se algum d'elles é o Mestre-sala. Este foi casado com D. Isabel Pereira, viuva de D. Guterre Coutinho, outro poeta do *Cancioneiro*, e já tinha fallecido a 28 de junho de 1521, data da concessão de uma tença a seu filho Alvaro da Cunha [8].

Possuia D. Alvaro umas casas em Lisboa, as quaes eram do morgado, e tinham as traseiras viradas para a cêrca moura, parte

---

2 Goes, *Chronica de D. Manoel*, parte 3.ª, cap. 9.
3 *Cancioneiro*, fl. 137, col. 2.ª
4 *Moradias*, maço 1.º, n.º 2, fl. 34.
5 *Ibidem*, fl. 36.
6 *Chancellaria de D. Manoel*, liv. 42.º, fl, 36 *v*.
7 *Ibidem*, fl. 36.
8 *Chancellaria de D. João III*, liv. 51.º de *Doações*, fl. 69.

da qual, e nella uma torre chamada de D. João de Abranches, lhe pertenciam. Tudo vendeu D. Alvaro nos principios de 1513 ao Conde de Penela [9]. Antes d'isto porém, encontrando-se em Lisboa um enviado do Papa, mandou D. Manoel ao seu Mestre-sala que mostrasse as antiguidades de Portugal ao forasteiro. Levou-o D. Alvaro direito ás suas casas, e apontando para ellas, disse-lhe: «Aqui tendes a mais velha e veneravel antigualha que ha no reino [10]». Está-se a ver o inhospito casarão.

Na côrte continuou D. Alvaro exercendo o seu officio de mestre-sala durante quasi todo o resto do reinado de D. Manoel, que ainda a 29 de agosto de 1520, mandou, pelo Vèdor da fazenda, Conde do Vimioso, ao Thesoureiro das moradias, que pagasse ao Mestre-sala a tença d'aquelle anno [11]. No anno seguinte porém comprou-lhe El-Rei, pouco antes de morrer, o officio por setecentos mil reaes, os quaes só foram comtudo pagos a D. Alvaro por D. João III, em virtude de um mandado de 25 de maio de 1522 [12]. O officio deu D. Manoel a Henrique de Mello, que pode ser um de quem existem trovas no *Cancioneiro*. Lá adeante veremos isso.

Deixando de ser mestre-sala, tornou D. Alvaro, que por carta de 20 de setembro de 1524 foi feito do Conselho [13], a servir em Africa. A 1 de março de 1526 foi expedido um mandado de oito mil reaes para se pagar a João Rodrigues o frete da caravela, em que o fidalgo viera de Azamor [14]. Pouco depois exercia D. Alvaro de Abranches a capitania de Tanger por D. Duarte de Meneses, e, occupando-a, foi nomeado capitão de Azamor por alvará de 24 de abril de 1534 [15].

D'aquella cidade são datadas duas cartas de D. Alvaro a D. João III, ambas do anno de 1536. Na primeira, de 31 de julho, refere-se a uma grande derrota padecida pelo Rei de Fez, que tinha o seu arraial todo desbaratado, estando elle proprio morto ou cativo, o cadaver do filho atravessado sobre um cavallo, as mulheres em debandada, e Mulley Abraem tambem morto ou cativo. Tudo

---

9 Carta de 26 de março de 1513, de padrão de uma tença subrogada ás casas. *Chancellaria de D. Manoel,* liv. 42.º, fl. 63.

10 Suppico, *Apothegmas,* p. 104.

11 *Corpo Chronologico,* parte 2.ª, maço 91, doc. 85.

12 Lousada, *Sumarios da Torre do Tombo,* II, 62 *v.*

13 *Chancellaria de D. João III,* liv. 4.º de *Doações,* fl. 60 *v.*

14 Lousada, *Sumarios,* II, 61 *v.*

15 *Gaveta,* X, maço 11, n.º 5.

isto soubera por sete christãos que vieram do arraial[16]; eu é que não sei o que originara estes successos, porque d'elles não encontro a narrativa nos historiadores portugueses.

Na outra carta, de 26 de outubro, pede a El-Rei para mandar revezar setenta bèsteiros e espingardeiros, os quaes havia um anno que serviam na praça muito diligentemente, e de graça, nas obras e no baluarte[17].

Neste tempo, porém, já tinham chegado aos ouvidos de El-Rei graves queixas contra o Capitão de Azamor, e tão graves, que D. João III mandara proceder a uma devassa, em resultado da qual foi ordenado, em setembro de 1537, a D. Alvaro de Abranches, que regressasse ao reino, onde, apenas chegado, foi recolhido preso ao castello de Lisboa, no qual permaneceu até 1545, anno em que, depois de muitas importunações, El-Rei lhe perdoou por alvará de 10 de março[18].

D. Alvaro ainda quis levantar cabeça, e a 16 de julho de 1548 intentou uma acção contra o Procurador da Coroa, exigindo satisfação pela capitania de Azamor, que lhe rendia, alem de honra, um conto de reaes, allegando no feito ter-lhe ella sido dada em vida e em troca da capitania de Tanger. Justificou o Procurador da Coroa, que a capitania de Tanger fôra dada interinamente a D. Alvaro, no impedimento de D. Duarte de Meneses, e D. João seu filho, aos quaes ella pertencia; que o alvará de nomeação para a capitania de Azamor ficara sempre escondido na mão do Conde do Vimioso; que era verdade ser-lhe pelo dito alvará feita mercê da capitania em sua vida, caso a servisse bem, mas que elle o fizera pelo contrario, porque «servira muito indignamente»; que no mês de outubro de 1541, quando D. Alvaro já estava preso desde 1537 e substituido por Antonio Leite, fôra mandada derrubar a fortaleza de Azamor, e largar a quem a quisesse; que isto se fizera para bem commum; e que, finalmente, nenhum direito a satisfação pela capitania assistia a D. Alvaro. Conformou-se com este parecer a Casa da Supplicação, que deu sentença contra o Autor, em Santarem, a 7 de maio de 1551[19].

---

16 *Corpo Chronologico,* parte 1.ª, maço 57, doc. 72.
17 *Ibidem,* doc. 122.
18 *Gaveta,* 10.ª, maço 11, n.º 5.
19 *Ibidem.*

O resto da vida deveria D. Alvaro ter passado afastado da côrte, e veio a morrer a 3 de julho de 1563 [20]. Sua mulher, D. Joanna de Mello, sobreviveu-lhe, mas era já fallecida a 30 de julho de 1568 [21]. De seus filhos descenderam casas illustres, e o seu representante era, ainda ha pouco, o fallecido Marquês de Vagos, pela casa de Valladares.

De D. Alvaro de Abranches existem no *Cancioneiro* varias poesias, todas do tempo em que serviu na côrte. São ellas: glosa a um villancete de Garcia de Resende; outra a um do Conde do Vimioso; e trovas a D. Beatriz de Sá, D. Beatriz de Vilhena, a Perigosa, e D. Guiomar de Meneses [22].

§ 1.º

D. BEATRIZ DE SÁ

Havia por força de ter sido linda esta Donzella da casa da Rainha D. Maria.

O molheres! que molher!...

exclama um dos seus admiradores.

Era ella mimoso producto do cruzamento do sangue normando dos Béthencourt com o sangue ilheu dos Sás. Alta, loira, graciosa, a compleição delicada, o porte aristocratico herdado de uma longa serie de avós nobres, todos estes dotes reunidos em D. Beatriz de Sá tornavam-na uma esplendida rapariga. «Dizem ser a mais formosa mulher que se achou em Portugal», declara Gaspar Fructuoso [23].

O pae de D. Beatriz, Gaspar de Betencor, passara com seu tio Maciot de Béthencourt da ilha de Lançarote para a Madeira, e d'aqui seguira a estabelecer-se na de S. Miguel com sua tia D. Maria de Betencor, mulher do Capitão Rui Gonçalves da Camara. Numa d'estas duas ilhas casou Gaspar com Guiomar de

20 Encontra-se a data numa carta de padrão de tença, passada a D. Jorge de Abranches, filho de D. Alvaro, e registada a fl. 213 *v* do liv. 21.º das *Doações de D. Sebastião e D. Henrique*.

21 *Ibidem*.

22 *Cancioneiro*, fl. 145, col. 3.ª; fl. 154, col. 2.ª; fl. 152, col. 5.ª; fl. 148, col. 4.ª; e fl. 154, col. 1.ª

23 *Archivo dos Açores*, XII, 125.

Sá, que genealogistas relativamente modernos querem á força fazer dos Sás do Porto. Tambem num nobiliario encontro a noticia de haver elle fallecido em 1522, e de ter sido sepultado com a mulher na capella-mor da antiga igreja de S. Sebastião de Ponta Delgada. Não sei a confiança que esta asserção merece; é certo porem haver D. Manoel, por carta de 1 de abril de 1505, confirmado a Gaspar de Betencor o antigo brasão de armas de seus maiores[24]. Poucos annos depois já sua filha D. Beatriz de Sá estava servindo na côrte.

Vou prová-lo, um pouco demoradamente talvez, mas aproveito para deixar desde já indicada a data de uma das poesias mais interessantes, pelo lado historico, de entre as recolhidas no *Cancioneiro*. Refiro-me ás trovas «de Garcia de Resende, estando elrrey em Almeyrym, a Manuel de Goyos, que estava por capitam na Myna e lhe mandou pedir que lhe escrevesse novas da côrte, as quaes lhe manda» [25].

Nestas trovas refere-se Resende ao infeliz successo do segundo cêrco posto por El-Rei de Fez a Arzila, e seguidamente escreve:

Dom Francisco no luguar
era entam, e bem no quente.
Por isto quero passar;
mas de quam honrrada gẽte
levou, vos quero contar.
Esta soo cousa nam calo:
cyncoenta de cavalo
tev'oyto meses conssiguo
e o al, qu'aquy nã diguo,
he muyto mays que o que falo [26].

Este D. Francisco era o filho do Bispo de Evora, o futuro Conde do Vimioso [27]; ora num rol enviado a D. Manoel, dos fronteiros que serviram em Arzila, encontra-se a seguinte verba: «dom Francisco filho do byspo veo aquy ho primeyro dia daguosto de quynhentos e noue cõ sasemta e cymco homẽs.s. trymta e sete de caualo cõ sua pesoa e vymte he oyto homẽs de

---

24 *Archivo dos Açores*, x, 453.
25 *Cancioneiro*, fl. 225, col. 4.ª
26 *Ibidem*, fl. 226, col. 3.ª
7 Goes, *Chronica de D. Manoel*, parte 3.ª, cap. VIII.

pee e foyse aos quymze de março de myll e quynhemtos e dez e foram paguos de soldo e mantimento do dito tẽpo»[28].

Serviu portanto D. Francisco, em Arzila, desde 1 de agosto de 1509 até 15 de março de 1510; e, por outro lado sei, que Manoel de Goios estava por capitão na Mina em 27 de dezembro de 1509, 18 de abril e 2 de setembro de 1510[29].

Tudo concorda, pois, para se poder affirmar haverem as trovas sido compostas depois de 15 de março de 1510, e até se pode assegurar terem sido concluidas ainda naquelle mês, ou quando muito no seguinte, por isso que Resende, depois de contar os passatempos de D. Manoel em Almeirim, declara:

E esta vyda que tem,
teraa tee abril passado,
e no outro mes que vem
dizem qué determynado
o veram em Santarem[30].

Ora, nestas taes trovas, escritas em março ou abril de 1510, dá Resende novas de varias donzellas da côrte, e termina as referencias a ellas fazendo menção

Doutra fermosa molher,
que laa naceo nũa ylha,
nam dyguo mais, se nam ser
muyto grande maravylha
quem na vyr nam se perder[31]

É clara a allusão a D. Beatriz de Sá; mas mais clara ainda se encontra em 1512 na farça do *Velho da horta* de Gil Vicente, na qual, entre as outras donzellas da Rainha, é mencionada a

Sancta D. Breatiz de Saa[32].

Em 1515 ainda D. Beatriz de Sá era Donzella da casa da Rainha D. Maria. Nesse anno, por carta de 11 de setembro, foi-lhe dada uma tença de vinte e quatro mil reaes e dois moios de trigo, «havendo respeito aos serviços que tem feitos á dita Senhora, e

---

28 *Corpo Chronologico,* parte 3.ª, maço 4, doc. 25.

29 Lousada, *Sumarios da Torre do Tombo,* 1, fl. 571 mihi; *Corpo Chronologico,* parte 1.ª, maço 8, doc. 116, e maço 9, doc. 61.

30 *Cancioneiro,* fl. 215, col. 5.ª

31 *Ibidem*, fl. 216, col. 3.ª

32 *Obras* de Gil Vicente, fl. 205, col. 2.ª

assim a sua doença»[33]. Como a tença foi mandada assentar na ilha de S. Miguel, vê-se que para lá partia a Donzella, procurando nos ares patrios remedio para a sua debilitada saude. Na mesma occasião, dois dias depois, foi-lhe dada uma escrava «das que ora vieram de Manicongo», de preço de oito mil reaes[34].

De volta da ilha já D. Beatriz estava outra vez na côrte em 1523[35]; e nos principios de 1526 era Dama da Imperatriz D. Isabel, a quem acompanhou para Castella. Estava já então casada com D. Pedro Lasso, fidalgo castelhano. Assim o declaram as cartas de 3 e de 12 de fevereiro d'aquelle anno, pelas quaes D. João III fez doação á Dama de sua irmã das pensões dos tabelliães de todas as ilhas dos Açores, e das saboarias brancas e pretas da ilha de S. Miguel, que tudo vagara por morte de Henrique de Betencor, irmão de D. Beatriz[36].

«Si V. A. se acuerda del tiempo de su iuventud, bien terna memoria de un hombre, a quien V. A. llamava Lassico, por mucha familiaridad, en casa de D. Elvira de Mendoça (Camareira-mór da Rainha D. Maria), antes que fuese Rey». Assim começa uma carta datada de Bruxellas a 13 de abril de 1553, e dirigida a D. João III por D. Pedro Lasso de la Vega, então «maréchal des logis» da Rainha D. Leonor, viuva de D. Manoel e de Francisco I de França[37].

Pois foi com o Lassico que D. Beatriz de Sá casou.

Nestes estudos caminha-se sempre entre duvidas.

É certo ser D. Beatriz já casada com D. Pedro Lasso em principios do anno de 1526; é porem igualmente certo haver Gil Vicente, na *Nao de Amores*, representada em 1527 conforme a rubrica, escrito estes versos:

Dom Francisco Lobo diz...
nam sey, esta seri'ella,
ja sey, diz que a Emperatriz
lhe levou pera Castella...
nam sey, será Breatiz?

Nome de molher er'ella;
e elle querialhe bem,
e elle samicas nam na tem,
e ella samicas jaa
teraa la querença alguem[38].

---

33 *Chancellaria de D. Manoel*, liv. 24.°, fl. 118.

34 *Corpo Chronologico*, parte 1.ª, maço 18, doc. 92.

35 Por carta de 27 de fevereiro de 1526 foram mandados assentar no almoxarifado de Estremoz os vinte e quatro mil reaes de tença, que D. Beatriz recebera na ilha, e de que já houvera pagamento no reino desde o anno de 1523 por deante. *Chancellaria de D. João III*, liv. 36.° de *Doações*, fl. 135 *v*.

36 *Chancellaria de D. João III*, liv. 36.° de *Doações*, fl. 158.

37 *Corpo Chronologico*, parte 1.ª, maço 89, doc. 128.

38 *Obras* de Gil Vicente, fl. 150, col. 4.ª

D'aqui só se pode concluir, no meu entender, que na comitiva da mulher de Carlos V iam duas senhoras, ambas com o nome de Beatriz.

Voltemos porem a D. Beatriz de Sá.

Em 1537, dois annos antes da sua imperial ama, falleceu D. Beatriz sem deixar filhos [39]. Seu viuvo, conforme asseveram alguns nobiliarios, brevemente se esqueceu d'ella, casando, quasi ás escondidas, com sua irmã D. Isabel de Sá.

As trovas em louvor de D. Beatriz de Sá, a ella dirigidas por Simão de Sousa e varios outros poetas, e entre elles D. Alvaro de Abranches, são anteriores a 1513 com certeza, e com todas as probabilidades a 1509. Neste anno D. João Lobo, um dos poetas, casou com D. Antonia Coutinho, e elle nas trovas a D. Beatriz confessa-se apaixonado por uma Ataide; mas, quando isto não seja argumento sufficiente, posteriores a 1513 não são as trovas, porque neste anno morreu D. João Lobo. E não cause duvida o encontrar-se entre os poetas o Capitão da Ilha, porque este não é, como alguns teem supposto, o segundo João Gonçalves, capitão da ilha da Madeira, que morreu em 1501 com oitenta e sete annos; é seu neto do mesmo nome, que só veio a ser capitão muito depois da impressão do *Cancioneiro,* mas a quem já davam o titulo, porque exercera algumas vezes a capitania pelo pae. E para tirar todas as duvidas lá o designa expressamente Resende, no fim da col. 4.ª da fl. 178, por *filho do Capitão,* tendo-o pouco antes, na col. 3.ª da fl. 177, no mesmo certame poetico, intitulado *Capytão da Ilha.*

O que não é possivel é as trovas serem anteriores a 1501, porque em 1500 teria D. Alvaro de Abranches uns quinze ou dezaseis annos; e D. João Lobo, cujos paes haviam casado em 1483, não podia tambem ter mais de dezaseis annos, e para isso era preciso que houvesse sido o primogenito, o que se não sabe.

As citações dos documentos que provam tudo quanto acabo de dizer, irão nos logares proprios.

---

39 Carta de 16 de outubro de 1538 mandando entregar, desde o primeiro de janeiro d'esse anno, a Pero Camello Pereira, fidalgo, as pensões dos tabelliães dos Açores e as saboarias de S. Miguel, que haviam vagado por fallecimento de D. Beatriz de Sá. *Chancellaria de D. João III,* liv. 26.º de *Doações*, fl. 160 *v*, transcrita a p. 404 do 8.º vol. do *Archivo dos Açores.*

D. Branca de Vilhena, filha de D. Henrique Manuel de Vilhena, Conde de Montealegre em Castella.
Casou 1.º com Rui Vasques Coutinho, Meirinho-mór, sr. de Ferreira de Aves em 1398, ainda vivo em 1404.
Casou 2.º, em 1421, com Fernão Vaz da Cunha, sr. de Celorico de Basto, terra da Maia, etc. † em 1437.

(1) D. Margarida de Vilhena que veio a ser herdeira † em 1485, tendo casado antes de 1449 com Martim Affonso de Mello, Guarda-mór, Alcaide-mór de Olivença, sr. de Ferreira de Aves † em 1468.

(1) D. BEATRIZ DE VILHENA foi em 1455, sendo já casada, madrinha de baptismo do Principe D. João, † em 1473.
Casou com Diogo Soares de Albergaria, Governador da Casa e Mordomo-mór daquelle Principe. † em 1472.

(2) D. Maria da Cunha, senhora de Celorico de Basto, etc., casou com Fernão Coutinho, com geração que não interessa.

Rodrigo Affonso de Mello, Conde de Olivença em 1476 † em 1487.
Casou em 1457 com D. Isabel de Meneses † em 1482.

Manuel de Mello, Alcaide-mór de Olivença, capitão de Tanjer, † em 1493.
Casou com D. Beatriz da Silva que ainda vivia em 1503.

D. Maria de Vilhena, aia da Princesa D. Leonor, † em 1502.
Casou com Fernão Telles, senhor de Unhão, Mordomo mór da dita Princesa. † em 1477.

D. Branca de Vilhena † depois de 1499.
Casou em 1457 com Rui de Sousa, sr. de Sagres, já viuvo, † em 1498.

D. Filipa de Mello, herdeira da casa † em 1515 ou 16.
Casou em 1479 com D. Alvaro de Portugal, irmão do Duque de Bragança, † em 1504.

João de Mello da Silva, capitão de Coulão em 1522 † em 1526 na volta da India.
Casou com D. Leonor Fogaça.

D. Branca de Vilhena.
Casou em 1497, ou pouco antes, com Rui Barreto, Alcaide-mór de Faro, Vèdor da fazenda do Algarve, † em 1521 ou 1522.

Rui Telles, sr. de Unhão, Mordomo-mór da Rainha D. Maria, † em 1528.
Casou em 1487 com D. Guiomar de Noronha.

D. BEATRIZ DE VILHENA, fundadora do convento de Monchique no Porto, † em 1545.
Casou em 1482 com Pero da Cunha Coutinho, sr. de Celorico de Basto, etc., já † em 1543.

D. BEATRIZ DE VILHENA, Duquesa de Coimbra, † em 1535.
Casou em 1500 com D. Jorge, Mestre de Santiago, Duque de Coimbra, † em 1550.

D. BEATRIZ DE VILHENA que casou pelos annos de 1543 com D. Manuel de Meneses, Governador da casa do Duque de Guimarães D. Duarte. Ainda era casada em 1560, já estava porem viuva em 1581.

D. BEATRIZ DE VILHENA, A PERIGOSA, dama da Rainha D. Maria em 1517, † em 1553.
Casou em 1520 com D. Henrique de Meneses, Governador da Casa do Civel em 1540, † em 1547.

D. BEATRIZ DE VILHENA que já tinha morrido em 1514.
Casou pelos annos de 1510 com D. Francisco que em 1515 foi o 1.º Conde do Vimioso.

§ 2.º

D. BEATRIZ DE VILHENA, A PERIGOSA

Desde principios do seculo XV começou-se a introduzir na côrte portuguesa um costume, do qual, para esta especie de estudos, proveem muitos embaraços, alguns insuperaveis. Refiro-me ao dos fidalgos darem a suas filhas os appellidos de suas mães ou de suas avós; e ainda, para maior aggravo da difficuldade, tornou-se moda, em resultado do culto que já desde esses tempos professamos tolamente pelo que do estrangeiro nos provém, de preferir para aquellas designações algum nome que recordasse ascendencia castelhana. As senhoras Vilhenas e Henriques, para só lembrar estas, foram numerosissimas na côrte portuguesa nos seculos XV e XVI; e como os mesmos nomes de baptismo se repetiam com frequencia nas familias fidalgas, apparecem-nos, para discriminarmos as Henriques mencionadas no *Cancioneiro,* muitas Filipas, Marias, Leonores, etc.; e bem assim, nos cem annos que decorreram desde meado seculo XV, seis Beatrizes de Vilhena encontramos. A arvore genealogica em frente, alem de as indicar todas, mostra-nos a relação do parentesco entre ellas existente; tornarei porem a nomeá-las aqui pela ordem das suas idades.

1.º D. Beatriz de Vilhena, filha de Rui Vasques Coutinho, senhor de Ferreira de Aves, foi em 1455 madrinha de baptismo do Principe D. João, sendo já então casada com Diogo Soares de Albergaria, Governador da casa d'aquelle senhor e depois seu Mordomo-mor. Morreu D. Beatriz, já viuva, em 1473[40].

2.º D. Beatriz de Vilhena, filha de Rui de Sousa, senhor de Sagres, casou em 1482, pouco antes de 25 de abril[41], com seu tio, primo co-irmão de sua mãe, Pero da Cunha Coutinho, senhor de Celorico de Basto, terra da Maia, etc. Era ella já viuva em 6 de janeiro de 1543[42] e morreu a 26 de novembro de 1545, deixando fundado o convento da Madre de Deus de Monchique, junto ao Porto[43].

---

40 Liv. 3.º dos *Brasões de Cintra,* pp. 285 e 286.

41 Data da carta de segurança do dote e arras de D. Beatriz. *Chancellaria de D. João II,* liv. 6.º, fl. 73 *v.*

42 Data da carta na qual á viuva de Pero da Cunha é concedido ter no Porto ouvidor para as suas terras. *Chancellaria de D. João III,* liv. 28.º de *Doações,* fl. 6 *v.*

43 Fr. Fernàndo da Soledade, *Historia serafica,* parte IV, § 629.

3.º D. Beatriz de Vilhena, filha do senhor D. Alvaro e de D. Filipa de Mello, senhora da casa da Olivença, casou em 31 de maio de 1500 com o senhor D. Jorge, Mestre de Santiago e Duque de Coimbra. Morreu a Duquesa em outubro de 1535, muitos annos antes de seu marido[44].

4.º D. Beatriz de Vilhena, filha de Rui Telles, senhor de Unhão e Mordomo-mor da Rainha D. Maria, casou pelos annos de 1510[45] com D. Francisco, filho do Bispo de Evora e futuro Conde do Vimioso, um dos mais afamados poetas do *Cancioneiro*. Pouco tempo porem foi casada, porque é provavel ter fallecido, talvez de parto da sua unica filha, antes de meado o anno de 1513, e certo estar já morta no de 1514, por isso que a 1 de fevereiro do anno seguinte tratava-se de celebrar o contrato do segundo casamento de D. Francisco[46], a quem por carta do dia immediato foi dado o titulo.

5.º D. Beatriz de Vilhena, filha de Rui Barreto, Vèdor da fazenda do Algarve, nasceu nos ultimos annos do seculo XV, no de 1498 talvez, e casou em 1520 com D. Henrique de Meneses, filho do Conde de Tarouca. Enviuvou em 1547 e morreu em 1553. Tudo se provará lá adeante com documentos.

6.º D. Beatriz de Vilhena, filha de João de Mello da Silva, que fôra capitão de Coulão, já estava casada em 1 de fevereiro de 1543[47] com D. Manoel de Meneses, o de Almada, Camareiro-mor do senhor D. Duarte, neto de D. Manoel. Ainda estava casada em outubro de 1560[48]; era porem já viuva em 1581[49] e ainda vivia nos principios de outubro de 1583[50].

---

44 Liv. 2.º dos *Brasões de Cintra*, p. 428.

45 Sousa, na *Historia Genealogica*, XI, 541, suspeita, sem se abonar em documento nem testemunho contemporaneo, estar o casamento já realizado em 1509, quando o marido, o futuro Conde do Vimioso, passou por fronteiro a Arzila. Não me parece provavel; e não só cuido haver-se o casamento effectuado depois d'isso, como tambem que só persistiu entre as duas idas do Conde a Africa: a de 1509–1510 a Arzila, e a de 1513 a Azamor.

46 *Corpo Chronologico*, parte I, maço XVII, doc. 68, em Cardeal Saraiva, *Obras completas*, IV, 224.

47 Data da carta de padrão de 80:000 reaes de juro que para ella, com dinheiro do seu dote, comprou seu marido. *Chancellaria de D. João III*, liv. 6.º de *Doações*, fl. 65 *v*.

48 Verba posta á margem da citada carta de padrão.

49 *Ementas*, liv. 3.º, fl. 133 *v*.

50 *Ibid.*, fl. 192.

Feita esta resenha, torna-se necessario, para podermos entre as seis Beatrizes discriminar qual foi a Perigosa, precisar, tanto quanto possivel, a data em que lhe foram dirigidas as trovas.

Duas hipotheses se apresentam: a primeira, a do Conde de Portalegre, um dos trovadores, haver sido D. Diogo da Silva de Meneses, o 1.º Conde; a outra, a do poeta ter sido seu filho, o 2.º Conde, D. João da Silva.

Acceitando a primeira, temos de considerar as trovas anteriores ao anno de 1504, no qual, a 20 de fevereiro, morreu o Conde D. Diogo[51]; preferindo a segunda, havemos de as reputar posteriores ao anno de 1508, no qual, em julho, outro poeta, Nuno da Cunha, regressou da India[52].

Vejamos agora, continuando no empenho de precisar a data das trovas, se, na primeira hipothese, ellas poderiam ter sido escritas muito antes do anno de 1504.

Por fórma nenhuma, e vou já prová-lo.

Nuno da Cunha partiu para a India com o pae, Tristão da Cunha, em março de 1506, andando já então de amores com uma Donzella da casa da Rainha, D. Maria da Cunha, com quem depois veio a casar[53]. Não tinha nesses tempos o futuro Governador da India apenas os doze para treze annos indicados por Gaspar Correia[54]; e não tinha tão curta idade, não só por causa dos amores em que andava, mas porque por carta de 18 de fevereiro do anno precedente, na qual é intitulado *fidalgo de nossa casa,* lhe havia sido concedida *pelos seus serviços* uma tença de quarenta mil reaes brancos[55], a qual ainda cobrava em 1523[56]. O primeiro documento citado não se refere, evidentemente, a uma criança de onze para doze annos, que poderia ser apenas *moço fidalgo* e que ainda *nenhuns serviços* poderia ter prestado; o segundo serve para arredar a possibilidade de confusão resultante das desesperadoras homonimias.

Não tinha por tanto Nuno da Cunha apenas doze annos em 1505, mas era decerto rapaz muito novo, havendo nascido prova-

---

51 Epitafio a p. 445 da *Historia dos Conegos seculares,* do padre Francisco de Santa Maria.

52 Goes, *Cronica de D. Manoel*, parte II, cap. 24.

53 Barros, *Decada* II, liv. I, cap. I.

54 *Lendas*, I, 723.

55 *Chancellaria de D. Manoel,* liv. 19.º, fl. 43.

56 *Livro das tenças,* fl. 63, no *Archivo historico,* II, 112.

velmente em 1487; e não posso precisar mais o tempo do seu nascimento por ignorar a data, mesmo aproximada, do casamento de seus paes. Outro tanto porem não succede com D. Rodrigo Lobo, que tambem dirigiu trovas á Perigosa. Este não podia ter nascido antes de 1485, porque seus paes, os 2.os Barões de Alvito, casaram em agosto de 1483[57] e elle não foi o primogenito.

Admittindo que D. Rodrigo Lobo já aos dezasete annos dedicasse versos ás Donzellas da Rainha, temos que as trovas á Perigosa não podem ser anteriores ao anno de 1502, nem posteriores, no caso da primeira hipothese acima formulada, aos principios de 1504. Pode-se pois, neste caso, marcar o anno de 1503 para a composição das trovas.

Marcada a data, ficam immediatamente excluidas as tres primeiras Beatrizes de Vilhena: uma, por ser já fallecida; as outras, por serem já casadas e os versos evidentemente endereçados a uma rapariga solteira. Da mesma fórma, mas por motivo diverso, teremos tambem de pôr de parte a quinta e a sexta: a quinta, porque tendo seus paes casado em 1497, ou pouco antes, como logo direi, podia ter apenas seis para sete annos em 1503; a sexta, porque se ella já então andasse no Paço, dado que só com quinze annos de idade, seria quasi centenaria em 1583, anno em que ainda vivia, e teria casado aos quarenta e cinco annos, idade pouco propria para começar a procriar os oito filhos que os nobiliarios todos lhe dão. Fica-nos portanto só a filha de Rui Telles, a qual podia ter então quinze annos, porque seus paes haviam casado antes de 4 de julho de 1487[58], e ella foi a primeira das filhas[59]. Não é pois arrojado suppôr-se haver sido D. Beatriz a primogenita entre seus irmãos, porque no *Nobiliario* citado, bem como em todos os antigos, se nomeiam primeiro os filhos varões e depois as femeas; era o que importava para a ordem da successão nos vinculos.

Posto isto, sucedeu que da primeira vez que tratei do assunto, levado pela indicação, hoje impossivel de atinar onde encontrada, de haver o 1.º Conde de Portalegre sido poeta, preferi esta hipothese; e, collocando com certa difficuldade ainda assim a composição das trovas no anno de 1503, á filha de Rui Telles, mulher que

57 Liv. 2.º dos *Brasões de Cintra*, p. 424.

58 Data da carta de segurança das arras de D. Guiomar de Noronha, mulher de Rui Telles. *Chancellaria de D. João III*, liv. 20.º de *Doações*, fl. 136.

59 *Nobiliario quinhentista*, fl. 110 *v*. É um precioso auxiliar para esta especie de estudos, e por isso vou manda-lo imprimir.

veio a ser do futuro Conde do Vimioso, attribui a designação de Perigosa. Agora porem mudei absolutamente de parecer, porque uma informação ministrada pela minha copia do *Nobiliario* de Damião de Goes me levou a seguir outra direcção, e nella encontrei concordancia facil e perfeita em todos os dados cronologicos.

Em virtude d'isso posso hoje, pondo-me á moda, decretar em dictadura: o Conde de Portalegre, que entre outros poetas dirigiu trovas á Perigosa, foi o 2.º; ellas são muito posteriores ao anno de 1508, o mais remoto, como acima indiquei, em que se poderiam collocar; a Donzella da casa da Rainha designada pelo chistoso apodo, foi a filha de Rui Barreto; e fica revogada a legislação em contrario.

*

* *

Eram os Barretos familia nobre do Algarve, a qual se começara a illustrar em Gonçalo Nunes Barreto, de Loulé ou Silves, um dos escudeiros que em 1384 acompanhavam Nuno Alvares Pereira, quando Fronteiro da comarca ao sul do Tejo[60]. Foi Gonçalo Nunes á conquista de Ceuta em 1415, e lá ficou durante perto de tres annos capitaneando as gentes do Infante D. Pedro[61]. Tempos antes havia-lhe D. João I, em 1451 (anno do Nascimento de 1413), dado em troca pelo logar de Sernache a terra da Quarteira, no termo de Loulé, na qual foi instituido morgado[62], ainda possuido por descendentes seus no ultimo quartel do seculo passado.

Rui Barreto, bisneto deste Gonçalo Nunes, succedeu em 1490 na casa de seus maiores por fallecimento de seu pae Nuno Barreto, Alcaide-mor de Faro[63]; a qual comtudo só lhe começou a ser confirmada em 1496[64], devido provavelmente á sua menoridade

---

60 Fernão Lopez, *Chronica de D. João I,* parte 1, cap. 159 da edição do *Archivo historico.*

61 Azurara, *Chronica do Conde D. Pedro,* passim.

62 Pegas, *De exclusione... maioratus,* 1, 7.

63 «D. Leonor, molher que foi de Nuno Barreto, alcaide mor que foi de Faram», haja doze mil reaes de tença de janeiro de 1491 em deante. Evora, 4 de agosto de 1490. *Chancellaria de D. João II,* liv. 16.º, fl. 37.

64 Por carta de 26 de março de 1496 foi confirmada a Rui Barreto, «fidalgo da nossa casa», em successão a seu pae Nuno Barreto, alcaide-mor de Faram, a dizima nova e velha do pescado do porto e rio de Farrobilhas e os direitos reaes do dito porto e da Quarteira. Por outra de 22 de junho de 1497 foram-lhe confirmados os privilegios para vinte e quatro lavradores da sua terra da Quarteira. *Guadiana,* liv. 5.º, fl. 108 *v* e *Chancellaria de D. Manoel,* liv. 11.º, fl. 18 *v.*

(ainda era moço fidalgo em 1484 [65]), sendo tambem aquelle o motivo por que só na carta de 28 de maio de 1498, pela qual é nomeado capitão de Faro, apparece intitulado alcaide-mór d'aquella villa [66]. Entretanto nestes tempos estava já casado, como veremos.

Em 1513, por carta de 15 de março, sendo já do Conselho, foi Rui Barreto nomeado vèdor da fazenda do Algarve com amplos poderes [67], e em agosto partiu na armada da empresa de Azamor, levando o cargo de capitão e governador da cidade [68]. De feito, realizada a conquista, lá ficou Rui Barreto com o governo da praça até maio do anno seguinte, em que voltou para o reino [69], recebendo então, em premio de seu serviço, uma tença de sessenta mil reaes por carta de 14 de outubro d'esse anno [70]. Outra vez tornou a Africa em 1516, levando doze caravelas de soccorro a Árzila então cercada pelo Rei de Fez [71], e nesta occasião foi-lhe gratificado o serviço com outra tença de vinte mil reaes [72]. Depois d'isto parece ter passado sossegadamente o resto dos seus dias no Algarve, entretido na administração da sua fazenda propria e da regia da provincia. Ainda vivia em outubro de 1521 [73]; era porem já fallecido a 31 de julho do anno seguinte [74].

---

65 Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, II, 181.

66 *Chancellaria de D. Manoel*, liv. 31.º, fl. 34 *v*.

67 «Damos a Rui Barreto por provedor e contador do reino do Algarve, pela maneira por que até ora foram João de Bairros e Diogo de Bairros seu pai, e Rui Valente a que Deos perdôe, e isto com nome de vèdor da nossa fazenda, e assi e na maneira que o era João Rodriguez de Sá, que Deos perdôe, da nossa cidade do Porto e ora é Francisco de Sá seu filho». *Chancellaria de D. Manoel*, liv. 42.º, fl. 39 *v*. — Por esta occasião largou vinte mil reaes de uma tença de vinte e seis mil que tinha, como consta da carta de padrão dos seis mil restantes, a qual foi passada em Evora a 2 de abril do mesmo anno. *Ibidem* fl. 41.

68 Goes, *Chronica de D. Manoel*, parte III, cap. 46.

69 *Ibidem*, cap. 51.

70 *Chancellaria de D. Manoel*. liv. 25.º, p. 25 *v*.

71 Goes, *Chronica*, parte IV, cap. 5.

72 Carta de 3 de março de 1516. *Chancellaria de D. Manoel*, liv. 25.º, p. 25 v.

73 Mandado de pagamento de sua moradia de 4:286 reaes por mês, de cavalleiro do Conselho. Lousada, *Sumarios*, I, 460.

74 Data da carta de confirmação de cem mil reaes de tença a seu filho Nuno Rodrigues Barreto, para começar a haver do 1.º de janeiro d'esse anno de 1522 em deante. *Chancellaria de D. João III*, liv. 51.º de *Doações*, fl. 171 *v*.

Havia Rui Barreto casado com D. Branca de Vilhena, filha de Manoel de Mello, Alcaide-mor de Olivença e capitão de Tanger, que fallecera em 1493[75], e de sua mulher D. Beatriz da Silva. O casamento já estava effectuado em outubro de 1497, como consta da carta de 31 d'aquelle mês pela qual D. Manoel mandou segurar por certas rendas reaes as arras promettidas a D. Branca por seu marido[76]. Do matrimonio foi, se não o primeiro fruto, certamente o segundo, D. Beatriz de Vilhena[77], que portanto veio a nascer nos ultimos annos do seculo xv, no de 1498, talvez.

Muito nova entrou a servir na casa da Rainha D. Maria, onde comtudo não creio se encontrasse já em 1512, porque, representando Gil Vicente nesse anno deante de D. Manoel a farça do *Velho da orta* e nomeando nella as doze damas da Rainha, não incluiu no numero a D. Beatriz de Vilhena [78].

Á sua entrada no Paço foi logo recebida com louvores: «De dõ Pedro d'Almeida aa senhora dona Briatiz de Vylhana que começava entam de servyr:

De quanto mal se m'ordena
para ter melhor desculpa
olhay antes minha culpa,
senhora, que minha pena.
E por isso do que faço,
e hynda que faça mays,
nam quero que me devais
mais, qu'aas culpas em que jaço.
Leyxo o mal que se m'ordena,
porque tem boa desculpa;
mas olhay me minha culpa
em pago de minha pena» [79].

A este poeta palaciano seguiu-se outro, no qual a belleza de D. Beatriz de Vilhena fez impressão profunda. Foi elle D. Diogo de Noronha, filho do 1.º Marquês de Villa Real: «De dom Dio-

---

75 Epitafio na igreja dos Loios de Evora, lido por mim em 1901.

76 *Chancellaria de D. Manoel*, liv. 31.º, fl. 64 *v*.

77 «Rui Bareto... ouve estes filhos .s. nuno roiz bareto e francisco bareto que he mãsebo solteiro e dona breatis de vilhana molher de dõ amrique de meneses, etc.» *Nobiliario quinhentista*, fl. 223 *v*.

78 *Obras*, fl. 205.

79 *Cancioneiro*, fl. 183, col. 5.ª

guo a hũa guedelha de cabelos que vyo ha señora dona Briatys de Vilhena:

Cabelos de fremosura
que me tanto namoraram;
ditosa minha ventura
que sereys a sepultura
dos olhos que vos olharam.
Ho lembrança assy presente
em minha triste memoria
achada por açidente!
mal de que sam tam contente
que me fica por vitoria.
E pois com isto se cura
os danos que me causaram
vossa nova fremosura,
alta foy sua ventura
dos olhos que vos olharam» [80].

D. Diogo era já casado havia mais de dez annos, e era reincidente em se apaixonar, esquecendo os laços do matrimonio, o que já lhe valera os motejos de Pero de Sousa Ribeiro nas trovas, anteriores a 30 de setembro de 1506 [81], que dirigiu a certos casados «que andavã d'amores» (fl. 171, col. 6.ª). Prestava porem então D. Diogo culto a outro idolo, a cuja mãe já Pero de Sousa, provavelmente tambem em trovas, «emfadara», como sem respeito pelos seus cabellos brancos lhe desfecha D. Diogo na replica á satira (fl. 173, col. 1.ª).

Tantos louvores acolheram D. Beatriz de Vilhena na sua entrada no Paço, que a tornaram vaidosa. Ao mal quis acudir outro casado, Simão de Miranda, poeta tambem da velha guarda, dirigindo uma cantiga «aa senhora dona Briatyz de Vilhana acõsselhandolhe que sse goarde de soberba e desprezar ninguẽ:

Fortuna, sortes, maao fado
sempre vem pola soberba,
ou por quem muyto despreza
qualquer malaventurado.
Da soberba vem cahyr
do mays alto no mays fundo,
goardesse quem neste mumdo
folgua mal de bem ouvyr.

---

80 *Cancioneiro*, fl. 86, col. 4.ª

81 A estas trovas alguem respondeu pelas «Donzellas da Ynfante» (fl. 173, col. 3.ª). Esta Infanta era D. Beatriz, mãe de D. Manoel, a qual morreu a 30 de setembro de 1506.

Quem cahyr neste pecado
nom sse fye em gentileza;
porque, quẽ muytos despreza,
seu valer he desprezado»[82].

Outros poetas vieram em ajuda do já maduro cortesão; mas a travêssa Donzella, rindo-se d'elles de sociedade com sua grande amiga D. Joana de Mendoça, entregou-lhe o papel, e á noite, no serão do Paço, apresentou-se esta, mettendo a caso a bulha, com a cantiga espetada no cabello. Não era repentista Simão de Miranda, mas no dia seguinte saiu-se graciosamente da zombaria com estas trovas:

Seja a cantiga adorada,
senhores, que o nam mereça;
nam ela, mas a cabeça
onde ontem foy mostrada.
Esta nam teraa pecado
d'enveja nem de soberba,
pois nam pode a natureza
dar lhe mais do que lhe é dado[83].

Posterior a estes deve ser, por nelles nenhuma allusão se encontrar ao galante epiteto, o rifão «de dom Dioguo filho do Marquês aa senhora dona Briatiz de Vilhana a que ele chamava a Periguosa:

Nã sespera outro rremedio,
de quem vyr a Periguosa,
senam vida dovidosa.
Aquisto milhor me vem
que mal que nam faz mudãça,
nam ter nenhũa esperança
este soo descansso tem.
Nam espere outro bem,
quem já vyo a Periguosa,
senam vida duvidosa»[84].

Com outras voltas ao rifão vieram muitos poetas; até outras Donzellas intervieram no certame poetico, não se mostrando invejosas dos louvores dirigidos á sua companheira. Foram ellas

---

82 *Cancioneiro*, fl. 153, col. 2.ª
83 *Ibidem*, fl. 153, col. 3.ª
84 *Ibidem*, fl. 147, col. 2.ª

D. Joana de Mendoça, a futura Duquesa de Bragança, e D. Maria de Bobadilha que veio a casar com o Camareiro-mor D. Bernardo Manoel.

E agora, voltando por um instante a D. Alvaro de Abranches, para mostrar que elle era mais feito para correr atrás de Mouros que de Musas, porei aqui as trovas por elle dirigidas á Perigosa:

Isto se me deve crer,
pelo que tenho ssabydo
depoys de tanto ssoffrido,
que me faz tam triste sser,
quanto ledo sser perdido:
Polo qual he mor rremedio
morrer pola Periguosa,
que ter vida dovidosa [85].

Aqui terminam, com a impressão do *Cancioneiro* em 1516, as noticias que temos da alegre mocidade da Perigosa, da qual, dentro em poucos annos senhora casada, apenas sabemos o que alguns documentos nos revelam.

Ainda estava no Paço em 1517, quando a Rainha D. Maria morreu, e recebia então dez mil reaes de moradia como dama [86].

Tres annos depois tratava-se do casamento de D. Beatriz de Vilhena com D. Henrique de Meneses, filho segundo do Conde Prior. Para aquelle effeito doou o Conde a seu filho duas tenças no valor total de setenta e cinco mil e seiscentos reaes, as quaes foram confirmadas a D. Henrique por cartas de 28 e 30 de março de 1520, para começar a receber ambas as pensões do 1.º de janeiro futuro em deante [87]. D. Manoel tambem concorreu para o casamento, dotando ambos os conjuges: D. Henrique, com quatro mil coroas, de cento e vinte reaes coroa, das quaes lhe mandou pagar o segundo terço, na importancia de cento e sessenta mil reaes, por alvará de 9 de maio de 1520; D. Beatriz, com duas mil coroas das quaes, na mesma data, lhe mandou pagar os oitenta mil reaes do segundo terço [88]. Por sua parte tambem concorreu Rui Barreto, traspassando na filha uma tença graciosa de sessenta mil reaes, pela qual D. Manoel deu a D. Beatriz

---

85 *Cancioneiro*, fl. 148, col. 4.ª
86 Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, II, 375.
87 *Chancellaria de D. João III*, liv. 70.º, de *Doações*, fl. 67.
88 Lousada, *Sumarios*, III, 889.

setecentos e vinte mil reaes por mandado de 26 de junho do mesmo anno [89].

Em 9 de maio de 1520, quando foram passados os dois referidos alvarás, já D. Beatriz era casada, tendo-se portanto effectuado o matrimonio entre este dia e o de 30 de março anterior.

D. Henrique de Meneses, «por nisso comprazer a seu pai se deu aos estudos das Artes liberaes, Canones e Leis, mas como a inclinaçam natural o convidasse mais a côrte e exercicio da guerra, que ao das letras, resoluto de nisso imitar seus antepassados, depois de ter feito curso de seus estudos, e ser nelles bem instituido, os deixou e andou no paço em trajo secular como seus irmãos [90].

Foi D. Henrique, sem duvida, homem respeitado e considerado no seu tempo, pelo seu caracter e saber. Serviu em 1513 na tomada de Azamor; exerceu o governo de Tanger em 1521; e partiu como Embaixador extraordinario para Roma, onde chegou nos principios de 1534. De lá voltou, limpo da hedionda corrupção então reinante na Curia, em 1536, trazendo a bulla de 23 de maio que estabelecia definitivamente a Inquisição em Portugal.

Conta-se que, estando em Roma, lhe dissera um dia o Embaixador de Castella: — «Todos os Castelhanos dizem bem uns dos outros, e pelo contrario os Portugueses». — Ao que logo D. Henrique de Meneses acudiu: — «Senhor Embaixador, todos mentem».

De regresso ao reino foi dentro em alguns annos nomeado Governador da Casa do Civel por carta de 18 de novembro de 1540 [91], alto cargo no qual o veio colher a morte antes de 15 de julho de 1547 [92].

D. Beatriz de Vilhena ainda viveu mais alguns annos.

Por carta de 16 de março de 1548 foi-lhe dado padrão dos setenta e cinco mil e seiscentos reaes de tença, os quaes, em desconto do seu dote e arras, lhe couberam na partilha dos bens do marido [93]. Em 1553 veio a terrivel morte surprehender, arras-

---

89 Lousada, *Sumarios*, III, fl. 888.

90 Goes, *Chronica de D. Manoel*, parte IV, cap. 77.

91 *Chancellaria de D. João III*, liv. 40.º de *Doações*, fl. 237.

92 Data da carta geral de vinte moios de trigo de tença a sua viuva, para haver nas jugadas de Santarem do primeiro de janeiro passado em deante. *Ibidem*, liv. 15.º, fl. 103.

93 *Ibidem*, liv. 53.º, fl. 59.

tando para a sepultura ainda não relativamente velha, aquella que pela sua especial formosura merecera a designação de Perigosa. Por carta de 15 de dezembro d'esse anno foi concedida a D. Francisco de Meneses, «fidalgo de minha casa», carta de padrão da metade dos taes setenta e tantos mil reaes de tença, que elle herdara por fallecimento de sua mãe e que começaria a cobrar do 1.º de janeiro do anno seguinte em deante [94].

A representação de D. Beatriz de Vilhena estava tambem, por coincidencia curiosa, no ultimo Marquês de Vagos, como descendente de Diogo da Silva, senhor d'aquella villa e Regedor da justiça da Casa da Supplicação, e de sua mulher D. Margarida de Meneses, filha que veio a ser herdeira por fallecimento de seus quatro irmãos na batalha de Alcacer-Kibir, de D. João Tello de Meneses, filho primogenito da Perigosa, senhor de Aveiras e um dos Governadores do reino em 1580.

§ 3.º

D. GUIOMAR DE MENESES

Duas donzellas deste nome se encontram mencionadas no *Cancioneiro*. Uma, a quem D. João de Meneses, andando de amores com ella juntamente com o Prior do Crato, dirigiu uma cantiga [95], escrita, provavelmente, ainda em tempos de D. João II e, seguramente, antes da partida, em 1501, do Prior para Rodes, onde permaneceu por alguns annos [96], voltando já velho de mais para se arriscar a alardear amores. A outra, a quem, pelos annos de 1508 a 1512, dedicaram trovas e fizeram referencias varios poetas palacianos, e entre elles D. Alvaro de Abranches.

Era esta D. Guiomar de Meneses filha de Duarte Galvão, secretario que fôra de D. Affonso V, do seu Conselho e do de D. João II e D. Manuel, pessoa bem conhecida pelas suas embaixadas a paises estrangeiros, numa das quaes morreu em 1517, e pela compilação das cronicas antigas dos Reis de Portugal, das quaes uma, a de D. Affonso Henriques, chegou a ser impressa em 1726. Casou Duarte Galvão pela segunda vez, em 1486, com D. Caterina de Sousa, filha de João Rodrigues de Vasconcellos,

---

94 *Chancellaria de D. João III*, liv. 53.º *de Doações*, p. 59.

95 *Cancioneiro*, fl. 17, col. 6.ª

96 Goes, *Chronica de D. Manoel*, parte I, cap. 51; Figueiredo, *Nova Malta*, III, 91.

do Conselho, senhor de Figueiró e Pedrogão[97], e deste casamento foi a primeira das filhas D. Guiomar de Meneses, que portanto poderia ter nascido, o mais cedo, em 1487.

Entrou D. Guiomar para o Paço como donzella da Rainha D. Maria[98], e já lá se encontrava no anno de 1508, no qual, a 12 de maio, na malograda investida de Azamor, morreu um dos poetas seus apaixonados. Era elle Tristão Fogaça, filho doutro poeta, João Fogaça, e irmão de Simão Fogaça, futuro marido da Donzella[99], e viera, com muitos outros, em ajuda a estas trovas «de Symão de Sousa aa senhora dona Guyomar de Meneses»:

> Vossa graça e pareçer
> vay, senhora, de maneyra
> que deve, quem quer vyver,
> de fazer por vos não ver,
> ahynda qu'ele nam queyra.
> E deve sse d'entender
> em quem vos não tenha visto;
> porque, depoys de vos ver,
> nam se pode fazer isto.
> Que quem vos bem conheçer
> e vos vyr, que Deos nã queyra,
> nam pode leyxar de sser
> vosso em quanto vyver,
> nem vyver doutra maneyra[100].

---

97 O contrato do casamento foi assinado em Figueiró dos Vinhos a 19 de julho de 1486 (Doc. XII em Sousa Viterbo, *Duarte Galvão e a sua familia*). Nesta escritura ainda aparece Duarte Galvão intitulado secretario; seriam porem apenas honras que lhe ficaram, porque na effectividade do cargo, para que fôra nomeado por carta de 20 de fevereiro de 1480 (liv. 32.º *de D. Affonso V*, fl. 71 v.), se encontrava investido Affonso Garcês. Do primeiro casamento de Duarte Galvão, realizado por coincidencia com outra senhora tambem chamada Caterina de Sousa, proviera uma unica filha, D. Isabel de Albuquerque, mulher que veio a ser de Jorge Garcês (*Nobiliario quinhentista*, fl. 228), filho daquelle Affonso Garcês e seu sucessor, ainda em sua vida, no oficio de secretario, por carta de 16 de fevereiro de 1496 (liv. 26.º *de D. Manuel*, fl. 12 v.). Jorge Garcês já era finado em 6 de outubro de 1508 (*ibi*, liv. 5.º, fl. 36).

98 Consta haver sido Donzella da Rainha por um alvará de 30 de março de 1512. Doc. XXV da obra cit.

99 Damião de Goes, no cap. 27 da II parte da *Chronica de D. Manuel*, menciona, entre os falecidos nesta jornada de Azamor, a Simão Fogaça; é porem erro, não só porque Simão sobreviveu muitos annos áquelle desastre, mas porque todos os nobiliarios são concordes em dizer que o morto foi seu irmão Tristão. Cheguei a supôr erro de impressão, mas não é, porque elle tambem se encontra na copia ms. da *Chronica*, mandada fazer pelo proprio autor depois das alterações impostas pela censura, e por elle depositada na Torre do Tombo.

100 *Cancioneiro*, fl. 153, col. 3.ª

Vieram em ajuda, com voltas ao rifão, o Commendador-mór de Avis, que era D. Pedro da Silva; o 2.º Barão de Alvito, D. Diogo Lobo; o Conde do Vimioso, D. Francisco, ainda então não investido no condado; D. João de Castel-Branco, Alcaide-mór e Commendador de Castello Branco, fidalgo de vida muito aventurosa; Luis da Silveira, futuro Conde da Sortelha; Simão da Silveira, seu irmão; o «Craveiro», D. Diogo de Meneses, Claveiro da Ordem de Christo; Manuel de Goios, capitão da Mina em 1510; Garcia de Resende então ainda apenas escrivão da camara real; Tristão Fogaça, e D. Alvaro de Abranches.

Ao serviço da Rainha continuou D. Guiomar de Meneses; não se encontrava todavia no Paço na primavera de 1510. Revela-nos o facto, com um pormenor interessante, Garcia de Resende nas trovas que de Almeirim, onde então estava a côrte, dirigiu a Manoel de Goios, ao tempo capitão na Mina, trovas a que já lá acima, no § 1.º, aludi. Nellas se refere o futuro cronista á Donzella por este modo:

Dona Guyomar de Meneses
estaa fora, ha oyto meses,
do Paço, nũ moesteyro;
nũca mays ouve terreyro,
nem no baylar antremeses [101].

A estada no mosteiro seria talvez castigo, ou imposta penitencia, quando menos. «D. Guiomar de Meneses era senhora um tanto voluvel e caprichosa», pondera o meu erudito amigo dr. Sousa Viterbo, atentando nos documentos transcritos na sua já citada memoria sobre Duarte Galvão. Mas não era só isso: ella era muito formosa; trazia atrás de si numerosos adoradores; a cabecita, porventura um todo nada estouvada, começaria a sentir os efeitos das continuas adulações; impunha-se por tanto a necessidade dalgum tempo de reclusão e socego, dalguns sermões de velha tia freira. Pouco porem durou o encerramento, e apenas restituida D. Guiomar ao Paço tornou um dos seus antigos admiradores a celebrar a sua formosura.

Foi elle D. Francisco, futuro Conde do Vimioso, nas trovas remetidas para a Beira, a D. Rodrigo de Castro, por seu genro D. João Lobo, nas quaes lhe dá novas

das tres grãdes Guyomares [102].

---

[101] *Cancioneiro*, fl. 216, col. 1.ª
[102] *Ibidem*, fl. 82, col. 2.ª

As trovas foram escritas depois de junho de 1509, quando já estava concertado o casamento da filha de D. Rodrigo com D. João Lobo[103], e antes de dezembro de 1513 em que este fidalgo já era morto[104]. Foram até, precisando mais as datas, compostas entre março de 1510, depois do regresso de D. Francisco de Arzila, e igual mês de 1512, quando já estava contractado o casamento da Donzella da Rainha, como vamos ver.

Ao caso das tres Guiomares, para não alongar mais este capitulo, tornarei a referir-me em outra occasião.

Estava-se porem prestes a acabar para a Donzella da Rainha o bom tempo, alegre e despreoccupado da sua mocidade. Por alvará de 30 de março de 1512, já citado, foi feita mercê a Simão Fogaça, «fidalgo de nossa casa», casando com D. Guiomar de Meneses, donzella da Rainha e filha de Duarte Galvão, de umas terras da Corôa no termo da Azambuja, para as haver em toda sua vida depois da morte de seu pae, João Fogaça, que então as disfrutava. Trinta e tantos dias depois assinava-se o contrato do casamento.

Esta escritura é uma pagina do *Cancioneiro,* sem versos.

Foi ella celebrada a 5 de maio de 1512, em Lisboa, na pousadas do Conde Prior, poeta do *Cancioneiro,* estando presentes, como outorgante, alem de Duarte Galvão, João Fogaça, outro poeta, e como testemunhas o Conde e seu filho D. Henrique, o futuro marido da Perigosa. E d'entre a gente do *Cancioneiro* mais outro poeta nos aparece na escritura, por isso que nella ao pagamento do dote obrigou Duarte Galvão «as suas casas de sam Joham da Praça desta cidade, em que soya morar Jorge d'Aguiar que Deos aja[105]». Estas casas, onde morara o cunhado, eram, ao que parece, as proprias em que, ao tempo da escritura esponsalicia, residia Duarte Galvão, porque, no mesmo dia, nas suas casas a S. João da Praça, prestou sua mulher D. Caterina sua outorga ao contrato.

Quanto a Simão Fogaça pouco sei da sua vida.

Em 1523 já se lhe andava a confirmar a casa do pae[106], e por este documento citado sei que Simão Fogaça possuira umas casas

---

[103] *Chancellaria de D. João III,* liv. 42.º de *Doações,* fl. 70 *v.*

[104] *Chancellaria de D. Manoel,* liv. 15.º, fl. 18.

[105] Doc. XIX na cit. mem. *Duarte Galvão e a sua familia.*

[106] Carta de 27 de agosto de 1523 de confirmação de 108:600 reaes de uma tença e um foro. *Chancellaria de D. João III,* liv. 3.º de *Doações,* fl. 82 *v.*

em Lisboa, na rua Nova, a Santa Maria da Oliveira, alem doutras em que o pai habitara junto á porta do Ferro [107]. E o pouco mais revelado por outros documentos, ainda menos interessante é.

D. Guiomar de Meneses já estava viuva em 22 de março de 1540 [108], tornando d'então por diante a patentear o seu animo irrequieto. Tão depressa se queria recolher a um convento, como emprestava dinheiro sobre penhores, alienando-os e não podendo dar delles conta quando reclamados, como ainda sustentava encarniçado pleito com sua propria filha por via de uma escrava mulata. Estes episodios encontram-se desenvolvidamente narrados na interessante memoria já por veses citada do indefesso investigador o meu amigo dr. Sousa Viterbo.

Morava ultimamente D. Guiomar de Meneses em Lisboa, a Nossa Senhora da Graça, freguesia de S. Vicente, nas casas de um Alvaro Antunes, quando, sentindo-se doente e tanto que nem assinar pôde, mandou, em 22 de janeiro de 1566, fazer o seu testamento pelo cura da freguesia. Entretanto, apesar da gravidade do mal, ainda viveu perto de um anno mais, porque só a 3 de janeiro do anno seguinte foi o testamento aberto [109].

Não havia sido D. Guiomar de Meneses feliz com os dois filhos que os nobiliarios lhe assinam: um, João Fogaça de Eça, teve de se homisiar para Castella por se achar envolvido no caso do duelo de D. Antonio de Noronha com D. Hilario Coutinho, «que mansebo semdo desposado o matarão mal em hũ desafyo nesta sidade de Lisboa [110]»; a outra, D. Maria da Silva, depois de casada com Fernão da Silveira, senhor das Sarzedas, delle se divorciou por sentença fundada na inhabilidade do marido para o matrimonio [111].

---

107 «A mim enviou dizer Simão Fogaça, fidalgo de minha casa, que por falecimento de João Fogaça seu pai, a que Deos perdôe, ficaram umas casas nesta cidade, onde elle vivia, á porta do Ferro, as quaes se haviam de partir pelos herdeiros que eram, a saber: elle e duas irmãs suas, a qual uma dellas é viuva e morador na ilha da Madeira onde tem toda sua fazenda (D. Joana de Eça, futura Camareira-mór da Rainha D. Caterina), e a outra era freira professa em Santos, por onde nenhuma dellas tinha necessidade de viver nas ditas casas, etc.» Por alvará de 21 de novembro de 1524 concede-lhe El-Rei, que as casas se não partam e elle fique com ellas, pagando ás irmãs o valor dos seus quinhões no predio. *Chancellaria de D. João III,* liv. 36.º de *Doações,* fl 25.

108 Sousa Viterbo, *Duarte Galvão,* doc. XXII.

109 *Ibidem,* doc. XXIV.

110 *Nobiliario quinhentista,* fl. 70 v.

111 *Ibidem,* fl 126 *v* e com mais particularidades noutros nobiliarios.

Em seguida meteu-se freira no convento de Chellas, onde foi a ultima Prioreza perpetua, governando a communidade quarenta e dois annos, de 1547 a 1589 [112].

Aquelle Fernão da Silveira, filho e neto de poetas muito nomeados no *Cancioneiro,* os dois Coudeis-móres, poeta elle proprio, tanto que lhe chamavam o Poeta heroico, foi homem infeliz. O pai, com a complicidade del Rei D. Manuel, tirou-lhe parte da casa; a mulher moveu-lhe escandaloso processo. O desfalque nos bens compensou, vivendo socegadamente na sua terra das Sarzedas; o descredito marital reparou, casando segunda vez e deixando uma filha. É verdade que, ao apontar este facto, me ocorreram logo uns versos da Satira IX de Juvenal:

> Nullum ergo meritum est, ingrate ac perfide, nullum,
> Quod tibi filiolus vel filia nascitur ex me?

Não se daria o caso; e certo é que as vicissitudes padecidas não impediram o Poeta heroico de ter vida assás longa; porque, havendo nascido nos ultimos annos do seculo XV, só veio a ser enterrado no dia 27 de fevereiro de 1568, segundo encontrei em folhas dispersas de um livro de defuntos que desencadernado se guarda no cartorio da Misericordia de Evora.

(Continúa).

A. BRAAMCAMP FREIRE.

---

[112] Fr. Luis de Sousa, *Hist. de S. Domingos,* liv. I, cap. 26, emendando-se o erro, talvez de impressão, de dar ao pai de D. Maria da Silva o nome de João em vez de Simão.

INVESTIGAÇÕES ETHNOGRAPHICAS

I

O escrutinio secreto por meio de favas brancas e pretas no seculo XVI

«...tamto que asy todos forẽ nomeados tomarão tamtas fauas brancas quantas forẽ as pessoas que ouuerẽ de dar seus votos e out.as tamtas pretas e a cada huua das ditas pesoas darés huua faua br.ca e out.a preta e terés diamte de vós duas vasylhas de páo ou de barro com as bocas estreitas quanto bem posa caber huua mãao e loguo nomeando ẽ alta voz que todos ouçã huua das pesoas que esteuão nomeadas e cop.das no Rol dos vreadores e dirés como a dita pesoa nomeada pa vreador que plo juramento q̃. ja tem tomado se lhes parece q̃. a dita pesoa he auta pa o dto oficio que lancẽ ẽ huua das ditas vasylhas que lhes asynarés que he a da emleçã a faua branca e na out.a vasylha lançarã a faua preta. E que se lhes parece que a dita pesoa no he auta pa o dito oficio lançarã na dita vasylha da emleçã a faua preta e a branca lançarã na out.a vasylha as quaes fauas lançarã hum e hum tam secretam.te que nẽ vos nẽ o Juiz nẽ o esp̃vã vejaaes ẽ qual vasylha lançã a faua branca nẽ a preta...»

(Carta regia de D. João III, de 3 de janeiro de 1553, dirigida ao Senado da Camara de Elvas. Liv. II das *Proprias* da dita Camara, fl. 77).

II

Sobre os dóos pela morte de D. Filippe III (de Portugal)

«Dom Phelippe per graça de Ds Rey de Portugal e dos Algarues daquẽ, e dallem mar em Africa snor de Guine etc., faço saber a vos Juiz, Vereadores e Procurador da Cidade de Eluas, que Eu ey porbem, que p.a o acto do pranto q̃ aveis de fazer pella

morte de El-Rey meu S.or e pay que sancta gloria aja se vistão de dóo as pesoas seguintes *s.* o Juiz de fora, os quatro vereadores o Procurador do Conc.o ho Escrivão da Camr.a e a pesoa q̃ leuar a bandeira não sendo hú dos Vereadores, e o meirinho da Cidade, e tambem se darão vestidos ao Correg.dor e Prouedor da Com.ca e ao Juiz dos orfãos, e dous misteres do pouo, e a cada hua das sobreditas pesoas se darão treze couados da baeta de çem fios para capus, roupeta, e carapusa, e ao portr.o da Cam.ra oito couados p.a capa e roupeta, e todos se acharão prezentes com os ditos vestidos no dito acto do pranto que se fará como he costume, e se acharão tambem presentes com elles nas exçequias q̃ se ande fazer, e depois de feitos estes actos trarão os ditos vestidos, e com elles andarão o tempo q̃ for conveniente, e a baeta q̃ se comprar p.a os ditos vestidos será pello preço q̃ correr na terra, etc. etc.

(Carta regia de D. Filipe III (de Portugal), de 6 de maio de 1621. *Ibidem*, a folhas 215).

III

As Mancebias

Sobre as *Mancebias* da idade media, diz Guillén Robles na *Historia de Málaga y su provincia:* «En los repartimientos que hicieron los Reys Católicos á todas las personas que vinieron à la conquista de la ciudad de Málaga y se avecindaron en ella, tocó á Alonso Jáñez Faxardo, trinchante de sus altezas, las casas e sitios en que estaban las mujeres públicas de las ciudades de Ronda, Loja, Alhama, Marbella y de las demás ciudades que habian ganado, como Vélez, Malaga, Almería, Almuñécar, Guádix, Baza y Granada, y que pudiese hacer otras casas nuevas para ellas en sitios realengos, sin que ninguna justicia se lo pudiese impedir, y que estas mujeres le acudiesen con sus alquileres y demás, como sucedia en Sevilla, según más largamente consta en la real cédula despachada em Salamanca á 4 de Noviembre de 1486».

Presumo que igual exploração houve em Portugal. No tombo II dos *Bens e fazenda da Santa Casa da Misericordia de Elvas,* a folhas 201 *v.*, está registado um documento elvense do anno de 1568, em que se mencionam «umas cazas junto á Mancebia» — casas que hoje pertencem á rua dos *Curraes,* na extremidade meridional da cidade, freguesia da extincta sé d'elvas.

Sabendo-se que as *Mancebias*[1] eram situadas nas extremidades, ou nos arredores das povoações, e que constituiam recintos fechados por altas taipas e compostos de varias casas isoladas e separadas por palliçadas, temos talvez explicado o termo *Curraes,* por que ainda hoje é designada a rua em que a *Mancebia* de Elvas esteve provavelmente estabelecida.

IV

Os perdões pela Semana Santa

Os perdões concedidos pelos monarchas a alguns criminosos, por occasião da Semana Santa, tem um parallelo em um costume hebraico.

Costumavam as Judeus dar liberdade a um malfeitor por occasião da solemnidade da Pascoa, e este costume se introduziu entre elles (como diz Frei Pedro de Jesus Maria José, na *Mystica Cidade de Deus praticada em Meditações*) «como em memoria, e agradecimento da liberdade, que tal dia, como aquelle, havião alcançado seus Pays, resgatando-os o Senhor do poder de Faraó, degollando os primogénitos dos Egypcios aquella noite, e depois submergindo a elle, e a seus exercitos no mar vermelho. Por este memoravel beneficio fazião outros os Hebreos ao mayor delinquente, perdoando-lhe seus delictos, e castigavão outros, que não erão tão malfeitores; e nos pactos, que tinhão com os Romanos era condição que se lhes guardasse este costume, e assim o cumprião os Governadores».

V

Ladrões formigueiros (seculo XVI)

«Eu ellRey faço saber a vos Juiz de fora da çidade delvas que eu ey porbẽ e me praz poralgũs justos respeitos que me a jsto mouẽ que vos tireis por esta vẽz somente inquirição deuassa nessa cidade e seu termo sobre *ladrões formigr.os* a qual tirarẽis dos

[1] Sobre a significação e uso d'estas palavras vid. Moraes e Silva, *Dicc. da ling. port.*, s. v. «mancebia», onde cita varios textos antigos.

casos cometidos de dous ãnos a esta parte e preguntarẽis nella atee trinta testemunhas e mais não e acaballaeis de tirar dentro ẽ trinta dias do dia que a começardes e procederẽis contra os culpados como for just.ª dando apelação e agrauo nos casos ẽ que couber ·/. o que asy comprireis ·/. posto que este não seja pasado polla chamcellaria &. Lixboa a xij de dez.ro de 1558. — Raynha.

(A fl. 173 do liv. II das *Proprias* da Camara de Elvas. Archivo Municipal. — Cfr. Moraes e Silva, *Dic. da ling. port.*, s. v. «formigueiro (ladrão)».

VI

Superstições, crenças, usos e costumes alemtejanos

Quando se tem uma ferida grave, não se deve comer pão, e sim bastante arroz.

Não é bom dar-se sal, e quando se der deve ser com a mão esquerda, para não nos poderem fazer mal.

O cordão de ouro trazido ao pescoço evita a tristeza.

A Sereia era uma rapariga que andava sempre mettida na agua, e a mãe rogou-lhe esta praga: «Em peixe sejas tu feita!» E ficou peixe da cintura para baixo.

Quem, comendo azeitonas, encontrar tres d'ellas num pé só, deve rezar um padre nosso pelas almas.

É mau varrer a casa de noite; e, varrendo-se, não se deve deitar o lixo fora, porque se deita fora a fortuna.

Quando se offerecem lenços, rosarios, imagens de santos e outros objectos religiosos, deve-se receber 5 réis da pessoa a quem se offerecem, para não haver *apartamento*.

Em cantando os gallos de noite, todas as cousas se espalham. E os que teem mais *virtude* são os gallos pretos.

As estacas de plantas e arvores que pegam melhor, e que melhor florescem e frutificam, são as roubadas.

Por occasião do casamento, a vela do altar que estiver mais amortecida do lado de um dos noivos, indica que é esse que deve morrer primeiro.

Se os noivos ouvirem ler os pregões na igreja, serão muito infelizes no casamento. Tambem serão infelizes se casarem por procuração.

Para a moça solteira saber quantas vezes ha de casar, tira a casca inteira a uma laranja, e atira essa casca para detrás das

costas. Quantas vezes ella se partir, tantas vezes ha de casar. Se não se parte, ficará solteira.

Crêem que a vantagem dos pobres sobre os ricos é terem os primeiros a preferencia no ceu. E explicam: Sempre que morre um rico, morre um pobre, e o pobre vae a cavallo no rico para o outro mundo. Chega á porta do ceu e bate. Abre S. Pedro, e diz: Quem está ahi? — Está um pobre a cavallo num rico. — Entre o pobre, diz S. Pedro, e a cavalgadura que vá para a cavallariça.

Para afastarem os passaros das *sameadas* (sementeiras), ainda nalgumas localidades ajustam rapazes a 40 e a 60 réis por dia. Os rapazes gritam, apedrejam a passarada e cantam:

Passarinhos,
Ao monte ao monte,
Que este campo tem fel
E o do vizinho mel.

Pelo S. Miguel (29 de setembro) é que os lavradores ajustam os seus criados. D'aqui o proverbio:

Quem se ajusta pelo S. Miguel
Não se senta cada vez que quer.

Ao deitarem sal na agua para a amassadura do pão, dizem:

Em louvor de S. Gonçalo,
Que não saia *ensolso,* nem salgado.

Quando a comadre, ao vir da igreja, entrega á mãe o filho baptizado, é costume dizer:

Levei-o amoirado,
Trago-lh'o baptizado.

Quando pela primeira vez se lavam os recemnascidos, fazem-lhes com a mão uma cruz nas costas, e dizem:

Eu te benzo,
Com esta cruz,
Eu a lavar-te,
E o Senhor a abençoar-te.

Agarra o pão, agarra o pão, dizem ás crianças quando caem, para evitar o chôro.

É mau lavar as mãos em agua em que outrem as lavou; mas *quebra-se o mal* cuspindo-se na agua.

Na casa onde apparecem muitas carochas, ha dinheiro enterrado.

A roca deve ficar espiada todas as noites, porque senão os defuntos veem acabar de espiá-la.

Para ajudar a morrer os que estão em agonia, rezam-lhes á cabeceira a *Oração do Anjo Custodio.*

É mau varrer os pés a qualquer pessoa solteira, porque não casará.

As mulheres gravidas, para que os filhos tenham bonitos olhos, comem tremoços.

Para o cão ter amizade ao dono, deve este abrir-lhe a boca e cuspir-lhe dentro.

Quando entra um enxame de abelhas em casa, é signal de desgraça.

Atar as meias com as ligas, ao deitar, não é bom, porque se apertará o coração de quem assim o fizer.

As folhas da oliveira, deitadas no lume, se encaracolam e estalam, é signal de que a pessoa por quem se deitaram nos quer bem; se ardem quietas, é porque nos quer mal.

Nos trabalhos da monda, quando qualquer rapariga deseja saber se o seu *rapaz* lhe quer bem, colhe uma espiga de centeio, mette-a na bocca e ahi a conserva por algum tempo. Se a espiga *florece* (abre) é feliz; não *florecendo,* é desgraçada.

Vestir, sem querer, roupa do avesso, é signal de presente. E tambem signal de presente é ouvir bater á porta da rua com o pé; e explicam: porque a pessoa que bate vem com as mãos occupadas.

Quando a agua que se bebe está fria, é porque não adivinha outra (i. é, não choverá).

As osgas desovam no sal, e por isso é bom ter dentes de alho na vasilha do sal, para as afugentar.

O sangue, que não desapparece, quer no chão quer na parede, de qualquer pessoa que foi assassinada, está a pedir justiça.

A quem conta as estrellas nascem verrugas nas mãos.

Quando ha morte em casa, despejam toda a agua de beber que ha nos cantaros, porque a alma do defunto foi lavar-se nella.

Para feitiço: Mette-se um sapo numa panela, que se tapa com uma rolha de cortiça. Á proporção que o sapo se mirra, mirra-se a pessoa por cuja intenção o sapo foi deitado, e morre quando este.

A mulher gravida não deve trazer objecto algum ao pescoço, porque, trazendo-o, nascerá a criança com o signal d'esse objecto no corpo.

Não é bom deitar para a rua o cabello, que caiu, ao pentear-se a mulher, sem nelle cuspir tres vezes, para que não possam fazer-lhe mal.

S. Longuinhos é advogado da vista. Era cego, e quando foi da lançada dada no lado esquerdo do peito de Nosso Senhor, o sangue e agua caiu-lhe nos olhos e ficou com vista.

É mau beber agua tendo uma luz na mão, porque darão *accidentes*.

Quando as nozes apparecem nas arvores ás pinhotas, é signal de muitos casamentos nesse anno.

Quando o lume está *a ralhar*, estão a dizer mal da gente. Para atalhar esse mal, dizem:

Tanto fales na minha vida,
Que se esqueça a tua pela minha.

O gato deve vir para casa mettido num saco e com cinco dentes de alho. Se vem assim, acostuma-se.

Quando a criança, na occasião de ser baptizada, não chora, é signal de que morrerá cedo.

Não se deve ter a cama collocada de maneira que os pés fiquem para o lado da porta da rua, porque isto indica morte proxima de quem nella se deita.

Quando passa um enterro devemos levantar-nos, quando não morremos cedo e sem sacramentos.

Quando a criança vem da igreja, depois do baptismo, é bom deitar-se na cama e cobrir-se com a capa do padrinho, para ser mansa.

É mau ter rolas em casa. As rolas quando cantam dizem:

Põe-te na rua...
Põe-te na rua...

Quando andam em *busca de casas* para habitar, olham para os paus do tecto e contam-n'os, dizendo: *beber, comer, fugir*, e vão repetindo; se ao ultimo pau couber *beber* ou *comer*, hão de ser felizes na casa, mas se couber *fugir* não a alugam nem por um decreto. Tambem em vez de *comer, beber, fugir*, dizem: *ouro, prata, mata*.

Não se deve embalar o berço quando a criança não estiver nelle deitada, porque se torna má.

Não é bom collocar o candieiro acceso no chão, porque morrerá o dono da casa.

Se no baptismo o padre mette pouco sal na boca da criança, será esta de mau paladar.

Não é bom enxugar ao sol a roupa molhada de suor, porque se secca para sempre este no corpo da pessoa a quem pertence a roupa, e, como nunca mais súa, não pode gozar saude.

Á mesa de jantar é mau estar com a cabeça coberta.

Á criança de peito não se devem mostrar espelhos, porque fica muda.

Na noite do casamento, aquelle dos noivos que no quarto apaga a luz, é quem ha de morrer primeiro.

Quando uma criança morre com os olhos abertos, leva atrás de si a pessoa que mais lhe queria.

Não é bom morar em casas que tenham madre de madeira de cypreste, porque se gozará pouca saude.

Tambem é mau habitar casas que fiquem de esquina:

Casa de esquina,
Ou morte, ou ruina.

O domingo do Espirito Santo (Pentecostes) é festejado na igreja de S. Domingos (Elvas) com missa cantada e a grande instrumental; e, ao levantar a Deus, o sacristão lança sobre os fieis flores desfolhadas. No fim da missa distribuem ás pessoas mais consideradas ramilhetes de flores abençoados pelo sacerdote.

É de uso, ao recolher qualquer procissão religiosa, os membros principaes da respectiva confraria reunirem-se na sacristia da igreja e tomarem o *copo de agua* — isto é, vinho e doces. (Vestigio dos *bodos* nas festas dos santos?).

A. Thomaz Pires.



Tant est li fols pueples muables,
qu'en veines choses nunverables
unt lur creance e lur espeir.

Marie de France, *Fabeln*, ed. de K. Warnke
Halle 1898, n.º xliii, vv. 18–19.

O GUINÉENSE

(Vid. *Revista Lusitana,* VII, 268–282 [1])

CAPITULO IV

TEXTOS EM PROSA E VERSO

De posse de bom numero de originaes, estacámos muito tempo perplexos na escolha de textos a publicar; pois tudo nos parecia tão bom! Lembrando-nos, porém, que, quanto mais se escolhe entre tantas cousas boas se acaba sempre por se escolher o somenos, lançámos sortes, e sairam-nos d'este primeiro lance:

Os gulotões.
«Alma biafada».
Uma volta de fortuna.
O naufragio da serpente.
As Calambas de Augusto.
Fatandin, ou o pae Sará.

Como este e outros curiosissimos originaes, e por todos os motivos interessantes, estão feitos em dialecto português, pedimos escusa de os verter á letra.

Não é só por serem portugueses aquelles originaes, que toda a gente comprehenderá; mas, por que desadoramos essa maneira de traduzir, que nos põe na alma uma sensação fria de cousas mortas, como um ramo de flores opulentas, que, por ter sido cortado e esmagado num herbario para museu de estudo, perdeu o seu aroma, o seu sabor, as suas côres, e até o seu feitio. Julgamos, pois, sufficientes umas singelas notas sobre alguns pontos e uma interpretação livre... o que não quer dizer que fugimos ás reaes difficuldades de traducção para as esferas da fantasia

[1] [Na *Rev. Lusitana,* VII, 268, saiu, por erro de imprensa, «*O Guineense* (conclusão)», em vez de «*O Guineense,* III, *Vocabolario português-guineense* (conclusão do Vocabulario)». Cfr. *Rev. Lusitana,* VII, 81 e 166. — J. L. DE V.]

como o autor que disse e deixou escrito que, *ah! meu Deus!* no dialecto de Cabo Verde, é... «ah! canadja»! Pelo contrario; havemos de pôr todo o empenho não só em fazer sobresair a ideia justa do vocabulo, e sublinhar a frase na sua mais exacta comprehensão, mas ainda teremos o cuidado de nos aproximarmos do rithmo, do metro e da forma ao sabor indigena, sem nos preoccuparmos demasiado com as formas e o genio da lingua mãe.

Quanto ás cryptinas, essas... que, por singular instincto de pudor (que lição! e que surpresa!) são sempre em linguas do país, á maneira de uma boa capa com que o contista ou a cantadeira costuma cobrir as reverendissimas vergonhas dos seus paes, — não estamos resolvidos a mexer nisso, quero dizer, nessas reverencias, para não parecermos menos decentes.

Segue o primeiro texto, que é uma transcripção de Manoel Marques de Barros [1] que lhe deu o tinulo de:

TRIS GOLÓS

«Er, er [2]. Erabá certo. Faládo cumá i temba tris homes [3] golós, toróque [4] e passa; abasta [5] kê [6] ca tem minjer [7] i faci cu golojessa toróque pubis junta, é cercá és de morança, é bá mora na mato. Um dia é bá passiá, ocha [8] ké nariba, é ôjá um santamaria [9] de pé

---

[1] Manoel Marques de Barros é natural da Guiné, e foi por muitos annos empregado na Secretaria Geral do Governo da provincia. Resente-se a sua demorada convivencia com os funccionarios oriundos do reino e de Cabo Verde nos lapsos de caboverdeanismos e portugnesismos, quando escreve; comtudo é de todos os meus collaboradores o que traduz melhor — orthographia á parte — «o baixo crioulo» do povo chamado grumete. O seu estilo é mais de Bissau que de Bolama, com affectação do accento Mandinga que é predominante.

[2] «Tris» (port.) por *terês.*

[3] Os contos começam quasi invariavelmente por «Era uma vez...». Porem, o contista apenas profere a primeira palavra «Era... era...», a sondar se os circunstantes estão dispostos a ouvi-lo. Se estes respondem sacramentalmente, *Era-ba certo,* o contista prosegue dizendo: *Falado,* ou outra frase parecida.

[4] «Taróque» ou *torroque e' passà:* 'te ora que, até a hora de, ou ao ponto de passar [ao excesso].

[5] «Abasta» (port.): *abasta* [dizer] que por isso.

[6] «Ké», *qé, qu'é:* que elles.

[7] «Minjer». O j = sempre a dj = ǰ, dž (Dr. Schuchardt).

[8] «Ochá» o ch = x̌, č (Dr. Schuchardt).

[9] «Santa Maria»: enorme; extenso; interminavel com uma ladainha. Toma-se a parte pelo todo.

de cabacera[1] cu pade toróque se fijos na conconhi[2]. Um dés sibi, i na rebenta[3] cabacêra i na bota par bás, se cumpanheres na cojé. Naquél[4] cabaceras qui i tira[5], un râchá; se cumpanheres cabá tirá nam[6] um cuco i[7] falá es: Cabó[8] cumé ante de inria[9], bó tá cabá nan cumuçá[10] cumé intá da-bôs pontapé cubó ta fórnhá. I cabá ojá és na cumé e sacudi pé par des[11] pontapé, i cai lud[12], e mûre. Se cumpanheres fálá: Quinhon de tris já fica par dus. Um dellis[13] ochá qui[14] nabá catá iago icá seta pára rosto na parte de fônte i nabai som de costa i na falá inna[15] ojábu, cabú cumé; te pa i ta ispantá[16] pa jubi tras, i cai na fonte e mure. Se cumpanhêr fálá: Quinhom de tris já fica para um! Ibá catá iágo i massa cabácêra fép[17]; ochá ke bá par cumussá cumé gacêla cure, i mitti pé na cabás de cabacera; home rinca cure[18] tras de

---

1 «Cabácéra». É o baobá. Os frutos, vistos de longe, parecem melões pendentes de troncos despidos, por compridas cordas. A semente, que é em grande numero, é coberta de massa muito branca, e bastante agri doce, porem mais sensivelmente acida. Desfeita em leite e agua é um alimento nutritivo e muito agradavel. Tambem chamam «cabaceira» á parte alimenticia do fruto.

2 «Conconhí»: voz Mandinga.

3 «Ina rebenta». Forma frequentativa no presente indicativo = «pôs-se a apanhar»; e logo depois quasi a seguir: «se cumpánhêres na cujê», [e] os seus companheiros iam apanhando.

4 «Naquél», *na* [*entre*] *quel;* isto é: entre aquellas.

5 «Qui i tira», *que e':* que elle atirou.

6 «Nam», *na-m', na-má:* não mais, ou ainda mais [do que...]

7 «I», *e':* elle.

8 «Cabó», CA *bó*. É para notar que este Barros sente como nós acêrca das differenças, que suppomos haver entre *bo* e *bó,* no singular e no plural, no que discorda o Rev.º Henrique. Questão de ouvido, de resto.

9 «Inriâ», *om rià:* «eu descer».

10 «Cumussâ» (Caboverd.) por *cum'çà,* ou *cumçà.*

11 «Par des», *par dà és* = para dar a elles, ou, para dar-lhes. A segunda forma é que devia ser. Foi engano, evidentemente.

12 «Lud», som imitativo de queda de um corpo molle.

13 «Um d'elles» (Port.) por *um d'és,* ou *d'els.*

14 «Qui», *que é':* que elle.

15 «Inna» *om na.*

16 «Té pa ita — *e'ta* — ispantâ»: até o momento, ou, no momento em que o coração lhe deu um espanto «para olhar para trás». Á letra seria: «até para elle se espantar»; traducção que não traduz nada.

17 «Fep» e *fépo* (Caboverd.): tudo. Expressão de encarecimento com referencia a uma grande somma de cousas.

18 «Rinca cure»: deitar a correr uma arrancada.

gacêla i na falá [1] sonsi [2] in limbibu pé; ibá par péga pé de gacela, gacela mittil chifre na barriga [3]. Dispús dé disgraça, um munjer [4] prenhâda cu [5] cargá um padum [6] de mijo cabá ojá cabacera, e cumé cu [7] tanto golojessa taróque i padi i ca sinti. Se fijo lambo [8] padum de mijo i cume tudo. Cal dés jinte cu mâs hûco?

Um botal [9] n'es fugo cu na ardê».

OS TRES GULOSOS

«Era, era. Era certo.

Contam que havia tres homens que eram demasiadamente gulosos: basta dizer que nem as mulheres os queriam por maridos. Tanto fizeram com as suas guloseimas, que o povo se reuniu e expulsou-os da povoação, e elles foram morar no mato.

Um dia foram dar um passeio, e quando se achavam ou *vinham* de volta viram uma enorme cabaceira ou *arvore de cabaças* que tinha parido tanto, que os seus filhos, *os seus frutos,* caíam de maduros. Um d'elles, *dos taes*, subiu pela arvore acima, e pôs-se a apanhar as cabaças e a deitá-las ao chão, emquanto seus companheiros as iam apanhando *e juntando num monte.* Porem, de entre aquellas cabaças uma caiu e rachou-se; e como os companheiros apanhassem «um bago» *para comer,* disse-lhes: não comam antes que eu desça; assim que vocês comecem a comer, dou-vos um pontapé que vos reduzo a pó: e como os visse comer, sacudiu uma perna para lhes dar um pontapé, e... catrapuz! Caiu, e morreu.

---

1 «I na falâ», i = *e'* = elle: elle ia dizendo.

2 «Sonsi in limbibu pé»: só [deixarei de te perseguir] se, *ou só depois* de eu te lamber o pé.

3 «Bariga» (Port.), *baryga.*

4 «Munjer» (Port.), *mindjer.*

5 «Cu», *qo, qu'o:* que o.

6 «Padum»: voz Mandinga. Um atado de espigas de milho para carga de um homem. Lê-se PADÚM.

7 «Cu», *co':* com.

8 «Lambu»: levantar; pôr ás costas; tomar.

9 «Um botal»: eu lancei-o. É a chave com que vulgarmente costumam fechar as suas «historias», e, ao que parece, parallela áquella de Asbjorson com que fechou o seu conto «A princesa da montanha de vidro»:» *devem estar a divertir-se a estas horas.*

Os companheiros disseram *então,* o quinhão que era para tres ficou já para dois. Um d'elles, achando-se no momento em que, *ou quando,* ia catar agua, não quis parar o rosto para o lado da fonte e caminhava de costas ou *de recuo* dizendo sempre: estou-te vendo; não comas! *Foi assim andando* até que, quando o coração lhe deu um baque, olhou para trás... *já era tarde!* Caiu na fonte, e morreu.

O seu companheiro *então* disse: o quinhão que era para tres já ficou para um! Foi catar agua, e amassou toda aquella enorme quantidade de «cabaceira»; e quando se achava na disposição de começar a comer, uma gazella correu e metteu um pé na cabaça de «cabaceira»: elle deitou a correr atrás da gazella e ia dizendo: só *deixarei de te perseguir se, ou depois,* te lamber o pé; quando esteve quasi a agarrar o pé da gazella, a gazella meteu-lhe um chifre na barriga.

Depois d'esta desgraça, uma mulher pejada que levava uma carga de milho á cabeça, viu a «cabaceira» *preparada, assentou-se* e comeu com tanta sofreguidão, que pariu um filho sem dar por isso; e o filho *de sua banda* pegou na carga de milho e comeu-a toda.

Pergunto agora: Qual d'estes typos é o mais comilão? Lancei o meu conto neste fogo que está a arder.

As «historias» contam-se sempre em volta de uma lareira á noite, ou ao luar.

Lisboa, 1 de junho de 1904.

M. MARQUES DE BARROS.



«Rara, rarissima é a obra saida actualmente dos prelos de Portugal, que em tudo e por tudo seja verdadeiramente portuguesa; e é com tal systema peregrino que se cuida espertar o amor e o respeito ao que é nosso»!

GONÇÁLVEZ VIANA, *Apostilas aos dicionarios,* II, 27.

FOLK-LORE CEILONENSE

(Cfr. *Rev. Lusitana*, x, 102)

SEGUNDA SERIE

I

ADIVINHAS

Hum home piquin, más vistí cumprido e murdê fino.
(Um homem pequeno, mas veste comprido e morde ferino.

Agulha.

Hum nigrinha com grante trobante corado.
(Uma negrinha com grande turbante corado).

Caju com caroço.

Hum arbre com *ballo, ballo.*
(Uma arvore com bolas, bolas).

Laranjeira.

Cavalla torrado subí arbres riba.
(Cavalla torrada sobe á arvore).

Faca.

Hum arbre com carvan, carvan.
(Uma planta com carvão, carvão).

Jamboleira.

Piquin vivente, cantá alto e murdê fundo.
(Ente pequeno, canta alto e morde profundo).

Mosquito.

Piquin padás bas par destruví cidade intêro.

(Basta pequeno bocado para destruir cidade inteira).

Fogo.

Qual couso quando querrê nan panhá?

(Qual é a cousa que quando procura nunca se apanha?).

Policia.

Hum corde quando dobrá, chegá ne póço, quando soltá, nam chegá.

(Uma corda que dobrada chega ao poço, mas estendida não a chega).

Mão para boca.

Deos já criá hum vivente, qui durmí doze horas e corrê doze horas.

(Deus criou um ente que dorme doze horas e corre outras doze).

Sol.

Hum pesson durmí tudo de dia más travaljá de noite.

(Uma pessoa dorme de dia, porém trabalha de noite).

Lampada.

Qual cousa o dinêro nan podê comprá?

(Qual é a cousa que não se pode comprar a dinheiro?).

Saude.

Mai verdente más filjo bermeljo (vermelho).

(Mãe verde mas o filho encarnado).

Pimenteira.

Ne céo buljá, battê, ferí, lançá fogo, despós chorá, dessá cahí lagri.

(No ceu bulha, bate, fere, lança fogo e depois chora e deixa cair lagrimas).

Chuva.

Hum couse nan podê oljá, nan podê tocá, más batté, destruvê casa, grande arbre, tudos.

(Uma cousa que não se vê, nem se pode tocar, mas bate, destroe casas, grandes arvores e tudo).

Vento.

Monstro terrivel tem quatro pé e um man, comqui matá enemigo, andá preguiçóso, banhá muito, nacido ne Ceylan.

(Um monstro terrivel natural de Ceilão, tem quatro pés e uma mão, com esta mata inimigo, anda preguiçosamente mas banha-se muito).

Elephante.

Hum pastro antrá todo parte, andá todo cidade, más murdê namás o oljos.

(Um passaro que entra em toda a parte, anda toda cidade, mas morde tão sómente os olhos).

Fumo.

Hum vivente com mils pé nan tem man, si murdê, morrê.

(Um ente com mil pés mas sem mão, se morder, morre).

Milopea [1].

Hum pesson poderóso, tudo manejá, tudo cobrá, tudos papiá conter elli, nunca podê olhá.

(Uma pessoa póderosa, que maneja tudo, cobra tudo e contra quem todos fallam, mas ninguem a conhece ou vê).

Governo.

Hum couse quanto más torrá e battê, tanto más ficá luzindo.

(Uma cousa que quanto mais torrar e bater tanto mais brilha).

Ouro.

Quando já vi nunco vi, aquel par despós vi par o homes, o mulher nunco podê comprá.

(Quando nasce não traz, ao depois só os homens teem, mas a mulher nem comprando póde ter).

Barba.

Hum pequin couse, tem corpo nan tem mans, tem dentes más nan tem cabéça. Mulher tirê ne casa, e home fora.

(Cousa pequena que tendo corpo não tem mãos, não tem cabeça mas tem dentes. A mulher usa-a em casa e o homem fóra da casa).

Pente [2].

---

[1] Animal da familia da centopeia.

[2] Os Singaleses usam de pente na cabeça como ornamento, emquanto as singalesas nunca o usam senão em familia.

Hum home sem cabéça, sem mans más comtudo tem bocu e ovida; comê e matá certo.

(Um homem sem cabeça, e sem mãos, porém tem boca e ouvido; come e mata certo).

Espingarda.

Hum vivente com muito pé, más nan tem man, tem oljos nan tem cabéça e andá traz.

(Um ente tendo alguns pés, mas não tem mãos, tem olhos porém não tem cabeça e anda por trás).

Caranguejo.

Hum pesson amoróso de home, tem catro pé, tem boco e mordê. Cantá alto par o lumi cando nacê.

(Uma pessoa amante do homem tendo quatro pés, e boca e morde. Canta alto quando nasce a lua).

Cão.

Quilai home, tem cabéça e boco, más não papiá, e andá com catro pê, mas nunco morrê.

(Como homem, tem cabeça e boca, mas não fala, e anda com quatro pés, mas nunca morre [1]).

Macaco.

Qual couse tem difficil par destruvê doqui construvê?

(Qual é a cousa mais difficil para destruir, do que construir?).

Nó.

Nigrinha como noite, más nuhé noite. Tem azes más nuhê pastro. Destruvê casa-tecto, más nuhé rato. Comê barley, más nuhê cavallo. Muito diligente, assi papiá Bible.

(Negrinha como noite, mas não é noite. Tem asas, mas não é passaro. Destroe o tecto da casa, mas não é rato. Come cevada, mas não é cavallo. É muito diligente, pois assim diz a Biblia).

Formiga.

Piquin couse, muito luzente más nuhé ouro, tem azes vová alto.

(Cousa pequena, mas muito brilhante, porém não é ouro, tem asas e voa alto).

Pirilampo.

---

[1] Os nativos pensam que os macacos não morrem, pois nunca se tem apanhado o seu esqueleto nos matos onde os simios abundam.

Nuhê pastro, más vová alto, tem azes e rabo, más nan tem pé.

(Não é passaro, mas voa alto, tem asas e cauda, mas não tem pés).

Papagaio do ar.

Eu tem cégo e bon, não oljá de pesson. Tudos querrê mi par ellotros, más nunquerrê par si.

(Sou cego e bom, não respeito as pessoas. Todos me querem para os outros, mas ninguem para si).

Justiça.

Eu tem piquinino, más murdê fino, fazê chorá veljo ou minino, pobre ou rei no reino.

(Sou mui pequeno, mas mordo fino, fazendo chorar tanto velho como menino, tanto ao pobre como o rei que reina).

Escorpião.

Qual lingo todos gentes intendê e alegrá?

(Qual é a lingoa que toda a gente entende, e a todos alegra?).

Musica.

II

CHICOTI [1]

1. Vamos nos cumsá
Per cantá chicoti
Hum palavre largo
Com sintido forti [2].

2. Nan mudá meo nomi
Ne luz de allegria,
Como varias oljos
Gloria companhia.

3. Aparte vós tem
Chegando contente
Lová, saudá,
Folgá eu somente.

4. Aparte vós tem
Chegando disiá [3]
Seija para bem
Gloria compania.

---

[1] É uma cantiga usada em todas as classes de gente d'esta ilha. Os versos são em geral sem medida e ás vezes sem senso.

[2] *Cum sintido forti* — com sentido espirituoso, a tom de gracejo.

[3] *Chegando disiá* — chegando desejar.

5. Aparte vós tem
Vendo com mil gosto,
Lovando com saudade
De eu encontrá rosto [1].

6. Fremósa Diana,
Paressê com todo bem,
Terra de meu volta
O que meo desejo tem.

7. Papiá mavióso,
Bondóso coração,
Para si sintí forti
De ovir vossa conbersão [2]

8. Fazê meo alcanso
De ovir tanto resan,
Ganho cum proveito
Erdêro de perdiçan.

9. Ispentoso van,
Almas suspendido,
Vosse inreligian
Mil tem matado [3].

10. O barque pequeno,
Qual furia bem pará,
Qual aquel mufino,
Que fazê vós chorá.

11. Minino de meu oljos
Está como braza,
Tinha ne sombra
Pela baso de aza.

12. Fazê meu erdêro
De erdá tristéza,
Ficando cruel
Mustrando firméza.

13. Hum corpo malino,
Hum cruel offérço [4],
Ne gloria ausençia
Pela sua priméso [5].

14. Que vale cousas
Per fazê hum fim,
Que gloria ganhá
Sua culpa matá par mim.

15. Hum corpo malino,
Hum cruel distransa [6],
Que paressê fallar
Par achá bom alcánsa.

16. Avías de avéljo [7]
Cum flori juntarám mel,
Ne peito fealjo [8]
Serpente com sua fel.

17. Avías per avéljo
Dosi mel covado,
Cum volta de frécha
Ganhar eu lovando.

18. Ismeralde rique,
Por ella só combersan,
Cabeça sem préço
Joya de meo coreçan.

---

[1] *Encontrá rosto* — por ter encontrado face a face.
[2] *Conbersão* — conversa.
[3] O sentido d'este verso é — por vossa vaidade e irreligião tem perdido muitas almas do ceu.
[4] *Offérço* — offerecimento, offerta.
[5] *Priméso* — promessa.
[6] *Distransa* — afflicção, desapontamento.
[7] *Avias de alveljo* — abelhas de colmeia.
[8] *Fealjo* — cheio de fel.

19. Dizer brutomente,
Ovir de tua boco
Hum nobre palavre,
Cando tu papiá poco.

20. Rajo muito luster [1]
Flamá ne alto monti [2],
Bunito painal [3]
Cum trajo de Condi.

21. Hum sceptro de ouro,
Com vós convertido,
Hum vide allegria
Vivê florissendo.

22. Nan amá com amantis
Senan com meu coreçan,
Como flámma abrazando
Per sua affecçán.

23. Sceptro de meo peito,
Côrôva de minha viver,
Tróno sublimado,
Parqui faê me padecer? [4]

24. Pure puridade,
Per vossa vistido de côr,
Vizitando cambrados
E vivendo como flor.

25. Per primêro vez
Fazê meo alcanço,
Disijá pedir
Sem dor ispenso.

26. Eu javí de hum monti [5]
Cum grande galla,
De mil sobresalto,
De ovir vosse falla.

27. Ne monti qui estava
Hum pastro fremóso,
Mil *fanáns* custava [6]
De elle o prêso.

28. Neste bataria
De coreçan ne peito,
Tributo de minha amor,
Corrê de ti perto.

29. Com affeçan sigui.
Si lo tem vintura,
Corrê meo painal [7]
Fugi meo figura.

30. Pintá meo painal
Painal tambem pinta,
Cum letra de meo man,
Sangui para tinta.

31. Prazer, alegria,
Regálo e mil cousas,
Causá muita folgansa
Ne milhor bonansas.

32. Ovi minha bem,
Eu vosse cativo,
Nacê com o mane [8]
Vivê como vivo.

---

1 *Rajo muito luster* — raio lustroso.
2 *Flamá ne alto monti* — resplandece no alto do monte.
3 *Bunito painal* — bellissimo panorama.
4 *Parqui faè me padecer* — porque me faz padecer.
5 *Eu jávi de hum monti* — vim de um monte, ou apenas venho do monte.
6 *Mil fanáns custava* — custava mil annás = moeda antiga e equivalente a um dinheiro (*penny*).
7 *Painal* — pintura ou sombra.
8 *Mane* — manes, sombra.

33. Gravidade mansa
Isperansa tanto más,
Levá minha ouro
Ficá altéza namás [1].

34. Sagradi tesôro,
Muito custóso,
Nan me desprezá
Com tuo rósto bondóso.

35. Santo e bom rósto
Nam papiá promto,
Palavres de fogo
Qui quimá dentro.

36. Sagradi vaso
De oljos fortificaçan,
Lô alcançá mil prova
De meo pobri coreçan.

37. Parqui jádá dôr?
Parqui jádá casian?
Parqui vós tem conter? [2]
Atá fruminga de chan [3].

38. Com lingo de fogo
Palavres brasando,
Quimá sua boco
Assim papiando.

39. Per primêro vez
Minha oljos saltá lagri,
Eu lâ dá minha vide
Per Deos sua vontadi.

40. Já mi inchê forti
Hum vaso intêro,
Qui eu reparti
Per vós primêro.

41. Confiança tambem
De coreçan fiel,
Vosse chêro de leite
Lingo sabor de mel [4].

42. Lingo sabor de mel
Vosse bokinho de flor,
Gostóso e frémoso,
Bendito meo amor.

43. Bendito meo amor,
Rico vossa affeção,
Friméza querido
Com amor de coração.

44. Com amor mui forti
Eu per vós amava,
De vosse painal
Sempri adorava.

45. Sempri adorava
Neste minha altar,
Com ardor de peito
Que nan podê suportar.

46. Com esti ardor
Vossa rosto eu bêjá,
Com tanto graça,
Eu muito desejá.

---

1 *Ficá altéza namás* — somente ficará a honra.
2 *Conter* — contra.
3 *Atá fruminga de chan* — até vil formiga.
4 *Lingo sabor de mel* — lingoa saborea de mel.

47. Tua rósto bunito,
Tua cara de amor,
Trezendo ne cabéça
Capela de flor.

48. Ovi, minha bem,
Vós minha amado,
Cando lembrá per vós
Colorá continuado [1].

49. Vosse oljos dôs
Cum minha tem catro,
Si vós tem de rubím
Eu ismeralda lustro.

50. Hum corpo de barro
Figura bemfêto,
Com pé de cancêra [2]
E tenro pêto.

51. Vi, abrí minha pêto,
Tocá minha coração,
Prová minha sangui
Par sua consolação.

52. Eu isperá cada hora
Per tua sagrado man,
Par Deos eu já fazê
Muito oreçan.

53. Eu querrê sabê
De vosse sintido,
Friméza de amor,
Sem andá perdido.

54. Vós, como alvéjo,
Qui dá favies de mel,
Ne primêro dôsse,
Ne cabo marga fel [3].

55. Si vós já pagá
Parmi hum pága,
Vôs ficá como dosse mel
Eu já ficá márga.

56. Eu não querrê parmi
Vosse nihum pága,
Eu disijá vosse amizade
Par minha pága.

57. Hum teu allegre abraço
Cum tua mãns fina,
Saciá minha secura [4]
Qui mi dá muito pena.

58. E hum dôce bêjo
Cum sua bêços de ouro,
Minha flamma de amor
Ne pêto lô tomá puro.

59. Aquel bêjo de savôdi,
Cum tua boco de carmim,
Qui tem céo de roza
E dentes de marfim.

60. Hum meo bêjo léve
Ne tua cabéllo louro,
Muito folgança ficá
Par minha coreçan de ouro.

---

[1] *Colorá continuado* — córo-me continuamente.
[2] *Cancêra* — cêra.
[3] *Ne cabo marga fel* — no fim amargo como fel.
[4] *Secura* — sêde.

61. Agór eu ti pedí vós
Hum ultímo favor,
Que nan mi negá,
Minha divino amor.

62. Hum favor par mi
Muito grande e prazêro,
Par vós nan tem consideraçan,
Más nan tomá per desprézo.

63. Esti favor tem namás
Dár vós, meo amor,
Hum docê abráço
De minha mans sem dor.

64. Antão minha coreçan
Ficá leve e socegado,
E eu podê, andá casa
Par ficá discançado.

65. . . . .
Agor sim, bem ganhado,
Minha pastempo
Ne sua companhado [1].

66. Adeos, meo rico amor,
E tua bom coreção,
Vós e eu nunco isquecê
De esti bello comberção.

Colombo (Ceilão).

TAVARES DE MELLO.

[1] *Companhado* — companhia.



«Onde não houver respeito e amor ao que fomos, em todas as manifestações do nosso vigor intellectual e da nossa virtude, não póde existir verdadeiro patriotismo, util, communicativo e sympathico».

GONÇÁLVEZ VIANA, *Apostilas aos dicionarios*, II, 27-28.

MISCELLANEA

I

DESIGNAÇÕES DE PROVERBIOS

Tratando da nossa paremiologia a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos e os Srs. Leite de Vasconcellos e Adolfo Coelho, mencionaram as varias expressões empregadas na lingua portuguesa para designar proverbios ou introduzir frases sentenciosas ou proverbiaes. Alem das palavras *proverbio, anexim, rifão, refrão, adagio, ditado,* indicam ainda os vocabulos *exemplo* (tambem a forma *enxempro*), *vervo, verso* (e a forma *vesso*), e as expressões: «Como o outro que diz» e «É uma comparação».

Ás designações coligidas pelos doutos philologos citados póde acrescentar-se o termo *palavra,* synonymo de *verbo,* e que apparece no seguinte passo do *Leal Conselheiro* de D. Duarte, pag. 13 da edição de Roquete, Paris: «Para esta val muyto continuadamente saber toda cousa que razoada seja, guardando aquella *palavra,* que *temdo na cova o pee ainda desejamos daprender*».

Como observa Roquete, em nota ao trecho transcrito, este ditado, que parece ter sido familiar no tempo de D. Duarte, era muito mais expressivo do que aquelle que o substituiu: «Até morrer aprender».

As expressões *exemplo, vervo* e *verso* são quasi sempre de epitetos, a maior parte das vezes do adjectivo *antigo,* como:

Que vae de Pedro a Rodrigo!
Bem diz o *exemplo antigo*
— Que os dedos não são iguaes!

Sá de Miranda.

Porque diz o *exemplo antigo:*
— Quando te dão o porquinho,
Vae logo co'o baracinho.

Gil Vinente.

E, porem, diz o *verv'antigo:*
a boy velho não lhi busques abrigo.

Cancioneiro da Vaticana.

Ouç'eu dizer hum *verv'aguisado*
que «bem e mal sempre na face vem».

Ibid.

Diz um *verso acostumado*:
«Quem quer fogo, busque a lenha».

G.L VICENTE.

Abundam os exemplos. Apresentarei ainda mais um, que está seguido de um epiteto que hoje se não usa. É de Gil Vicente, vol. III, pag. 370:

Olhade, mulher de bem,
Dizem qu'em tempo de figos
Não ha hi nenhuns amigos,
Nem os busque então ninguem.
E diz o *exemplo dioso*,
Que bem passa de guloso
O que come o que não tem.

O adjectivo *dioso* significa *velho, idoso*. Usou-se tambem no antigo hespanhol com o mesmo sentido.

Ás vezes, em logar de um epiteto, occorre uma determinação equivalente, como em Gil Vicente, vol. III, pag. 137:

Diz o *exemplo da velha*:
O que não haveis de comer
Deixae-o a outrem mecher.

JULIO MOREIRA.

II

A ORAÇÃO DO ALMOCREVE

(NOTAS DE BARROSO)

O tio Coelho era ainda dos tempos em que os almocreves exerciam uma legitima soberania nos outros profissionaes da vagabundagem. Viera ainda de Braga, de Guimarães, de Cabeceiras e de Celorico nessas alegres caravanas de azeiteiros e carretões, o macho preso pela arreata, cantando pelos longos caminhos as xacaras dolentes das segadas, enchendo o ar de pragas toda a vez que a carga se tombava ou que o macho parava a resfolegar, invadindo as tabernas numa gritaria de batalha, beliscando as mo-

ças que passavam, balanceando as ancas, airosas e risonhas, de soccos na mão e cesta á cabeça, os pés nus tostados do sol e sujos da terra, as saias arregaçadas até meio da bucha da perna.

Era o tempo em que os carroções não haviam ainda ganho a confiança do commercio e em que o caminho de Braga se fazia regularmente pelas Alturas. Os almocreves, em geral endinheirados, exerciam então, como fica dito, certa soberania nos comediantes, a gente da volta, os ciganos, os tendeiros, os ladrões, em toda essa horda equivoca de trapos humanos que anda de terra em terra e feira em feira, empurrando-se e pisando-se, á busca de um «bom negocio» ou de uma «boa occasião».

O almocreve era então respeitado em todas as povoações e em certos particulares; como me ia contando o tio Coelho, esse respeito era uma adoração.

Trazia sempre a bolsa recheada, e chegada a hora de gastar não olhava para trás. Era sempre para deante. Ora — concluia philosophicamente o tio Coelho — o dinheiro foi sempre o deus mais adorado.

Mas os carroções e o comboio acabaram com os recoveiros. O recoveiro, hoje, é uma reliquia. O almocreve já não anima o caminho das Alturas com a sua guisalhada alegre. O almocreve, hoje, mal póde ganhar para debruar a vestia e coser os odres. Está tudo pela hora da morte, rematava o tio Coelho suspirando.

D'esse passado glorioso guardava o tio Coelho, dentro de si, como lembrança carinhosa, como testemunho vivo, o que elle chamava babosamente a «oração do almocreve». Quando alguem se sentava á soleira da sua porta, logo elle, sorrindo maliciosamente, atalhava, com a sua voz, sibilante:

— O que tu queres é ouvir a oração do almocreve...

E levando sacerdotalmente a pitada ao nariz, começava a declamar, arripiando a testa:

Almocreves são da Lage,
tacheirinhos são do Prado,
lavamalgas Romeirinho,
os maus homens do Carvalho,
videirinhos do Pinheiro,
'stalajadeiros de S. Gens,
saem grillos ao Torrão,
papa-santos Igreja Nova
borradouros Pousadouros,
boas pingas na Arrechão,
rasga baetas no Penedo,
fura-bolos são da Foz,
cega-mochos das Gosgominheiras
mosquinhos são do Cubo,
os moleiros são de Cella,
demandistas de Salamonde,
Ruivaes, poucos e que taes,
esfola-cabras nas Boticas [1],

[1] Povoação perto das Alturas.

tripa-longa Lamalonga,
arranjados são de Campos,
grande femea de Padrões,
pára-borra Venda Nova,
saca-bolsas Codeçoso,
mata-lebres Pae Affonso,
os lobeiros são da Serra,
manteigueiros das Alturas,
ratoneiros da Atilhó,
perfumados das Lavradas,
arrebita Carvalhelhos,
arrinca-nabos são de Beça,
os rabinos são das Quintas,
futriqueiros das Boticas,
muitas femeas tem a Granja,
Sapellos e Sapiãos,
e muitas mais Bentuzellos,
ferra-moscas Casas Novas,
ribeirinhos de Curalha,
cornudinhos são do Cando,
trampolineiros Casas dos Montes,
pouca nobreza ha em Chaves,
pàdeirinhas de Faiões,
castanheiros d'Assoreiras,
castello de Monforte,
e paro aqui que vou p'r'o norte.

Era a enumeração, em redondilha maior barbara, de todas as terras que ficavam no caminho de Braga, por Chaves, para a Terra Quente.

Uma risota estralejante coroáva sempre a narrativa, o ingenuo recitativo do tio Coelho. E era a grande consolação consentida á sua velhice. Para ali mettido, já quasi cego, como uma pedra num poço, mal podendo descer as escadas sem ir arrimado aos netos, triste e esmagado como um castanheiro oco dobrado pela ventaneira, o tio Coelho passava as horas como um fruto já podre prestes a cair do ramo. Ainda se levantava cedo e ainda o sol lhe sabia, mas dentro d'elle ardia somente essa oração, tão recatada e devotadamente guardada, como o Padre Nosso. Era a unica cousa por que dava conta que estava ligado á terra.

— É cá a historia da minha mocidade — dizia elle, por fim, limpando a espuma dos cantos dos beiços com as costas da mão.

(Do *Correio da Noite* n.º 8210, anno de 1906).

*
* *

Os versos precedentes pertencem á classe dos *apódos geographicos,* que são muito vulgares, de terra para terra, não só no nosso país, mas fóra. Já na antiguidade succedia o mesmo. — Cfr. *Rev. Lusitana,* VI, 278–279.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

III

O ENDIREITA

O «endireita» é, depois do medico que tudo cura, e de Nosso Senhor que para cada mal do corpo, mordedura de bicho damninho ou peste má, fez um santo ou uma santa que guia a doença a bom caminho, a Providencia mais segura e infallivel dos que escangalham os ossos.

O «endireita» não é o especialista de uma doença; a sua sciencia tem caracter quasi geral, os seus conhecimentos de anatomia são universaes. Concerta pernas, braços, queixos, com a mesma facilidade com que encaminha um doente de pelle ou cura uma mordedura de cão damnado. Isto, entre nós (Lisboa); que entre as populações do norte a sua acção vae muito alem.

O «endireita» de Rio Tinto, celebre pelas suas curas, armava muitas vezes em dentista, em callista, e, em casos graves, não duvidava tomar o logar da parteira!

Esta multiplicidade de aptidões, que tornam o «endireita» uma criatura preciosa, para as povoações onde a clinica medica difficilmente pode exercer-se, criou-lhe uma atmosphera de superioridade que elle aproveita a horas, consciente da sua sciencia e da sua infalibillidade, para fazer valer o seu juizo em questões de outra ordem.

E é assim que, em muitas povoações do norte, o «endireita» é uma entidade cuja opinião se acata com respeito, quer se discuta doenças, cousas do campo, politica ou religião.

(Do *Jornal da Noite*, de 27 de setembro de 1906).

IV

GUIOMAR E CATHARINETA

No meado do seculo XII, logo em seguida á criação do reino de Portugal, começou entre nós a decadencia dos nomes proprios visigoticos, que foram substituidos por outros mais internacionaes. Recebemos então, quanto á parte feminina, Urraca, Violante, Beatriz, Isabel, Constança, etc. Estes nomes entraram quasi todos com as princesas que vinham casar na familia real. Depois, nos seculos XV e XVI, temos nova invasão devida aos romances. Brio-

lanja, Genebra, Grimanesa, Guiomar e outros, são então os preferidos para dar ás filhas. *Guiomar* encontra-se em França no *Girard de Roussillon* (§§ 381 a 398), conforme leio no vol. LXII da *Bibliothèque de l'École des Chartes*, 115 [1].

A *nau Catharineta* é um bem conhecido romance popular português. Até agora, segundo julgo, não foi possivel encontrar nenhum navio nosso com aquella denominação; todavia, em 1520, encontro noticia de uma galé (*galère*) francesa no Mediterraneo chamada *Catherinette*, mencionada num artigo de Ch. de La Roncière, intitulado *François Ier et la défense de Rhodes* (na *Bibliothèque de l'École des Chartes*, LXII, 232).

PEDRO A. D'AZEVEDO.

V

Usos e costumes minhotos

(CONCELHO DAS TERRAS DO BOURO, COMARCA DE AMARES)

1. Casamento

Os paes da noiva não assistem ao acto do casamento. A noiva vae para a igreja com a madrinha, noivo, padrinhos, parentes e convidados, havendo grande alarido nas despedidas em casa dos paes, que depois vão para casa dos nubentes a fim de participarem do banquete.

No trajecto para a igreja, os rapazes e as raparigas solteiras erguem arcos, de que pendem fitas de varias côres, e junto de cada arco collocam uma mesa com molletes, vinho e doces. Os noivos, padrinhos e convidados param, comem, deixam offertas de dinheiro e seguem seu caminho. A noiva leva ao peito um ramo de flores artificiaes, e na igreja, *depois do dar da mão*, entrega o ramo a uma sua irmã solteira, ou, na falta d'esta, a uma sua parenta, tambem solteira, que guarda o ramo para quando se casar.

---

[1] A Academia das Inscripções, de Paris, concedeu um premio em 1901 a Ernest Langlois pela lista dos nomes proprios que se acham nas canções de gesta, já impressas, anteriores a Carlos V. Com auxilio de uma obra d'este genero muito se facilita o conhecimento da origem dos nossos nomes, do genero do que fica referido.

Finda a cerimonia da igreja, segue-se o banquete em casa dos noivos. No começo d'elle, os convidados arremessam amendoas e confeitos aos recemcasados, e depois, e durante a refeição, ha enorme tiroteio entre todos os convivas, e por forma que fica o pavimento coberto de confeitos e amendoas.

Quasi no fim do banquete é collocado sobre a mesa, junto dos noivos, um grande prato para a recepção dos presentes do noivado. Os homens botam ahi dinheiro, e as mulheres varias prendas, taes como aneis, brincos, alfinetes de ouro, lenços, bordados, etc., etc.

2. Enterros

Os que acompanham os enterros teem a collação de um pão, uma isca de queijo e um copo de vinho; e os que pegam nas argolas do caixão teem collação dobrada. As collações são distribuidas na sacristia da igreja, e podem, ou ser comidas ahi, ou levadas para casa. Os enterramentos, em muitas freguesias, são ainda feitos nas igrejas.

O parocho tem direito, por cada enterro, a meia rasa de pão, uma cabaça de vinho e uma vara e coto de rolo. Esta obrada vae, num açafate, á cabeça de uma mulher, e perto do defuncto. Logo que o caixão se colloca na eça da igreja, a mulher vae entregar a obrada ao parocho. No fim da encommendação leva-se a collação ao parocho: bacalhau frito e uma ração de pão e vinho. E no fim paga-se um cruzado de covagem.

Na freguesia de Santa Isabel do Monte, mettem no caixão do defunto uma pequena bilha com agua, um bocado de pão de milho molhado em vinho e uma moeda de 5 réis, e dizem:

Ahi vae
Vinho e pão,
E cinco réis
P'ra passar's o rio Jordão.

No caminho para a igreja (onde ainda se procede aos enterramentos) ha um ribeiro a que chamam o *rio Jordão.*

3. Reza-anno

Em todos os domingos, antes da missa, o parocho reza no arco da igreja, pelos defuntos alli enterrados durante o anno; e a familia de cada defunto tem obrigação de pagar ao parocho, em 31 de dezembro, anda por quatorze mil réis da propina do *reza-anno.*

4. Lavagem em ouro

As crianças logo que nascem são *lavadas em ouro,* isto é, no alguidar em que as lavam botam cordões de ouro, anneis e outros objectos do mesmo metal, para que sejam afortunadas.

5. Pelo S. João

Na noite de S. João, as estradas que conduzem ás igrejas aonde se reza a missa da meia-noite são, de onde em onde, e pelos rapazes solteiros, atravancadas com troncos de arvores e outros objectos de que podem lançar mão, a fim de impedirem o transito e darem trabalho aos que teem de caminhar para a missa.

Antes da meia-noite, os mesmos rapazes roubam os vasos de flores que encontram pelas janelas e vão collocá-los nas capellas das igrejas; e as raparigas solteiras, ao concluir a missa, procuram nas capellas os vazos que lhes foram roubados e trazem-nos para suas casas.

Gerez, 2 de setembro de 1906.

A. THOMÁS PIRES.

VI

Apodos politicos e geographicos

Não são apenas os habitantes de algumas povoações que são conhecidos por alcunhas deprimentes, até mesmo entre os moradores d'ellas, quando estão divididos entre os partidos politicos, os apodos vem á superficie. Nas nossas lutas sangrentas entre miguelistas e constitucionaes, para não falar nas mais recentes, as alcunhas de *carcundas* e *malhados* eram mais empregadas do que quaesquer outras designações. Os dois grandes partidos ingleses, conhecidos por *tory* e *wigh,* ostentam simples alcunhas. Por esta fórma não admira que nas pequenas povoações os partidos, desconhecidos os respectivos programmas e os chefes, se digladiem com termos injuriosos e picarescos.

Os dois exemplos que aqui juntei referem-se tanto a apodos politicos, como geographicos. Do n.º 1 não posso citar o dia e anno em que foi publicado no jornal; deverá ser, todavia, das proximidades de 1900.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

1.—«A chamada rotação dos partidos, que é a revezão de *regeneradores* e *progressistas* ao leme do Estado, tem o seu reflexo em quasi todos os pontos do país em circunstancias que vão muitas vezes desde o comico até o tragico. Assim, *fraldas* e *moleiros* em certa localidade do Algarve, *pichelins* e *pataratas* em Castello de Vide, *franceses* e *penicheiros* no Barreiro, — alcunhas dos dois partidos em jogo, — guerreiam-se com mais ou menos encarniçamento, consoante as paixões locaes, e um dia vem ás mãos, ao menor incidente, á mais inane futilidade, alterando a ordem, acirrando ainda mais as paixões e provocando repressões frequentemente em desproporção com a proporção do incidente.

Conforme estão progressistas e regeneradores no poder, assim cantam mais de alto *franceses* ou *penicheiros* no Barreiro. O riso casual dos vencedores é motivo de ciume negro no coração dos vencidos, que, no entanto, dada a facilidade da *rotação* do poder, amanhã poderão ser os vencedores».

(D'*O Dia*).

2.—«S. Brás de Alportel, 25.—Vinte cinco de julho! data memoravel para esta povoação, pois que foi em igual dia de 1596 que, chegando aqui um forte destacamento de ingleses vindos de Faro, onde se achava uma força de 3:000 homens, aliás... ladrões, começaram por roubar, matar e deitar fogo á igreja; porém, alguns rapazes solteiros uniram-se como um só homem, e caindo sobre os piratas «fizeram nelles grande chacina, obrigando-os a bater em retirada, largando o que tinham saqueado».

Está-nos a parecer que a expulsão dos piratas foi feita á *cachamorrada*, pois que a alcunha de *cachamorreiros* com que são conhecidos os *sambrasenses*, sem duvida que deve ter origem naquelle facto».

(Da *Folha do Povo*, de 26 de junho de 1900).

VII

Observações á «Revista Lusitana»

Na cantiga popular publicada na *Rev. Lusitana*, VIII, 301:

Adeus, villa de Melgaço,
Feita de *pedra morena*,
Que passeia dentro d'ella
Quem m'a mim dá tanta pena!

pode parecer que a expressão *pedra morena* se refere ás antigas muralhas da villa: cfr. *Rev. Lusitana*, VIII, 302. Talvez quem a

cantasse tivesse effectivamente essa ideia no espirito; mas o que é certo é que tal expressão é um *logar commum* que se applica a outras terras. Eis aqui uma cantiga que ouvi ultimamente na Penajoia, e onde entra a mesma expressão:

Igreja da Penajoia,
Feita de *pedra morena:*
Dentro d'ella vae á missa
Quem m'a mim causa bem pena!

A poesia lyrica popular, não obstante ser, como creio, um dos ramos mais originaes do nosso *folk-lore,* porque certamente é onde o povo português mais intervem [1], é pouco fecunda: alem de a musa ter curto folego, o cantador applica a mesma fórma a varias ideias, e, ás avessas, exprime uma ideia por muitas fórmas. Por isso se encontram a cada passo factos como aquelle. Eis aqui outra cantiga [2] que começa de modo analogo, mas sem *morena:*

A nossa igreja matriz
É feita de pedra-lipes:
Meu amor, como passaste,
O tempo que me não viste?

J. L. de V.

VIII

Manuscritos portugueses comprados pelo Brasil

DR. PAES BARRETO

«Partiu no *sud-express* para Madrid este illustre causidico brasileiro e distincto amador de Bellas Artes.

Esteve entre nós apenas dez dias, percorrendo por completo em automovel Cintra, Cascaes, Estoril, e visitou entre outros monumentos, o templo dos Jeronymos, Torre do Tombo, Biblioteca Nacional, Museus dos Coches Reaes, de Artilharia, de Bellas Artes, do escultor Tomás da Costa, e os Paços Reaes, etc.

Na Torre do Tombo e na Biblioteca Nacional deu busca ao roteiro do piloto Antonio Vicente Cochado sobre a expedição portuguesa do Maranhão que descobriu o Pará entre 25 do dezem-

[1] De facto, o romanceiro veio-nos quasi todo de Hespanha. Os contos e as superstições são universaes. Os proverbios e as adivinhas encontram-se em grande parte, com a mesma fórma, noutras litteraturas. As lendas são poucas, e repetem-se muitas vezes as mesmas pelo país fora. — Nos costumes é que poderá encontrar-se radicado bastante caracter local.

[2] *Cant. pop. port.*, de A. Thomás Pires, vol. 1, Elvas 1902, n.º 2:186.

bro de 1615 e 28 de fevereiro de 1616, e por não o ter encontrado seguiu para Madrid a fim de procurá-lo no Archivo Real d'aquella cidade.

D'ahi seguirá em viagem de recreio para Paris, Londres, Amsterdam, Berlim e Roma, voltando novamente a Lisboa a fim de embarcar aqui para o Pará.

Num dos dias que esteve entre nós percorreu todas a livrarias de Lisboa, e adquiriu enorme quantidade de manuscritos e livros raros.

(Do *Diario de Noticias*, de 24 de maio de 1906).

Se a ultima parte da noticia é exacta, representa uma perda sensivel para a nação, e em geral para a sciencia, a saida de Portugal dos manuscritos, monumentos quasi sempre unicos.

É perda para a sciencia, porquanto as condições climatericas do Brasil são detestaveis para a conservação de livros, não obstante todo o cuidado que possa haver, cuidado em todo o caso problematico.

É tambem perda para Portugal, porque alem da dispersão de materiaes de estudo para regiões longinquas, evita depois a vinda ao nosso país dos investigadores, que assim ficam isentos de soffrer a nossa influencia... e a de fazer despesa.

Os unicos estabelecimentos que teem verbas para compras de manuscritos são a Biblioteca Nacional e o Archivo da Torre do Tombo; mas se para o primeiro é insufficiente, para o segundo é inutil, porque em tal não se emprega.

O Museu Ethnographico, a fim de colligir materiaes em todos os ramos da cultura portuguesa, tambem reune manuscritos, mas em numero limitado e sufficientes só para representar a evolução da escrita, pelo que não póde entrar em linha de conta para a defesa d'aquelle precioso manancial de estudo.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

IX

O concilio de Salamanca de 1355 e as superstições de Portugal

No meu artigo intitulado *Superstições portuguesas no seculo* xv (*Rev. Lusitana*, IV, 197) disse que o mais antigo documento que prohibia as superstições em Portugal era datado de 1385, refe-

rindo-me então ao assento do concelho de Lisboa de 14 de agosto de 1385. Essa minha affirmação não é inteiramente exacta, porquanto no concilio de Salamanca de 1355, a que assistiram os Bispos de Idanha (Guarda) e de Lamego e procuradores dos de Lisboa e Evora, no qual foram publicados 17 canones ou decretos, ha um, o n.º 15, que trata de superstições, do teor seguinte:

«De sortilegiis: ne aliquis ad sortilegos, maleficos, incantatores, divinitores, ab eis super suis, vel aliorum, actibus consilium petens accederet, vel eandem artem exerceret: alioquin ipso facto forent excommunicati. Ut Praelati, & verbi Dei praedicatores in suis concionibus auguria dissuaderent omnibus Christianis» [1].

Ainda que a terra onde o concilio se celebrou não pertencesse a Portugal, a interferencia nelle mais ou menos completa de quatro prelados portugueses permitte acreditar que as resoluções tomadas foram implantadas nas respectivas dioceses, e que portanto o decreto n.º 15 se torna o estatuto mais antigo contra as superstições populares até agora conhecidas no nosso direito.

Ao lado do intuito de suffocar as superstições, erguiam-se outros espiritos ainda mais radicaes, que pretendiam expungir da igreja catholica usos que elles julgavam pouco conformes com o evangelho. E d'aqui a necessidade de defesa contra o radicalismo a que se impôs Roma. O mais profundo d'aquelles revolucionarios foi o inglês Wicleff, fallecido em 1384. Em Portugal encontramos, em 1394, o inquisidor Fr. Rodrigo de Cintra, nomeado por Bonifacio IX «in Portugaliae, & Algarbii regnis Inquisitor haereticae pravitatis» [2].

PEDRO A. DE AZEVEDO.

X

Ceive, ceivar

Quando na *Revista Lusitana*, IX, 132, propus como etymo de *Ceivar* um verbo derivado do lat. caelebs «solteiro», não me occorreu que já d'aquella palavra havia tratado a eximia philologa a Sr.ª D. Carolina Michaëlis na *Miscellanea di Filologia e Lin-*

---

[1] D. Thomás da Encarnação, *Historia Ecclesiae Lusitanae*, IV, 373.

[2] Wadding, *Annales Minorum;* Fr. Manuel da Esperança, *Historia Serafica da Provincia de Portugal*, parte II, liv. II, cap. I, p. 516; Encarnação, *Historia Ecclesiae Lusitanae*, IV, 426.

guistica, Firenze 1886, p. 122; só, ao passo que eu suppus *ceivo* participio resumido de *ceivar,* ella diz que a terminação *-o* provirá de se ter igualado o adjectivo caelebs a outros terminados em -us: isto é, de caelebs far-se-hia *caelebus ou *caelibus, d'onde *ceivo,* como de *triste* se fez em hesp. e port. antigos *tristo,* e de *rude* se fez *rudo.*

A esta familia de palavras posso agora juntar mais uma, que não figura ainda nos lexicos: é o adjectivo *ceive,* que provém directamente de caelebs, i. é, de caelibe-. Segundo informações que colhi, *ceive* usa-se, pelo menos, nos concelhos de Villa-do-Conde e Povoa-de-Varzim: «monte *ceive*», aberto, não cercado de paredes; «propriedade *ceive*», sem vedação.

Comprehende-se que da ideia primordial de caelebs se desenvolvesse a que se nota na lingoagem villacondense e pòveira, visto que já em latim *caelebs* se applicava tambem a uma arvore, por exemplo em Ovidio, *Metamorph.*, XIV, 663: *caelebs sine palmite truncus.*

O bello adjectivo *ceive* mostra que *ceivar* póde ter-se formado immediatamente d'elle; não é indispensavel presuppôr *caelibare.

J. L. DE V.

XI

Carta amorosa do seculo XVII

Esta carta existe manuscrita no cartorio da Camara Municipal de Alcacer do Sal, onde a copiei, por interferencia do meu amigo Joaquim Correia Bàtista. Conservo a orthographia, apenas melhoro a pontuação. Em nota junto algumas explicações.

J. L. DE V.

Meu amor e todo o meu bem:

Ho serto he que não bastaõ todas as diligencias p.ª quem tem pouca fortuna [1] p.ª alcansar os alivios que deia [2], pois cuidando eu o [3] tinha nas tuas ricas pẽrndas [4], vi as tuas tão sentidas quei-

---

1 =«para o desafortunado». O *para alcansar* seguinte depende syntacticamente de *bástão.*

2 =*deseja.* Vid. infra.

3 Refere-se a *allivio,* embora esta palavra esteja no plural.

4 =*prendas.*

xas, as quais, ainda que molestas, ficaõ tersladadas no papel do meu corasaõ, ainda que em min entendas o ser lejonja, a qual neste teu corasaõ naõ ha [1] mais que hum gosto, em querer-te; ainda que me digas que os meos carinhos naõ saõ mais do que á vista [2], o estimo porque ádes saber que só a ella [3] tem alivio meos sentidos, porque ausente de ti tudo saõ penas, as quais [4] naõ faso mensaõ por te naõ molestar, que só te de*i*o [5] muitos alivios, os quais estimarei te acompanhe [6], pois naõ tenho mais que desejar, e que fasas muito boa jornada comt.° [7] boa maré, e venhas com a mesma, e naõ [t]e [8] seja de muito tenpo, por naõ ter [9] mais que sentir, e em tua companhia vai este teu corassaõ, pois naõ tem a quem adore mais do que o teu cativo, acompanhado comt.as [10] saudades. Athe á vista! porque a ela só saõ, aliviadas; e emtanto fico pedindo a Ds. te gu(ard)e como quero. D'esta tua senper firme amante e morrendo de saudades.

As cartas não esquessaõ [11].

(*Monogramma*)

---

1 «tem».

2 Isto é «apparentes», «não sinceros».

3 Refere-se a *vista*.

4 Por *das quaes,* pois *fazer menção* equivale a «mencionar».

5 Vid. nota 2 da pagiua anterior.

6 Sic.

7 = *com muito.*

8 A não ser feitio de letra, ha *e* antes do *s* de *seja*. Interpretei-o por *te,* pois ha noutro logar da carta falha analoga de *t*. Para o sentido, porém, seria melhor que se omittisse.

9 Subentenda-se «eu».

10 =*com muitas*. Cfr. nota 7.

11 É um post-scriptum.

CHRONICA

Cadeira de sánscrito

Tendo ficado vaga por morte do Dr. Vasconcellos Abreu [1] a cadeira de sánscrito do Curso Superior de Letras de Lisboa, foi ultimamente nomeado professor d'ella o nosso illustre collaborador Monsenhor Sebastião Rodolpho Dalgado.

Esta nomeação representa um acto de justiça digno de todo o louvor, não só porque, possuindo Portugal dominios na India, e estando a nossa historia politica e a nossa litteratura intimamente relacionadas com o Oriente, devia continuar a existir em Lisboa a cadeira em que se professam estudos indianos, mas porque Monsenhor Dalgado, alem de fallar, como natural da India Portuguesa, lingoas locaes, conhece com profundeza o sánscrito, e está habituado a praticar o methodo da glottologia moderna.

Do seu saber dão testemunho as seguintes obras, já publicadas:

Diccionario concani-português (philologico-etymologico), Bombaim 1893;

Diccionario português-concani, Lisboa 1905;

Hitopadexa (versão do sánscrito), Lisboa 1897;

Plano do 4.° centenario da India (traduzido em concani), Lisboa 1897;

Dialecto indo-português de Ceilão, Lisboa 1900;

Dialecto indo-português de Goa, Porto 1900;

Dialecto indo-português de Damão, Lisboa 1903;

Dialecto indo-português do Norte, Lisboa 1906.

Tem pronta para entrar no prelo mais a seguinte:

Influencia do português nas lingoas orientaes (abrange mais de vinte lingoas).

A citada obra *Hitopadexa* contém uma introducção feita por Vasconcellos Abreu, que ahi exalta os meritos de Monsenhor Dalgado como indianista. Não podiamos encontrar em Portugal juizo mais autorizado, nem mais insuspeito.

J. L. DE V.

O empregado da Alfandega do Porto, de quem se fallou nesta *Revista,* x, 175, era effectivamente Bernardo Fernandes Monteiro, autor de traducções mirandesas. Falleceu em 24 de junho de 1906.

J. L. DE V.

---

[1] Vid. *Rev. Lusitana,* x, 170 sgs,

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Die Sprache des Königs Denis von Portugal. — Na revista allemã *Romanische Forschungen*, vol. XXII, parte II, 1907, e depois em separata de 67 paginas, publicou o Sr. Prof. Dr. Armin Gassner um estudo acêrca da lingoa do nosso rei-trovador, estudo para o qual, é claro, lhe serviram de base as composições que nos dois *Cancioneiros* — da Vaticana e de Colloci — são attribuidas àquelle monarca.

Comprehende tres partes o trabalho do Sr. Dr. Gassner. Na primeira occupa-se elle do *Vocalismo,* isto é, das transformações soffridas pelas vogaes latinas, quer tonicas, quer atonas, na sua passagem para português. Faz objecto da segunda o *Consonantismo,* ou estudo das modificações que por vezes soffreram as consoantes, quer sós, quer em contacto com outras, assim iniciaes como mediaes ou finaes. Finalmente na terceira parte, a *Morphologia,* estuda o autor as palavras flexivas e inflexivas, mostrando a evolução das suas differentes fórmas, e assinalando as differenças existentes entre a lingoa-mãe e a nossa.

Depois do valioso trabalho do Sr. Dr. J. Cornu, que ficou sendo um auxiliar indispensavel para o estudo da nossa lingoa, difficil será não direi igualá-lo quanto mais excedê-lo. No entanto, no seu estudo o Sr. Dr. Gassner revela-se-nos perfeito conhecedor do assunto versado. Pena é que aos estrangeiros mereça mais apreço o estudo da nossa lingoa do que aos proprios nacionaes, e que nas nossas escolas não se ministre o ensino do português, como com os proprios idiomas succede nos paises em que se cura verdadeiramente da instrucção, de modo que não só se faça conhecer a nossa antiga lingoa, mas tambem se aprecie a sua litteratura, quer em prosa, quer em verso.

Voltando, porem, ao trabalho do Sr. Dr. Gassner, peço venia ao seu autor para lhe patentear o resultado da minha leitura nas notas que seguem, simples, desataviadas e despretenciosas, — singelas observações que em nada deslustrarão o merecimento do seu bello trabalho.

No § 2, n.º 1, dá para *mentre* o etimo < (du)m interim; seria talvez melhor substituir *mentre* por *dementre,* que tambem existiu na lingoa. A mudança do U de DU para *e* é certamente

devida á sua qualidade de vogal atona e principalmente a assimilação.

No mesmo paragrapho e numero faz o autor provir a fórma *começar* de *cuminitiare, vocabulo hypothetico constituido pela preposição cum e o substantivo initium, e que tem a confirmá-lo o esp. *comenzar*, o fr. *commencer*, o ital. *cominciare*, o prov. e cat. *comensar;* mas, a meu ver, devia acrescentar que o desapparecimento do som nasal foi motivado pela dissimilação. Para *mester* deve admittir-se o etimo ministerii, proposto algures pelo Dr. Leite de Vasconcellos; MINISTERIU- daria *mesteiro;* é um dos raros genitivos que, como *Almoster*, do artigo arabe AL + MONASTERII, occorrem em palavras portuguesas. A proveniencia de *meninha* de *minimina- afigura-se-me muito duvidosa; como justificar em palavra que é evidentemente popular a conservação do N intervocalico e a queda do M? *miniminu-, a existir, devia ter dado a fórma *méminho*, com que é designado entre o povo o dedo minimo.

O I breve de *dia* deve ter-se alongado no romance, onde passou da quinta para a primeira declinação latina, cfr. laetitia e laetities; confirmam-no, alem do português, o espanhol, o italiano, o catalão e provençal.

Virgeu afigura-se-me palavra proveniente do francês, através a fórma *verjel*, que é hoje a mais frequente (cfr. arc. *Andrel* e *Andreu);* viridiariu- não podia dar a fórma portuguesa, mas sim um *vergeiro* ou *verjal*. *Quitar* parece-me igualmente de proveniencia estranha, talvez do francês *quitter*. O lat. quietare, ou melhor *quetare pela reducção do hiato a simples vogal, acha-se representado pelo pop. *quedar*. Certamente por lapso o autor dá a p. 4 para *feo*, hoje *feio*, o lat. foetu-; deve corrigir-se em foedu. Como o illustre professor diz, não é sem contestação a proveniencia de *alegre* de *alēcre- por ALĂCRE; contra a proveniencia directa d'esta fórma latina milita a conservação do *l* intervocalico.

Em vista da maioria dos verbos em *ĕ* terem, no português, sido englobados nos de thema em *ē*, *perdēre devia fazer no indicativo presente perdeo e não perdio, se bem que para o caso da transformação do som em *ç* não faça differença haver *e* ou *i*, pois até o ditongo EO se tornou em IO. *Sobejo* afigura-se-me substantivo tirado de *sobejar;* superculu- só poderia dar uma fórma como *sobrelho* (cfr. *sobre* < super).

§ 5. Porque -STIO + vogal se acha representado em português por *ch* (cfr. *bicha*, *comichão*, arc. *Savachão* e *sancrechão*), parece-me duvidoso que o verbo *queixar* provenha de *quaestiare, fórma esta, aliás, derivada do supino quaestum, que não está em harmonia com as leis de formação dos verbos derivados em latim; demais, para o português antigo e ainda hoje popular nalguns sitios não eram identicos os sons *ch* e *x*, e a sua proveniencia divergia.

§ 7. Na transformação do *a* tonico seguido mediata ou immediatamente de *i*, quer originario, quer proveniente de vocalização

de consoante, devem admittir-se duas epocas, uma mais antiga em que a juncção das duas vogaes deu *ei*, outra mais moderna em que entre aquellas vogaes se deu apenas a junção, constituindo o ditongo *ai:* assim temos *treiçon* e *traiçon:* cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Philologia Mirandesa*, I, 215.

§ 7. — 1. *Solaz* deve ser de proveniencia estranha, talvez provençal; a conservação do *l* intervocalico bem mostra que não é popular. — 8. Assim como na lingoa portuguesa ha tendencia para ajuntar um *a* prothesico, tambem se dá por vezes o contrario, isto é, eliminar a vogal inicial não protegida por consoante. Alem de *vogado*, temos *betarda* e *abetarda*, *gomil* e *agomil*, *bondar* e *avondar*, etc.

§ 8. A fórma *jouve* de jacuit é certamente devida a analogia com fórmas identicas, como *houve*, *trouve*, e não deve ser a mais antiga que devia ter sido *jougue;* cfr. *prougue*. Em *lorbaga*, *oir*, *loar*, *Loredo*, etc., o ditongo *au* reduziu-se a *o* no latim vulgar; igual reducção se dera em *orelha*, *coa*, *pobre*, *foz*, *chostra*, etc.

§ 9 e 10. Nos exemplos citados pelo autor ha palavras, como *fogo*, *corpo*, *morto*, *torto*, *força*, *oje*, *nojo*, *pôs*, *olho*, em que o *ŏ* se acha representado por *ō;* deve admittir-se, a meu ver, troca de quantidade no latim popular ou influencia de outros sons. O mesmo se dá em *prol* (cuja proveniencia de prode se me não afigura incontestavel, pela troca excepcional do *d* em *l*), *sol*, *ora*, *agora*, *chora*, *maior*, *melhor*, *peor*, *mostra*. — 2. O autor considera, e com razão, duvidosa a etimologia de *tonsicare por *tonsitare para *tosquiar;* tal fórma, a existir, teria dado *tosgar* e nunca *tosquiar*, que o povo diz tambem *trosquiar* e por metathese *costiar*.

§ 17. Faz o autor provir de in odio a palavra *nojo;* não será antes um substantivo verbal de *enojar* ou *anojar*, cujo etimo seria nauseare ou melhor *noseare[1]?

§ 18. — 3. O nosso arc. *toste* é sem duvida de proveniencia provençal ou francesa; a etimologia tostum, alvitrada pelo autor, é muito duvidosa senão inadmissivel, pelo menos quanto ao sentido. — 4. A queda do *-o* em *adur* deve attribuir-se a próclise, pois temos *maduro*, *duro*, *furo*, *puro*, *vindoiro*, etc. Estes exemplos e alem dos adduzidos pelo autor, como *juizo* e *viço*, tambem *pôço* e *páço*, parecem-me invalidar a sua affirmação de que o *u* final cae regularmente depois de *ti* e *r;* palavras em que a vogal final que se segue ao *ti* cae, como são *solaz*, *prez*, *faz*, de solatiu-, pretiu-, facie-, ou proveem do provençal, como affirma o Dr. Reinhardstoettner, ou representam uma fase mais antiga da lingoa.

---

[1] Körting, n.º 5007, faz provir o nosso *enojar* (donde a subs. verbal *nojo*) de *INODIARE; a meu ver, *INODIARE daria primeiro NOJAR (cfr. arc. *nemiga*), donde *anojar* e *enojar*.

§ 21 *c*). Faz o autor provir o adverbio *assaz* directamente do provençal *assatz*; porém o Dr. Leite de Vasconcellos, estribado em exemplos como *faz, az*, é de opinião que o seu etimo se deve encontrar não em ad satis, mas em ad satie-; a meu ver, resta provar que *az, faz* [1] são genuinamente portugueses e não foram importados da Provença, em cuja lingoa os fonemas tiu-, como a desinencia tis, se acham representados por *tz*: cfr. *pretz, potz, palatz, cantatz, assatz*, de pretiu-, puteu-, palatiu-, cantatis, ad satis.

§ 26. — 1. Afigura-se-me inadmissivel o etimo dado pelo autor para *ficar*, isto é, *figicare; a existir tal palavra no latim vulgar, devia dar em português *figar*. O nosso verbo *sangrar* deve ser de proveniencia espanhola, formado sobre o substantivo *sangre* de sanguine-. Não concordo com a opinião do autor, de que seminat devia dar não *semêa*, mas *sema*, a regular-se por *dom* e *ome*, respectivamente representantes de dominu- e homine-. A fórma *dom* (ao lado de *dono)* é devida á próclise, e *ome* está por *omẽe* ou *omee*, fórmas estas que tambem occorrem. A fórma *ome*, que ainda vive, explica-se pela aversão que o povo mostra pela vogal nasal átona em fim de palavra; é por isso que elle diz *orgo, orfo*, etc., em vez de *orgão, orfão*, etc. Alem de que o accento, ao contrario do latim classico, pelo menos no latim da Lusitania, devia ter passado no indicativo presente para o *i*, dizendo-se semíno e depois *semẽo*, de onde *semêo* e *semeio;* demais não deixariam de ter influido neste verbo outros de igual terminação, como cenare, etc.

§ 32. — 2 *b*). Na verdade o etimo apontado geralmente para *lixoso*, isto é lutulosu-, comquanto satisfaça pelo sentido, offerece difficuldades foneticas, visto que o grupo *tl*, quando precedido de vogal, produz não *ch* (o que se dá quando o antecede uma consoante: cfr. *acha* <ast'la), mas *lh:* cfr. *velho, selha*, arc. *rolho*, de vet'lu-, sit'la-, rot'lu-, alem de que a graphia tem sido sempre com *x* e não com *ch*, fonema este cuja pronunciação a antiga lingoa e ainda a moderna nalguns pontos do país differença; por esta razão inclino-me antes á etimologia de *lixiosu- dada pelo autor; verdade seja que, a par de *lixoso*, occorre tambem a fórma *luxoso*, mas aqui a troca do *i* por *u* póde ser devida a influencia da liquida. Com a mesma significação de *luxoso* ouvi já empregar *luxo (mãos luxas = sujas)*.

§ 33. A preposição *dés* deve provir de de + ex, como aponta o Dr. Lang *(Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*, p. 114).

§ 37 *b*). De *nẽ un* < ne (por nec) unu- proveio a actual fórma *nenhum*. O nasalamento do *e* de *nen* é devido a influencia da nasal: cfr. *minha*, do arc. *mia, mim*, de *mi*, e os pop. *nonjo* e

---

[1] O mesmo se póde dizer do espanhol, onde ha tambem *asaz, az, faz, prez*, isto é, *ti* ou *ci* + vogal se acham igualmente representadas por *z*.

nunca, por *nójo* e *nuca*. A fórma *nẽ un* ainda vive no povo, no Alemtejo pelo menos já a tenho ouvido. Ao lado de *nẽ un* existiu *nengun,* donde se deprehende a existencia de duas fórmas ne unu- (queda regular do *c* final) e nec unu-.

§ 40 *bb*). Talvez deva antes dizer-se que *b* precedido de *i* e seguido de outra vogal se converteu em *v* ou melhor *u,* caindo depois: ex. *ia, i,* etc., de iba-, ibi, etc.

§ 41 *b*). O representante mais antigo em português de judicare é *juïgar; julgar* é de formação posterior, isto é, provém da epoca em que o *i* pretonico caiu, mas depois do *c* ter abrandado. A mesma epoca devem pertencer *melga* < medica-, *nalga* < natica-. — *c*) Em vez de *aquel* deverá ler-se *aquello* (hoje *aquillo*), fórma que contém *d,* pois provém de eccu'illud, ao passo que aquelle representa eccu' ille. A illud correspondem duas fórmas *ello* e *lo,* depois *o.*

§ 42. A permanencia do *g* inicial guttural (isto é *g* + *a, o* ou *u*) é attestada por estes exemplos contemparaneos do rei trovador: *gãado, garnir, goivo,* etc. Pelo que respeita ao actual verbo *trazer,* antigo *trager,* admitte o Dr. Leite de Vasconcellos (*Revista Lusitana,* II, 269) tragere e tracere. O verbo *vagar* tem em português duas significações: *ter tempo para* e *andar errante,* correspondentes aos dois etimos differentes vacare e vagari, mas d'estes só o primeiro é que deve ser popular.

§ 44 *a*). *Face* não pertence ao nucleo popular da lingoa, mas antes é de origem erudita, como mostra a permanencia do *c;* o seu representante popular é o arc. *faz*. *b*) A regra é o *f* permutar com *v,* quando intervocalico; as palavras em que elle se conserva intacto, como *defenso, defender,* etc., fazem parte da lingoa erudita, como evidentemente mostra a fórma *devesa* de defesa- por defensa-.

§ 47 *b*). Em geral o *v* (=*u*) desappareceu nos preteritos, todavia nalguns, embora poucos, consonantizou-se; taes são *sevi, teve, creve, valvi* de sedui, tenui, *credui, valui.

§ 50 *b*). A conservação do *l* em *valer* é attribuida pelo Dr. Leite de Vasconcellos á acção do ditongo que o procede, por quanto o seu etimo, na opinião do mesmo philologo, deve ser *valuere, infinitivo formado por analogia com o preterito valui, e não o classico valere; depois a fórma *valer* contribuiria para a conservação do *l* em *valor* e derivados. O *l* de *oliveira* deve talvez a sua conservação a influencia erudita; a fórma popular foi certamente a que ainda subsiste no povo, *olveira:* cfr. *olveira* num documento de 1192. — B. A par de *todas las* dizia-se talvez com mais frequencia *todalas;* cfr. *vo-las, no-las, trá-las, pô-las.* Em *vede la frol do pinho* deve, a meu ver, existir um imperativo, assim nos forçam a pensar as fórmas parallelas: *selade, andade,* etc., portanto não se deu aqui a assimilação do *s* ao *l,* o que se daria, se aquelle verbo estivesse no indicativo; quer-me parecer que neste caso o *la* ou é um castelhanismo ou então a antiga fórma do artigo conservada em fórmas estereotypadas. No mesmo caso estão *a la fé, a la bailia* e outras frases.

É nas cantigas populares ou de caracter popular, como aquella de que *vede la frol do pinho* faz parte, que essa fórma archaica occorre.

§ 51 *b*). Gonçalves Vianna, nas suas *Apostillas aos dicionarios portugueses*, explica a fórma *morrer* de modo differente do do Dr. Cornu, pretendendo que ella se formou do futuro *morrei*, por *morrerei*; cfr. *querrei, porrei, terrei*, etc. — *c*) A transposição do *r* de *entre, sempre, sobre*, para formar grupo com a consoante que a precede, é muito do genio da lingoa: cfr. pop. *droba, cravão*, etc. Parece-me que a preposição *por* viria antes de per que de pro; a troca do *e* por *o* seria devida a influencia da labial. Ao lado de *por* existiram tambem as fórmas *per* e *par*.

§ 52 *b*). Nas graphias *unha, algunha, nenhunha*, o *h* serve apenas de indicar o hiato, devendo por tanto ler-se *ũa, algũa* e *nẽ ũa* ou *nenhũa*. — *c*) A fórma *demões* <demones faz suppôr um singular *démon*, no qual o *o* final perderia o nasalamento ficando o actual *démo*: cfr. pop. *orgo, orfo, Estevo*, por *orgão, orfão, Estevão*.

§ 53 *b*). O *m* intervocalico conserva-se na desinencia *-mus* da 1.ª pessoa do plural de todos os tempos e não dos unicamente indicados pelo autor, por lapso certamente. *Enmenda* ou *ẽmenda* explica-se pela tendencia que leva o povo a nasalar o *e* inicial não protegido por consoante, quando não o supprime: cfr. pop. *enzãme*, *engreja*, etc.

§ 54. Em *remusgar* <*remussicare (por remussitare) a queda do *i*, depois do abrandamento do *c* intervocalico, fez que a geminação se simplificasse, ficando portanto o *s* resultante d'essa simplificação com o som reverso que tem em fim de syllaba. De *remusgar*, pela metathese frequente do *s* e influencia da nasal, resultou *resmungar*. *Tolhe*, que o autor explica por influencia de *colhe*, deve antes, segundo o Dr. Leite de Vasconcellos, provir da analogia com a 1.ª pessoa do indicativo presente que, pelo facto do verbo se tornar da 2.ª conjugação ou de thema em *ē*, devia fazer não tollo, como no latim classico, mas tolleo. Alem de *virgeu*, a par de *vergel*, temos ainda como exemplo da vocalização do *l* final, *Andreu* e *chapeu*.

§ 55. Na evolução do *cl* e *pl* iniciaes ha que admittir-se tres épocas, uma mais antiga e de cunho accentuadamente popular em que os dois fonemas são representados por *ch*, outra mais moderna e semi-erudita na qual apenas o *l* permutou com o *r*, e finalmente a ultima exclusivamente erudita. Ha mesmo vocabulos que passaram pelas tres fases, como são clavicula- e planu- que se acham representados respectivamente em português por *chavêlha, cravêlha* e *clavicula* e *chão, pran* ou *prão* e *plano*. — *b*) Em $p + t$ deu-se ora a assimilação do *p* ao *t*, ora a vocalização do *p*, como se vê dos seguintes exemplos: 1.º, *sete, rôto, escrito, atar*, etc.; 2.º, *aceito, conceição, cautivo, caudal*, etc.

§ 56. O grupo *tr*, quando medial, dá *dr* ou *tr*, conforme está precedido de vogal ou consoante, mas o autor devia acrescentar que tambem se póde reduzir a *r* nos dois casos, se ha outro *r* na

palavra (dissimilação): ex.: *trado* < t'ratru-, *rosto* < rostru- *frade* < fratre-, etc.

§ 57. Visto o seu tratamento ter sido identico, fôra melhor tratar conjuntamente os grupos *cl, fl, pl, tl.*

§ 65. Aquellas palavras em que, contra a regra, o *n* antes de *s* se conserva, devem ser tidas por eruditas ou como tendo soffrido influencia erudita, o que se vê em *pensar* e *demonstrar,* ao lado de *pesar*, *mostrar* e *mostrengo*; *conselho* e *insua*, portanto, não devem pertencer ao nucleo popular da lingoa.

§ 68. *Preguntar* e não *perguntar* é a fórma ministrada pelo português antigo; comquanto no latim classico se dissesse percunctari, o latim popular devia dizer precunctare, pois só assim se explica a fórma *preguntar*.

§ 71. Aos exemplos apontados pelo autor da troca do *b* por *v* depois de *r*, acrescentarei ainda *barva, carvão, vervo, arvore, érvodo, sorver,* etc.

§ 83. *Pôs,* preterito de *pôr*, deve provir não de posuit, mas de *posit.

§ 85. A conservação do *n* em *maneira* < manuaria- é devida ao ditongo *ua* que o protegeu. No mesmo caso estão *janela, janeiro,* etc. *Minguar,* segundo Gonçalves Vianna que prefilha (nas suas *Apostilas aos dicionarios portugueses*) a opinião da douta romanista, a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, deve provir de minuare; o *n* intervocalico foi protegido, como em *maneira,* e o *u* consonantizou-se, isto é, tornou-se *v* que depois, sob influencia germanica, tomou o som de *g*.

§ 86. Para *trouxe* (= *trousse*) não pode deixar de admittir-se o etimo apresentado traxui (= tracsui) de onde trauxi > *trouxe*.

§ 90. Não se me afigura plausivel a explicação dada pelo autor á fórma actual *perco,* que no tempo de D. Dinis se dizia *perço,* isto é, que a omissão da cedilha levaria a ler *perco* em vez de *perço*, fórma que depois se communicaria assim á lingoa fallada; mas tambem não me parece facil de explicar a actual fórma: *perdico que alguns propõem, a par de *perdeo, daria antes *pergo* ou *pelgo:* cfr. *julgo, melga* e não *perco.*

§ 91. Ao lado de *prison* existiu tambem a fórma *prijon* que deve ter sido a mais antiga e propriamente popular, depois é que, talvez por influencia estranha, se mudou o *j* em *s:* cfr. o moderno *occasião* e o arc. *oqueijon* ou *cajon* (esta ultima fórma ainda vive na lingoagem popular).

§ 98. Ainda hoje occorre a fórma *bel* (em *belprazer,* por exemplo), em que, como na antiga lingoa, a syllaba final caiu devido á próclise.

§ 104. Parece-me que *unha* se deve ler *ũa,* servindo o *h* apenas de indicar que as duas syllabas devem ler-se separadamente; pela mesma razão se escreve *sahia,* porque *saia,* a não accentuar-se o *i,* podia ler-se *sáia;* demais o *n* só dá *nh,* quando em contacto com *i,* o que não acontece aqui.

§ 107. Sobre *vede la frol* cfr. o que disse atrás. Em *al* vejo eu a junção de *a* + *el* ou *lo.*

§ 108. Creio ser desnecessario recorrer ao provençal para explicar a palavra portuguesa *medês*, pois que, a par d'essa, temos *envês*, *revês*, de inverse, reverse, como aquelle de met-ipse; é porém natural que a próclise tivesse influido na reducção da palavra.

§ 113. Explica o autor o *i* de *mia* pelo hiato; ha quem tambem o attribua a influencia do pronome *mi*.

§ 122 — 5. *Sódes* não póde vir de estis, mas sim de sedetis (cfr. imperativo *sêde*); a mudança do *e* para *o* é devida á analogia com a 1.ª pessoa do plural *somos*.

§ 124. Não me parecem pertencer ao indicativo as fórmas empregadas por D. Dinis: *vede*, *sabede*, *andade*, etc.; a meu ver, são verdadeiros imperativos. O autor foi certamente seduzido pelo *lo*, mas, como disse atrás, aqui o *lo* é a fórma arcaica do artigo. Em Camões (cant. VII, est. 4.ª e 5.ª) lê-se *vede-lo*, mas aqui ha um verdadeiro indicativo presente, como se deprehende do sentido.

§ 132. A perda da syllaba *ze* nos futuros dos verbos terminados em *zer*, como *dizer*, *fazer*, *trazer*, *jazer*, etc., é devida a ter ficado o *z* em contacto com o *r*, em virtude da queda regular da vogal pretonica, depois o grupo *z'r*, de difficil pronunciação, reduziu-se a *r* (cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *As lições de lingoagem*, p. 42).

§ 133. Ainda em português arcaico occorre *ei amar*, isto é, sem a preposição *de*, hoje em uso (cfr. J. Cornu, *Die portugiesische Sprache*, § 322).

§ 153. Para explicar a fórma *trouxe* temos de admittir um preterito analogico *trauxi. A par de *trouxe*, ha *trougue*[1] e *trouve*, fórmas estas formadas por analogia com *prougue*, *houve*, etc. Igualmente *vêo*, *pôs* e *pôdi* fazem suppôr *venuit, *posit e *potit.

§ 154. Attribue-se a troca do *e* (=*ae*) de quaesii por *i* a influencia da semivogal postónica ou metaphonia (o *Umlaut* dos allemães: cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Philologia mirandesa*, I, 373).

§ 155. Pretende o autor que a fórma *trouxe* provém de um cruzamento entre tracuit e traxit, mas, a meu ver, a fórma analogica *traxuit que atrás citei explica perfeitamente o *trouxe*, quer a sua antiga pronuncia fosse *trouxe* quer, como hoje se diz, *trousse*, porquanto a consoante composta *x* ou *c* + *s* por assimilação dá *ss* ou *x*: cfr. *possisson*, *russo*, *paixão*, *roixo*, etc.

§ 156. O preterito de *estar*, que em latim classico era steti, trocou a syllaba final *ti* por *ve*, em analogia com *tive*. Tambem o conjuntivo presente do mesmo verbo, que até o seculo XVI foi

---

[1] Esta forma podia tambem provir de um preterito *TRACUI, tirado do inf. *TRACERE: cfr. *prougue* de PLACUI, pret. de PLACERE.

estê, mudou para *esteja* por analogia tambem com o do mesmo verbo *ser*.

§ 157. Pretende o autor que a deslocação do accento que se observa nas 1.ª e 2.ª pessoas do plural do imperfeito e mais que perfeito do indicativo é devida a influencia do preterito, cuja accentuação recae sobre a desinencia, o estudo porém da lingoagem popular mostra-nos que essa deslocação é devida antes a analogia com a 1.ª pessoa do singular dos mesmos tempos; pela mesma razão o povo diz *séjamos, estéjamos*, etc., isto é, conserva o accento sempre na syllaba em que elle recae na 1.ª pessoa.

§ 163. Pelo que atrás disse, parece-me que a expressão adverbial *des i* virá antes de de ex hic, como quer o Dr. Lang (cfr. *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal,* p. 114) ou de de + ex + ibi do que de de + ipso + ibi.

§ 165. A qualidade de proclitica da preposição inter e a frequente troca que se dá entre *en* e *an* (cfr. *então* e *antão, endorinha* e *andorinha, renger* e *ranger*, etc.), explicam a fórma *antre.* Ao lado de *antre* usava a antiga lingoa tambem *ontre.*

Se me alonguei talvez um pouco demais neste artigo, foi isso devido ao interesse que em mim despertou o excellente estudo do Sr. Prof. Armin Gassner, e nunca a veleidade de me arvorar em censor do merecimento alheio.

J. J. NUNES.

Obras de Gil Vicente com revisão, prefacio e notas de Mendes dos Remedios, tomo I, Coimbra, França Amado (editor), 1907.

Proseguindo na louvavel empresa de tornar conhecidos do publico os nossos escritores classicos, acaba o Sr. Dr. Mendes dos Remedios de publicar um primeiro volume das obras de Gil Vicente, promettendo dar-nos em dois outros o resto das composições do Shakspeare português.

Occupa sem duvida este autor logar distincto entre os que mais fulgem no campo brilhante da nossa litteratura, quer pelas suas producções em si, quer pela linguagem que nellas usa; por este motivo uma edição critica e commentada das suas obras é tarefa não facil, pois demanda de conhecimentos especiaes.

De ha muito que o nosso incansavel philologo, Dr. Leite de Vasconcellos, no-la promette; e é deveras para sentir que as suas multiplas e variadas occupações não lhe permittissem até hoje desempenhar-se da sua promessa.

Não foi «uma obra de critica, de alcance philologico ou linguistico» que o Sr. Dr. Mendes dos Remedios comprendeu fazer ao inserir, na sua collecção intitulada *Subsidios para o estudo da historia da litteratura portuguesa,* as obras do immortal dramaturgo, e sim «facilitar o conhecimento do genial criador do theatro português, offerecendo um texto cuidado, correcto e economico a todos aquelles a quem o amor ou o dever profissional aconselha ou impõe o conhecimento das nossas mais legitimas glorias litterarias».

Lamento do coração que o illustre cathedratico, a quem as letras patrias muito devem, não nos tivesse dado, como diz no bello e substancioso prefacio que o acompanha, um texto cuidado e correcto, mas antes, quiçá por falta de tempo e pressa em dar-nos esta edição, se tivesse, pelo menos apparentemente, fazemos-lhe essa justiça, enfileirado no parecer d'aquelles «em quem está enraizado o preconceito de que os livros antigos, quando se reimprimem, devem ser totalmente modernizados na phonetica e nas flexões, para que o publico os possa saborear. A edição de um livro antigo é unicamente destinada a individuos de certa educação intellectual, e para que esses entendam o que lerem, não se torna necessario commetter barbaridades nos textos» [1].

A meu ver, alterar um texto é, não só praticar uma falta de reverencia para com o autor, a quem, por assim dizer, se despoja da sua maneira de apresentar-se perante o publico, e cujo modo de pensar e dizer se falseia; é tambem cair num anacronismo de todo ou em todo indesculpavel. De certo que ninguem, ao pôr em scena um individuo do seculo XVI, o vae vestir pelos figurinos da ultima moda; o traje principalmente e a lingoagem. quanto possivel, devem ser os da epoca. Ora, estando demonstrado que no tempo do dramaturgo havia differença sensivel na pronuncia de *ss* ou *ç*, de *s* brando e *z*, não fazer distincção entre esses sons, não será falsear a lingoa do autor, apresentando-o como se elle tivera vivido dois ou tres seculos posteriormente áquelles em que floresceu? Demais, toda a gente reconhece que não temos orthographia nossa e ha hoje uma tendencia digna de applauso para se adoptar uma que seja racional e em harmonia com o genio da lingoa; pois essa orthographia encontra-se nos autores antigos e entre elles Gil Vicente. Portanto, seguindo o sistema de escrita usado no seu tempo, isto é, não alterando o texto que nos é transmittido pela *edição princeps* (a não ser quando evidentemente se reconheça que elle foi estropiado pelos typographos), prestam-se dois relevantes serviços ás letras patrias: representa-se tal qual era a lingoagem do autor, e conseguintemente põe-se o livro á moda do tempo em que foi escrito, e contribue-se de modo efficaz para terminar com a desordem que actualmente reina na nossa orthographia. Foi isto precisamente o que fiz — desculpe-se-me o fallar de mim — ao introduzir na minha *Chrestomathia archaica* a *Tragi-comedia pastoril da Serra da Estrella* (apenas trocando o *m* final por *n*, por uma questão de harmonia); para isso servi-me da *edição princeps*. Era o que desejava fizesse tambem o ultimo editor das obras de Gil Vicente; de certo que teria feito obra muito mais meritoria, se tivesse seguido aquelle texto, em vez de, como me parece, ter copiado servilmente a edição da *Bibliotheca Portuguesa*.

---

[1] Dr. Leite de Vasconcellos, *Gil Vicente e a linguagem popular*, opusculo, p. 11.

Cotejando a edição do Sr. Dr. Mendes dos Remedios com a *princeps*, notarei as divergencias entre o texto d'esta e o d'aquella na mencionada *Tragi-comedia pastoril da Serra da Estrella* e em parte do *Auto de Mofina Mendez:* designarei por P a edição de 1572 e por M a do erudito cathedratico.

Assim P escreve sempre *princesa*, isto é, com *s* e não com *z*, como deve escrever-se, pois representa o suffixo *-issa*, provavelmente de origem grega, o qual penetrou no latim popular pelo latim da igreja: cfr. o fr. *princesse*, ital. *principessa*, all. *prinzessin;* igualmente, *vacas, sêco, Estrela, meter, prometer, Castela, amarelo, apareceo, valado, vila, pano, afigura*, etc., e não *vaccas, secco, Estrella, metter, prometter, Castella, amarello, appareceo, vallado, villa, panno, affigura*, etc., em harmonia com as transformações phoneticas soffridas pelas consoantes dobradas. Ao passo que na edição do Sr. Dr. Mendes dos Remedios se lê *para*, offerece a primeira edição *pera*, que era a forma mais usada no tempo do dramaturgo. Muitas apocopes occorrem no P que em M não foram respeitadas, como por exemplo: *tal serra com'eu* (M, 246); *em Coimbra estav'eu* (id., 247); *tolhes-m'a fala* (id. 252); *chorav'eu* (id.); *ver-t'ás* (id. 253); *dirlhe-lh'ei* (id.); *ha d'acabalo* (id. 254); *and'elle* (id.); *pedes-m'o coração* (id. 256); *porqu'é*, no original *porquee*, segundo o costume de se indicar a tonica por vogal dobrada (id. 256); *tresanda-m'o coração* (id. 257), etc., etc. Em vez de *quant'elle, imperatriz, imperador* (M, 247), offerece a P *cant'elle, empenador* e *empanatriz*, formas estas genuinamente populares. Tambem se devem conservar as graphias *veo, cheo, creo, mea* que representam a pronuncia da epoca, ainda hoje subsistente em varias falas populares, e não substitui-las por *veio, cheio*, etc.

A pag. 247 da edição do Sr. Dr. Mendes dos Remedios lê-se: *volaba la pega*, etc., *andaba*, onde a edição *princeps* diz *volava, andava*. Em logar de *bem t'ós artelhos* (M, 248), tem a P *bem te os artelhos*, que se deve ler *bem té ós artelhos*, como se usa entre o povo. Um pouco mais abaixo, em vez de: *e elle dá-lhe mexilhões*, traz a P *da*-LHES, pronome este que se deve referir a Coimbra, isto é, aos seus habitantes. Tambem a P escreve sempre *f, t*, etc., e não *ph, th*, como *fantesia, Caterina*, e não *phantesia, Catherina*. A pag. 249 tem a edição M *lendes* e a P *lendẽs:* será esta ultima forma proveniente de erro da imprensa ou representará uma expressão realmente viva na qual a nasal do primeiro *e* se teria, por assimilação progressiva, communicado ao segundo? Na mesma pagina lê-se: *nega porque tam devassa*, ao passo que a P diz *nega porqu'é* (escrito á moda do tempo *porquee*) *tam devassa*. Emquanto na P se lê *arrenega tu do argem*, na M vem *arrenego eu*, etc., (250), e igualmente *a alma e a vida e a vontade* (252), *choraste com ella* (id.), *d'ir com ella* (257) em logar de *alma e a vida*, etc., *co ella* da primeira edição. Nesta escreve-se sempre *contigo, puse-me, quiseram*, em harmonia com as leis phoneticas, e não *comtigo, puze-me, quizeram*, (253). Tambem o ditongo actual *ão*, segundo o uso e sem duvida pro-

nuncia do tempo, está na P representado por *am*, assim: *quiseram, deixaram, maginaçam, rezam, acençam, nam, tam*, etc. A pag. 254 da edição M lê-se: *nem eu não quero a Gonçalo* e *vem em cima na portela*, quando a P diz: *nem eu nam quero Gonçalo* e *bem em cima na portela*, lição esta que, a meu ver, deve ser preferida, porquanto a lingoa antiga, como ainda hoje a francesa, não costumava antepôr a preposição *a* ao complemento directo, embora nome de pessoa, e o adverbio *bem* serve de reforçar a locução *em cima*, reforçamento ainda em uso na lingoagem popular; cfr. atrás: *bem té ós artelhos. Qu'assi m'agasta, Jesu*, lê-se em M, ao passo que P diz: *quasi*, que me parece dar melhor sentido. A pag. 255, onde se lê: *vayamos ambos* traz a P *vayamo'-nos ambos*. Em logar de *descortez, baxo, cortezão*, que se lêem a pag. 256, diz a P *descortés* (escrito *descortees*), que é a verdadeira graphia, pois o *és* representa o suffixo *-ense*, *baixo* e *cortesão;* igualmente se deve preferir a forma *escritas* da P a *escriptas* de M, porquanto aquella mostra bem a transformação soffrida pelo grupo PT; cfr. *atar, neta, rôto, sete. catar*, etc. Em vez de *n'hũa, n'hum, infindo, assobiar* (M, 259), *forçoso* e *ha de ser da minha serra* (id. 260) traz a P *nũa, num, enfindo, assoviar, forçado* e *ha de ser criada em serra*, graphias estas e formas que não ha motivo nenhum para rejeitar, antes muito pelo contrario. Parece-me tambem que se devia conservar a escrita *Sea* da P e não substitui-la pela moderna *Cea* ou *Ceia*, pois, como já disse atrás, embora hoje identicos, no tempo do dramaturgo os dois fonemas soavam differentemente. Em logar de *queijos recentes* que *mandará a vila de Sea* tem a P *queijos resentes*, como pede a rima com *presentes;* igualmente a P traz *borcados* e não *brocados* (261). A rubrica *vem dous foliões do Sardoal, Jorge e Lopo, e diz a Serra* (261) vem mais completa na P, onde se lê: *vêm dous foliões do Sardoal, hum se chama Jorge, outro Lopo, e diz*, etc. Tambem á graphia *extremo* (id.) se deve preferir a da P, *estremo*, como mais conforme ao genio da lingoa, e corrigir *Castelhanos* e *polos sanctos avangelhos* em *Castellanos* (que é a forma conhecida da antiga lingoa, como derivada de *Castela*, sendo o *Castelhano* importado do espanhol, onde, como se sabe, *ll* soam *lh*) e *pelos*, etc. *Que não hi medo a ninguem* e *bailar bem como cá* lê-se em M (262), ao passo que a P diz: *que nam ham medo a ninguem* e *bailar com'acá* (escrito *comaca*). Corrija-se tambem *melhor* (id.) em *milhor (a milhor era partida)*, que é a graphia mais usada dos antigos e onde o *i* representa influencia da labial (assimilação incompleta). Igualmente diz a P *isto he ou bem ou mal, chacotezinha* e *vereis que dezia* e não *isso*, etc., (262), *chacotazinha* e *vereis que dizia*, como traz a M.

Tambem no interessante *Auto de Mofina Mendes* (aliás *Mendez*, como se acha escrito na P, segundo o uso da epoca) deparam-se-me algumas incorrecções. Assim, ao passo que a M diz, como a edição da *Biblioteca Portuguesa*, a pag. 2, *hũa ter pouco siso de seu a outra que esse que tem*, etc., diz a P: *a hua*, etc., maneira de dizer que é frequente nos nossos escritores antigos e ainda se

encontra no francês: *l'une... l'autre*. Devem igualmente corrigir-se as expressões e graphias *escritura, distinções, razões, antre os primeiros que traz, Plinius-Chronicorum* e *em que hora ha de nascer* em *escretura, destinções, rezões, antre os primores*, etc., *Plinius-Caronicarum* e *em que ora ha de nacer*. Em vez de: *polo que diz Quintius Curtius, de virgo ascentionis* (M, 3), *lembro-te o rico avarento* (4), *hum pouco do nascimento* (id.), deve ler-se, como vem na P: *polo qual*, etc., *de virgo assumptionis, lembre-te* e *hum pouco de nacimento*. Tambem a P trás *assessegado*, em harmonia com o antigo modo de escrever a palavra, e não *assocegado* (id., 5); igualmente *çarça, Salamão, dereita, apacentar, goza-te, çarrado, d'eixaminar, sessega, emportuna, sessego, pôs, Calros*, se devem preferir a *sarça, Salomão, direita, apascentado, gosa-te, cerrado, examinar, socega, importuna, socego, poz, Carlos* que vem em M, afóra duplicações taes como *allegados, commetter, apparato*, que na P se não encontram.

Releve-me, por quem é, o illustre editor estas observações e digne-se ver nellas apenas o muito interesse que em mim despertou a sua obra, que, apesar d'estes senões, representa grande serviço prestado ás letras patrias e á memoria do insigne dramaturgo, em geral tão esquecido, para não dizer quasi ignorado da maioria dos portugueses, para quem os nossos classicos existem, e quando existem, apenas de nome. Alem d'isto, facilitando o conhecimento das obras de Gil Vicente, o Sr. Dr. Mendes dos Remedios, a par do escritor eminente, põe indirectamente em relevo essa figura brilhante do seculo XVI que, longe de curvar-se ante os poderosos, lisonjeando-lhes os vicios e paixões, fustigava com o latego da sua critica os crimes e desmandos onde quer que os encontrava.

Julho de 1907.

J. J. NUNES.

II

PERIODICOS

— **Zeitschrift für romanische Philologie.** No vol. XXXI, p. 432 sgs., vem um desenvolvido estudo de Fräulein Elise Richter, a proposito do sardo *sumpare* «saltar», onde trata de algumas palavras portuguesas: *zombar*, correlacionada com o napolit. *zompare, zommare; zoupo, zoupeiro*, correlacionadas com o hesp. *zompo, zopo; zambro* com o ital. *zampicare; zimbrar* no sentido de «balouçar» (fallando-se do navio), correlacionada com o prov. mod. *jumplá* «balouçar». Para *zimbrar* admitte como base *jimpulare, com *jimp- por *jump-, correlacionada com o sardo *jumpare* «saltar», da familia do osco *Diumpa* <> lat.

Limpa = *Lympha*; quanto á mudança de *j-* em *z-*, cita tambem a *zimbro* <iiniperus. A mudança do MP de *jimpulare em *mb* de *zimbrar* explica-a por influencia do verbo *zimbrar*, que tem a mesma fórma, mas outra origem e significação («açoutar», de *zimbro*). Effectivamente *zimbro* tem de se explicar por iiniperus, mas a explicação apresenta difficuldades, taes como *i-* (*j-*) por *z-*, e *i* por *ĭ*, que devia dar *e*: cfr. mirand. *nebro*, hesp. *enebro*, prov. *ginebre*, etc. Abstrahindo porém d'isto, notarei que *jimpulare não podia receber influencia de *zimbrar* «chicotear», porque a epoca em que o -N- de iiniperus se desenvolveu em resonancia nasal (*zimbro* = zībro) é posterior àquella em que o -MP'L- de *jimpulare devia dar *-ch-*: cfr. *encher* <implere.

J. L. DE V.

III

VARIA QUAEDAM

— Nas **Romanische Forschungen**, XVI (1904), 137, O. Nobiling publicou: *Vierzeilen aus dem brasilianischen Staate S. Paulo*, 38 peças publicadas com annotações e introducção sobre phonetica brasileira. — Vid. *Romania*, XXXVI, 133.

Alem d'estes trabalhos, e dos que foram citados na *Rev. Lusitana*, IX, 188–189, o Sr. Wobiling publicou ultimamente mais os seguintes:

a) **Zu text und Interpretation des «Cancioneiro da Ajuda**, Erlangen 1906;
b) **Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade, trovadas do sec. XIII**, escolhidas e annotadas, Erlangen 1907;
c) **As cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade**, ed. critica, Erlangen 1907.

— **Leyendas del último rey godo**, por Juan Menéndez Pidal, nueva ed. corregida, Madrid 1906. O cap. IV intitula-se *La tradición legendaria en Portugal*. A lenda de D. Rodrigo é conhecida em Portugal, pelo menos desde o sec. XV: vid. *Rev. Lusitana*, II, 174. No sec. XVII trataram d'ella Fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana*, liv. VII, cap. III, e Silva Mascarenhas no seu poema *A Destruição de Hespanha*. Entre nós, está localizada nos arredores de Viseu. O livro do Sr. Pidal é muito instructivo e util. — A lenda de D. Rodrigo assemelha-se a do Conde de Ariães, a que se alludiu n-*O Arch. Port.*, III, 183.

— Trabalhos de Julio Moreira:

a) **Logares da litteratura portuguesa ainda não explicados,** 1906. Extr. da *Revue Hispanique,* t. XVI. Explicação de *taibo* «bom», do arabe;
b) **Estudos da lingua portuguesa,** Lisboa 1907;
c) **Questões de linguagem,** artigos no *Correio do Norte* (Porto).

— **Trois faits de phonétique historique arabico-hispanique,** por David Lopes, Paris 1906. Extr. do tomo II dos *Actes du* XIVe *Congrès des Orientalistes.* Explicação das palavras *Beja, mezquita,* etc.

— **Esmeraldo de situ orbis,** por Duarte Pacheco Pereira. Edição critica annotada por Augusto Epiphanio da Silva Dias, Lisboa 1905.

— Trabalhos brasileiros:

a) **O antigo vernaculo,** por Silvio de Almeida, S. Paulo 1902;
b) **Estudos da lingua portuguesa,** por Mario Barreto, Rio 1903;
c) **Factos da linguagem,** por Heraclito Graça, Rio 1904;
d) **Selecta classica,** por João Ribeiro, Rio e S. Paulo 1905;
e) **Grammatica portuguesa,** pelo mesmo, ibidem 1907.

J. L. DE V.

INDICE DO VOLUME X

Artigos desenvolvidos:

Miscellanea:

Chronica:

Bibliographia:

I. Livros:

II. Periodicos:

III. Varia quaedam:

Necrologia:

OUTRAS OBRAS DE J. LEITE DE VASCONCELLOS

(Á venda na Antiga Casa-Bertrand, Chiado 75, Lisboa)

